



Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Centro de Humanidades – CH
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS

MARIANA CAVALCANTI PEREIRA

Percursos entrelaçados: linhas e movimentos do Parkour em Campina Grande e Porto

CAMPINA GRANDE
2021

MARIANA CAVALCANTI PEREIRA

Percursos entrelaçados: linhas e movimentos do Parkour em Campina Grande e Porto

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS – UFCG) para obtenção do título de doutora em Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior

Coorientadora: Lígia Sofia Alves Passos Ferro

**CAMPINA GRANDE
2021**

P436p

Pereira, Mariana Cavalcanti.

Percursos entrelaçados: linhas e movimentos do Parkour em Campina Grande e Porto / Mariana Cavalcanti Pereira. – Campina Grande, 2021.

221 f.: il. : color.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior;
Coorientação: Prof.^a Dr.^a. Lígia Sofia Alves Passos Ferro".

Referências.

1. Parkour. 2. Malha. 3. Corpo. 4. Agência. 5. Campina Grande. 6. Porto. I. Sales Júnior, Ronaldo Laurentino de. II. Ferro, Lígia Sofia Alves Passos. III. Título.

CDU 796 (043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Programa de pós-graduação em Ciências Sociais

MARIANA CAVALCANTI PEREIRA

**Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais como requisito para
obtenção do grau de Doutora em Ciências Sociais**

Tese aprovada pela banca:

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior (PPGCS/UFCG)
(orientador)

Profa. Dra. Lígia Sofia Alves Passos Ferro (Universidade do Porto)
(coorientadora)

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho (PPGCS/UFCG)
(avaliador interno)

Prof. Dr. Luis Henrique Hermínio Cunha (PPGCS/UFCG)
(avaliador interno)

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella (PPGA/UFPB)
(avaliador externo)

Profa. Dra. Maria Paula Jacinto Cardoso (URCA) (avaliadora externa)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE DOUTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM 31 DE MARÇO DE 2021

CANDIDATA: **Mariana Cavalcanti Pereira**. COMISSÃO EXAMINADORA: Ronaldo Laurentino de Sales Júnior, Doutor, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientador; Lígia Sofia Alves Passos Ferro, Doutora, Universidade do Porto, Coorientadora; Luis Henrique Hermínio Cunha, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno; Lemuel Dourado Guerra Sobrinho, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno; Maria Paula Jacinto Cordeiro, Doutora, URCA, Examinadora Externa; Marco Aurélio Paz Tella, Doutor, PPGA/UFPB, Examinador Externo. TÍTULO DA TESE: "PERCURSOS ENTRELAÇADOS: linhas e movimentos do Parkour em Campina Grande e Porto". ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: 14h00 – LOCAL: **Sala Virtual (Google Meet), em virtude da suspensão de atividades na UFCG decorrente do corona vírus**. Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua tese, obtendo conceito APROVADA. Face à aprovação, declara o presidente da Comissão achar-se a examinada legalmente habilitada a receber o Grau de Doutora em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora, Campina Grande, 31 de Março de 2021.

Recomendações:

RINALDO RODRIGUES DA SILVA
Secretário

RONALDO LAURENTINO DE SALES JÚNIOR, Doutor, PPGCS/UFCG
Presidente da Comissão e Orientador

LÍGIA SOFIA ALVES PASSOS FERRO, Doutora, Universidade do Porto, Portugal
Coorientadora

LUIS HENRIQUE HERMÍNIO CUNHA, Doutor, PPGCS/UFCG
Examinador Interno

LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, Doutor, PPGCS/UFCG
Examinador Interno

MARIA PAULA JACINTO CORDEIRO, Doutora, URCA
Examinadora Externa

MARCO AURÉLIO PAZ TELLA, Doutor, PPGA/UFPB
Examinador Externo

MARIANA CAVALCANTI PEREIRA
Candidata

2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Tese de Doutorado da candidata **MARIANA CAVALCANTI PEREIRA**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da tese e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETÁRIO (A)**, em 05/04/2021, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, PROFESSOR 3 GRAU**, em 05/04/2021, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Cavalcanti Pereira, Usuário Externo**, em 05/04/2021, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RONALDO LAURENTINO DE SALES JUNIOR, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/04/2021, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUIS HENRIQUE HERMINIO CUNHA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 05/04/2021, às 17:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA PAULA JACINTO CORDEIRO, Usuário Externo**, em 05/04/2021, às 18:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **1380562** e o código CRC **B296C9C4**.

AGRADECIMENTOS

A experiência do doutorado não se resume a este texto. É uma vivência que congrega alegrias, dores, desafios. Definitivamente eu não teria chegado até esse momento sem a minha rede de apoio pessoal e profissional. Por isso, minha mais sincera gratidão:

A minha mãe, por me dar suporte, por ter fé em mim, por me levantar nos momentos mais difíceis; pelo amadurecimento contínuo da nossa amizade; por ser meu primeiro exemplo de como a educação pode ser libertadora;

Ao meu orientador Ronaldo Sales, pelo acolhimento, parceria e paciência no processo de construção desse caminho; pelos diálogos e contribuições enriquecedoras; pela presença constante, receptiva e respeitosa;

À minha coorientadora Lígia Ferro, pela sempre alegre disponibilidade em contribuir, em especial pela condução do trabalho durante o doutorado-sanduíche no Porto; pela escuta afetuosa e pela ajuda na abertura das portas de um novo mundo;

Ao professor Lemuel Guerra, pelas instigantes e divertidas discussões; por encher a experiência de sala de aula de poesia, provocação e sensibilidade;

Ao professor Luis Henrique Cunha, por ser um dos meus exemplos em competência e compromisso com uma educação rica e crítica, sem perder a leveza;

Ao professor Marco Aurélio Paz Tella e à professora Maria Paula Cordeiro, pela gentileza em partilhar suas compreensões nesse debate;

A todos os professores e funcionários que integram o PPGCS-UFCG e contribuíram para a consolidação desse caminho;

A todos aqueles que compõem o mundo do parkour em Campina Grande e Porto e se dispuseram a compartilhar comigo uma parte de suas experiências. Em especial, a Andrey, Daniel, Luiz Anastácio, Odair, Márcio Filipe, Pedro, Tiago e Stanislav.

A Catarina e família pela amizade; por me mostrar as melhores ruas, a melhor francesinha e a melhor sangria do Porto!

A Renata Milanês e dona Maria pela força, confiança, afeto e acolhimento que só uma família escolhida pelo coração pode dar;

A Jéssyka Ribeiro pelo feliz encontro que é nossa amizade; pelas risadas, cafés, vinhos e brincadeiras com Lola e Gatinha que preencheram os momentos mais difíceis durante o processo final de escrita;

A Emilly Amorim pela cumplicidade nas horas a fio, na varanda, conversando sobre a vida; por me trazer uma amizade leve e alegre;

A Valdênio Meneses pelas ideias de trabalho, supervisão do estágio-docência e da constante disposição em ajudar;

Às mulheres incríveis que o PPGCS me trouxe: Denise Ferreira, Denise Marinho, Deyse Luna e Jakeline, por abrirem meus olhos quando necessário, por compartilharem com honestidade e afeto os piores e melhores momentos;

Aos amigos Cláudio, Jerferson e Milane por dividirem tantos momentos entre angústias e alegrias;

As minhas amigas e irmãs do coração: Inêz Alencar, Jéssica Gama, Letícia Pinheiro, Mércia Lima e Regina Paiva, por serem uma das partes mais importantes da minha rede de apoio; pelo carinho, amizade e força em todos os momentos;

À Capes/PDSE pelo financiamento da pesquisa aqui no Brasil e em Portugal;

A todas as pessoas que acreditam na educação pública, que resistem e têm a coragem de lutar em um país onde a democracia ainda é uma esperança.

Enfim, a todos os que contribuíram de maneira alegre, intensa e potente.

A tempo: também, aos que não ficaram, mas me proporcionaram um tipo de crescimento que só nasce dos encontros tortuosos e adversos: “I’m alive, vivo muito vivo, vivo, vivo...”!

Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar
(Antônio Machado)

Move-te se te queres vivo
(Hilda Hilst)

Nossa própria viagem é viajante e estrada (...)
Quantos cabemos dentro em nós?
Ir é ser. Não parar é ter razão.
(Fernando Pessoa)

RESUMO

O parkour é comumente descrito como uma prática que consiste em ultrapassar obstáculos de maneira rápida e eficiente, utilizando o próprio corpo. Constituiu-se como tal a partir da década de 1980, na França, e tem se espalhado pelo mundo especialmente por meio da mídia e internet. Apesar de ser mais conhecido pela sua faceta “espetacular”, expressa por grandes saltos ou movimentos considerados perigosos, o parkour é uma experiência vivida de maneira plural. A multiplicidade de vivências revelam um emaranhado complexo de linhas que envolvem uma série de subjetividades e encontros que produzem diferentes maneiras de estar no mundo com e pelo parkour. Este trabalho interpreta a prática do parkour enquanto uma malha (meshwork) (INGOLD, 2018) que é tecida pelo entrelaçamento de dinâmicas de aprendizado e experiências que nos ajudam a compreender processos de criatividade e conhecimento a partir do engajamento corpóreo, afetivo e sensorial no mundo. O parkour enquanto uma prática viva, em movimento, nos mostra diferentes dimensões de participação dos processos do existir e habitar o mundo, sem que precisemos interpelar uma perspectiva de análise apoiada nas teorias da agência. Para realizar esse debate, foi feita uma pesquisa nas cidades de Campina Grande-PB e na Área Metropolitana do Porto (AMP), com praticantes entre 18 e 40 anos, em sua grande maioria constituída por homens. Os caminhos metodológicos são traçados a partir de pistas e contribuições advindos da etnografia, da literatura fenomenológica e da cartografia.

Palavras-chave: Parkour; Malha; Corpo; Agência; Campina Grande; Porto.

ABSTRACT

Parkour is commonly described as a practice that consists of overcoming obstacles quickly and efficiently, using your own body. It was constituted as such since the 1980s, in France, and has spread throughout the world, especially through the media and internet. Despite being best known for its “spectacular” aspect, expressed by great jumps or movements considered dangerous, parkour is an experience lived in a plural way. Parkour is commonly described as a practice that consists of overcoming obstacles quickly and efficiently, using your own body. It was constituted as such since the 1980s, in France, and has spread throughout the world, especially through the media and internet. Despite being best known for its “spectacular” aspect, expressed by great jumps or movements considered dangerous, parkour is an experience lived in a plural way. The multiplicity of experiences reveals a complex entanglement of lines that involve a series of subjectivities and encounters that produce different ways of being in the world with and through parkour. This work interprets the practice of parkour as a meshwork (INGOLD, 2018) that is woven by the interweaving of learning dynamics and experiences that help us to understand processes of creativity and knowledge from the bodily, affective and sensorial engagement in the world. Parkour as a living, moving practice, shows us different dimensions of participation in the processes of existing and inhabiting the world, without the need to question a perspective of analysis supported by the agency's theories. To conduct this debate, a research was carried out in the cities of Campina Grande-PB and in the Metropolitan Area of Porto (AMP), with practitioners between 13 and 40 years old, mostly men. The methodological paths are drawn from clues and contributions from ethnography, phenomenological literature and cartography.

Keywords: Parkour; Meshwork; Body; Agency; Campina Grande; Porto.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Principais pontos de treino de parkour em Campina Grande.....	34
Figura 2: Principais pontos de treino de parkour no Porto.....	35
Figura 3: Detalhe de textura de pedra e pego em parede, Póvoa de Varzim.....	61
Figura 4: Detalhe de textura de parede pintada no Skate Park da Maia, Porto.....	62
Figura 5: Detalhe de grama e terra no Parque da Criança.....	62
Figura 6: Dimensões aproximadas de Tênis Fila.....	108
Figura 7: Dimensões aproximadas de Tênis Fila.....	109
Figura 8: Dimensões aproximadas de Tênis New Balance.....	109
Figura 9: Dimensões aproximadas de Tênis New Balance.....	109
Figura 10: Dimensões aproximadas de Tênis Primark.....	110
Figura 11: Dimensões aproximadas de Tênis Primark.....	110
Figura 12: Praticantes de parkour durante treino coletivo no Parque da Criança.....	116
Figura 13: Praticantes de parkour durante treino coletivo no Parque da Criança.....	116
Figura 14: Praticantes de parkour no Skate Park da Maia, durante uma Jam.....	117
Figura 15: Praticantes de parkour no Skate Park da Maia, durante uma Jam.....	117
Figura 16: Foto de um homem senegalês.....	123
Figura 17: Diagrama – Principais influências em torno do Método Natural de G.Hébert.....	124
Figura 19: Comparação entre dois tipos de calçado.....	126
Figura 20: Comparação entre dois tipos de calçado e o impacto na morfologia do pé.....	126
Figura 21: Registro da data de início na prática do parkour.....	141
Figura 22: Print de comentários no vídeo “Parkour para meninas em Taubaté”.....	156
Figura 23: Detalhe de pedras dispostas pelo praticante para realização de movimento.....	190
Figura 24: Pneus colocados pelos praticantes de Parkour no Parque da Criança.....	190
Figura 25: Estruturas para treino de parkour na Academia Eu+.....	191
Figura 26: Aula de parkour na Academia Eu+.....	192
Figura 27: Maquete feita por praticantes para projeto sugerido à Prefeitura de João Pessoa.....	192
Figura 28: Praticantes explorando o ambiente.....	194
Figura 29: Praticantes experimentando movimentos.....	194
Figura 30: Meninos explorando ambiente em São Mamede de Infesta, Porto.....	195
Figura 31: Praticante visualizando possibilidade de salto, em Póvoa de Varzim.....	196
Figura 32: Exercício de ilustração de um salto.....	199
Figura 33: Exercício de ilustração das Linhas do movimento.....	199
Figura 34: Exercício de ilustração de uma sequência de saltos.....	200
Figura 35: Exercício de ilustração das Linhas do movimento.....	200
Figura 36: Exercício de ilustração das Linhas possíveis de movimento em um ambiente.....	201

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
Antecedentes do Parkour.....	18
Porque estudar parkour?.....	25
Eixo central da tese.....	30
O campo e os percursos da pesquisa: situando o Parkour em João Pessoa, Campina Grande e Área Metropolitana do Porto	32
Uma metodologia tateante.....	38
Recursos metodológicos.....	42
Estrutura da tese.....	43
CAPÍTULO 1: JOGANDO O CORPO NO MUNDO (DO PARKOUR) – NOTAS SOBRE OS MOVIMENTOS DA PESQUISA.....	46
1.1 Pensar caminhos metodológicos para uma prática em movimento.....	48
1.1.1 Seguindo pistas e movimentos.....	50
1.1.2 Educando a atenção.....	52
1.2 Desenvolver pesquisa enquanto experiência encarnada	56
CAPÍTULO 2: PERCURSOS TEÓRICOS SOBRE O CORPO.....	72
2.1 O debate sobre o corpo no contexto social e institucional da América Latina.....	72
2.2 O lugar do corpo nos clássicos.....	74
2.3 O corpo em perspectiva.....	78
2.3.1 Debates sobre controle, disciplina e poder em torno do corpo.....	81
2.3.2 A carnalidade do corpo – diálogos com a Fenomenologia.....	90
2.4 Uma proposta de movimento.....	94
2.4.1 Um foco que emerge do campo.....	95
2.4.2 Tim Ingold e um projeto vitalista para o parkour.....	97
2.4.3 Pistas para agenciamentos no parkour a partir das contribuições ingoldianas.....	100
CAPÍTULO 3: PENSANDO E APRENDENDO COM O CORPO.....	106
3.1 Refletir a partir dos pés.....	106
3.2 Aprender com todo o corpo.....	111
3.3 Parkour como um resgate do natural?.....	119
3.4 Parkour contra o tédio.....	127
3.5 Devir animal e linhas de vida.....	131
CAPÍTULO 4: ENTRELAÇAMENTOS DO PARKOUR.....	135
4.1 Emaranhados em Campina Grande – PB.....	140
4.1.1 De bobagem à paixão alegre – afecções do parkour nos praticantes campinenses.....	142
4.2 Itinerâncias na Área Metropolitana do Porto.....	146
4.2.1 Da rigidez à maleabilidade – parkour como potencializador do corpo.....	151
4.3 Entrelaçamentos entre parkour, gênero e virilidade.....	154
4.4 Emaranhados entre parkour, mídia, imaginário social e vivências na cidade.....	161

4.5 Emaranhados entre parkour, caminhos de inserção profissional e processo de esportivização da prática.....	169
CAPÍTULO 5: SER E HABITAR (N)O MUNDO COM O PARKOUR.....	177
5.1 “Eu já fazia isso!” - parkour antes do parkour.....	179
5.2 Texturas, espaços e movimento.....	183
5.3 Parkour como forma de habitar o mundo.....	186
5.4 Interferindo e participando – construindo um mundo de parkour.....	189
5.5 Flertando com o ambiente.....	193
5.6 Seguindo fluxos, traçando caminhos – Fazer parkour é mapear.....	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	204
REFERÊNCIAS.....	210

Percursos entrelaçados: linhas e movimentos do Parkour em Campina Grande e Porto

INTRODUÇÃO

Ao relatar as inúmeras experiências que constituem sua trajetória enquanto praticante, Vasco, um jovem português, conclui: “tão complicado quanto dizer o que é uma música ou a vida”, após uma longa reflexão sobre o que é o parkour. Comumente definido como a ultrapassagem de um obstáculo ou deslocamento de um ponto A para um ponto B de maneira rápida e eficaz utilizando o próprio corpo, o parkour apresenta uma grande complexidade no que tange a uma pluralidade de vivências e atravessamentos com outras práticas corporais, além de estar encaminhado em um longo debate acerca dos seus rumos sociais e profissionais, em que pese a sua negociação de entrada nos Jogos Olímpicos, evidenciando um processo de esportivização que a prática vem passando nos últimos anos.

“O que se move é o muro que corre puro, ininterrupto/ aos olhos daquele vive” Estes versos são um trecho de um poema feito pelo praticante de parkour Andrey Peixoto, residente na capital da Paraíba, João Pessoa. Ao meu ver, ele não resume o parkour, mas introduz uma ideia simples e direta do que é a prática em questão. Trata-se de uma primeira relação a ser observada no parkour: praticante e ambiente. As palavras de Andrey apontam para um olhar que, aos poucos, torna-se adequado a perceber os espaços viáveis para a prática do parkour, antevendo os “obstáculos” e as possíveis formas de ultrapassá-los. As estruturas materiais, apesar de fixas, movem-se, correm de maneira ininterrupta, fluida, porque também corre o corpo de quem observa – “carne e pedra”, para mencionar o célebre livro de Richard Sennett¹, fundem-se, confundem-se. Essa reflexão vai ao encontro de uma das minhas primeiras experiências ao ver um treino de parkour, no qual um praticante, ao me mostrar alguns movimentos, falou “Você viu? No momento em que eu tava fazendo o rolamento, o chão e eu éramos um só”. Assim, como podemos estabelecer conexões e análises profícuas que deem conta dessa relação complexa entre corpo e meio? Quais as experiências, os discursos, as corporalidades, os afetos que constroem esta forma de ser e estar no mundo por meio do parkour? De que forma podemos olhar o parkour enquanto um grande emaranhado

¹SENNETT, R. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

de vivências criativas, catalisadas pelo imprevisto dos processos de habitar o mundo? Tentaremos apontar alguns caminhos de reflexão para esses questionamentos.

O espaço urbano compreende três elementos cruciais para que possamos entender a complexidade de sua dinâmica: a paisagem, os atores sociais e suas regularidades (MAGNANI, 2012). Estudar a cidade e suas transformações cotidianas implica na abrangência da relação entre esses fatores, de modo a considerar a existência de uma mutualidade entre eles. Esse duplo movimento revela-nos um imenso aparato de possibilidades a ser analisado no sentido de apreender a construção de uma realidade, onde a relação entre o espaço e o indivíduo molda as configurações do urbano, suscitando aos nossos sentidos os símbolos, as lutas e as representações sociais dos mais variados segmentos e manifestações sociais, políticos, culturais e históricos. Percebe-se, de forma já consolidada em uma série de estudos sobre práticas urbanas, a metáfora da “cidade como um grande laboratório” - em suas infinitas potencialidades de explorações e exercícios criativos, tanto para análises quanto para as vivências. A complexa inventividade humana abrange processos que envolvem espaço, corpo, relações entre estes e com as diferentes texturas cotidianas.

Compreender a cidade implica conhecê-la não apenas em sua multiplicidade espacial, mas também na relação desses espaços com os indivíduos. Nisso reside o grande desafio dos estudos urbanos: entender que cidades são vividas, produzidas e imaginadas pelos atores sociais (PEREIRA, 2015). Assim, podemos destacar o estudo das práticas urbanas como um caminho interessante, especialmente quando as mesmas se encontram inseridas em uma rede fluida de espaços e atores, suscitando o elemento da mobilidade como importante fator para o conhecimento do aspecto dinâmico e pulsante da cidade em suas variadas configurações.

Entretanto, mais do que enxergar a cidade como um grande laboratório e encarar algumas das vivências ocorridas majoritariamente nesse espaço como “práticas urbanas”, proponho ajustar o foco para uma análise voltada para a experiência dessas práticas a partir dos seus processos corpóreos e afetivos, bem como da intensa mobilização e atualização de conhecimentos e outras vivências que fazem do parkour uma prática viva – crescente e em movimento. Nesse sentido, partimos de um primeiro ponto para seguir em frente: buscar enxergar o corpo para além de objeto da ação cultural, considerando a complexidade dos processos nos quais ele está inserido também como produtor de sentido

(...) este (o corpo) deixa de ser mero objeto da ação social e simbólica, receptáculo da inscrição de símbolos culturais e objeto a ser modelado pelas representações sociais e coletivas, e passa a ser agente e sujeito da experiência individual e coletiva,

As Ciências Sociais, especialmente a Antropologia, traz, desde seus fundamentos, a questão do corpo do Outro, uma vez que este sempre se apresentou como “demarcador principal da alteridade, enquanto sustentáculo para a visibilidade da diferença e respetiva confirmação social” (FERREIRA, 2013, p.496). Muitos esforços foram voltados para a conformação de uma disciplina voltada para o tema, especificamente nas chamadas Antropologia e Sociologia do corpo, fato este constatado diante dos inúmeros eventos, grupos de trabalho e periódicos direcionados para a discussão desse tema em particular (SCRIBANO, 2013). Esse resgate do corpo por essas disciplinas parece buscar restabelecer um debate já antigo, mas agora, adaptado às novas questões que se desenham na contemporaneidade, mas também reivindicar o lugar da disciplina dentro da disputa que ocorre no campo das ciências.

Nesse sentido, muito do que vem sendo discutido nas Ciências Sociais caminha no sentido de buscar um diálogo crítico com a própria categoria de “corpo”, repensando a sua função de “invólucro” de uma substância comumente entendida por “alma” ou “mente”. Essas reflexões também suscitaram a construção de programas teóricos voltados à discussão de toda sorte de dicotomias, a exemplo de corpo e mente, natureza e cultura, agência e estrutura, entre outras, impulsionando reelaborações, inclusive, a nível ontológico, além de diálogos com outras disciplinas e propostas de teorias alternativas a essas bases duais.

Propor-se a estudar os fenômenos sociais, a cultura, e ignorar todas as questões que inescapavelmente são atravessadas pelo corpo parece se tornar cada vez mais uma tarefa impossível. Recorrer ao corpo, ao menos como ponto de partida da investigação pode nos apontar debates frutíferos para a clássica problematização em torno da agência/estrutura e natureza/cultura, mas não só, pode nos levar, também, a experimentar caminhos outros, desafiando as bases da razão ocidental e o próprio fazer científico. Minha pretensão está longe de revolucionar essas estruturas, mas procuro exercitar um modo de pensar e fazer cujo aporte é o corpo, a corporeidade, a corporalidade, a carne, encarnação e outros nomes que serão discutidos ao longo do texto, em diálogo com os processos de constituição da pessoa – em especial do praticante de parkour - através de noções como experiência, movimento, aprendizagem, conhecimento. Sabendo da complexidade desses processos, busco entender o parkour como um grande emaranhado de experiências vivas, que fazem dele, portanto, uma prática viva, que se move e cresce.

Antecedentes do Parkour

Já amplamente difundido na mídia e na literatura acadêmica referente ao parkour, essa prática tem em sua trajetória uma grande influência do chamado Método Natural, cujo impulsionador foi o oficial da marinha francesa George Hébert (1875-1957), na primeira metade do século XX. Hébert acompanha alguns estudiosos da educação física e profissionais da medicina desse período no chamado Movimento Naturista, entusiasta de uma terapêutica a partir do conhecimento e aplicação de elementos naturais, além de ter como base, também, os ideais rousseauianos (retorno à natureza) e semi-religiosos do fim do século XVIII (SOARES, 2003).

Hébert em seus trabalhos na marinha, volta seu interesse à morfologia e à gestualidade dos seres humanos nativos das colônias francesas, vendo-os como ágeis e habilidosos, criando, então, um ideal de beleza e vitalidade que normalmente não era visto na civilização europeia. Assim, o conhecimento desses povos e de suas habilidades inspira-o a elaborar um programa de exercícios físicos para a Escola de Fuzileiros Navais de Lorient cujas características são direcionadas a maximizar a utilidade das ações adequadas à vida urbana, a partir de um resgate da relação com a natureza (ibid).

O trabalho de exercícios feito por Hébert com os fuzileiros navais ficou conhecido, então, como Método Natural de Georg Hébert ou Hebertismo, e era estabelecido em cima de uma crítica à ginástica e à especialização esportiva, pois, segundo aquele, empobrecia a utilidade do ser humano por não ser acessível a grande maioria dos seres humanos e nem conter o elemento de altruísmo, traduzido na utilidade às pessoas (MARCHETTI et al, 2012).

Baseado na proposta de Hébert, o Exército francês desenvolveu cursos de obstáculos para treinar seus soldados durante a guerra, o que ficou conhecido como *parcours du combattant*. Assim, nos anos de 1960, o bombeiro de origem vietnamita Raymond Belle, influenciado por este tipo de treino, incrementou os exercícios do Método Natural de Hébert e os aplicou especialmente nas suas missões de trabalho (LAMB, 2014). Seu filho, David Belle, seguindo os ensinamentos do pai, em 1980, adaptou o *parcours do combattant*, juntamente com Sebastien Foucan e outros amigos, criando o grupo Yamakasi (idem, ibidem). Os movimentos feitos dentro da dinâmica espacial que esse grupo vivia – Lisses, um subúrbio parisiense - ficou conhecido como *L'art du Déplacement* e, mais tarde, popularmente difundido como *Le parkour*.

A prática do parkour pelo Yamakasi surge também dentro de um contexto de influência midiática, a exemplo dos atores de filmes eminentemente ligados à cultura das artes marciais, Bruce Lee e Jackie Chan (WARREN et al, 2013). Além disso, pode-se dizer que o parkour manifesta-se a partir da “fricção” entre a cidade e seus habitantes (espaço e corpo), especialmente localizado dentro de uma dinâmica cuja configuração está atrelada ao processo de urbanização periférica e imigração (FREITAS, 2014). Ainda, é possível compreender, a partir dessa informação, que os indivíduos praticantes de parkour – os *traceurs* – têm uma característica própria, ligada à ideia de resistência social e reivindicação por um espaço de expressão nos centros urbanos (CARVALHO e PEREIRA, 2008; FREITAS, 2014).

O parkour passa a ganhar popularidade sobretudo devido à influência midiática, a exemplo do lançamento do filme “Yamakasi: *les samourais des temps modernes*” (2001), do documentário “Jump London” (2003), do filme B13 (2004) – do qual David Belle participa como ator, do clipe “Jump” da cantora Madonna (2005), divulgação de inúmeros vídeos na plataforma do youtube, bem como o incremento dos videogames com movimentos do parkour. O youtube parece ser uma das principais formas de divulgação do parkour, existindo centenas de canais dedicados à produção e compartilhamento de conteúdo voltado para essa prática. Vale ressaltar que boa parte desses vídeos é amadora, consistindo na gravação dos movimentos a partir de câmeras simples e celulares, sem edições significativas.

O número de inscritos nesses canais (alguns com mais de milhões, como é o caso do grupo britânico “Storror”) certamente não condiz com o número de praticantes, mas pode apontar para um grande interesse por parte dos internautas na prática, uma vez que esta possui, muitas vezes, uma estética elaborada, a qual apresenta alguns riscos potenciais, tornando-se chamativa, excitante e, por vezes, espetacularizada (CHAGAS et al, 2015). Sendo assim, o parkour, como conhecemos hoje, está inescapavelmente atrelado às mídias sociais e plataformas digitais:

(...) Parkour is a set of practices inseparable from their dissemination on the Internet. By analyzing parkour and the Internet, therefore, social researchers can better grasp the dialectical connection between the virtual and real world. We can see how diffuse, globalized interactions become realized in specific locales by unique local actors—in this case, Chicago and its surrounding suburbs—by young men and women training in parkour² (KIDDER, 2012, p.230)

- 2 O Parkour é um conjunto de práticas indissociáveis da sua disseminação na Internet. Ao analisar o parkour e a Internet, portanto, os pesquisadores sociais podem compreender melhor a conexão dialética entre o mundo virtual e o mundo real. Podemos ver como as interações globalizadas e difusas se realizam em locais específicos por atores locais únicos - neste caso, Chicago e seus arredores - por jovens homens e mulheres que treinam parkour (tradução nossa)

Nesse sentido, é importante frisar o papel da mídia, especialmente da plataforma *youtube* – e mais posteriormente das redes sociais como *facebook* e *instagram* – na irradiação do parkour pelo mundo. Alguns estudos (KIDDER, 2012; FERRO, 2016; MARQUES, 2010) constataram a internet como uma das grandes responsáveis não só pela articulação de informações entre traceurs e curiosos do mundo todo sobre o assunto, mas também pelo compartilhamento de vídeos que acabam servindo de base para o aprendizado da prática, que é, em grande medida, efetivamente mimética. Marques, em pesquisa realizada na cidade de São Paulo, afirma que:

Um elemento central na difusão do Le Parkour é a Internet, particularmente os sites que permitem a divulgação de vídeos amadores. A maioria das pessoas conhece a prática assistindo a esses vídeos na rede. A eficácia da Internet como elemento de reunião e difusão da prática pode ser facilmente notada com uma breve pergunta: “De que lugar da cidade você é?” Nenhuma zona da cidade fica de fora: há gente da Zona Leste, extremo sul da Zona Sul, ali de perto, da Vila Mariana... Enfim, de qualquer lugar onde houver ao menos uma lan house para acessar o Youtube, assistir um vídeo, depois procurar uma comunidade no Orkut para ficar a par da data e horário do treino e pronto. Utilizando apenas as ferramentas do Google estamos ali, no "Ibira" com gente de todos os cantos da cidade para conhecer melhor esse “esporte novo” vindo da França. (2010, p.)

Existem diversos vídeos também mostrando “falhas” nos movimentos do parkour, já que a prática envolve deslocamentos e experimentações com os mais inimagináveis obstáculos, acompanhando a criatividade dos seus praticantes que, a toda nova oportunidade, pode desenhar novas formas de mover-se de um ponto A para um ponto B. Os riscos advindos desses movimentos, em geral, prescindem de um cálculo – exercício realizado com frequência entre os traceurs mais comprometidos. Se por um lado esse risco requer um treino assíduo que possa assegurar a habilidade de ultrapassar um obstáculo (inclusive o obstáculo do “medo” ou falta de autococonfiança, constantemente citado nos relatos), por outro, é também o risco um estímulo para prática, por gerar a sensação de euforia, superação e adrenalina (KIDDER, 2012).

O parkour, acompanhando alguns valores defendidos pelo Método Natural e pelo *Parcours du combattant*, possui no seu cerne elementos de altruísmo, utilidade, disciplina e, principalmente, de não competitividade. É comum o discurso sobre o qual o único adversário do traceur é ele mesmo, convergindo para um ideal de autoconhecimento e autossuperação. Trata-se, pois, de um exercício que exige um esforço não somente físico, mas também mental, possível de ser realizado de forma solitária ou coletiva.

É preciso pontuar essas questões acima tendo em vista a divulgação do parkour em uma escala global, sendo que tal fenômeno passa por processos de recepção e reconfiguração constituídos de maneiras distintas pelos atores, nos seus diversos espaços. Um exemplo disso é a grande confusão gerada para diferenciar as modalidades parkour e *free running*. Tanto este quanto aquele se apoiam na mesma base do Método Natural e do *Parcours du combattant*, mas aquele último é denominado como tal dentro do contexto londrino: é uma nomenclatura para a língua inglesa – o que acaba se tornando importante, inclusive, para sua projeção internacional.

Há uma tendência em diferenciar o freerunning do parkour, atribuindo àquele elementos mais artísticos inspirados na ginástica. Alguns saltos e movimentos podem ser mais ornamentais, fato este que às vezes é alvo de crítica pelos praticantes mais ortodoxos do parkour, os quais podem denunciar uma suposta fuga do propósito inicial do parkour que é atravessar obstáculos de maneira mais útil, mais otimizada. Existe, ainda, um discurso que atrela o freerunning a um apelo mais comercial. Entretanto, essa discussão, conforme os atores pesquisados me apontaram, cada vez mais se dilui e converge para a confusão de ambas as práticas, reafirmando que se trata muito mais de uma denominação do que propriamente uma distinção substancial.

Dentro dessa perspectiva de proeminência global, auxiliada sobretudo pela mídia, Chagas e Girardi observam que a “relação que o parkour tem com a espetacularização está na proposta de utilização da prática da modalidade em filmes, clipes, novelas...” (2015, p.27). Também temos o crescente interesse de grandes marcas ligadas aos esportes e às atividades físicas, o que acaba, entre outros fatores, contribuindo para a ampliação do debate sobre a possibilidade ou não de esportivização do parkour. Além disso, atualmente existe uma luta de boa parte da comunidade global do Parkour que é contrária à gestão da Federação de Ginástica sobre os campeonatos de parkour nas Olimpíadas. O argumento principal é que Ginástica e o Parkour são práticas completamente distintas, sendo necessário, portanto, a valorização dos atletas que têm experiência direta com o parkour, reivindicando a legitimidade da “autoridade parkour” na construção da institucionalização da prática.

Na contramão da ideia da não competitividade defendida por parte dos traceurs, também temos visto um crescente número de competições de parkour ao redor do mundo. Essas competições diferem de encontros coletivos entre traceurs por envolver premiações em diversas modalidades da prática, congregando parkour e freerunning. Os campeonatos podem ser divididos no tipo “speed” (ou fastest) – geralmente associado ao parkour, por avaliar a

rapidez com que um percurso é cumprido – e o freestyle – mais utilizado por praticantes de freerunning, por possuir uma maior liberdade em experimentação na estética e técnica de movimentos. Podemos citar algumas competições³ como: World Parkour Championship, Campeonato Mundial Red Bull's Art of Motion, North American Parkour Championship, entre outros. Tais campeonatos são visados por muitos traceurs, de modo que possibilitam o vislumbre de uma carreira profissional atrelada ao parkour.

Nota-se que as opiniões entre a comunidade do parkour são bastante divididas. Há quem afirme a impossibilidade de normatização do parkour na forma de um processo de esportivização, pois a prática trabalha com exercícios elaborados envolvendo uma dinâmica holística, uma vivência moral, uma “filosofia”, e que isso não deve se submeter aos critérios de avaliação normalmente difundidos nas competições esportivas. Por outro lado, há um movimento de apoio ao processo de institucionalização do parkour, pois as competições são vistas como um meio de profissionalização e, conseqüentemente, uma atividade econômica, uma forma de “viver de parkour”.

Passível também de crítica por parte dos traceurs que se apegam a uma prática ao ar livre e destituída de apelos econômicos, são as academias de parkour. Estas podem ser ambientes fechados, com obstáculos pensados para o treino dos movimentos com acompanhamento de um treinador - geralmente um traceur que obteve sua experiência nas ruas ou educadores físicos que se dedicam a essa atividade e encontraram um meio de trabalhar diretamente com a prática. Ou, ainda, podem combinar treinos dentro destes ambientes, quanto ao ar livre, em locais da cidade propícios para o treino. Tais características variam de academia para academia e podem estar de acordo com certas metodologias empregadas por cada uma delas.

O advento dessas academias pode ser justificado pelo argumento da higiene, do controle e, especialmente, da segurança: de um lado, por se tratar de ambiente desenhado, pensado para a prática e acompanhado de um especialista em parkour, por outro, por ser um local fechado e menos sujeito a intervenções de ordem violenta ou mesmo natural, como chuva, que pode dificultar o deslocamento do traceur. A tensão entre a ideia de autenticidade do parkour e desejo da normatização, pode ser percebida, por exemplo, nos diversos

3 Ver <http://worldparkourchampionship.com>
<https://www.redbull.com/br-pt/tags/parkour>
Competição reúne elite do parkour e freerunning em São Paulo. Disponível em
<http://jovem.ig.com.br/esportesradicais/competicao-reune-elite-do-parkour-e-freerunning-em-sao-paulo/n1597156839343.html>

comentários em vídeos realizados nas academias, além de entrevistas de traceurs, que se posicionam contra a mercantilização⁴ da prática, sob o argumento da perda dos valores originais do parkour.

Além das academias, notamos, ainda, um outro movimento que tem ganhado força nos últimos anos com o mercado digital: podemos encontrar uma variedade de cursos online de parkour, como é o caso do oferecido pelos brasileiros Pedro Moreira e Zico Correa. O curso intitulado “Arte do Parkour”⁵ consiste basicamente em uma série de vídeos com explicações e tutoriais e é cobrado uma única parcela no valor de R\$ 141,00. A descrição do curso no site garante que é possível aprender os movimentos assistindo aos vídeos e treinando em um lugar de sua escolha. Em 2018 também foi lançado o 1º Congresso Online Nacional de Parkour e Coaching⁶, organizado pelo atleta Danilo Brustolini, o evento teve como objetivo principal de “ajudar o Parkour a crescer de forma segura e profissional” e foi transmitido gratuitamente a partir de um site dentro de uma programação específica. O conteúdo também podia ser adquirido sob um determinado valor e possibilitava o acesso ilimitado aos vídeos produzidos. Este congresso contou com diversos atletas brasileiros e alguns estrangeiros, os quais proferiram pequenas palestras sobre diversos aspectos do parkour, desde reflexões mais filosóficas, quanto a respeito da performance corporal, até conselhos e compartilhamento de experiências para a construção de um empreendimento centrado na prática em questão.

Assim como a criação das academias e competições de parkour, os impactos da disseminação da prática através da mídia foram sentidos de variadas maneiras, em diversos contextos culturais. Há registros da prática em diversos países, em todos os continentes, como, mais uma vez, as plataformas digitais podem nos mostrar com uma rápida pesquisa. Um caso recente e emblemático que podemos citar aqui foi o que aconteceu na cidade de Aleppo, na Síria. Diante de cenário de pós-guerra, dezenas de jovens desenvolvem os movimentos do parkour sobre os escombros resultantes do conflito. Os depoimentos oferecidos por esses indivíduos relatam a prática enquanto forma de rechaçar os efeitos negativos da guerra que afetaram seus psicológicos⁷. Especialmente em uma dinâmica onde

4 Parkour, nascido na rua, vira negócio lucrativo nos Estados Unidos. Disponível em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,parkour-nascido-na-rua-vira-negocio-lucrativo-nos-estados-unidos,161593e>

5 Ver <http://parkournaveia.com>

6 1º Congresso Online Nacional de Parkour e Coaching <http://conapkc.danilobrustolini.com.br/>

7 Acrobacias como antídoto de guerra em Aleppo. Disponível em https://elpais.com/elpais/2018/04/10/album/1523384088_354373.html#foto_gal_2

Parkour y reguetón em Aleppo: la vida patas arriba de los jóvenes sirios. Disponível em <http://www.elmundo.es/papel/historias/2018/06/02/5b110d4d468aeb30128b45ef.html>

Parkour em tiempos de guerra. Disponível em <https://www.esquire.com/es/actualidad/a20629157/parkour-jovenes-alepo-guerra-siria> Acesso em 18 de

grande parte da população jovem encontra-se em serviço ao Exército, esse fato é de extremo interesse para analisarmos as inúmeras recepções e adaptações que o parkour adquire ao redor do mundo, em diferentes configurações espaciais e políticas.

Fugindo não só à predominância do gênero masculino, mas quebrando alguns preconceitos culturais e religiosos, a *traceuse*⁸ Amal Murad, primeira mulher dos Emirados Árabes a ser considerada atleta de parkour, dá entrevistas e palestras sobre sua experiência com a prática, e fala como esta tem sido uma ferramenta de empoderamento e inspiração para incentivar outras mulheres a lutarem contra o medo.⁹ Superando mais que os obstáculos físicos da cidade, mulheres no Irã ultrapassam preconceitos e estereótipos ao praticar parkour na capital do país como forma de lazer e de resistência à opressão. Elas deslocam-se, enquanto *traceuses*, com seus *hijabs* e roupas folgadas, mesmo temendo que seus corpos sejam expostos ao realizarem os movimentos. Além disso, muitas vezes necessitam de escolta masculina a fim de não passarem maiores constrangimentos por parte da população ou intervenções policiais por serem mulheres e estarem ocupando os espaços urbanos dessa forma.¹⁰

No Brasil, o parkour chega também por meio da mídia¹¹ a partir dos anos 2000 (em que o acesso era expandido de forma considerável nessa época), sendo praticamente impossível atribuir a uma pessoa específica o patamar de embaixador da prática no país. Os vídeos dos integrantes do grupo Yamakasi serviam de inspiração para a prática do deslocamento, sendo posteriormente criado um grupo no extinto Orkut chamado “Le P”arkour Brasil”, onde os membros podiam interagir e compartilhar informações sobre o assunto (MARCHETTI, 2012).

A articulação entre interessados fez com que houvesse a criação de grupos de parkour, a citar os paulistas: Parkour Brasil, considerado o precursor da prática no país, Associação de Parkour do Grande ABC (PKABC) e Geração Traceur – grupos com uma história significativa entre a comunidade brasileira de parkour (MARQUES, 2010). Por volta de 2007, surge, também, em Campina Grande, o grupo Alliance Parkour, que passou por uma fase

julho de 2018.

8 Nome feminino para *traceur*.

9 Parkour: Amal Murad – the first Emirati woman to coach. Disponível em <https://www.bbc.com/news/av/world-middle-east-42923539/parkour-amal-murad-the-first-emirati-woman-to-coach>

Amal Murad wants to teach women not to be scared. Disponível em <https://en.vogue.me/culture/amal-murad-interview/>

10 Fast-paced parkour offers outlet for women in Iran. Disponível em <http://www.nydailynews.com/life-style/health/iranian-women-embrace-parkour-article-1.1731975>

11 Chagas e Girardi (2015) atribuem a expansão das informações digitais à política de Democratização da Tecnologia promovida pelo Governo Lula (2004).

intensa de treinos e interação com outros grupos de fora, começando a decair a partir de 2012 e, atualmente, tenta estabelecer novamente uma agregação de antigos e novos membros dos grupo. Em 2013, surge o Geração Parkour, em João Pessoa, enquanto grupo com uma denominação – pois a prática em si, segundo relatos, data também dos primeiros anos de 2000.

Diante do exposto, podemos considerar que esta prática é relativamente recente, apesar de ter suas bases em contextos mais longínquos; passou e passa por um processo de expansão a nível global, onde a mídia em seus diversos desdobramentos (televisão, cinema, internet, jornais, etc) contribui de forma extremamente significativa. Ainda, que se trata de uma prática recepcionada de inúmeras maneiras, por diferentes dinâmicas socioespaciais, em que adquire, ciclicamente, novas configurações de cenários materiais, bem como de ideais e valores. Por fim, que o parkour é situado, cada vez, nas agendas de discussão desportiva sobre a os processos de institucionalização.

Por que estudar parkour?

Talvez em face do seu surgimento recente, não existe uma grande quantidade de pesquisas brasileiras sobre o parkour, sobretudo nas Ciências Sociais - concentrando, então, uma maior abordagem pelos estudiosos da Educação Física. Em relação às práticas urbanas podemos observar uma maior incidência dos estudos voltados por exemplo, para o graffiti e pixo (PEREIRA, 2005) *break dance*, (RAPOSO, 2013) *skate* (MACHADO, 2017), entre outros, que são amplamente conhecidos. Algumas pesquisas sobre práticas envolvendo riscos e incerteza também são feitas, a exemplo da escalada (CARVALHO, 2013), surfe (MERINO, 2017; SOUZA, 2003), montanhismo (LIMA, 1995) e outras práticas envolvendo a corporalidade como as artes marciais (OLIVEIRA, 2013), capoeira (SOUZA, 1997; ZONZON, 2014) e, por fim, parkour (MARQUES, 2010).

No âmbito da literatura internacional relativa às Ciências Sociais, podemos destacar alguns trabalhos de cunho etnográfico como os realizados por Lígia Ferro (2016) com pesquisa comparativa entre parkour e graffiti em Portugal; Jeffrey Kidder e uma análise da prática sob a perspectiva da masculinidade, risco e esporte no Parkour (2012); Belinda Wheaton (2017) e processos de institucionalização do parkour; e Thomas Raymen (2018) com um olhar sobre a prática à luz dos estudos do desvio e controle social.

Ao ganhar propulsão nos anos de 1980, dez anos depois da explosão do hip hop, é possível notar que o parkour possui semelhanças com o break dance (uma das vertentes daquele movimento, ao lado do grafite, DJ e MC) em alguns pontos seguintes: ambos são fenômenos que surgem dentro de um contexto de imigração presente nas periferias urbanas, possuem predominância masculina e juvenil, envolve uma dinâmica onde é observada a interação direta entre corpo e espaço e sem mediação de objetos (tais como o *skate*, *bike*, patins etc) (FREITAS, 2014). O *break dance* tem suas bases “em passos e coreografias que variam entre o acrobático e desportivo e a estilização de movimentos da capoeira e artes marciais” (RAPOSO, 2012), aproximando-o do parkour, que é apoiado, em certa medida, em elementos semelhantes, além daqueles herdados do Método Natural e do *Parcours du combattant*. Tanto o *break dance* quanto o *parkour* exigem elaborações de relacionar o corpo com a arquitetura física das cidades e o tipo de movimento corporal que surge delas, além de demandarem dos seus praticantes métodos de lidar com as texturas, volumes e obstáculos presentes no delineamento citadino (FREITAS, 2014).

Pode-se dizer, assim, que o *bboy*, tal qual o *traceur*, explora a cidade em busca de estruturas que favoreçam a prática do *break dance* e do parkour, respectivamente. Entretanto, apesar desses espaços apresentarem uma arquitetura interessante para esses indivíduos, eles são usados fora da concepção original para a qual foram criados, desafiando os praticantes a desenvolver métodos de relacionamento com a disposição tátil da cidade. Temos, de um lado, um espaço sendo ressignificado e, de outro, corpos que se adaptam, traçando novas estratégias de adequação àquele.

Dentro desse contexto, uma compreensão plausível é a que considera o parkour como um fenômeno subcultural. Sob esse viés, observa-se a prática a partir da construção de sua identidade baseada na resistência social (que vai desde a renúncia à competição formal até as formas de desafiar a conformação da arquitetura urbana), na sua simbologia e estética que perpassa o estilo, a vestimenta, a aproximação e o afastamento de outros símbolos e grupos sociais e, sobretudo, a ideia de funcionalidade traduzida na máxima “ser forte para ser útil” (CARVALHO et al, 2008). Esse universo, pois, criativo e antagônico, revela uma dimensão de iniciativa e autonomia vinculada à gama de obstáculos oferecidos pela cidade contemporânea.

Em contrapartida, também encontramos um outro olhar sobre a temática que considera o parkour enquanto prática espetacularizada, pois existe, atualmente, um processo de aceitação coletiva da sua esportivização. Nesse sentido, a prática sob perspectiva contra-hegemônica, mais defendida pelos agentes ortodoxos, passa a ser contraposta por interesses e

propostas diferentes para o parkour. O fenômeno da espetacularização pode ser observado no espaço que o parkour vem conquistando junto aos conteúdos midiáticos (filmes, novelas, clipes...), como também na crescente oferta de academias e um reclame por oficialização, e consequente fomento (seja público ou privado), por parte de alguns grupos (CHAGAS, 2015).

É necessário pontuar que o parkour não se relaciona majoritariamente como uma reivindicação política, isto é, no sentido especialmente de apropriação do espaço, pois “transformar o meio urbano em um grande playground é não só explorar as potencialidades lúdicas desse meio, mas também liberar devires que estavam enclausurados pela educação dos gestos a que somos submetidos desde a mais tenra infância” (MARQUES, 2010, 20:30)

Isso implica considerar o parkour não somente em relação com a dimensão esportiva, mas também artística, concebendo toda a sua capacidade criativa. (idem, 2008) A dinamicidade que o parkour proporciona à relação entre corpo e espaço dá-se nas inúmeras formas e estratégias de exploração e adaptação aos equipamentos urbanos, fazendo com que a própria pesquisa nessa temática sugira acompanhar os traceurs, a fim de entender as linguagens físicas e os discursos de risco, por exemplo. Sob essa linha de pensamento, existe uma certa dificuldade de enquadrar o parkour em determinadas definições, pois se trata de uma prática em processo, cujo alcance está cada vez mais próximo dos diversos lugares do mundo, e cada qual desses lugares e indivíduos que se relacionam com a prática possui semelhanças, mas sobretudo formas distintas de adaptabilidade e congregação de valores.

É necessário examinar a multiplicidade de discursos existentes entre as comunidades de traceurs em diferentes contextos, especialmente comparando o que é enunciado na “teoria” e o que é feito na “prática, analisando o que cada uma destas expressa não só por si, mas dentro de uma relação. Ameal e Tani (2012), em pesquisa realizada na Finlândia, pontuam que na fala dos seus interlocutores existe uma certa frequência da ideia de respeito pelos espaços e propriedades privadas (como shopping centers e carros). Contudo, é possível notar, nos locais de prática e, principalmente, nos vários vídeos postados em plataformas digitais, que as limitações defendidas por alguns são transgredidas.

Em um estudo etnográfico realizado nos Estados Unidos, Kidder (2013) observou não só as questões relativas ao status hegemônico ou não do parkour, atentando, também, para os discursos e práticas vinculadas ao risco e à segurança no espaço urbano. A configuração encontrada por aquele autor demonstra que os traceurs não praticam o parkour apenas sob a perspectiva do “ser forte para ser útil” ou dos princípios da agilidade e eficiência. Muitos deles, apesar de invocar esses enunciados, revelavam uma convergência para o risco:

No one I encountered in the Chicago parkour community strictly trained for speed and efficiency—which in almost all cases would simply involve running in a straight line down a sidewalk or roadway. Instead, traceurs were uniformly interested in performing complex, stylized, and often dangerous, maneuvers: balancing on high ledges and railings, climbing up tall walls, flipping over hard surfaces, and jumping across wide gaps.¹² (p.236)

O risco observado no campo analisado pelo autor envolve rituais de segurança e comprometimento, não deixando de lado, inclusive, o sentimento relacionado ao medo. Este se trata de algo não só completamente aceitável, como necessário. Praticar parkour é, basicamente, segundo pontua Kidder (2013), perseverar sobre este tipo de emoção.

Ainda, o autor afirma que durante sua pesquisa de campo, praticamente não visualizou os traceurs praticando os movimentos de parkour (pulos, subidas etc) para ir de um lugar a outro na cidade que dispusesse de uma distância razoável. Em geral, os traceurs se reuniam em uma determinada área e treinavam os movimentos nesse local e depois de um tempo iam para outra área. Ele não viu uma “corrida de fluxo” de um lugar para outro na cidade (idem, ibidem). Essa constatação corrobora a ideia de que o parkour ultrapassa um discurso fixo que o define de forma limitada, regrada também visto por Marques (2008). É mais um exemplo, inclusive, da necessidade de compreender, dentro do campo, as particularidades dos traceurs e do espaço urbano, em determinados contextos.

Alguns estudos relativos às Ciências Sociais têm sido feitos a respeito dessa temática, especificamente no que compete às práticas de rua. No quadro geral da produção acadêmica brasileira, podemos citar, a título de ilustração, os seguintes trabalhos etnográficos: a dinâmica da “pichação” em São Paulo, de Alexandre Pereira (2010); as pesquisas sobre parkour de Rafael Marques (2010), a análise sobre street skate de Giancarlo Machado (2011) e também sobre skate de Mauricio Olic (2010). Na Paraíba, destacamos o trabalho de Angelina Duarte sobre a pichação e o grafite em Campina Grande (2010) e o de Thayroni Arruda (2010) sobre o movimento hip hop, onde aborda também aspectos referentes ao grafite e pichação. Nota-se, de início, um campo mais consolidado de interesse acadêmico sobre o grafite, a pichação e o skate, até mesmo devido a essas práticas terem surgido há mais tempo que o parkour, por exemplo.

12 Ninguém que encontrei na comunidade de parkour de Chicago treinou estritamente em velocidade e eficiência - o que, em quase todos os casos, envolveria simplesmente correr em linha reta por uma calçada ou estrada. Em vez disso, os traceurs estavam uniformemente interessados em realizar manobras complexas, estilizadas e muitas vezes perigosas: equilibrar-se em bordas altas e trilhos, subir em paredes altas, dar saltos giratórios sobre superfícies duras e saltar através de grandes vãos (tradução nossa)

Segundo Ferro (2016), que desenvolveu uma investigação com *traceurs* (praticantes de parkour) nas cidades de Barcelona, Paris e Lisboa e também com *writers* (grafiteiros/pichadores, numa concepção brasileira), existe uma certa lacuna na definição do parkour, em razão da sua recente existência, mas ele pode ser definido de diferentes maneiras, tais como a “arte do deslocamento”, como um esporte livre e radical ou mesmo como um estilo de vida (FERRO, 2016).

Em sua pesquisa, a autora também pontua que, apesar de alguns estudos terem demonstrado que o parkour surge diante da ausência de equipamentos esportivos, outras pesquisas sugerem um desejo de autonomia dos participantes em relação às instituições esportivas. Aspectos como liberdade e autoconhecimento também estão presentes com uma forte expressão nesta prática, de forma que a competitividade não é o ponto central no parkour, pois contradiz um de seus princípios que é a autoconsciência corporal e psicológica. Compreender, pois, as próprias limitações e também as suas potencialidades é algo almejado entre os *traceurs* (FERRO, 2016).

Existe portanto, um processo intenso de fusão do corpo com o espaço da cidade (FERRO, 2016). A rua é estruturada pelos *traceurs*, e estes, por sua vez, também se estruturam por meio da morfologia urbana. Nesse contexto, uma das principais características observadas nesta prática é que os *traceurs* usam os equipamentos urbanos de forma alternativa ao planejado pela administração pública (ou privada, dependendo do caso).

A pesquisa desenvolvida por Ferro (2016) com *traceurs* portugueses e espanhóis, aponta que os espaços do parkour podem sugerir consideráveis ferramentas metodológicas para examinar as relações complexas entre os cidadãos e seus espaços diários. Nesse sentido, vejo isto como um ponto importante a ser considerado no desenvolvimento da presente pesquisa: a forma como o parkour se desdobra na cidade, em seu caráter fluido, desafia o delineamento metodológico, mas é justamente a compreensão e acompanhamento dessa fluidez que podem tornar possível o olhar mais apurado sobre as relações e configurações atinentes à prática.

O estudo do parkour, especificamente, não tem sido muito explorado no âmbito das Ciências Sociais, aqui no Brasil, a exceção da pesquisa de mestrado em Antropologia de Rafael Marques sobre a dimensão lúdica dessa atividade na cidade de São Paulo. Entretanto, podemos encontrar um número considerável de artigos e trabalhos desenvolvidos em outras áreas do conhecimento, sobretudo na Educação Física. São estudos que perpassam a

compreensão de dados relacionados ao condicionamento físico, ao movimento e técnica presentes no parkour, comparativos entre diferentes campos da prática, como também elucidam questões outras referentes à ludicidade, aproveitamento dos espaços públicos e privados, equipamentos utilizados para a realização dos movimentos, entre outros.

Estudar o parkour pode ser útil no sentido de analisar as várias formas de relação do corpo do indivíduo não só a partir de uma perspectiva da cidade, mas também da compreensão, de um modo geral, da potencialidade criativa e relacional dos atores sociais e ambientes com os quais eles interagem. Segundo Nascimento (2016), existe um grande número de pesquisas voltadas para as práticas urbanas que articulam a corporeidade de alguma forma, entretanto, os esforços destes trabalhos têm sido encaminhados na direção de compreender os sentidos e usos da cidade, não privilegiando, necessariamente, o papel do corpo nessas análises.

Com o parkour, podemos perceber que os indivíduos não absorvem simplesmente uma prática e a “imitam” segundo a referência: muito mais que isso, eles envolvem a própria vivência no mundo enquanto corpo que cresce, aprende, se move e se habilita para determinadas práticas. Essas vivências não deixam de ser elaboradas em diálogo com aspectos de cultura, gênero, classe, religião e etnia (como alguns exemplos citados acima). Além disso, convém também examinar a questão da corporalidade e dos discursos que compreendem esse aspecto: é perceptível um enunciado mais geral sobre autossuperação e a um suposto retorno ao natural, ao “simples”, ao corpo instintivo, mas também existem outras expressões adjacentes que contemplam vivências de resistência, do lúdico, da disciplina dos corpos, das possibilidades de inserção socioprofissional oferecidas pela prática, entre tantas outras. Isto posto, desdobra-se um longo e rico caminho a ser percorrido para compreender a diversidade de experiências que envolvem o parkour.

Eixo central da tese

Normalmente, poderíamos pensar assim uma “cena” de parkour: previamente ao movimento do corpo, há uma mobilização mental que já traça as possibilidades de um percurso, há momentos distintos e subsequentes de “cálculo”, posicionamento do corpo e dado movimento. Entretanto, mais do que uma série de fases separadas do tipo: primeiro, ação mental, segundo, ação corporal e, terceiro, relacionamento com o ambiente (que seria o movimento relacionado à alguma estrutura material), percebemos, na prática, que esses

elementos estão em pleno atravessamento uns dos outros, constituindo processos de aprendizado e habilidade e elaborando um tipo de conhecimento que emerge dos relacionamentos contínuos existentes na vida de um praticante.

De forma geral, essa tese tem a proposta de estudar a prática do parkour realizada nas cidades de Campina Grande, na Paraíba, Brasil e também em Porto¹³, Portugal. Para isso, busquei considerar a multiplicidade de vivências que revelam um emaranhado complexo de linhas geradoras de subjetividades e encontros que produzem diferentes maneiras de estar no mundo com e pelo parkour. Este trabalho interpreta a prática do parkour enquanto uma malha (meshwork) (INGOLD, 2018) que é tecida pelo entrelaçamento de dinâmicas de aprendizado e experiências que nos ajudam a compreender processos de criatividade e conhecimento a partir do engajamento corpóreo, afetivo e sensorial no mundo. O parkour enquanto uma prática viva, em movimento, nos mostra diferentes dimensões de participação dos processos do existir e habitar o mundo, sem que precisemos interpelar uma perspectiva de análise apoiada nas teorias da agência.

Atravessado por discursos e ações aparentemente incoerentes ou paradoxas, principalmente se pensadas ainda sob o olhar que considera o parkour uma atividade rígida e destituída da plasticidade e das mutações mobilizadas por diferentes atores, em diferentes contextos sociais, optei por manter o foco no estudo da coimplicação do corpo com os ambientes e nas experiências de cada contexto social. Essa relação permite trazer à tona a discussão dos aspectos presentes em cada tipo de experiência citada, possibilitando articulá-las a uma forma de exercício teórico-metodológico cujo esforço é voltado para as corporalidades desenvolvidas com e a partir da relação especialmente com o meio e suas inúmeras “possibilidades de aproveitamento”, mas que também são construídas através das relações com outras dimensões do social, como as interações entre praticantes e não praticantes, com diversos tipos de práticas corporais e conteúdos culturais, a exemplo dos veiculados sobretudo na internet. O objetivo é apresentar a pluralidade de possibilidade de mover o corpo, de mover este por entre estruturas e texturas diversas (recorrentemente nomeada de “meio”), possibilidade de estabelecimento de vínculos diversos com traceurs de vários lugares, possibilidades, enfim, ser e estar no mundo mediados pela prática do parkour.

13 Considerando o estreito relacionamento entre os praticantes de Campina Grande e João Pessoa, busquei alguns dados complementares também nesta última. Já em Portugal, o alcance da pesquisa passa por algumas cidades da Área Metropolitana do Porto.

Nesse contexto, busco privilegiar um exercício de análise sobre o elemento corporal, vetor primordial das possibilidades suscitadas, pois, como afirma Merleau-Ponty, mais do que sermos um corpo, temos um corpo, ou ainda, “não apenas estamos no mundo, como também somos o mundo, pois é a partir do corpo que damos significados ao que chamamos realidade” (LAKOFF et al, 1999, p.97). É nesse ponto que pretendo trabalhar, particularmente delineando alguns questionamentos que perpassam problemáticas da agência, interpelando pontos como: onde, começa e termina o corpo? O que pode o corpo? Como as possibilidades de relação entre os corpos são produzidas e conduzidas ao longo das linhas dessa “malha” que é o mundo social, de forma mais ampla, e, de forma mais específica, no mundo do parkour?

Não pretendo construir uma teoria do corpo, mas esboçar uma teoria do parkour, enquanto um emaranhado de linhas que mobilizam o corpo em pleno envolvimento, movimento, engajamento com o mundo, numa perspectiva dinâmica e orientada para e pelas experiências de aprendizagem, reveladas em habilidades, técnicas, sensibilidades e participação social. Emergindo de experiências de diálogo, trocas, brincadeiras, machucados, vivências plurais etc, os movimentos e as técnicas no parkour podem nos falar das relações, histórias, participação social e produção da prática e de si mesmo (DEBORTOLI e SAUTCHUK, 2014).

Para tanto, a teoria de Tim Ingold é a principal companhia que escolhi nesse caminho para explorar a temática do parkour, a fim de pensar como e se a crítica desse autor às perspectivas cognitivistas, às dicotomias mente-corpo/natureza-cultura e sua proposta de engajamento no mundo ajudam a descrever criticamente a constituição da problemática da agência na relação “corpo-ambiente”. Estes últimos, tratados, por ora, de forma generalista, os quais busco questionar ao longo do texto, mobilizando as categorias ingoldianas como pessoa, organismo, coisa, vida, habilidade, técnica e movimento. Em suma, pretendo analisar o parkour por meio de uma antropologia que Ingold (2004) compreende como uma “ciência do engajamento no mundo relacional”.

O campo e os percursos da pesquisa: situando o *Parkour* em João Pessoa, Campina Grande e Área Metropolitana do Porto

No Brasil, muitos trabalhos sobre o parkour têm sido desenvolvidos especialmente na área da Educação Física, o que contrasta com a incipiente atenção dada pelas ciências

sociais¹⁴, à prática. Esse panorama se apresenta dessa forma talvez em virtude do seu recente surgimento e desdobramento pelo mundo, sobretudo, no nosso país.

O parkour vem ganhando visibilidade e expressão na Paraíba, em particular na capital, João Pessoa, e em Campina Grande, que se situa no interior do estado.

João Pessoa possui aproximadamente 721.000 habitantes e fica situada no litoral nordestino, projetando-se frequentemente como “cidade verde” ou “ponto mais oriental das Américas”, além de focar em uma imagem turística vinculada à orla marítima ou ao centro histórico (LEANDRO, 2006).

No que se refere à prática do parkour, é possível destacarmos pelo menos dois grupos mais consolidados: o Parkour João Pessoa e o Geração Parkour, com uma média de 40 *traceurs* que praticam com frequência. Os lugares eleitos por esses atores estão espalhados pela cidade, mostrando um verdadeiro exercício de exploração do mapa urbano e corroborando o que Ferro (2016) constata em relação à mobilidade e olhar criativo dos *traceurs* na Espanha e em Portugal e em outros contextos estudados.

Os “picos”¹⁵ como corriqueiramente esses atores se reportam aos espaços interessantes para a prática do parkour estão distribuídos em diferentes bairros e equipamentos da cidade: na Praça da Paz, nos Bancários; no Skate Plaza, em Manaíra; no bairro Valentina Figueiredo; na Praça Castelo Branco; no Viaduto Varadouro e no Mercado Central, no Centro Histórico; na orla de Cabo Branco, entre outros. Encontra-se, inclusive, em execução pelos próprios *traceurs* dos mencionados grupos, o Park Parkour, em um terreno localizado no bairro de Mangabeira.

O que se percebe ao observar os “picos” pessoenses é um grande fluxo entre periferias, centro e bairros considerados “nobres”, reafirmando como essa prática “treina” a percepção dos seus atores a enxergarem a cidade em suas múltiplas possibilidades, aproveitando-a de modo amplo e fluido, além de congregam espaços heterogêneos em suas configurações sociais.

Já Campina Grande é uma cidade de aproximadamente 407.000 habitantes, situada a 133km da capital, ocupando um lugar de destaque no cenário Nordeste e Paraibano, em virtude de, historicamente, ser um local de forte expressão econômica na região, além ser conhecida como a detentora (título em forte competição com a cidade de Caruaru-PE) do “Maior São João do Mundo”, uma festa que ocorre num espaço público chamado “Parque do

14 Contamos, até então, apenas com a pesquisa de Mestrado de Marques (2010) sobre a temática.

15 Como também apontado por Machado (2011) em relação à prática do street skate.

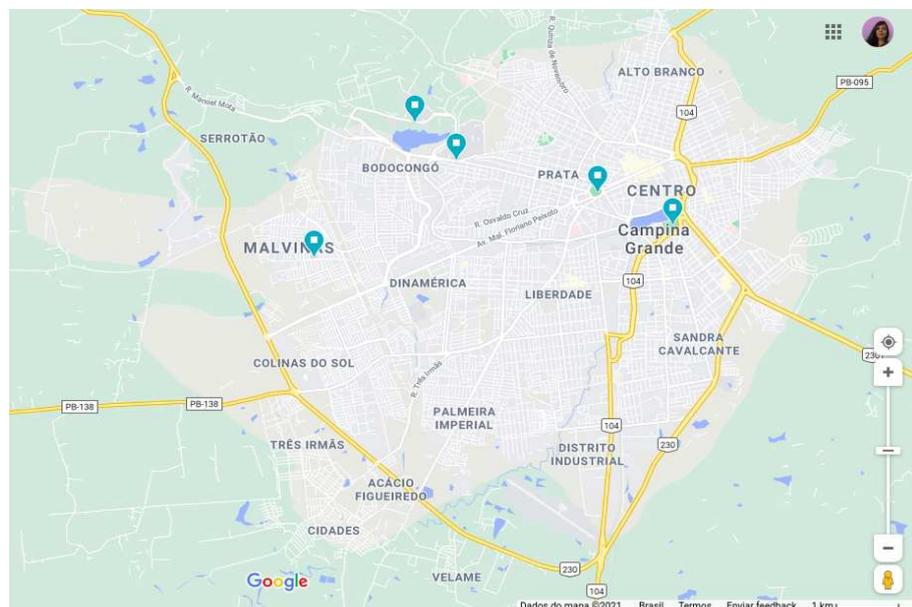
Povo” durante 30 dias, no mês de junho e recebe inúmeras atrações artísticas e um grande contingente de turistas.

Em relação ao parkour em Campina Grande, também podemos destacar o grupo Alliance Parkour, criado em 2007 que conta com atores de diferentes idades. Os lugares onde mais visualizamos os “treinos” são o Parque da Criança, no Catolé; o Açude Velho, no centro; o Açude Novo, também no centro; a Universidade Federal de Campina Grande, em Bodocongó; a Universidade Estadual da Paraíba, no Conjunto Universitário; a Praça da Catedral, na Prata etc.

As duas cidades mencionadas encontram-se dentro de uma rede mais ampla de traceurs, estabelecendo relações mais estreitas sobretudo com as capitais dos estados vizinhos: Natal e Recife, e sediando encontros regionais, como por exemplo, o IX Encontro Nordestino de Parkour, realizado em Campina Grande entre 06 e 08 de fevereiro de 2016. Este encontro teve como principal “pico” a Cachoeira do Pinga, pertencente ao território de outro município vizinho a Campina Grande: Lagoa Seca. Neste ponto, também é interessante observar como o parkour insere-se na confluência entre a paisagens, ampliando os fluxos para além da cidade urbana.

Vale ressaltar que é perceptível uma diferença no que tange à consolidação dos grupos mais organizados em Campina Grande e em João Pessoa. O Parkour Alliance, naquela, segundo relatos, encontra-se bem disperso, com poucos integrantes e sem muita regularidade nos treinos. Já na capital, parece haver uma rede melhor articulada e uma agenda de treinos que é preenchida com mais frequência.

Figura 1: Principais pontos de treino de parkour em Campina Grande

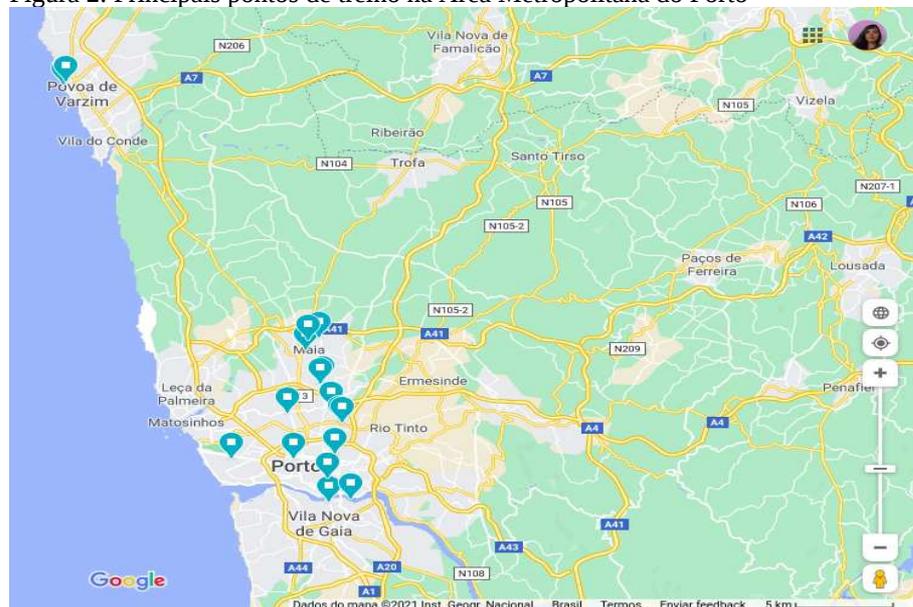


Fonte 1: Google Maps

Esta pesquisa também traz dados de observação de campo referente ao parkour em alguns municípios da Área Metropolitana do Porto (AMP), na oportunidade da realização de um estágio de doutorado-sanduiche na Universidade do Porto. Em Portugal, as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto detêm uma número maior de praticantes, mas as cidades médias como Braga, Guimarães, Aveiro, Coimbra, entre outras, também contam com praticantes ativos de parkour (FERRO, 2016).

A AMP tem sede no Porto e abrange 17 municípios (ou concelhos) contíguos, cuja população é de aproximadamente 1.700.000 habitantes, apresentando uma considerável diversidade socioeconômica e cultural entre seus concelhos (AZEVEDO, 2003). O Porto possui uma centralidade, especialmente no que tange à implementação de políticas culturais, recebendo um forte impacto nos últimos 20 anos dos processos de requalificação e gentrificação turísticas – sobretudo nas zonas do seu centro histórico (ALVES, 2017). Ainda que esses espaços sejam atrativos para os praticantes de parkour, é possível visualizar a realização da prática em outros lugares fora do circuito turístico principal.

Figura 2: Principais pontos de treino na Área Metropolitana do Porto



Fonte 2: Google Maps

Há relatos da emergência do parkour no início dos anos 2000 na AMP, tendo sido intensificado principalmente após a criação do Team Braga, um “grupo de jovens que praticava artes de rua como parkour e street workout”¹⁶. Esse grupo, com sede na cidade de

16 Descrição do grupo Team Braga na sua página do facebook:

https://www.facebook.com/pg/TeamBraga/about/?ref=page_internal

Braga, a 57km do Porto, possui membros provenientes da AMP, fato este que facilitou a construção da Academia de parkour Eu+ em 2015, em Vila Nova de Gaia, concelho daquela área. A organização desse grupo e a constituição da academia disseminaram ainda mais o conhecimento da prática na AMP, sobretudo em virtude da realização de jams nas ruas – eventos de treino livres com o objetivo de reunir praticantes de todos os lugares e também de chamar a atenção dos cidadãos para a prática.

Sendo assim, abre-se uma possibilidade de análise profícua sobre o parkour de forma que a atividade está presente e difusa por entre vários espaços, conjugando alguns aspectos - a priori - semelhantes na sua relação centro-periferia, bem como a escolha de lugares próximos a redes de transporte a fim de viabilizar a acessibilidade dos indivíduos, além da rede de articulação com traceurs de outras localidades. Certamente diversas outras semelhanças e diferenças devem existir e parece-nos interessante analisar e comparar as duas realidades sob a ótica das Ciências Sociais a fim de entender aspectos interligados não só à espacialidade das duas cidades, mas também as questões atinentes às vivências dos praticantes com o parkour em cada contexto.

Importante notar que deslocamento existente no parkour ultrapassa a dimensão material, pois é especialmente no fluxo entre o virtual e o “face-a-face” que os contatos são feitos: os traceurs paraibanos participam de uma rede que abrange a interação em grupos no whatsapp e facebook, além de perfis do instagram e canais no youtube, onde constantemente divulgam fotos e vídeos, amadores ou mais elaborados, com seus treinos, além de relatos, informações e materiais referentes ao parkour, recebendo (e oferecendo) comentários de vários colegas ou de admiradores dos mais diferentes lugares do Brasil. Este dado também converge para a constatação feita por Ferro (2016) acerca das sociabilidades suscitadas através dos meios virtuais em contextos como o de Lisboa, Paris e Barcelona

Por meio desses contatos, os traceurs paraibanos integram uma rede maior de troca, ampliando a mobilidade não só pelo espaço de sua cidade, mas também para outras, seja apenas treinar em um determinado pico diferente, conhecer outros traceurs, ou para organizar e participar de encontros mais abrangentes. Existe, aparentemente, uma boa articulação entre os traceurs paraibanos com o restante do Nordeste e do Brasil.

O intercâmbio de informações, seja por meio virtual ou não, e a organização coletiva de traceurs para a elaboração de encontros ou para a construção de um parque de treino, por exemplo, são alguns dos exemplos de sociabilidades geradas a partir de um objetivo em comum: a prática do parkour. Os indivíduos que praticam o Parkour, bem como os seus

“simpatizantes”, apoiadores, entre outros, estabelecem uma rica troca de informações, onde os meios digitais possuem grande ressonância na expansão dos contatos e lugares de prática, além de atraírem novos participantes. O deslocamento ocorre a todo momento e parece ser o elemento crucial para a manutenção das redes de *traceurs*, ultrapassando uma localização determinada. Poderíamos, assim, pensar nessa articulação que perpassa o “offline” e o “online”, isto é, o material e o digital, como uma forma de interagir potencialmente mobilizadora. Como “um tipo de mobilização dos coletivos que multiplica os atores, naturezas e sociedades” (LATOUR, 1994, P.71)

Numa breve pesquisa pelos perfis de facebook dos indivíduos que se reconhecem enquanto *traceurs*, podemos observar diversas referências ao universo do parkour: figuras como David Belle, Foucan e a máxima “être et durer” são constantemente mencionadas nas postagens desses atores, o que aponta, em certa medida, para um tipo de diálogo entre esses pares a respeito dos princípios e atores referenciais ligados ao parkour.

E quem são essas pessoas que fazem parkour? Durante minha pesquisa, acompanhei treinos com praticantes de idades que iam dos 6 anos aos 40, contudo optei por priorizar, sobretudo nas entrevistas mais aprofundadas, aqueles que estivessem há pelo menos 5 anos praticando, espaço de tempo que considerarei razoável para compreender as nuances do impacto do fenômeno nos indivíduos de forma mais ampla. O núcleo dos meus interlocutores possui uma faixa etária entre 18 e 35 anos, todos eles homens. A classe social predominante foi a média na AMP, enquanto em Campina Grande e João Pessoa, foi possível visualizar uma maior predominância da baixa classe média e da média classe média. Foi observada uma diversidade étnico-racial em ambos os contextos, sendo, entretanto, mais marcada nas cidades de Campina Grande e João Pessoa.

Feita essa breve apresentação do cenário de João Pessoa e Campina Grande referente ao parkour, destaco a necessidade de compreensão do parkour a partir das experiências diretas dos praticantes, aprofundando os aspectos que constituem essa prática, e, para isso, percorrendo os entrelaçamentos que suscitam e que emergem as linhas de constituição da experiência do parkour. Entender essas linhas pode nos levar a vislumbrar o alcance de discursos, trajetórias e campos de possibilidades dos atores envolvidos nessa prática (FERRO, 2016). Tal abordagem ultrapassa a perspectiva de apropriação do espaço, privilegiando não só o aspecto múltiplo de tessitura da cidade.

Vejo o parkour enquanto uma prática que nos permite entender os ambientes em suas ressignificações, ludicidades, ou, ainda, a própria cidade como “criada e articulada a partir de

um treinamento do corpo que permite perceber qualidades até então inacessíveis para um corpo não treinado” (MARQUES, 2010), mas, em especial, ressaltando as várias nuances do que é vivenciar o parkour, entendendo como são conectadas a distintas expressões e configurações, apresentadas explícita ou implicitamente em variadas narrativas que atravessam de maneira diluída – às vezes até contraditória – os mais diferentes contextos.

Uma metodologia tateante

Diante do cenário heterogêneo, comum dos centros urbanos, percebe-se que é necessário tanto adentrar no cotidiano da vida a fim de observá-la com detalhamento, como também “emergir do campo de pesquisa para estabelecer conexões, entender práticas, compreender sentidos e propor análises” (SILVA, 2015). A presente análise, como foi demonstrado, trata especificamente de um contexto urbano, mas não se limita a ele. A ênfase é dada buscando afastar-se das abordagens que privilegiam uma observação dicotômica e que procuram distinguir de modo marcante o cenário e o indivíduo.

Nesse sentido, enxergo a Etnografia, de modo geral, como um profícuo caminho metodológico para identificar a problemática aqui suscitada, de modo que a mesma apresenta um imenso potencial para a apreensão da dinâmica que é construída entre espaços indivíduos, sobretudo porque se trata de um contexto em que os discursos midiático, normativo e moral fazem-se presentes na construção de um imaginário a respeito das práticas e intervenções urbanas:

(...) Há uma gama de práticas que não é visível na chave de leitura da política (ou melhor, de uma certa visão de política); é justamente essa dimensão que a etnografia pretende resgatar. A incorporação desses atores e de suas práticas permitiria introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade, para além do olhar “competente”, que decide o que é certo e errado, e para além da perspectiva e interesses do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo (MAGNANI, 2012, P.258)

Sendo assim, a perspectiva etnográfica possibilita o afastamento de possíveis essencializações no entendimento do parkour, especialmente por tratar-se de uma prática que envolve uma articulação de espaços – geograficamente e socialmente próximos ou não - sendo praticamente impossível negligenciar os fluxos existentes entre tais contextos. Considerar, portanto, o caráter heterogêneo do parkour, pelos motivos anteriormente

mencionados, é necessário a fim de atingir uma merecida discussão mais ampla e complexa, que possa dar conta das transformações sofridas nos âmbitos espaciais, individuais e coletivos – e na correlação entre estes.

Ademais, vale refletir a relação desses elementos no seu aspecto glocal, diante da emergência do parkour em mundo extremamente influenciado pelas mídias digitais e marcado por fluxos que perpassam os cenários físicos e virtuais. Esse movimento de múltiplos referenciais promove uma plasticidade na conformação da prática em diferentes contextos culturais, mobilizando, portanto, o caráter local mas também global. Essa constatação é feita por Ferro (2016) e também corroborada por Pereira (2015), pois “o desafio para as etnografias contemporâneas está em pensar-se nesse ir e vir dos interlocutores da pesquisa. Ir e vir que envolve, inclusive, passagens sucessivas por âmbitos mais locais e outros mais globais, bem como alternâncias pelas instâncias de poder e de subalternidade ou de insurgência (PEREIRA, 2015, p.112).

Em vista desta pesquisa ter boa parte do seu aporte teórico em diálogo com a fenomenologia e com antropologia de Tim Ingold, minha proposta de explorar as questões da relação constituída entre corpo e ambiente busca inspiração em referências que trabalhem também nessa direção de compreender os entremeios existentes em práticas que elaboram movimento, mobilizam fluxos e exploram dinâmicas de engajamento no mundo. A seguir apresento as principais contribuições que orientam esta pesquisa.

Nesse contexto de pesquisas que interpelam uma malha de movimentos e fluxos, Britto (2013) sugere a ideia de “corpografias urbanas” como pista de análise nos estudos que envolvem o corpo e as práticas urbanas. Esta noção propõe compreender “a corporalidade das pessoas como uma síntese transitória dos processos vividos pelo corpo na cidade, que se expressa numa espécie de cartografia de experiências produzidas pelo e no próprio corpo (...)” (BRITTO, 2013. p.37-38). Este viés indica uma perspectiva de continuidade entre corpo e cidade, o que permite abordá-los enquanto elementos de um só processo de coplasticidade.

A partir dessa ideia, é possível pensarmos em uma dimensão interessante para o estudo do parkour, uma vez que considera a cidade a corporalidade dos seus atores como mobilizadores dos processos dos quais participam. Portanto, mais do que compreender a cidade em seus sentidos e usos, é necessário também identificar possíveis implicações recíprocas que são instauradas entre o espaço urbano e as corporalidades dos indivíduos. Analisando a dança a partir da noção de corpografia, Britto e Jacques (2008) afirmam

Reconhecer a cidade como um ambiente de existência do corpo, que tanto promove quanto está implicada nos processos interativos geradores de sentido implica reconhecê-la como fator de continuidade da própria corporalidade dos seus habitantes. A dança seria, então, um dos modos de que dispõe o corpo de instaurar coerências entre sua corporalidade e seu ambiente de existência, produzindo outras e diferentes condições de interação desafiadoras de novas sínteses – novas corpografias. (ibid, p.82)

Dessa forma, as autoras argumentam que o ambiente não se configura apenas como um espaço físico que se encontra disponível para uso, mas é campo mesmo de processos para o corpo, onde a relação entre eles gera tanto corporalidade quanto qualificações de ambientes. Assim, cada corpo pode experienciar vários ambientes, como vários corpos podem lidar de forma semelhante com a mesma situação, mas as corpografias, encaradas como experiências, acontecem de forma ímpar (BRITTO. JACQUES, 2012)

Nessa linha de experienciar os ambientes, temos em mente a questão da mobilidade, dos fluxos e dos atravessamentos espaciais, temporais e culturais que permeiam indivíduos e grupos . Para tanto, a noção de “etnografia dos fluxos” (FERRO, 2015) aparece-nos como uma adequada perspectiva a ser adotada no contexto dessa pesquisa, uma vez que considera a mobilidade de indivíduos ou coletivos relacionada de forma múltipla e complexa com os espaços, congregando, portanto, diversas perspectivas de análise que se adaptem à realidade dinâmica do e criativa do parkour. Destaque-se, ainda, a dinâmica atravessante dos fluxos por outros níveis de análise, como a imagem elaborada e registrada em fotografias e vídeos.

A utilização da fotografia e vídeos em campo – tanto feitas por mim quanto pelos traceurs - foi de grande relevância, pois, como destaca Ferro (2015), existe uma grande pertinência desses recursos no contexto do parkour , posto que há um forte apelo da imagem pelos traceurs, servindo, também, de componente a ser analisado. Dada a efemeridade do movimento, o registro por meio de fotos e vídeos é bastante acionado pelos praticantes, apontando uma forma de perpetuação da prática no tempo e no espaço (CALDEIRA, 2012).

Sobre esse ponto da imagem em registros fotográficos e de vídeo, retornamos para a questão do corpo, pois “as telas dependem da autoridade dos corpos. Sem os corpos, as imagens seriam vazias” (BELTING, 2012, p.189. tradução minha). Para além das imagens propriamente ditas projetadas pelos corpos nas fotografias e vídeos, existe um corpo que recebe essas imagens, e essa percepção – como toda a percepção do mundo – é feita com todo o corpo, pois todos mobilizamos todos os sentidos, mesmo diante da inerência de simbolizar. Dito isto, passamos pela compreensão de que a construção da narrativa do parkour ultrapassa

o discursivo, ou além disso, podemos mesmo pensar que o discurso é uma narrativa entrelaçada de experiência que resulta da atividade prática e da percepção (INGOLD, 2008).

Na mesma linha de pensamento, podemos destacar que a obra de Ingold, a qual busco estar diálogo constante ao longo desta tese, também fornece, a partir da sua própria formulação teórica, elementos que nos desafiam a pensar formas outras de explorar metodologias, especialmente, o fazer etnográfico. A análise das categorias como corpo, organismo, pessoa, ambiente, movimento, habilidade, técnica – caras ao tema do parkour – são a todo tempo mobilizadas e postas em perspectiva no trabalho de campo. Para o autor, “compreender o corpo é compreender o corpo e o ambiente como movimento” (INGOLD, 2011),

Assim como a etnografia dos fluxos (FERRO, 2015) e a análise das corpografias urbanas (BRITTO, JACQUES, 2008), a compreensão de Tim Ingold (2015) sobre a relação entre organismos e ambiente passa por uma preocupação em analisar os movimentos do e junto ao campo de pesquisa; de desenvolver, literalmente, um tipo de “observação-caminhante”. Nesse sentido, Iared e Oliveira (2017) destacam Ingold e outros autores de orientação filosófica do que chamam “virada corporal”. Essa perspectiva, de inspiração fenomenológica, defende uma ideia de que não existe uma mente num corpo pensado, significando e representando o mundo. O que existe é, na verdade, uma mente engajada que não distingue pensar-fazer e o sentir-estar em movimento, daí a necessidade de engajamento corporal também do pesquisador na situação estudada.

Ao encarar a problemática pesquisada como um uma dinâmica em processo, além das inspirações das abordagens etnográficas que citei, também busco referência na perspectiva da cartografia, a fim de experimentar esse movimento de “tatear” o campo. Não se trata, entretanto, de um exercício sem rigor, mas de uma ressignificação deste, deslocada para o compromisso com o movimento da vida. A cartografia é, pois, uma imersão no plano da experiência, de forma que não dissocia o conhecer do fazer, do acompanhar o caminho e constituir-se no caminho (PASSOS, et al, 2010).

Durante meu processo de pesquisa, optei, sob influência dos ensinamentos da Cartografia, apostar mais nas “pistas” do que nas regras de um esquema de investigação. Um exercício de atenção no trabalho de campo foi de grande relevância para a construção de novos delineamentos a respeito do que até então eu havia traçado. Essa atenção, vinculada também à afetividade desenvolvida com o campo, possibilita uma elaboração reflexiva de saber “com” e não de saber “sobre”, isto é, busca afastar em certa medida um possível

comportamento hierárquico de conhecimento sobre o campo que se investiga. Encarar, portanto, que toda pesquisa é um tipo de intervenção permite-nos enxergar a relação entre conhecimento com uma implicação, um engajamento no mundo (PASSOS. ALVAREZ, 2010).

Recursos metodológicos

A presente pesquisa foi desenvolvida com traceurs entre 18 e 40 anos, das cidades de João Pessoa e Campina Grande – PB e também com traceurs da área metropolitana do Porto, em Portugal, a partir da oportunidade de um doutorado-sanduíche por um período de 6 meses nesta última. Diante dos diferentes cenários, foi possível recolher dados e analisar discursos e práticas referentes ao universo do parkour no contexto paraibano e portuense, observando, principalmente, os elementos que apontam para a elucidação de uma crítica do corpo em relação à cidade e do parkour como prática para a vida, e não restrita a uma característica de “juvenil”, como às vezes têm sido consideradas erroneamente práticas urbana em geral. (FERRO, 2016). Para tanto, busco auxílio dos dados etnográficos acerca das sociabilidades, experiências corporais e cidadinas dos praticantes na Área Metropolitana do Porto e Campina Grande, trazendo em complemento a esta última, algumas informações também sobre dinâmica do parkour em João Pessoa, dada a sua articulação socioespacial com aquela.

Ressalte-se que todos os nomes dos praticantes utilizados ao longo dessa pesquisa são fictícios. Além disso, busco dar preferência ao termo “praticante” de parkour pois engloba outros termos como “traceur” ou a versão aportuguesada “tracer”, entretanto, estes dois últimos podem ser interpelados eventualmente sem incorrer em impactos substantivos na compreensão do texto, uma vez que todos se referem a pessoas que fazem parkour.

Os caminhos metodológicos foram diversos, passando especialmente pela Etnografia, observação-participante (e participação observante), diário de campo, fotografia, entrevistas, análises documentais de vídeos, fotos, textos, jornais e toda sorte de conteúdo disponível em plataformas digitais.

No tocante às técnicas de recolha de dados, destaco, a priori, a entrevista semi-estruturada, o diário de campo, a observação participante, a fotografia e também levantamento de dados a partir de mídias tradicionais e digitais. Em relação à primeira, pretende-se, com ela, entender aspectos sobre as trajetórias de vida dos traceurs, buscando elementos elucidativos sobre o indivíduo, o grupo, a prática, os espaços urbanos, entre outros. Já o diário de campo foi útil para confrontar constantemente as impressões de campo da pesquisadora

com dados passados e futuros, servindo, inclusive, de instrumento para (re)pensar as próprias categorias e modos de elaboração do pensamento a partir de um aporte teórico dos fluxos/movimentos mobilizadoras dos corpo (inclusive, em alguma medida, do meu próprio corpo). Também contei com alguns esboços e desenhos dos movimentos de parkour como uma extensão do meu diário de campo. O levantamento de dados nas mídias tradicionais e digitais serviu como complemento investigativo, especialmente no tocante à divulgação de material audiovisual pelos traceurs, bem como as informações trocadas em grupos, fóruns, o que torna possível explorar a etnografia virtual, em virtude da articulação, emergência e potencialização de sociabilidades que são suscitadas a partir da internet.

Estudar o parkour é mergulhar em uma infinidade de informações, nem sempre fáceis de sistematizar em um texto. Trata-se de uma prática complexa, carregada de aparentes paradoxos, mas que, ao final, nos evidenciam vivências muito ricas, experienciadas de maneiras distintas em cada lugar e por diferentes indivíduos e grupos. Assim, convido você, leitor, a fazermos juntos um pouco de parkour pelas próximas linhas.

Estrutura da tese

O texto é dividido em cinco capítulos. No **primeiro capítulo**, faço uma reflexão sobre os movimentos da pesquisa, discutindo as formas de entrada e adaptação ao campo, os caminhos metodológicos delineados para estudar o parkour e os desafios de desenvolver um estudo a partir de uma perspectiva “encarnada”, isto é, levando em conta os aspectos que elaboram uma experiência sensível, corpórea e afetiva.

Seguindo o debate em torno da experiência corpórea, trago no **segundo capítulo**, um panorama das Ciências Sociais, visando situar o debate teórico sobre o corpo desde os autores clássicos até os contemporâneos. Ao final, proponho um deslocamento do foco que é dado ao corpo até então para pensarmos o tema deste trabalho, partindo de uma abordagem fenomenológica até a contribuição de uma análise crítica ao representacionismo e à perspectiva cartesiana da dicotomia entre corpo x mente, norteadas pela teoria de Tim Ingold (2018).

No **terceiro capítulo**, exploro alguns aspectos das vivências com o parkour relacionadas com a experiência corporal dos praticantes. Busco trazer algumas elementos que nos ajudem a compreender formas de agenciamento, percepção e modos de aprendizagem

do /com o corpo enxergadas na dinâmica do parkour. Ensaio uma reflexão sobre como podemos exercitar a compreensão da prática a partir de uma reflexão pelos pés, como uma maneira de deslocar o centro perceptivo do corpo da cabeça/mente para o corpo como um todo.

No **quarto capítulo**, busco apresentar o parkour a partir de uma perspectiva de malha (INGOLD, 2018). Considero as várias dimensões que delineiam a prática a partir da ideia de linhas entrelaçadas. As linhas do parkour revelam-se, nesse contexto, enquanto diferentes experiências, e, entre elas, tento explorar alguns aspectos especialmente marcados pelos afectos (DELEUZE; SPINOZA), como também os relatos que tecem narrativas sobre trajetórias, além das observações de campo que nos auxiliam a vislumbrar um panorama mais geral acerca dos contextos estudados.

Por fim, o **quinto capítulo** apresento algumas reflexões sobre a experiência que é viver o parkour a partir de uma perspectiva de relação de engajamento do mundo pela ótica do habitar. Dentro de uma teoria da vida e do habitar, parte-se da ideia de que vivemos em um ambiente sem objetos (ASO). Essa análise é apontada por Ingold (2012) visando um afastamento do “problema da agência”.

Capítulo 1 – Jogando o corpo no mundo (do parkour) – notas sobre os movimentos da pesquisa

Talvez a primeira coisa a ser feita quando iniciada uma pesquisa seja a busca pela definição do que é o seu “objeto”. A partir daí, pode-se pensar os caminhos possíveis a serem trilhados no ato de explorar as hipóteses e de aproximar-se dos objetivos desenhados. Sendo assim, o que é parkour? Em uma busca rápida pela internet, ou em uma entrevista mais superficial, a resposta mais comum é a seguinte explicação: “é um movimento realizado de um ponto A para um ponto B, da forma mais eficiente possível”, eventualmente complementada por “a fim de ser útil” e, ainda “de maneira que o corpo possa ser e durar ao longo do tempo”. Tais aspectos estão presentes em maior ou menor medida em todas as experiências do parkour, uma vez que vêm desde a constituição dos seus primeiros delineamentos enquanto *Art du déplacement*, nos subúrbios franceses, com o grupo Yamakasi. Embora as vivências com a prática desdobrem-se de inúmeras maneiras, a menção ao grupo Yamakasi e a uma certa “essência” do parkour é, no geral, feita pela maioria dos praticantes, indicando ser uma referência importante a um tipo de capital atinente ao parkour.

Mesmo dentro de comunidades mais organizadas e com grande frequência de treinos coletivos e concepção de projetos, como é o caso da que pude conhecer no Porto, existem modos de encarar certos valores e práticas do parkour diferentes entre os indivíduos. Por exemplo, é possível observar, como foi mencionado por um dos praticantes, diferenças entre um “parkour old school” como uma prática mais “pura”, sem “firulas”, objetiva, eficiente e “parkour new school” que remete à incorporação de movimentos “não eficientes” tais como saltos mortais e, por isso, mais próxima do que se entende por *free running*. Tanto a comunidade analisada no Porto quanto em Campina Grande apresentam visões sobre a definição do parkour que não são unívocas, podendo cada sujeito trazer um elemento diferente à compreensão dessa prática. Com uma relativa segurança, o único ponto que poderia ser ressaltado a respeito de um certo consenso observado nos dois campos está na crítica à submissão do parkour enquanto subcategoria da Ginástica nos Jogos Olímpicos. O movimento “We are not gymnastics”, manifestado na forma de carta aberta por diversas federações de parkour, foi recebido por várias comunidades ao redor do mundo, as quais consideram o ato da Federação Internacional de Ginástica uma “apropriação” do parkour, menosprezando a autonomia da prática e dos seus atletas, subjugando-os a um esporte que tem bases e características extremamente distintas do parkour. Nesse sentido, ainda que a

crítica à inclusão do parkour nos Jogos Olímpicos enquanto subcategoria da Ginástica seja feita, os fundamentos dessas críticas repousam em visões divididas a respeito do próprio processo de esportivização do parkour. De um lado, podemos encontrar pessoas que acreditam no parkour enquanto um esporte regulamentado e até como via de profissionalização e meio de vida para os praticantes dessa atividade, e de outro, também podemos encontrar sujeitos completamente desfavoráveis à ideia do parkour como um esporte, de forma que esse processo esfacelaria a lógica “essencial” da prática enquanto modalidade livre e assente na noção de não competitividade. Estes são apenas dois lados com a finalidade de ilustrar diferentes pontos de vista. Em meio a isto, temos muitas outras formas complexas de encarar e vivenciar o parkour.

Construir, portanto, um modelo de interpretação do parkour, dada à heterogeneidade dos discursos e das vivências com a prática ao longo de todo o mundo, é uma tarefa desafiadora, especialmente se o objetivo for delinear um consenso. Meu esforço, portanto, é mais direcionado no sentido de sugerir algumas pistas que possam nos encaminhar à compreensão das multiplicidades enxergadas no mundo desse fenômeno, sem fechá-lo em uma definição específica. Não busco, dessa forma, pela “essência” do parkour, mas sim, pela compreensão do emaranhado das diversas linhas (INGOLD, 2018) que o constituem. Busco pelos agenciamentos, pelas linhas desse “crescimento das dimensões, numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE;GUATTARI, 1995, p.16). Por isso, intento realizar o presente debate mobilizando os termos referentes a algumas de suas facetas que ocorrem sob diferentes contextos: prática corporal, esporte, atividade física, filosofia, arte etc, sem fazer uma escolha definitiva entre nenhuma destas, tendo em vista que a própria prática se desdobra no social de diferentes maneiras – todas são diferentes linhas do mesmo emaranhado. Assim, optei por, na maioria das vezes, me remeter ao parkour enquanto “prática” ou “atividade” de forma que esses termos possam deixar uma margem mais ampla de conceituação, oferecendo abertura para os fluxos diversos das linhas seguirem com maior liberdade.

Além disso, ressalto que todas as outras escolhas e reflexões presentes nesse texto são frutos de uma relação de colaboração entre diversas pessoas, seja com os praticantes nos campos estudados, com praticantes que nunca encontrei pessoalmente, mas estabeleci trocas importantes de ideias por meio das redes sociais. Além disso, de grande importância foram as trocas feitas com colegas, professores e pesquisadores que encontrei ao longo da minha jornada durante o doutorado, com destaque especial para as discussões realizadas na

disciplina de “Corpos, política e afetos” ministrada pelos professores Ronaldo Sales e Luis Henrique Cunha no PPGCS, e que viria a ser um “ensaio” para o Devires – grupo de intervenção e pesquisa sobre corpos, afectos e política – um espaço de compartilhamento frutífero e plural, responsável por regar os rizomas de cada trabalho e experiência debatidos ali e do qual, o meu estudo não sairia ileso. Um trabalho, nesse sentido, nunca é feito somente a duas mãos, trata-se, também, de composição de um emaranhado (INGOLD, 2018), de uma multiplicidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que cresce propositadamente de maneira descompensada. Mas a construção de um texto, o jogo teórico-metodológico – e tático – repousa, em alguma medida, parte da responsabilidade nessas mãos que agora a escrevem. É um trabalho de edição, um experimento artesanal que é podado pelas regras acadêmicas, mas que também brinca com esta, escapando aqui, acolá, por algumas linhas de fuga. Por essas e outras razões, resolvi apresentar meu trabalho na primeira pessoa do singular, com a finalidade de não me esconder “sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural” (OLIVEIRA, 1996, p.27) mas acompanhado, também, de um esforço de não tornar o texto mera descrição intimista. Neste capítulo, busco explicitar as condições de produção da pesquisa, trazendo pontos importantes que, num contexto de intersubjetividade no campo em questão, contribuíram para a construção epistêmica do debate aqui posto.

1.1 Pensar caminhos metodológicos para uma prática em movimento

Para quem está “de fora” do mundo do parkour, é comum pensar que a prática trate de um tipo de esporte radical e perigoso. Isso se deve em muito à imagem difundida pela mídia de um certo estereótipo de parkour: saltos entre prédios de grande altura, escaladas e corridas frenéticas ao tipo “fuga de polícia”. O conhecimento do parkour se alargou em grande medida inclusive devido a esse imaginário espetacular e cinematográfico da prática, tornado popular especialmente depois do filme de ação francês *Banlieue 13* (B13 – 13º Distrito, no Brasil), protagonizado por David Belle. Esse tipo de parkour de fato existe e, por ser a sua faceta mais explorada pela mídia *mainstream*, acaba contribuindo para a construção de um senso comum do parkour enquanto um “esporte radical” ou uma “prática perigosa”. Contudo, ao adentrar no cotidiano da prática, nós somos levados a perceber que esses momentos mais “dramáticos” constituem a exceção.

Nesse sentido, ajustei meu foco a fim de compreender o parkour nas dinâmicas de aprendizado nos treinos, nos muito mais frequentes momentos de conversa e desenvolvimento de uma atenção ao movimento, no passeio pelas ruas, vielas, tateamentos pelos materiais das paredes, olhares para coisas que os leigos no assunto não percebem a primeira vista. Foi preciso, portanto, apreender o parkour para além das cenas cinematográficas como as apresentadas nos filmes de ação ou nos vídeos hiper produzidos, como do do grupo britânico *Storror*, isto é, sem pensar somente na “figura extraordinária” (WACQUANT, 2002), mas tentar, sim, aproximar a experiência de pesquisa da experiência dos treinos ordinários, das centenas de movimentos de *precisão* entre um degrau e outro, das incansáveis tentativas de escalada, dos exercícios de fortalecimento, das trajetórias de vida, experiências, aspectos sociais que distinguem os praticantes entre os contextos de Campina Grande e Porto. Além disso, fui percorrendo caminhos que me levaram à compreensão das negociações, discursos e fatores outros que de início podem se mostrar fragmentados em pontas soltas, mas que, aos poucos, vão tecendo o emaranhado no qual o parkour se encontra e o constitui.

Investigar o parkour abriu um caminho de desafios bem mais amplo do que pensei no momento da confecção do meu projeto de pesquisa. As dúvidas estenderam-se durante toda a trajetória do trabalho, na verdade. Inicialmente, desenhei um esboço de uma investigação na qual a etnografia seria privilegiada e outros recursos de coleta de dados fariam as vezes de complementação. Posso dizer que, sim, essa pesquisa tem sua orientação fortemente baseada na Etnografia, pelo que acabei de expor, mas que faz também um movimento de encontro – e de confronto – com outras reflexões, as quais, muitas vezes, apresentam elementos próximos do debate etnográfico, mas que também fornecem aspectos outros capazes de suscitar questionamentos e provocações no sentido de por em perspectiva um debate que não se reduz ao caráter metodológico. Ora, a metodologia não se inicia somente no campo de pesquisa, tampouco pode ser reduzida e apresentada estritamente no texto do que geralmente chamamos de “capítulo metodológico”. Apesar de entender a necessidade deste último no sentido de uma organização formal das ideias para o texto como um todo, as reflexões acerca dos procedimentos de acesso à realidade do campo são diluídas por todo o trabalho, constituindo, inclusive, as feitura da escrita – movimento em aberto, em constante diálogo, por vezes “traíçoeiro”, mas que constroi e descortina suas potencialidades (e limitações) a medida do seu desenvolvimento.

Metodologia, teoria e a pesquisa de campo são elementos de uma reflexão construídos em sinergia. Atrelar fatalmente uma metodologia a um campo do conhecimento também pode

sugerir algumas problemáticas, como é o clássico entendimento da Etnografia como o método por excelência da Antropologia. Realizar um estudo antropológico não implica desenvolver, por consequência inescapável, uma etnografia. Muito se justifica a Etnografia pela prática da observação-participante e vice-versa. Essas definições podem gerar algumas zonas nebulosas e acredito que seja interessante conversar um pouco sobre essas implicações, trazendo contribuições de algumas perspectivas que nos ajudem a navegar por esse debate, sem, necessariamente, resolver tais questões com vereditos sobre um assunto tão rico em possibilidades.

1.1.1 Seguindo pistas e movimentos

Para a presente análise, buscamos apresentar algumas contribuições que podem convergir para possíveis caminhos em direção a uma dinâmica de pesquisa antropológica, onde a educação da atenção ocupa o centro da proposta: são contribuições teórico-metodológicas que privilegiam o acompanhamento dos processos, dos itinerários e movimentos. Essas abordagens procuram explorar a pesquisa como uma prática corporificada como um todo, oferecendo perspectivas interessantes para alguns desafios da pesquisas que envolvem o exercício de análise pautado no que comumente entendemos por observação-participante.

Muitos dos materiais teóricos utilizados na presente pesquisa têm aspectos de inspiração fenomenológica, especialmente referenciados à Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (1999). Esta filosofia, que tem suas raízes em Edmund Husserl – mas diferencia-se dele no patamar no qual localiza o corpo-sensível – busca desenvolver um paradigma centrado na percepção. É a partir das relações do sujeito com o mundo que a percepção emerge, enquanto resultado do próprio corpo encarnado dos sujeitos. Assim, a corporeidade é incontornável para a abordagem de Merleau-Ponty, pois é do e pelo corpo que a dimensão do sensível é acessada.

Buscando aproximações metodológicas à Fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), destaco as possibilidades suscitadas a partir da Cartografia, abordagem impulsionada por Deleuze e Guattari (1995) e da Educação da Atenção, defendida por Tim Ingold (2010). Nesse sentido, esta tese possui características que buscam privilegiar a experiência perceptiva/corporal do sujeito no mundo (o que inclui a pesquisadora), levando em conta a dimensão fluida e processual da dinâmica estudada. Tanto a cartografia quanto a educação da

atenção convergem em direção à importância da “abertura para o mundo” enquanto atitude de engajamento fundamental para a identificação dos traços, linhas e forças que constituem o ambiente. Ambas perspectivas têm seus esforços voltados à compreensão dos fenômenos centrada na experiência do ser-no-mundo, em sua diversidade e complexidade.

A abordagem cartográfica questiona como se pode desenvolver um trabalho que priorize o aspecto processual em detrimento da apreensão de uma realidade dada. Mas não existe uma resposta fechada, exata. Existem pistas, traços que apontam possibilidades de caminhos. E estes vão sendo testados, postos em perspectiva, confrontados a medida que pensamos, criamos e fazemos pesquisa. Não se trata de um amontoado de técnicas de pesquisa sem nexos, mas de uma obra de imaginação, como bem coloca Adriano de León (2015) em seu trabalho etn-cartográfico num clube em João Pessoa-PB. Combinando a etnografia à cartografia, o autor procura congrega o procedimento desta em seguir as pistas e processos dos acontecimentos a partir da mescla entre pessoas e objetos, e o exercício daquela em significar as experiências.

Essa abertura urge pela implicação do pesquisador em práticas que possibilitem a atenção aos processos em curso, é um exercício de educar a percepção não somente com o olhar sobre os acontecimentos, mas também com o corpo engajado nos mesmos, levando-nos a trazer as experiências, suas complexidades e linhas de fuga para o centro da questão. Realizar um trabalho sob orientação cartográfica solicita, portanto, um exercício de abertura ao mundo onde está claro que tal movimento não se dá de forma neutra, pois não há separação entre conhecer e fazer, pesquisar e intervir – atos estes que ocorrem enquanto prática corporificada (COSTA, 2014). Trata-se, portanto, de um corpo-perceptor pretensamente e atentamente vulnerável aos acontecimentos.

Enquanto práticas corporificadas, podemos pensar a experiência vivida e transitória a partir da noção de “corpografia” proposta por Britto e Jacques (2012). Segundo as autoras, as corpografias são cartografias feitas pelo e no corpo, sendo manifestação das corporalidades que trazem à tona os resultados das relações entre a dimensão biológica do corpo do contexto ambiental. Perspectivar, assim, esse “corpo-criante” (POZZANA, 2013) enquanto lócus da vivência do conhecimento que manifesta sua experiência relacional com o fenômeno de investigação, encaminha-nos a perceber as poéticas da expressividade, da criação ininterrupta, dos rastros deixados e carregados pelo corpo.

Nesse sentido, podemos dizer que as corpografias dos praticantes de parkour apontam para processos de “deseducação” de técnicas corporais aprendidas ao longo da vida, seja na

forma outra de subir ou descer uma escada, de locomover-se em posição quadrupedal, ou mesmo de olhar um banco de praça e compreendê-la para além de uma estrutura cuja finalidade é sentar-se, enxergando como meio de possibilidades para movimentar o corpo do praticante de parkour. Desnaturalizar as técnicas do corpo envolve algum tipo de subversão aos padrões que emergem em contextos históricos e geracionais, recriando-os ininterruptamente, comunicando negociações entre o cotidiano e o extracotidiano, entre o normativo e o desvio, redescobrimo-se, então, enquanto corpo múltiplo (LEITE, 2015). Os corpos no parkour, ao descobrir-caminhos (INGOLD, 2005), são móveis e moventes, enquanto vivências que saltam, em alguma medida, para fora do ordinário, criam e recriam técnicas e modos de experienciar os espaços e as relações com aquilo que conforma o cotidiano.

É nessa esteira que o plano cognitivo é tencionado, no sentido de considerar que não existe ali uma estrutura dissociada da história; existe mais um “corpo atento e aberto no espaço, do que conteúdos acumulados em aprendizados cristalizados” (POZZANA, 2013. p.329). Seguindo essa linha, faz-se necessário voltar o olhar para as afetabilidades suscitadas a partir das corporificações que constroem e participam dessa malha relacional – estabelecida, também, no encontro entre humanos e não humanos.

O debate trazido pela cartografia, na medida em que traz à tona demandas em torno de uma forma de pesquisa-intervenção voltada à compreensão a partir da nossa postura, da nossa abertura ao mundo, aproxima-se também da noção de educação da atenção proposta por Tim Ingold (2014). Este autor interpela aquele conceito em várias partes do conjunto de sua obra, incluindo-a em sua discussão enquanto proposta alternativa ao esvaziamento da definição de etnografia.

1.1.2 Educando a atenção

A abordagem clássica da ciência, baseada numa perspectiva cognitiva representacional, advoga por uma apreensão científica da realidade que implica um observador alheio em termos de sua experiência. A partir desse viés, privilegia-se aquilo que supostamente se acessa em um tipo de exercício de observação distanciada, e não a trama que permeia o individual e o coletivo, os atravessamentos do conhecer e do criar o mundo. Além de Merleau-Ponty e seu paradigma da corporeidade contra o argumento representacionista cognitivista, destaca-se, ainda, a crítica fenomenológica de Hubert Dreyfus, cujas bases

encontram-se também naquele autor, mas principalmente na obra de Heidegger com a oposição deste ao pensamento cartesiano e defesa da centralidade do *ser* com seus encontros e não para si mesmo (HEIDEGGER, 2005)¹⁷. Partindo da observação dos primeiros estudos do Massachusetts Institute of Technology (MIT) sobre Inteligência Artificial, Dreyfus percebeu que os pesquisadores desse campo operavam com um paralelo entre cognição e representação: a mente processaria as informações de acordo a execução de um conjunto de regras, ou seja, de um programa de instruções (DREYFUS, 1992)¹⁸. Tanto Merleau-Ponty quanto Heidegger aparecem no argumento de Dreyfus contra o cognitivismo quando este, por exemplo, afirma que “is not that the mind is sometimes extended into the world but rather that in our most basic way of being—i.e., as skillful copers—we are not minds at all but one *with the world*” (DREYFUS, 2007, p.255). Assim, estar *com* o mundo implica uma ideia de abertura ao mundo, afastando, pois, os pressupostos de aquisição de conhecimento como parte de um processamento de informações baseado na disponibilidade representacional da mente.

Compreendendo, dessa forma, os fundamentos da crítica ao cognitivismo e a construção de uma noção de abertura que coloca o ser humano nos entremeios do mundo, percebemos como esta noção permeia a obra de Ingold e fortalece sua elaboração acerca das limitações da ciência cognitiva em enxergar as formas e capacidades dos seres humanos enquanto processos de desenvolvimento (INGOLD, 2010). Assim, é mais frutífero, segundo esse autor, pensar a análise antropológica enquanto uma prática de educação da atenção, um processo que se faz na abertura à correspondência – termo sugerido como análogo à “intersubjetividade”. Para além de descrever e representar, o movimento de correspondência trata-se de “responder aos acontecimentos por meio das próprias intervenções, questões e respostas (...) viver atencionalmente com outros” (Ingold, 2016, p. 408).

É seguindo esse fluxo de pensamento que Ingold vai tecer críticas ao próprio termo “Etnografia”, o qual parecendo estar saturado e confundido enquanto sinônimo de Antropologia. Seu status, seu significado, mais do que nunca, precisa passar de um momento de mero debate para a prática de alternativas de reelaboração daquilo que, não sem hesitar, ainda chamamos por “método etnográfico”. Nesse sentido, Ingold (2016) se opõe à noção

17 Para explicar essa ideia, Heidegger utiliza o termo *dasein* (traduzido para o português como “ser-aí” ou “presença”) para caracterizar o modo de ser humano como “ser com as pessoas que vêm ao seu encontro, nunca como um sujeito existente para si” (HEIDEGGER, 2001, p.182)

18 Dreyfus sofreu muitas críticas acerca da sua interpretação da obra mais geral de Heidegger, entretanto, suas contribuições no que tange especificamente à crítica da Inteligência Artificial são um importante referencial no escopo da crítica ao cognitivismo e à cibernética. Ressalte-se, ainda, que o alvo de Dreyfus citado aqui é o cognitivismo clássico, de forma que o autor já ofereceu, posteriormente, outros posicionamentos acerca de novas definições sobre tal ciência. Devido à complexidade própria da matéria, cabe uma consulta mais atenta sobre esse tema. O objetivo aqui é prestar tributo à teoria do autor, limitando-se a referenciá-lo.

engessada que atribui o aspecto da etnograficidade aos encontros ocorridos no âmbito de uma pesquisa antropológica. O autor sustenta a necessidade de não se perder de vista o compromisso ontológico e educacional da Antropologia, movimentos estes construídos a partir do conhecimento que emerge dos engajamentos colaborativos com as pessoas com as quais trabalhamos. A observação participante enquanto uma “maneira de trabalhar” pode ser erroneamente compreendidas como fases distintas de um trabalho, e essa separação, para Ingold (ibid.), ocorre devido aos protocolos da ciência normal, distinguindo a existência humana entre estar no mundo e conhecer o mundo.

Identificar, portanto, os rastros, traços e linhas deixados e carregados pelas vivências em um ambiente demanda um exercício de educação da atenção, pois assim é possível, a partir do engajamento pessoal e comprometido com o ambiente, acessar e entender os fluxos e linhas que se dão ao longo das relações que compõem as experiências (STEIL. CARVALHO, 2012). O estar no mundo em corporeidade, para Ingold, tem a ver com a participação nas linhas do emaranhado do ambiente, que estão sempre em movimento constante (NASCIMENTO, 2019). Não se trata de negar a etnografia e tampouco a Antropologia, mas de reavivá-los segundo uma compreensão do engajamento, de trazer, como diz Ingold “gente para dentro” dessa forma de pensar o mundo. Em outras palavras, engajar-se é pôr os sentidos à tona, pensar com olhos, mãos, pés, olfato, audição – não falamos de fazer uma antropologia dos sentidos, mas, sim, uma antropologia sensorial, onde fatores como corpo e afeto sejam privilegiados em todo o desenrolar da análise.

Em um rico diálogo com Deleuze e Guattari (2004), Tim Ingold (2012) reafirma o lugar das “linhas de fuga”, do movimento e dos fluxos proposto pelos autores, sugerindo uma revisitação a essa abordagem para propor a ideia de “malha” (meshwork) em oposição à de rede (network) – em uma crítica a Bruno Latour. Tanto Ingold quanto Latour convergem no que tange a uma negação da dicotomia entre um mundo dos seres humanos e dos materiais ou objetos, buscando reaproximá-los e repensá-los juntos a um esforço teórico sobre agência. Enquanto Latour (2012) constroi sua conhecida teoria do Ator-Rede mobilizando um exercício de identificar as associações ou conexões entre humanos e não humanos, distribuindo o papel da ação em termos de subjetividade também para outros atores que compõem as associações – e não o “social”, de forma que esta característica aponta quase que automaticamente para uma oposição à “natureza”. Já para Ingold (2012), a noção de malha permite incluir o ambiente que envolve uma coisa e seus fios que percorrem trilhas “ao longo de”, avançando a ideia proposta por Latour (2012) de “conexões entre”, a qual pode deixar

escapar o aspecto do fluxo enquanto caminhos de possibilidades: “Conforme se movem juntos através do tempo e encontram-se uns aos outros, esses caminhos se entrelaçam para formar uma imensa e contínua tapeçaria em evolução (INGOLD, 2015, p.34). Dessa forma, pensar em fios, linhas, ou devires que percorrem, que seguem “ao longo de” tem a ver com a construção de itinerários, incluindo, assim, a compreensão dos fluxos e transformações dos materiais, mais do que o estado da matéria em si.

Em outro trabalho, Ingold (2005) explora a ideia de “mapa” e dialoga com Merleau-Ponty (1962) e Gibson (1979), quando traz as noções de percepção e de “trilha de observação”, respectivamente. O ponto em comum para esses autores é de que não há um começo e um fim dos fenômenos – das trilhas de um mapa - que possam ser definidos com exatidão. A analogia do mapear com a dinâmica de aquisição de um conhecimento é feita a fim de elucidar que ambos os fenômenos acontecem na forma de um processo que “se compõe no engajamento do ator-perceptor móvel com o seu ambiente. (...) Conhecemos enquanto caminhamos, e não antes de caminhar” (INGOLD, ib, p.91). O autor em questão desenha seu argumento baseado na crítica ao Cognitivismo, afirmando que esses processos de conhecimento humano vão bem mais além do que uma simples operação isomórfica entre estruturas do mundo e estruturas da mente. Para construir esse pensamento, Ingold toma referência principalmente da psicologia ecológica, para a qual o processo de conhecimento se dá de forma complexa, como resultado de um emaranhado de relações, num dado contexto ambiental, onde o ator-perceptor está imerso.

O que a cartografia, a corpografia, a etnografia ou a educação da atenção apontam enquanto recurso metodológico a importância da do “caminhar”, do deslocamento - ou de atitudes próxima a tal - como atividade fundamental para a consecução dessas abordagens. Nesse sentido, diante da inexatidão própria da complexidade dos fenômenos, especialmente dos processos de conhecimento humano, podemos pensar, por exemplo, na dinâmica social do parkour, seus aprendizados, história da prática e trajetórias das vidas individuais atravessados por um tipo de experiência que interpela o movimento ao longo da formação do seu emaranhado de relações. Esse movimento é literal quando falamos no salto, na escalada, no equilíbrio sobre uma barra, na corrida quadrupedal, mas se trata, também, de deslocamentos, de processos de descobrir-caminhos enquanto se caminha. Trata-se de fazer e criar na errância, nos passos vacilantes e nos riscos, nos fluxos e trânsitos de um mapa que dialoga não diz respeito às grafias de um desenho no papel, mas com os aprendizados, transformações e reinvenções incessantes deixados e carregados pelos corpos.

Na esteira do que foi mencionado até então, os trabalhos realizados sob essas perspectivas que agregam processos, ambiente e ator-perceptor, têm o olhar voltado para a dinâmica do movimento e subsidiam um lugar importante ao corpo enquanto vetor ininterrupto de criação. Além disso, o aspecto da atenção tratada trata-se de um exercício de abertura aos acontecimentos, um ato de enxergar “pontas soltas”, fragmentos, movimentos emergentes e significantes que apontam para o caráter processual da vivência investigada. O ponto em comum entre as abordagens citadas está na relevância do acompanhamento dos processos, considerando, para isso, os movimentos que constroem a poética da complexidade relacional, atravessada pelo social, político, econômico e ambiental/ecológico.

Assim, impulsionada pelas contribuições dos trabalhos aqui suscitados, busquei desenvolver uma experiência de pesquisa em movimento sobre corpos móveis, em diálogo com ambiente e atores, atravessados e atravessantes ao longo do emaranhado das relações que os constituem e são constituídas em correspondência. Aos poucos vamos construindo esse *caminho-quebra-cabeça* da presente pesquisa: vamos trabalhar com as possibilidades que diferentes abordagens lançam sobre seus estudos e entender as convergências que nos ajudam na compreensão de uma metodologia sugerida para o parkour. Uma metodologia, adianto, que evidentemente, busca seu rigor, uma vez que se trata de um estudo científico, mas se arrisca em algumas errâncias e movimentos por sobre muros, texturas e, como não é incomum de tudo que se move: quedas. Como foi falado, de inspiração fenomenológica, esse trabalho, entretanto, não estabelece um compromisso preciosista com essa abordagem: leva em consideração o quesito, incontornável para a temática, do movimento, assim como do corpo e da experiência de todos os envolvidos em uma vivência de investigação acadêmica, rastreando as linhas que atravessam a Fenomenologia – especialmente a pensada por Merleau-Ponty – mas que também seguem fluxos para além desta. Sigamos.

1.2 Desenvolver pesquisa enquanto experiência encarnada

As reflexões que estiveram presentes no início da pesquisa foram desdobrando-se e tomando contornos outros ao longo do trabalho, especialmente a partir do momento da minha entrada em campo, precisamente, nos treinos de parkour. Tentar inserir-me em um mundo composto, majoritariamente - quando não totalmente - por homens levantou-me uma série de desconfortos que até então eu não havia experienciado em outros momentos de pesquisa. Além disso, o mundo das “atividades físicas” nunca foi algo exatamente próximo dos meus tipos de vivência. Este fato também me gerou um tipo de bloqueio no início, mas,

posteriormente, me suscitou muitos pontos que me apresentaram outras possibilidades de olhar para a temática que eu me propunha a estudar, deslocando conceitos, impressões, métodos e me ajudando, aos poucos, a perceber melhor como desenvolver estratégias de acesso e apreensão das práticas, valores e processos constituintes do campo pesquisado. Além disso, durante meu estágio de doutorado-sanduíche no Porto, Portugal, onde também realizei pesquisa de campo com praticantes de parkour, o fato de ser estrangeira exigiu uma série de manejos e reflexões sobre códigos que vão desde a mobilização da língua e das linguagens – inclusive não verbais¹⁹, como também a adaptação a um campo que, agora, continha outro tipo de atravessamento referente a minha nacionalidade.

A aproximação dos interlocutores, sendo uma mulher e não sendo uma praticante de parkour, exigiu de mim uma sensibilidade para compreender e traçar questionamentos em torno do meu ofício enquanto pesquisadora. Muitas vezes cheguei a me questionar qual melhor postura a adotar em campo: como transmitir a “seriedade” da minha pesquisa para os interlocutores? De que forma comunicar o tipo de pesquisa que estava realizando? Como me comportar em um ambiente predominantemente masculino e diante das circunstâncias inesperadas advindas desse tipo de relação? O que fazer exatamente em um campo cujo movimento é o eixo norteador da prática estudada? De que maneira acompanhar os fluxos e deslocamentos literais dos interlocutores? Como não fazer perguntas extremamente prosaicas e gerar um desinteresse por parte dos traceurs? Por fim, parecia-me mais fácil observar, o desafio era mesmo participar. Muitas “ilusões” foram se despedaçando ao longo da minha caminhada. Tive que voltar vários passos atrás, insistir em encontros que durante um tempo não me pareciam frutíferos o quanto eu esperava, sentir-me deslocada e, às vezes, um pouco insegura no meu lugar de mulher. Certamente nada de outro mundo para os relatos que conhecemos de muitos pesquisadores. Sentir o meu desconforto, entretanto, foi primordial para delinear os caminhos metodológicos, repensar constantemente o desenho da pesquisa e redirecionar algumas orientações previamente estabelecidas.

Encontrar um tipo de equilíbrio para dar continuidade ao estudo exige uma atenção muito minuciosa da pesquisadora, especialmente num campo de movimentos vários como acontece no mundo do parkour. Essa atenção, lado a lado com o desconforto e também com a excitação, partiu de uma observação cuidadosa dos corpos dos interlocutores e, sobretudo, do

19 Lígia Ferro, minha coorientadora, responsável por me acompanhar durante meu doutorado-sanduíche no Porto, em entrevista a Loureiro (2020) explicita muitas questões sobre sua experiência corporal enquanto pesquisadora, a importância da aproximação e comunicação não verbal com os interlocutores a partir do seu engajamento nas atividades. Disponível em <https://journals.openedition.org/pontourbe/9757>.

meu próprio corpo. Essa dimensão não norteou minha investigação nos seus primeiros passos – ela foi, na verdade, se descortinando – se mostrando necessária - aos poucos, entre idas a campo, conversas, entrevistas, leituras, consultas a materiais como vídeos, blogs, fotografias e envolvimento corporal com a prática e outros tipos de atividade física. Trazer para o centro da reflexão que eu e os praticantes de parkour somos, antes de tudo, seres “de carne, nervos e de sentidos (sensual e significante)” (WACQUANT, 2002, p.11) conforma grande parte da orientação teórica e metodológica dessa pesquisa. Meu movimento foi, em certa parte, parecido com o descrito por Wacquant enquanto pesquisador de pugilismo, seu trabalho não foi inicialmente propulsionado por uma vontade de comprovar a validade de uma sociologia carnal:

(...) na realidade, foi o inverso que aconteceu: é a necessidade de compreender e dominar plenamente uma experiência transformadora que eu não desejara nem previra, e que por muito tempo permaneceu confusa e obscura para mim, que me levou a tematizar a necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido de objeto (of the body), mas também *a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento* (from the body) (id, ibid. p.12. Grifo meu)

Essa experiência de pesquisa, cuja reflexão parte do próprio corpo, da própria sensação, das afetividades, expressas por medos, tensões, excitação, alegria, desconforto, dor, entre outros, levaram-me à compreensão de que o caminho de acesso e análise do meu campo atravessava esses elementos. Esse atravessamento não é superficial, pincelado, ele é vigoroso e potente para a construção do debate sobre parkour. Essa reflexão também é suscitada por Díaz-Benítez (2010) em sua obra “Nas redes do sexo”, onde a autora, ao estudar a indústria pornô brasileira a partir dos sets de filmagem dos filmes, dialoga com a teoria do *embodiment* de Thomas Csordas e afirma que suas sensações, seja tesão, vergonha ou outra, eram evidências de sua afetação, e esta, possibilitava seu engajamento no mundo investigado.

Não me tornei uma praticante de parkour, tendo somente treinado de fato, arriscado alguns movimentos, em algumas oportunidades. Assim, não cheguei a ser iniciada ou a realizar um tipo de “conversão moral e sensual” ao cosmos do parkour, tal qual Wacquant no pugilismo analisado em sua obra *Corpo e Alma*. Aproximo aqui minha experiência da deste autor, no sentido de um confronto, em certa medida, com meu próprio corpo. Voltar a reflexão, também, pro meu corpo-presença de pesquisadora, de mulher, de não praticante de parkour (ou de outra atividade física), e de estrangeira (enquanto no Porto), nada mais é do que considerar a experiência enquanto um estar no mundo. O exercício de compreender essas dimensões foi importante para toda a construção teórico-metodológica da pesquisa, desde as

escolhas e estratégias de investigação e acesso aos dados, até os conceitos, categorias e ideias-chaves para o desenvolvimento do trabalho.

Como citei mais acima, observar me parecia ser mais fácil do que o participar. Ir aos treinos, , observar os movimentos, caminhar entre os praticantes, conversar com eles, registrar por meio de escrita, fotografia ou vídeo tinham seus percalços no sentido de adaptação ao ambiente e às pessoas, mas certamente era mais tangível do que participar da prática de movimentação do parkour. Assim, sentia-me muito mais inserida em uma dinâmica de observação *acompanhante* (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010) do que de uma relação concreta de participação. Ainda que qualquer presença em dado campo constitua uma participação em maior ou menor medida, entendo que o meu estreitamento de fato com os interlocutores aconteceu de forma gradual, sendo fortalecida em muito por causa do meu auxílio com a gravação de vídeos e fotos para os mesmos e, posteriormente, diante da minha necessidade de mobilizar o meu corpo, em um grau diferente do até então colocado dentro daquela dinâmica.

Assim, movida pelas orientações da literatura exposta até aqui, bem como sobre cartografia e a educação da atenção, busquei adequar também meu corpo enquanto “meio técnico” de acesso à vivência investigada no campo. Vamos percorrer, agora, esse caminho e refletir sobre os “obstáculos” os delineamentos com os quais nos confrontamos ao longo desse percurso. Vamos explorar o trabalho de imaginação, os recursos teórico-metodológicos utilizados para tal e apresentar formas de negociação da pesquisa que me auxiliaram no processo de traçar e conduzir meu encontro com o mundo do parkour:

Registros fotográficos e videográficos dos treinos: Fazer uso da câmera fotográfica em campo pode gerar uma série de circunstâncias e, para evitar situações de afastamento das pessoas envolvidas na pesquisa, é necessário observar com muita cautela os limites e os momentos oportunos para tal. As fotografias têm sido utilizadas, cada vez mais, como um instrumento de análise profícuo nos trabalhos acadêmicos, seja como um intermédio técnico para a recolha de dados, mas, também, como uma ferramenta importante de acesso à realidade social, permitindo uma aproximação de outros tipos de linguagem para além da verbal (FERRO, 2005). Em diversos contextos, a fotografia assume um papel importante não só como meio de análise do social, mas também de construção do mesmo: não só exploramos visualmente o mundo, também estamos no papel criativo da visualidade do mundo (MARQUES, CAMPOS, 2017). No caso do parkour – e aqui destacamos também o grafite e o pixo – o registro fotográfico tem função social de fazer durar um momento efêmero, de

provar para outros indivíduos e grupos a autoria do feito e, também como forma de construir suas narrativas e estabelecer diálogos em espaços como a internet, a medida em que as fotos e vídeos são dispostos nas plataformas digitais (CALDEIRA, 2012; FERRO, 2005).

Assim, estamos diante de uma realidade de articulação entre o espaço da “rua” e do digital, em que a fotografia e o vídeo, especialmente dispostos na internet, compõem regimes de visibilidade, de comunicação, de narrativa, de identidade, de representação e de memória desses agentes sociais em questão (SIMÕES, CAMPOS, 2016), estar a par da importância da visualidade e dos recursos tecnológicos utilizados no contexto do parkour foi de extrema importância para minha pesquisa. Em praticamente todos os treinos de parkour são feitos vídeos e fotos pelos praticantes, seja para postar em suas redes sociais, para guardar e servir de avaliação, ou mesmo para registrar o momento de uma movimentação. Além disso, fotografar a partir de um “pano de fundo sociológico” revela como as imagens podem ser fabricadas e, por conseguinte, criar estereótipos espetacularizados da prática do parkour nos meios de comunicação (FERRO, 2005).

Sendo assim, comecei a utilizar a câmera muito timidamente no início da pesquisa exploratória, procurando observar a receptividade dos interlocutores com isso e tentando não atrapalhar os treinos ou me situar em lugares que pudesse obstaculizar suas movimentações. Registrar esses eventos, para meu próprio acervo de fotos e vídeos, sempre se mostrou uma tática interessante para consultar posteriormente os movimentos realizados nos treinos, facilitar o estabelecimento de uma linha temporal dos dias de prática de parkour e captar elementos presentes no ambiente que se relacionam com tal dinâmica – sejam indivíduos passantes de determinados lugares ou as coisas que compunham o espaço e eram escolhidos pelos praticantes como participantes de sua movimentação.

Assim, buscando alargar a compreensão do cotidiano do parkour como forma de potencializar a experiência das sensações com os elementos com os quais os praticantes estavam em contato direto, também procurei fotografar em modo hiper aproximado alguns materiais, como concreto, areia, terra, pedra, tijolos, entre outros – simultaneamente tateando-os. Essa aproximação dos materiais a partir do tato e das lentes da câmera auxiliaram-se no treino de uma certa sensibilidade para apreender a própria ideia de “coisa” enquanto agregado de feixes vitais de Ingold (2012). Assim como o autor chama a atenção para a observação da árvore nos seus detalhes constitutivos, em suas relações com microorganismos e animais e suas reações com o vento, considerando, portanto, a árvore enquanto coisa e não objeto, por este denotar um ente fechado, busquei, junto desses ensinamentos, alargar minha relação com

as coisas do mundo do parkour também nessa dimensão “micro”. Tatear, olhar detalhes, registrar imagens e analisá-las posteriormente também foi me ajudando a compreender os acontecimentos que ocorrem entre os materiais: pele, suor, água, borracha do tênis, concreto rugoso, paredes pintadas, madeira, tijolo, azulejo, areia pura, terra com grama e outros infinitos materiais que por uma limitação técnica minha talvez não constem na discussão desse trabalho. Esse esforço foi importante no que tange à aproximação do próprio debate acerca da agência das coisas no processo de produção do praticante do parkour, ponto que discutiremos em outro capítulo.

Figura 3: Detalhe de textura de pedra e prego em uma parede - Póvoa do Varzim



Fonte 3: fotografia da autora

Figura 4: Detalhe textura de parede pintada no Skate Park, Maia, Porto



Fonte 4: fotografia da autora

Figura 5: Detalhes de grama e terra no Parque da Criança, Campina Grande



Fonte 5: fotografia da autora

Aos poucos fui me sentindo cada vez mais segura para utilizar a câmera do smartphone ou câmeras fotográficas, como também comecei a ser interpelada pelos praticantes, que me entregavam suas câmeras e pediam para eu fotografar ou filmar algum movimento. Às vezes fazia “ao meu jeito”, e outras, eles intervinham, mostrando-me exatamente como me mover, a velocidade que eu deveria caminhar ou correr para

acompanhar uma sequência de movimentações, como eu devia estender os braços e mãos para apontar a câmera e os espaços mais interessantes para eu me posicionar e captar a cena de forma mais clara. Assim, a partir da minha observação e com os praticantes sugerindo melhores disposições para filmar ou fotografar, fui testando possibilidades com a câmera e também com o meu corpo-olhar. Além de aprender gradualmente o timing certo para as fotos e vídeos, passei a subir em paredes, bancos, a agachar-me, deitar no chão ou ficar em alguma posição específica com mais frequência: passei a movimentar-me mais ativamente com intuito de exploração do ambiente e de ângulos para os registros visuais (tanto pela câmera, como pelo meu “olhar”). A início, eu tentava captar os movimentos de forma mais “fiel” ao que eu estava vendo no momento, mas os cliques “errados” (seja por uma falha no *timing*, ou por não conseguir acessar um determinado ângulo etc) mostraram-me outros aspectos que eu não estava tão atenta no momento do registro.

Nesse sentido, o ato de fotografar/filmar mostrou-se de extrema valia no processo de pesquisa, tanto no aspecto de análise do fenômeno estudado, quanto de aproximação com os interlocutores, no sentido de uma certa efetivação da observação participante. Além disso, pude desenvolver, com ajuda dos praticantes, um “olhar-movimento” com a câmera mais acurado para o registro das imagens. O manuseio da câmera, ainda que de modo não-profissional, definitivamente foi indispensável para estreitar os laços com as pessoas, com os lugares, materiais, movimento e corpo.

Desenvolvimento de um “capital esportivo”: Wacquant (2002) discorre sobre a facilidade que ele teve em seu campo de pesquisa com pugilistas em Chicago por dispor de um capital inicial esportivo. Tendo experiência prévia com outras práticas esportivas competitivas, o autor mobilizava um certo conhecimento que considera indispensável para sua imersão no mundo das provas de boxe. Angel (2016) também cita sua familiaridade com vários esportes antes de adentrar enquanto estudiosa no mundo do parkour, tornando-se, tal como Wacquant, uma praticante da atividade analisada. Particularmente, eu não tinha experiência alguma com nenhum tipo de esporte ou outra atividade física. Podia facilmente me considerar uma sedentária. Não desdobrei uma análise sobre o parkour de forma a compreendê-lo a partir de uma Sociologia ou Antropologia do Esporte, mas faço a alusão ao texto do nosso antropólogo-pugilista, quando falo de um desenvolvimento de capital esportivo no tópico em questão para facilitar a categorização desse tipo de conhecimento, mas que eu poderia estender um pouco mais para a noção de de um capital “cinesiológico”, digamos assim. A

cinesiologia estuda o movimento, observando como as forças atuam sobre o corpo humano e como este se move a partir dessa dinâmica de forças. Evidentemente não trato aqui do desenvolvimento de um saber e uma forma de expressar cientificamente os movimentos tal como o fazem os profissionais da área (educadores físicos, fisioterapeutas, médicos etc). Mas sim, de um tipo de conhecimento que comumente chamamos, em outras palavras, de “consciência corporal”, termo frequentemente utilizado por praticantes de atividades físicas. Pois bem, senti que me faltava minimamente essa consciência corporal, por não ter experiência suficiente na prática de atividades físicas. Esse aspecto pode não ser extremamente crucial caso a abordagem escolhida pelo pesquisador lhe permita acessar seus objetivos sem fazer uso reflexivo dessa questão. Mas, para mim, foi um dos pontos que mais propulsionaram os meus questionamentos e os meus experimentos no campo. Todavia, ressalto que esse capital cinesiológico ou esse desenvolvido de uma consciência corporal voltada para esse tipo de atividade física não é da mesma ordem – ou ao menos não tinha a pretensão de ser - da operada pelos profissionais da educação física, estando muito mais dentro de um espectro “amador”.

Iniciei minha pesquisa com parkour basicamente em busca de entender as sociabilidades e usos dos espaços pelos praticantes dessa atividade, eixo pautado especialmente na bibliografia da Antropologia Urbana. Senti, entretanto, a medida que me aproximava mais da dinâmica do parkour, que aquele eixo não seria suficiente para dar conta da complexidade que me saltava aos olhos, do meu próprio incômodo com a falta de familiaridade, e do que, de alguma forma, os interlocutores me “apontavam” como um conjunto de elementos capazes de descortinar um outro olhar sobre a problemática do parkour. Senti a necessidade, para além da bagagem que vinha construindo na Antropologia Urbana, de buscar referências nos estudos cujo diálogos fossem travados com a Fenomenologia, especialmente em virtude dos fatores *corpo* e *movimento*, agora, ocuparem minhas principais indagações diante do confronto empírico. Indagações estas que começavam por essa aqui: o que exatamente eu vou perguntar sobre os aspectos ligados ao corpo e ao movimento no parkour – uma prática que trata necessariamente de *se movimentar*?

Eu não sabia como tecer as perguntas. E absorver conhecimento sobre aqueles elementos a partir de leituras, vídeos, fotografia e conversas não supria tanto o meu “despreparo” em matéria de atividade física. Por um tempo, mesmo indo diversas vezes a campo, especialmente no Porto, me senti frustrada porque ficava a sensação de que eu não estava alcançando bem o parkour e seus praticantes. Nos treinos coletivos, a dinâmica verbal

voltava-se evidentemente para considerações acerca dos movimentos, como também a piadas e palavras de apoio esporádicas e alguns diálogos maiores nos momentos de intervalo. Entre outros fatores que procurarei discutir ao longo do texto, num dado momento em que eu me sentia “peixe fora d’água” - o leitor pode agora achar meio óbvio - tive o seguinte lampejo: *estou parada num campo em movimento. Preciso que me mover, é isso*. Estar “parada” não deixa de ser um tipo de movimentação, a depender do referencial. Compreender o contexto das inércias no qual eu estava inserida era, portanto, um passo importante para me aproximar do emaranhado do parkour.

Não me tornei uma traceuse, nem mesmo cheguei perto de uma praticante de parkour. Mas comecei a arriscar algumas coisas e a me mobilizar em outros espaços a fim de desenvolver o mínimo de consciência corporal. Além de participar, eventualmente, de alguns momentos dos treinos de parkour, testando movimentos básicos, fiz aulas de defesa pessoal com base no kung fu, ioga e frequentei academia para fazer musculação. Comecei até a prestar mais atenção nos movimentos dos gatos que crio – indicação de um dos interlocutores: “preste atenção no foco que seu gato tem antes de pegar um inseto, as pupilas, a posição do corpo... veja se seus gatos não fazem o “tic tac” que nós fazemos nas paredes também, preste atenção nisso e depois me diga”.

A partir de então, com as dores provenientes das atividades físicas, algumas pequenas lesões decorrentes das minhas tentativas com o parkour, o aprendizado dos movimentos de defesa pessoal e os pontos estratégicos de mobilização do corpo, noção de espaço, a atenção na física das máquinas que eu utilizava para malhar e as movimentações até mesmo dos meus gatos, uma enxurrada de perguntas começou a surgir. Agora eu não sabia *o que não perguntar*. Voltei para as teorias e, aos poucos, fui construindo e filtrando os questionamentos oportunos para minha pesquisa, buscando dialogar com o aparato teórico escolhido para o trabalho.

Para incrementar esse “capital esportivo” também precisei conhecer bem uma série de vídeos, filmes e debates relacionados ao campo simbólico do parkour, tanto para ficar a par da temática que eu propus estudar, mas também para tornar as conversas mais fluidas no campo pesquisado. Por ser uma outsider no mundo do parkour e no das atividades físicas e esportivas de modo geral, temi ser, de alguma forma, repelida ou considerada “inútil” ou desinteressante para os fins dos treinos de parkour. Muitas vezes fui questionada se eu pretendia fazer um filme ou algo do gênero, sendo um verdadeiro desafio explicar meu papel de cientista social naquele meio e ser aceita no meio.

Vulnerabilidade feminina em um ambiente masculino: Assim como eu podia ser considerada uma outsider no mundo do parkour por chegar ao campo sem capital esportivo prévio, nem interesse propriamente dito em praticar a atividade, talvez a marca mais desafiadora, para mim, de ser negociada junto aos grupos pesquisados foi a do meu lugar enquanto mulher, dentro de um espaço predominantemente masculino (durante toda minha pesquisa, tive contato com duas jovens mulheres, muito ocasional e rapidamente). O tema da vulnerabilidade feminina em campo nem sempre compõe as agendas de debate nas Ciências Sociais, ponto o qual acredito ser importante ressaltar neste trabalho, pois a reflexão sobre esse desconforto, a partir do meu próprio corpo, foi também um catalisador relevante para a escolha por um viés teórico-metodológico que privilegia as dinâmicas de experiência – minha e dos interlocutores. Apesar de descrever aqui a minha experiência, atrelada evidentemente a minha subjetividade, a discussão trava diálogo com as experiências narradas por outras pesquisadoras que problematizam a questão da sua corporeidade em campo (BONETTI e FLEISCHER, 2007; LIMA, 2016; MORENO, 1996; NASCIMENTO, 2019; STRATHERN, 2014), os desafios de um fazer científico a partir de nossa inserção não somente em contextos de pesquisa marcados pela presença masculina, mas também diante de um padrão teórico socioantropológico eminentemente androcêntrico.

A partir de uma pesquisa encarnada, não pretendo criar uma visão unilateral, mas sim, caleidoscópica (NASCIMENTO, 2019), que possa apontar questões nas entrelinhas e criar tencionamentos acerca de uma perspectiva feminista sobre a praxis de pesquisa em determinados contextos de dominação masculina. Trata-se, ao invés de ser tomada pelos incômodos advindos da sensação de vulnerabilidade a ponto de afastar-me dessa discussão (e mesmo do campo), aceitar os desafios e enxergar as potencialidades derivados daquela situação. Ser uma mulher faz diferença tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele (BJERÉN, 2017) e esse fato e seus percalços precisam ser minimamente registrados na discussão sobre a construção dessa investigação, uma vez que transformam significativamente a ideia de uma suposta ciência objetiva e sem gênero (id, *ibid.*).

O início da minha pesquisa apresentou vários desafios no sentido de traçar os caminhos do trabalho, pensar e testar metodologias, apropriar-me de conceitos nativos, mover o meu próprio corpo, como citei, entre outros. Nenhum destes, entretanto, se mostrou mais laborioso do que empreender uma reflexão sobre a minha prática encarnada enquanto uma mulher pesquisadora, com a qual, por um longo período, precisei negociar minha presença e minha sexualidade com os agentes sociais de um campo majoritariamente masculino. Na

quase totalidade das minhas idas a campo, seja nos treinos coletivos ou individuais dos praticantes de parkour, eu fui a única mulher presente. Algumas situações foram me mostrando, aos poucos, que minha presença, principalmente marcada pelo meu gênero, poderia me impor alguns obstáculos a serem ultrapassados no que tange às técnicas mais prosaicas da observação-participante.

De forma meio fascinada, no início, com uma pesquisa nova, uma prática extremamente interessante como o parkour e cheia de dúvidas a serem exploradas, tendi a superestimar meu campo e as pessoas que ali estavam inseridas. E como precisei fazer a aproximação com os interlocutores sem um intermediador inicial, insisti e acreditei poder realizar sem muitas dificuldades o trabalho de campo de tipo “lobo solitário” (id.ibid.). É evidente que choques de realidade não são incomuns aos pesquisadores, mas as questões acabam tornando-se mais complexas quando envolvem aspectos ligados ao seu próprio bem-estar e segurança. Nesse sentido, fui confrontada por um considerável par de vezes com questionamentos incisivos ou abordagens de cunho sexual e afetivo, em meio a entrevistas feitas pessoalmente ou mesmo era interpelada pelas minhas redes sociais. Comecei a me questionar se eu estava fazendo algo de “errado”, mesmo tomando todas as precauções que eu já conhecia da minha experiência em outros contextos até então, além das dicas de outros trabalhos que havia lido. Nada como o “ao vivo”, entretanto.

Diante das situações vividas nas quais me senti constrangida, e, em um caso ou outro, até mesmo insegura, precisei me atentar mais ainda em relação aos encontros e locais para entrevistas. Também decidi chegar alguns minutos depois do horário marcado dos treinos, a fim de não ficar sozinha no local ou acompanhada de uma única pessoa. Em relação às abordagens nas redes sociais, assim como nas presenciais, busquei sempre na medida do possível, deixar clara minhas intenções com aquele tipo de interação. Passei, inclusive, a citar eventualmente a existência do meu companheiro à época da pesquisa, com o objetivo de afastar essas investidas. Podem parecer circunstâncias fáceis de lidar, mas havia todo um contexto muito delicado de aproximação sendo criado ali, e eu procurava sempre voltar para a compreensão de que meu ofício de cientista social iria envolver questões dessa ordem e eu precisava aprender, não sem negar minhas afetações, a manejar, refletir e potencializar essas experiências.

Existem mulheres praticando parkour, mas infelizmente não tive contato com elas durante os anos da minha pesquisa, nos dois campos analisados, exceto por algumas pouquíssimas vezes, com uma jovem praticante de 15 anos, no Porto e a namorada de um

traceur, em Campina Grande. Aquela se mostrava sempre muito introspectiva durante os poucos treinos que pude encontrá-la e não interagiu com os meninos com grande frequência. Já aquela última, ao acompanhar seu namorado em um treino, manteve-se afastada para fazer slackline, então resolvi chamá-la para treinar comigo e seu companheiro também e ela já mostrava conhecer alguns movimentos. Quando a questioneei se ela tinha interesse em fazer parkour, a mesma me respondeu que sentia receio de chamar atenção, de fazer algo “vergonhoso” que pudesse ser alvo de piadas, por isso preferia o slackline, o qual ficava mais restrito a um determinado espaço, podendo ficar a sós com o elástico, sem interagir muito com o restante do lugar e das pessoas.

Essa descrição sobre a sensação de vergonha relatada pela interlocutora acima coincidiu com a minha própria experiência. Eu sentia vergonha de chamar atenção, de fazer algo muito constrangedor. Ocupar um espaço de forma “alargada”, isto é, deslocando-me com frequência por entre suas partes, movimentando meu corpo de diversas maneiras, não me deixava de modo algum confortável. Além disso, o fato de não haver outras mulheres treinando junto aos meninos também me causou, durante um considerável tempo da pesquisa, uma certa resistência à ideia de participar dos treinos. Gostaria de pontuar especialmente essa ideia de “chamar atenção”: ser uma mulher num campo onde a representatividade feminina é extremamente reduzida pode provocar esse tipo de sensação e até uma repulsa em participar de uma atividade que mobiliza o corpo de forma pronunciada, ainda mais, quando essa atividade é principalmente realizada em espaços públicos – lugar historicamente negado às mulheres (ROSALDO, 1974).

Destaco que tais situações que experienciei foram pontuais e seria injusto fazer parecer que essa dinâmica é algo próprio do campo que pesquisei. Na verdade, esses relatos nada mais são do que o reflexo de uma problemática que se estende por todas as dimensões do social. Trago esse debate, em diálogo com outras discussões feitas também por mulheres antropólogas, no sentido de reforçar a importância de se pensar acerca da pesquisa científica supostamente objetiva, sem gênero e sem corpo.

Foi preciso passar por essas circunstâncias para ir traçando estratégias de comunicação e encontro com as pessoas, antevendo cenários e criando alguns meios de autoproteção. Todavia, isso não era suficiente para evitar uma totalidade de situações, pois não existe manual algum que nos torne completamente ilesos aos imprevistos. Também havia o receio de colocar em risco a própria pesquisa, caso alguma atitude minha agisse no sentido de repelir algum dos interlocutores e o impacto que isso poderia ter dentro da comunidade inteira. Era

preciso um equilíbrio para enfrentar o caminho sem cair no desânimo que às vezes me ameaçou. Ao saber manejar minimamente esses desafios, desenvolvendo “jogos de cintura”, o caminho passou a ser muito mais confortável para enfrentar as “saías justas” (BONETTI e FLEISCHER, 2007).

Mídias sociais e visões políticas: A teoria dos grafos desenvolvida em 1736 pelo matemático Leonhard Euler busca estudar as conexões entre elementos de um mesmo conjunto, sendo tais grafos representados por nós, interligados por arestas, formando, assim, as redes. A teoria de Euler influenciou diversos outros estudos a desenvolverem modelos de análise baseados na compreensão das estruturas das relações, de modo que a Sociologia também recebeu esse impacto, especialmente nas décadas de 1960 e 1970 com o paradigma da Análise Estrutural (RECUERO, 2004). As redes sociais, assim, apesar de popularizadas na última década enquanto sinônimo de “mídias sociais” - os sites ou aplicativos de interação social na internet - não constituem uma ideia formada na contemporaneidade, sendo, portanto, nada mais do que uma forma de análise com ênfase na interação, seja no mundo “online” ou “offline”. Tratando-se, pois, de interação, e este tipo constituindo um dos principais aspectos da realidade social, faz com que a materialidade digital seja parte, também, dos emaranhados do parkour.

É inegável o efeito das mídias sociais e aplicativos na internet na dinâmica social como um todo, especialmente as plataformas como *youtube*, *facebook*, *instagram*, *twitter* e *whatsapp* que têm um alcance social significativo. No caso do parkour, prática que é difundida principalmente pela internet, torna-se crucial desenvolver uma familiaridade com tais sites e aplicativos como fonte e espaço de pesquisa, dado que uma relevante parte da constituição e fortalecimento das interações entre praticantes de parkour desdobram-se nessas plataformas. A minha aproximação dos interlocutores foi primordialmente facilitada por essas mídias digitais, especialmente o facebook e instagram. Como mencionado, eu não tive uma pessoa que pudesse mediar os primeiros contatos, de forma que eu selecionei alguns perfis e enviei mensagem privada, na qual eu me apresentava como estudante que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre parkour, dizia que havia visto o perfil do praticante ao realizar buscas sobre o assunto e perguntava se havia a possibilidade de conversar um pouco sobre o tema. A maioria das mensagens foi respondida e, após a aproximação ser permitida, eu adicionava o interlocutor, à convite meu ou dele, à rede utilizada para o contato, seja facebook ou instagram. Optei por não criar uma rede específica para essa interação, pois senti

que poderia soar como “fake” - um perfil falso - ou algo do gênero. A medida que fui adicionando os praticantes, criei uma rede de “amigos em comum”, o que acredito que também foi tornando mais a minha abordagem mais “confiável” quando eu entrava em contato com novos praticantes.

É preciso ressaltar, em meio a essa dinâmica atravessada e atravessante pelos desdobramentos do digital, que todo estudo é feito em um tempo e um lugar. Essa pesquisa, tendo sido realizada entre os anos de 2016 e 2020, esteve situada num período de contexto político muito acirrado, envolvendo desde o golpe de estado que resultou no impeachment da Presidente Dilma Rousseff até a eleição e mandato do Presidente Jair Bolsonaro e sua atuação frente a pandemia do Covid-19. Esse contexto precisou ser considerado em alguma medida para não oferecer óbices à fluidez do trabalho, especialmente em razão das redes sociais digitais serem, atualmente, os principais canais de opinião e visibilização da nossa identidade política e, também, os principais meios de contato com os interlocutores.

Diante de um campo heterogêneo de praticantes de parkour, especialmente homens, eventualmente me deparei com visões políticas divergentes da minha, seja em relação às gestões presidenciais, seja sobre temas relacionados a gênero, compartilhadas em suas mídias sociais. Percebi, entretanto, que compartilhar conteúdos nas minhas mídias que indicassem o meu posicionamento diante desses temas podia oferecer uma certa antipatia inicial a alguns interlocutores, o que me causou algumas poucas, mas significativas, exclusões, mesmo eu nunca tendo falado sobre tais assuntos nos meus primeiros contatos. Optei, assim, evitar uma divulgação muito explícita sobre minha visões políticas nas mídias sociais a fim de não gerar possíveis resistências quando das oportunidades iniciais de aproximação. De toda forma, ao longo da minha relação com os interlocutores, não escondi minhas considerações sobre temas políticos, especialmente se eu era indagada sobre. Busquei, ao máximo, tentar estabelecer um diálogo ameno e aberto, inclusive como estratégia de compreensão da diversidade de lugares sociais experienciados pelos agentes e potencialmente reverberados na dinâmica de suas vivências com o parkour.

Apresentadas essas notas sobre os movimentos da pesquisa – tentativas de compreensão e adequação da teoria e da metodologia para o parkour, vamos seguindo a tatear os materiais, a arranhar pele, sentir dores, a respiração ofegante. Vamos cair, levantar, desistir,

continuar... vamos seguindo pelos emaranhados a fim de captar algumas das tantas linhas que constituem esse novelo e saber quais os caminhos podemos conhecer sobre a produção do traceur: processos de aprendizagem, relação com o ambiente, materiais, texturas, trajetórias e experiências de vida de indivíduos em realidades sociais diferentes nas cidades de Campina Grande-PB e Porto-Portugal. Seguindo por essas vias, vamos estar atentos, também, para as dinâmicas de aprendizado e vivências que nos revelam aspectos dos processos corpóreos e afetivo que constituem o emaranhado do parkour. São muitas linhas – muitos movimentos de salto e ultrapassagem: arrisquemos alguns, a começar por uma compreensão geral do debate em torno do corpo, presente no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 – PERCURSOS TEÓRICOS SOBRE O CORPO

Neste capítulo, busco delinear um certo panorama das Ciências Sociais, visando situar o debate teórico sobre o corpo desde os autores clássicos até os contemporâneos. Ao final, proponho um deslocamento do foco que é dado ao corpo até então para pensarmos o tema deste trabalho, partindo de uma abordagem fenomenológica até a contribuição de uma análise crítica ao representacionismo e à perspectiva cartesiana da dicotomia entre “corpo x mente”, norteada pela teoria de Tim Ingold (2018).

2.1 O debate sobre o corpo no contexto social e institucional da América Latina

O resgate do corpo enquanto objeto de estudo, especialmente voltado a uma abordagem preocupada em extrapolar as explicações reducionistas ligadas à biologia, alargou-se por entre as mais diversas áreas, como a antropologia, psicologia, filosofia, história, estética, linguística, semiótica, economia, ciência política, etc (FERREIRA, 2013). Essa virada surge inserido em uma dinâmica de ordem política, animada especialmente pelos movimentos sociais a partir da década de 1960 (LeBRETON 2017; FOUCAULT 2013). Os protestos dos corpos precarizados do proletariado a respeito das condições de trabalho e também as reivindicações impulsionadas pelos movimentos feministas, sobretudo nos anos de 1980, apoiadas no apelo pela liberação sexual e reprodutiva forneceram um contexto pulsante para as reflexões científicas em torno do corpo (LeBRETON, 2017). Entretanto, vale salientar a questão em torno do corpo tornou-se mais do que um tema de ordem social, mas sim, um fato social acadêmico (ALMEIDA, 2004).

Se olharmos especificamente para o cenário latino-americano, veremos que a problemática em torno do corpo é potencializada em conjunto aos movimentos sociais, sendo notadamente refletida, anos depois, na profusão do debate acadêmico sobre corpo, afeto e emoção nos eventos científicos ligados às Ciências Sociais (RAMOS, 2011). Apesar da forte influência dos movimentos sociais na construção do debate em torno do corpo nas Ciências Sociais, é necessário pontuar que essa preocupação não se restringe à efervescência daquelas reivindicações, mas sim pela onda de mudanças nos significados sociais em torno do corpo, estimulados pelas lutas coletivas (SHILLING, 2013). e por um esforço pluridisciplinar em

constituir o corpo “enquanto objeto científico heteróclito na sua multidimensionalidade e polissemia” (FERREIRA, 2013. p.496)

No que tange ao contexto social do Brasil, notadamente ao fim da década de 1970, é importante ressaltar o papel do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental, o qual, ao denunciar os abusos nas instituições psiquiátricas e a precarização do trabalho, impulsiona o movimento pela Luta Antimanicomial (AMARANTE, 1995). As disputas em torno da institucionalização da saúde mental contribuem para o confronto a um modelo tecnológico de poder cuja função era a de normalizar e disciplinar os corpos desviantes dos parâmetros da Civilização Moderna, integrando os serviços especializados e a sociedade civil em torno da luta por melhores condições de trabalho, de tratamento e acolhimento dos indivíduos. Esses debates no Brasil não surgem diretamente vinculados aos trabalhos desenvolvidos por Foucault, mas posteriormente encontram respaldo em sua obra, incrementando o escopo do discurso da luta antimanicomial.

Ao observar a produção científica e a orientação dos debates nos eventos nacionais e internacionais, com foco especialmente nos ocorridos na América Latina, notadamente no Congresso do ALAS, Ramos (2011) destaca os principais níveis analíticos em relação ao estudo da temática do corpo como sendo: o corpo e a dimensão da experiência subjetiva; o corpo e a dimensão da interação; o corpo e a dimensão das práticas; o corpo e a dimensão institucional; o corpo e a dimensão das representações; o corpo e os vínculos afetivos. Mesmo diante de um esforço em distinguir uma perspectiva latinoamericana, a autora pontua que a fonte teórica da teoria filosófica, social e sociológica encontra-se centrada nos autores da Europa e Estados Unidos. A nível regional, destacam-se as temáticas voltadas, de um lado, para o corpo, identidade e alteridade e, de outro, para as questões sobre corpo, poder e conflito.

Não se trata de afirmar, portanto, que existe uma Sociologia do Corpo tributária da América Latina, mas sim, um espaço de debate a partir da troca de pesquisadores e estudiosos das Ciências Humanas, cujas influências inevitavelmente perpassam pelas contribuições de matriz inglesa e francesa (RAMOS, 2011), mas que também elaboram investigações dedicadas a compreender questões regionais, desenvolvendo agendas e projetos impulsionadores da institucionalização do corpo enquanto matéria das Ciências Sociais.

Nesse contexto, a discussão em torno do corpo emerge principalmente diante do questionamento sociológico sobre a distinção entre natureza e sociedade, fortemente marcado pelo legado cartesiano do dualismo mente/corpo (FERREIRA, 2013). Trazer a temática para

um espaço de debate que oferecesse outras explicações além dos parâmetros preconizados pelos discursos médicos e biologizantes acerca do corpo também fez parte do projeto das Ciências Sociais em institucionalizar um objeto de investigação enquanto fruto de uma conformação sociocultural. Entretanto, por muito tempo, o corpo ocupou um estatuto dual na sociologia, estando, simultaneamente, presente e ausente: presente no sentido de ser um animador da imaginação sociológica e ausente por falta de abordagens explícitas sobre ele (SHILLING, 2013). Apesar de inúmeras teorias e investigações estarem preocupadas com a dimensão da incorporação humana, elas raramente desenvolvem uma aproximação direta com o corpo, o qual aparece de forma subteorizada (idem, ibidem) ou como algo dado.

LeBreton (2017) também aponta para esse estado do corpo na sociologia, afirmando que houve três fases correspondentes a três formas de mirada sobre a temática do corpo. A primeira fase desse processo relaciona-se com o próprio início das ciências sociais, figurado pelos nomes clássicos desta disciplina, a qual não negava a dimensão corporal dos processos sociohistóricos, mas também não detinha um foco específico em analisá-los. A segunda fase é o que LeBreton chamada de “Sociologia em pontilhado”, momento marcado pelas contribuições de nomes como Hertz, Simmel, Mauss, Elias, bem como dos estudos etnológicos; em todos eles houve um incremento no esforço de análise do corpo, ainda que sem sistematizar os elementos referentes ao mesmo. Por fim, a terceira fase vai ao encontro do nosso presente, ainda em delineamento, mas que se propõe a construir um campo cujo centro é especificamente a corporeidade. Uma análise sobre a produção relacionada aponta que ainda parece haver um grande e desafiador caminho para explorar não só para uma sociologia e uma antropologia do corpo propriamente dita, mas para tratar da cultura a partir de uma perspectiva em que o corpo seja analisado enquanto elemento constitutivo e constituído pela cultura, mas também repensado enquanto própria categoria de análise. Vamos caminhar um pouco pela trajetória desse elemento nas Ciências Sociais a fim de percebermos as nuances que o mesmo foi tomando ao longo de algumas perspectivas.

2.2 O lugar do corpo nos clássicos

A institucionalização do corpo num campo de debate sociológico é relativamente recente, mas é possível percebermos os embriões desse debate já presentes nas obras clássicas. Apesar dos “pais fundadores” da Sociologia não centrarem seus debates em torno

do corpo, estando muito mais dedicados a pensar o ator humano em termos de escolha racional dos fins (Turner, 1991, *apud* Shilling, 2013), eles forneceram algumas “pistas” que nos levam a entender os fundamentos da disciplina em questão.

Scribano (2013) afirma que é possível encontrar sinais de uma produção sociológica acerca dos corpos e das emoções na obra de Karl Marx, aludindo para um certo fundamento da temática neste autor. Para isso, ele analisa sobretudo os Manuscritos de 44, texto no qual acredita ser possível evidenciar explicitamente as provas dessa discussão. Três eixos transversais são visualizados por Scribano capazes de elucidar as pistas de uma sociologia do corpo e das emoções na referida obra de Marx. O primeiro eixo diz respeito ao corpo, em suas pluralidades, enquanto instância do biológico/genético que se desenvolve em relação com a práxis, sendo, portanto, os sentidos, meios de apropriação e reapropriação do mundo. O segundo eixo é centrado em perceber como o capitalismo interfere nos sentidos e nas atividades humanas e quais os processos suscitados a partir da relação de expropriação da vida. Por fim, o terceiro eixo revela a elaboração de um imaginário social como dispositivo que age em cima do gozo, do desfrute e da paixão, e a partir do qual é possível entender melhor os processos de aceitação, naturalização e incorporação de uma moral destinada a um certo ordenamento.

A teoria de Marx fornece apontamentos importantes para uma sociologia dos corpos e emoções, sendo, especialmente, uma via de crítica voltada para o social. Essa crítica é centrada em perceber como as relações entre impressões, percepções, sensações e emoções são estabelecidas e mobilizadas no sistema capitalista (*ibid*). Nessa abordagem oferecida por Marx, é possível destacar que “o corpo foi simultaneamente uma entidade social e biológica que estava em estado constante de tornar-se, e possuía potencialidades transcendentais capazes de serem plenamente realizadas apenas dentro de um futuro Estado Comunista” (SHILLING, 2013. Tradução minha)

Já em Durkheim, encontramos o elemento da sensação como a premissa da qual a ciência deriva: é a partir desse olhar que o autor constrói sua obra localizando o debate sobre as sensações em um importante espaço no qual concentra um dos seus esforços analíticos. Na sua visão, a sociedade estava apoiada em três importantes pilares: a disciplina, a emoção e a felicidade (CHAHBENDERIAN 2013). Assim, os sentimentos são equivalentes às sensações, constituindo-se como o meio primordial de tomada de consciência do indivíduo sobre si mesmo e sobre sua história, colaborando, assim, não só para o entendimento pessoal, mas também para a consciência comum. As paixões operam como uma força intrínseca e podem

interferir no processo de internalização da coerção social, sendo necessário, portanto, um disciplinamento moral que exerça uma espécie de “docilização” das paixões (*ibid*).

A teoria de Durkheim, enfim, deságua no debate sobre corpo, de um lado, pelo espaço ocupado em sua teoria sobre a sensação como instância primeira para a realização dos fatos sociais e, por outro lado, também, pelo modo como o autor encara a sociedade enquanto corpo social. Dessa forma, o Estado, ocupando o lugar de “cérebro” desse corpo, deve proceder de modo a internalizar a disciplina nos corpos que conformam essa sociedade “regulando, moderando e determinando os elementos primários como as sensações, os instintos, os reflexos e os impulsos vitais, que expressam um estado de espírito ou de alma fazendo-os permeáveis aos mandatos morais correspondentes” (*ibid*, p. 78. tradução minha). Durkheim não se debruça propriamente em um esforço de compreender o corpo, muito em virtude do seu projeto de construção da disciplina sociológica, o qual preocupava-se em delimitar uma área do conhecimento distinta das ciências biológicas e psicológicas, entretanto, vale considerar que houve sim, um esforço em analisar como os fatos sociais foram incorporados das disposições corporais dos indivíduos²⁰ (SHILLING, 2013).

Ainda resgatando indícios sobre a temática do corpo nas obras clássicas das ciências sociais, destacamos, também, o lugar de Georg Simmel. Este autor, muito influenciado pela filosofia alemã, especialmente no que tange à relação indivíduo-sociedade, delinea suas teorias voltadas para a compreensão da percepção individual frente à profusão de objetos culturais e às mudanças na produção do espaço próprias da Modernidade (DETTANO, 2013). Em duas de suas obras podemos perceber o tom simmeliano a respeito do corpo e da emoção, são elas: “As grandes metrópoles e a vida do espírito” e “A aventura”. Enquanto aquela traz para o centro da discussão a grande cidade, a qual, por sua vez, reflete uma emocionalidade e uma condição para o corpo, no texto “A aventura”, Simmel delinea uma ideia de emocionalidade assinalada pela “espontaneidade e pelas vivências entregues ao acaso”, marcadas principalmente pelas sociabilidades, das mais cotidianas às mais extraordinárias (*ibid*).

A relação que a obra de Simmel toma com o corpo e com as emoções pode ser vislumbrada no tipo de emocionalidade específica, própria dos grandes centros urbanos, na sua relação com o dinheiro, consumo, formas de habitar, viver e relacionar-se – com os sujeitos e com os objetos -, e todos estes, por sua vez, vão montando e atualizando o escopo de sensibilidades presentes nas grandes urbes e provocando efeitos nocivos sobre o caráter

20 Shilling (2013) exemplifica os estudos de Durkheim sobre os casos do uso de tatuagens pelas sociedades totêmicas enquanto expressão da identidade e coletividade desses grupos.

corporal das pessoas (SHILLING, 2013). É dessa abordagem que conhecemos o “caráter blasé” - um tipo de subjetivação de distanciamento necessário para o indivíduo moderno sobreviver diante da gama de estímulos ao qual é frequentemente confrontado. Ainda, Simmel não deixa de considerar os momentos de ruptura que, mesmo influenciados pela lógica do consumo, estão inseridos em uma busca por relações de afeto ligadas, de alguma forma, às qualidades mais pessoais dos sujeitos (DETTANO, 2013).

Seguindo ainda os clássicos da Sociologia, Weber também fornece elementos indicadores de uma certa preocupação com a dimensão corporal, especialmente voltada para a racionalização do corpo inserido na ordem burocrática. Em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber destaca os desdobramentos de caráter psicológico envolvidos no processo do capitalismo moderno, reverberando em uma disposição voluntária do corpo à austera rotina de trabalho exigida pela lógica da acumulação de capital (SHILLING, 2013).

Feita essa breve apresentação das contribuições dos clássicos em torno de uma disciplina sobre o corpo, Turner (1991, apud Shilling, 2013) aponta algumas questões interessantes para pensarmos os porquês desses autores não terem voltado suas preocupações diretamente sobre o corpo. A primeira delas diz respeito aos fundamentos de um projeto disciplinar, nos quais as problematizações mais presentes procuravam responder às questões em torno das transformações políticas, econômicas, urbanas e sociais ocorridas na Europa no fim do século XVIII e começo do século XIX. Em seguida, outra razão tem a ver com a priorização da sociedade sobre o indivíduo, considerando o corpo enquanto um fenômeno “natural”, não passível de uma análise sociológica. A terceira gira em torno de uma preocupação, especialmente representada pela teoria weberiana, voltada para a mente e a questão da agência, da ação social diretamente relacionada com a ação racional, enquanto processo intelectual, deixando o corpo à revelia da discussão. A quarta e última, está baseada no fato de que esses projetos sociológicos não levaram em conta uma abordagem antropológica do corpo enquanto sistema de classificação, privilegiando muito mais a dimensão da mente neste empreendimento.

Shilling (2013) acrescenta às observações feitas por Turner, mais duas razões que servem para uma análise sobre os fundamentos de uma sociologia clássica despreocupada com a questão do corpo propriamente dita. De um lado, temos um conjunto de abordagens metodológicas de ordem binária que distinguia mente e corpo. De outro, há um componente biográfico nas sociologias desenvolvidas pelos “pais fundadores”: homens que não vivenciavam, à época, os perigos corporais ligados ao ser mulher. Shilling destaca, ainda, que

essa observação não tem a pretensão de reduzir o conhecimento à experiência corporal, mas afirma ser preciso reconhecer a relação existente entre os mesmos.

É importante ressaltar, ainda, o papel que a Antropologia teve, desde a sua constituição enquanto disciplina – e influenciada inicialmente pelo darwinismo - em trazer o corpo para o centro do debate sobre alteridade, pois, é concretamente a partir daquele que podemos iluminar a questão da diferença; além disso, é no contexto Ocidental, fortemente marcado pelas distinções entre natureza/cultura, corpo/mente, que a Antropologia galga seus esforços analíticos em torno do “outro” (FERREIRA, 2013). Mas aqui, assim como aconteceu na Sociologia, o corpo também ocupava um espaço secundário nas pesquisas de cunho teórico e empírico. Aos poucos, o corpo foi ocupando um espaço de maior proeminência nas Ciências Sociais, inclusive em vias de constituição de uma área autônoma e especializada da Sociologia (idem, ibidem).

2.3 O corpo em perspectiva

É sobretudo a partir de 1980 que o debate sobre o corpo nas Ciências Sociais começou a procurar preencher as lacunas de algumas questões deixadas pelos sociólogos clássicos, buscando ampliar as raízes em um campo em vias de desenvolvimento. Há, nesse contexto, uma mudança do paradigma naturalista - representado principalmente pela sociobiologia e também por algumas correntes iniciais do feminismo - para o paradigma construtivista, o qual encara o corpo como um resultado de uma série de processos socioculturais (SHILLING, 2013). Assim, foi iniciada uma série de trabalhos cujo esforço se concentrou em trazer o corpo para o centro de discussões envolvidas nas questões mais “tradicionais” das Ciências Sociais, servindo para alargar os horizontes teórico-metodológicos. Não só o empenho em torno das demandas teóricas foi empreendido, mas também investigações de caráter empírico foram importantes para incrementar e inspirar novos estudos sobre a temática. Podemos destacar algumas relevantes produções na área representadas por nomes como Turner, O’Neill, Freund, Frank e as publicações organizadas por Feher, Nadaff e Tazi e também por Featherstone *et al* (ibid). Destaca-se, ainda, o renome da revista *Body and Society*, iniciada por Turner e Featherstone, onde um levantamento acerca da temática do corpo demonstra que não houve uma grande diferença na constituição das temáticas relacionadas ao corpo entre a sociologia e a antropologia, à exceção de uma lacuna em torno dos trabalhos etnográficos e comparativos (ALMEIDA, 2004).

Voltando para o contexto sociohistórico que aludimos no início da discussão, Shilling (2013) aponta que diferentes panoramas históricos trazem o corpo enquanto problema social, relacionando-se, portanto, com a sua emergência enquanto problema sociológico, mas lembra também ser uma visão reducionista acreditar nessa explicação de forma isolada. Objeto em disputa nos mais diversos contextos sociais, o corpo foi delineado para atender padrões correspondentes a determinados discursos e políticas voltados para questões étnicas, raciais, médicas e morais. Desde as grandes guerras até os movimentos identitários mais recentes, o significado social do corpo foi e é alvo de uma série de mudanças. Especialmente no contexto em que vivemos, o desafio em torno dessa temática perdura, pois “o corpo é um terreno privilegiado das disputas em torno quer de novas identidades pessoais, quer da preservação de identidades históricas, da assunção de híbridos culturais ou das recontextualizações locais de tendências globais” (ALMEIDA, 2004). Assim, observar essa chave das transformações destes significados sociais em consonância com a história é muito importante para acompanharmos e compreendermos os desdobramentos e implicações em torno da temática, especialmente no que tange ao aumento da atenção das Ciências Sociais sobre o corpo.

As contribuições do movimento feminista, principalmente o da segunda onda, os debates em torno das alterações demográficas, do envelhecimento, da ascensão do consumo fomentada pela lógica capitalista instigaram o próprio tensionamento sobre o significado do ser e ter um corpo. É inegável, sobretudo, os subsídios teóricos fornecidos pelos estudos feministas para a problematização do corpo, especialmente devido aos questionamentos de ordem ontológica sobre a diferença sexual (SHILLING, 2013).

Adicionais aos estudos feministas, outras importantes experiências auxiliaram no incremento da discussão sobre o corpo, a exemplo das negociações em torno da valorização do corpo jovem, magro e sexualizado (*ibid*). Ferreira (2009) também aponta a questão do corpo na sociologia da juventude, argumentando a favor de uma *encarnação* da área, diante da existência de normatividades que definem a figura do jovem, refletidas especialmente a nível do corpo. A cultura de consumo também trouxe a tona as questões relacionadas à saúde, dietas, estilo de vida *fitness*, vestuário enquanto expressão da personalidade, racionalização e disciplinamento do corpo, entre outras. Ainda, Shilling (2013) afirma que, em virtude da expansão tecnológica e dos avanços médicos, o corpo é frequentemente encarado enquanto “máquina”, a qual pode ser controlada, remodelada, treinada, aprimorada. Esse controle sobre o corpo, operado a partir de diversas instâncias, mesclado com os mais diferentes aparatos materiais, discursivos e práticos, nos levam, cada vez mais, a tensionar os limites ocupados,

constrangidos ou extrapolados pelos nossos corpos. Saber o que de fato o corpo é talvez não seja o melhor ponto de partida para desenvolvermos uma teoria focada na questão, que por sua natureza extremamente complexa, exija no esforço sociológico uma atenção voltada para as formas plurais que os indivíduos têm de encarar, construir e desconstruir as narrativas e experiências, encarnadas ou não, relativas ao que, pelo menos a priori, entendemos enquanto corpo.

Nesse contexto, o objetivo das Ciências Sociais, ao travar uma análise que procure sobrepujar a compreensão acerca do corpo enquanto organismo pré-definido e naturalizado, configura-se muito mais enquanto um convite ao desafio de entender as nuances, pluralidades e complexidades delineadoras dos corpos. Em outras palavras, falar em corpo põe à tona uma dificuldade, especialmente a nível operativo nos casos de investigação empírica, se buscarmos concebê-lo de forma fechada, escorados ainda na praxe biológica e médica. Diferentemente de uma abordagem em torno do organismo humano, trazer o corpo para o centro do debate sociológico, defini-lo enquanto um objeto de estudo, volta-se especialmente para a compreensão ao nível da *corporeidade*. Esta, no entendimento de Berthelot, (*apud* FERREIRA, 2013) pode ser interpretada como “o conjunto de manifestações simbólicas da existência corporal, devidamente contextualizado no tempo histórico e no espaço social (FERREIRA, 2013. p.499).

O avanço do olhar sociológico sobre o corpo é justamente o exercício reflexivo em torno da sua socialidade, isto é, considerá-lo enquanto uma realidade simbólica, inserida em um contexto de interação, ação e mudança tanto a nível morfológico e fisiológico, quanto a nível dos seus movimentos e gestualidade; é buscar, assim, entendê-lo, situado no tempo e no espaço, em diálogo com uma realidade histórica, social, política, ideológica, econômica e simbólica (FERREIRA, 2013).

A perspectiva desencarnada do corpo foi encarada de forma marcante pela semiologia e pela semiótica. Para estas, o corpo surge não “apenas como uma realidade socializada mas, sobretudo, como uma realidade semantizada, matéria moldável pelo processo de *semiosis*” (*ibid*). O estado tomado pela corporeidade é, assim, de estrutura textual, verbalizado e expressado através das emoções, das técnicas, da aparência; o corpo é, além de linguagem, “um espaço da sua inscrição” (BABA, 1990 *apud* FERREIRA, 2013). As abordagens da semiótica e da semiologia nos auxiliam na compreensão acerca das dinâmicas de transformação nos significados sociais e simbólicos em torno do corpo, já que a própria linguagem, seja verbal ou corporal, muda ao longo do tempo. Mas observar o corpo somente

pela chave de “painel” de inscrição da cultura reflete uma análise um tanto reducionista. É necessário considerar a complexidade que essa matéria nos põe, por isso vamos continuar a estudar as contribuições de outras perspectivas teóricas sobre o corpo.

Seguindo, algumas abordagens teóricas apesar de não terem seu foco propriamente dito na questão corporal, passaram a entender que os corpos estão inseridos em uma dinâmica que ultrapassa as significações das inscrições sobre os mesmos, observando-os a partir do prisma da incorporação, sendo necessário, portanto, analisar também as várias instâncias com as quais o corpo estabelece relações, especialmente aquelas que atuam por meio dos dispositivos de docilização e reprodução social sobre os corpos.

2.3.1 Debates sobre controle, disciplina e poder em torno do corpo

Para além de texto, o corpo possui texturas – frutos de sua ação e resistência - marcadas por elementos de poder, da história, da memória, da lei, tecidos e permeados pelas interações entre corpos (FERREIRA , 2013). Nesse âmbito, é possível notar ao longo da história mais recente das ciências sociais como o corpo tem sido compreendido enquanto lugar de exercício de poder, já que se trata, como afirmou Mary Douglas, do meio mais privilegiado e naturalizado de classificação social. O controle social, para esta antropóloga²¹, especialmente sob a perspectiva do poder simbólico, efetiva-se sob as características fenotípicas, diacríticas, gestos e processos orgânicos dos indivíduos (ibid). O corpo físico, manifestado precisamente em suas propriedades fisiológicas, circunscreve-se ao permitido pela experiência social, reverberando, portanto, enquanto símbolo do sistema social

The social body constrains the way the physical body is perceived. The physical experience of the body, always modified by the social categories through which it is known, sustains a particular view of society. There is a continual exchange of meanings between the two kinds of bodily experience so that each reinforces the categories of the other. As a result of this interaction the body itself is a highly restricted medium of expression. The forms it adopts in movement and repose express social pressures in manifold ways. The care that is given to it, in grooming, feeding and therapy, the theories about what it needs in the way of sleep and exercise, about the stages it should go through, the pains it can stand, its span of life, all the cultural categories in which it is perceived, must correlate closely with

21 Ferreira (2013) destaca o contributo de Douglas em analisar como o distanciamento social é refletido no distanciamento fisiológico e vice-versa. O grau de controle social sobre os indivíduos, segundo Douglas, pôde ser observado no constrangimento ou relaxamento com os processos orgânicos diante das situações sociais.

the categories in which society is seen in so far as these also draw upon the same culturally processed idea of the body (DOUGLAS, 1970: 2003. p. 72)

Douglas demonstra nas suas pesquisas junto a diversos povos como ações aparentemente simples podiam ser compreendidas a partir da cosmologia na qual aqueles grupos estavam inseridos. Para o povo congolês Lele²², o rio que atravessa sua região do sul ao norte dialoga com sua história ancestral: descendentes dos povos da parte alta do rio, onde aquele nasce, constantemente relacionam as características das águas dessa parte com uma certa disposição moral das pessoas que ali habitam. As águas claras e puras são condizentes às pessoas amigáveis e confiáveis, já as águas poluídas da parte mais baixa do rio são associadas às pessoas que vivem nessa região, consideradas mais perigosas e suspeitas. O sentido do escoamento do rio, da parte alta para a parte baixa, da parte mais “nobre” à parte mais “impura”, é igualado ao próprio corpo, na cultura dos Lele: isso pode ser observado, segundo Douglas, nas designações específicas como olhos, nariz, boca, dentes para se referir à parte da cabeça; já para as partes mais baixas do corpo, os Lele tendem a mencionar os órgãos relacionados à excreção e reprodução. O controle sobre as linguagens, as gestualidades, as dietas e os rituais estavam, assim, relacionados a um sistema social, uma cultura cuja cosmologia deu-se como uma “emergência gradual a partir de experiências das pessoas que vivem juntas ao longo das margens de um grande rio” (DOUGLAS, 2004. p 145).

Destaque-se, ainda em referência ao controle social incorporado, o contributo de Norbert Elias com sua teoria da civilização, largamente desenvolvida e aplicada à compreensão de diversos fenômenos sociais, como a cortesia, a etiqueta e o esporte. Um dos tipos de análise feita por Elias foi debruçar-se sobre os códigos de civilidade e observar como as proposições sobre o comportamento humano foram mudando ao longo do tempo, de acordo com o status aristocrático vigente e, por conseguinte, ressoando em valores e modelos de distinção dessa classe. Elias, ao analisar a obra *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade no comportamento dos meninos) de Erasmo de Roterdã, publicado em 1530, demonstra como são apresentadas propositivas sobre um tipo adequado de “linguagem corporal” (DUNNING, 1978:2014). Nesse texto, Erasmo menciona formas de gestualidade e suas correspondências morais ou sociais adequadas ou inadequadas, além de citar, com bastantes meandros, os genitais, os fluidos e processos orgânicos do corpo humano. Segundo Dunning, Elias indica que esse texto aponta elementos sobre um período de transição entre as as convenções feudais

22 Para uma discussão mais aprofundada sobre como a compreensão do microcosmo de determinados povos apontam para a ambiguidade entre os vocábulos casa/corpo ver Douglas (2004).

e modernas, de “como e por que as sociedades ocidentais se distanciaram efetivamente de um padrão na direção de outro, como se tornaram civilizadas” (idem, *ibidem*, p.89).

Outro fenômeno extremamente ilustrativo do processo de civilização analisado por Elias e Dunning foi o esporte moderno. Estes autores afirmam que na Grécia Antiga os jogos eram extremamente violentos, explicado por uma influência pelo ethos de uma aristocracia guerreira, pelos mecanismos tradicionais das rixas familiares. Entre processos de descivilização²³ e civilização, foi entre os séculos XII e XVI que os torneios começaram a expressar na prática os valores de um tipo de controle social, adotando um status de “substituto da guerra” e, por isso, assentado em um tipo de violência simulada, de tom espetacularizado (idem, *ibidem*). O autor mostra como o desenvolvimento do esporte moderno está inserido em um panorama de pacificação e controle sobre os costumes relacionados à violência. Esse argumento pode ser ampliado para a esfera do lazer de uma forma geral, o que demonstra, que os comportamentos paulatinamente foram movimentados pelas forças empregadas no processo de civilização. A teoria eliasiana a todo momento busca fazer um resgate da dinâmica envolvida nos processos, a fim de esclarecer como os fenômenos sociais como a esportivização e a parlamentarização estavam dialogavam junto a fluxos políticos, sociais e, principalmente, históricos que apontavam para um elemento mais profundo – o processo civilizador:

Foi nesse contexto, de uma sociedade cada vez mais pacificada e submetida a formas sempre mais efetivas de governo parlamentar, que, de acordo com Elias, começaram a surgir formas reconhecidamente modernas de prática esportiva, baseadas em regras e em procedimentos mais efetivos de controle. A existência de uma forte vinculação entre esses processos é sugerida pelo fato de que havia estreitos paralelos entre os rituais parlamentares emergentes e os rituais emergentes do esporte moderno. Consideremos o rito contemporâneo de questionamento do primeiro-ministro: trata-se de uma forma de “jogo sério”. Ambos, contextos esportivos e contextos políticos, como chegaram a se desenvolver na Inglaterra do século XVIII, começaram a envolver modalidades menos violentas de gestão de disputas do que aquelas que até então haviam prevalecido. (*ibid*, p.178)

Portanto, a atenuação das práticas violentas a partir da palavra, do acordo, do debate, das leis, das normas e das propostas de ideias – mecanismos parlamentares – reverberou nos esportes, os quais passaram a deixar no passado as marcas de um *ethos* de violência para adequarem-se a uma série de regulamentações socialmente aceitas. A tese principal de Elias é

23 Dunning afirma que os processo de civilização não obedece a um contínuo gradativo de menor para maior grau de civilização. O processo é uma dinâmica que está sempre em fluxo, movimentado por forças históricas, políticas, sociais etc. O autor dá o exemplo de como os jogos romanos tornaram-se mais violentos com o tempo, passando, assim, por um processo de “descivilização” ou de “barbarização”. A diminuição da violência deu-se notadamente nos esportes modernos.

de que a caracterização do processo civilizador é justamente a mudança da coerção externa em autocontrole – este, sendo o paralelo existente entre esporte e parlamentarização²⁴.

Com esses dois exemplos, tanto do comportamento analisado a partir do texto de Erasmo de Roterdã, quanto sobre o processo de esportivização de algumas práticas, é possível perceber as ilustrações de um tipo de dinâmica de controle que passa por momentos de transformação de acordo com elementos históricos e políticos, e que são refletidos, de certa forma, no corpo. A perspectiva de Elias elucidada como a autorregulação sobre o ethos corporal pode ser enxergada como um traço da civilização, operada a partir da internalização de comportamentos sociais, adaptando-se, assim, a um tipo de controle que agora não se dá somente a partir da coerção externa, mas, sobretudo, por meio do autocontrole (FERREIRA, 2013.).

Analisando os fenômenos da contemporaneidade, é perceptível que o poder continua a atravessar os corpos por meio de diversos mecanismos, mas, agora, é ampliada a noção da fonte de onde emergem tais dispositivos. A escola, a família, igreja, Estado e a ciência médica não são os únicos a mobilizar recursos de poder e dominação sobre os corpos. É o que vai dizer Foucault (2013) com a sua teoria da microfísica do poder, a qual entende os sujeitos imersos em uma grande rede de discursos e saberes que revelam o poder diluído, permeado em outras nuances reveladoras dessa dinâmica. A partir dessa perspectiva, compreende-se que o sujeito não é somente o receptor das ações de poder, mas também atua como vetor do mesmo, pois não se trata de um sistema localizado por sobre as cabeças dos indivíduos, mas sim, entranhado nas relações estabelecidas por outras formas discursivas e institucionais, bem como por “imagens e respectivas linguagens individualmente incorporadas e socialmente reproduzidas, a partir das quais se estrutura o simbólico-corporal e as relações com as demais corporeidades, tanto em público como em privado” (*ibid*).

Nesse contexto, a microfísica do poder é revelada para além dos preceitos jurídicos, pois, como afirma Foucault (2013), é preciso uma força que transcenda à repressão para se fazer eficaz, uma vez que o poder atuasse somente por meio da lei proibitiva, dificilmente teríamos uma mera sujeição ao mesmo. Assim, a manutenção do poder é vertida substancialmente por meandros que elaboram prazeres, saberes e discursos e é justamente por

24 O termo “parlamentarização” pode ser definido como “uma mediação, histórica e ideologicamente determinada, de tipo burguês, de organicidade institucional e natureza reguladora. Junto com o “autocontrole na resolução de conflitos”, ambos se espelham e se entranham como fazes da mesma moeda constitutiva das sociedades ocidentais – contemporâneas (após 1789, Revolução Francesa) e capitalistas (após 1760-1870, 1ª Revolução Industrial)” (MURAD, 2009. p.119)

isso, explica aquele autor, por esse arraigamento tão estreito e sutil que a tarefa de se desvincular do poder é tão custosa.

Destaque-se que o papel da história nessa dinâmica é de fundamental importância na teoria foucaultiana, pois ao resgatar tal perspectiva, o autor afirma ser o corpo algo que ultrapassa as leis da fisiologia, sendo, mais que isso, “ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destruído por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências” (FOUCAULT, 2013, p. 72). A história na sua articulação com o corpo é o que proporciona a perspectiva genealógica desenvolvida por Foucault: é necessário compreender o corpo “marcado de história e a história arruinando o corpo” (*ibid*, p.65).

Assim, Foucault identifica que há uma mudança de um tipo de sociedade disciplinar para uma sociedade de controle, que é exercida, por sua vez, não somente a nível de consciência ou ideologia, mas primordialmente pelo corpo e com o corpo (FOUCAULT, 2013). Desenvolve-se, desse modo, a política do corpo – ações relacionadas à materialização do poder e do controle social sobre os corpos, impelindo-os à submissão a determinados códigos de comportamento, seja na gestualidade, na forma de portar-se diante de eventos e ritos sociais, nas maneiras incorporadas de manifestar certas condutas sociais (FERREIRA, 2013). Foucault aponta que as reivindicações sobre o próprio corpo – a nível de saúde e sexualidade, por exemplo – são efeitos que despontam precisamente do investimento do poder sobre o corpo. De um lado, o poder foi exercido por meio da valorização do corpo belo, saudável, musculoso, levando esse enaltecimento a operar principalmente no desejo de enquadramento desses padrões a partir de um laborioso esforço. Por outro lado, as próprias conquistas em torno do corpo passaram a ser compreendidas enquanto resultado desse trabalho e mobilizaram as contestações, fazendo, assim, uma mudança no polo de ação do poder - “o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado” (FOUCAULT, 2013, p.235). A emergência de ideias e lutas como a união livre ou o aborto geraram um frenesi nas instituições políticas e médicas, revelando, segundo o autor, os deslocamentos de investimento realizados pelo poder.

Apesar de Foucault afirmar a existência de um direcionamento reativo que parte dos sujeitos, ele não parece certo de que esse poder consiga operar de forma proporcional ao poder hegemônico. A dimensão do social, portanto, nessa perspectiva, não só é inescapável ao sujeito, como possui um potencial muito mais incisivo do que aquele exercido pelos corpos que resistem e contestam.

Ainda explorando essa linha de raciocínio a respeito da eficácia do social sobre o corpo, temos a incontornável obra de Bourdieu, o qual se debruçou amplamente sobre os desdobramentos da cultura sobre a natureza – especificamente no próprio corpo. Para este autor, a cultura, nos seus mais variados aspectos, sejam relacionados, por exemplo, à estética ou à classe social, inscreve-se no corpo, atribuindo ao mesmo, assim, as marcas que o diferenciam dentro de uma estrutura social – as marcas da distinção. Bourdieu, desenvolve a noção de habitus enquanto vetor que revela a vinculação entre social e o individual: os processos de individualização, de incorporação de disposições duradouras moldam o corpo social (MEDEIROS, 2011). Ser um indivíduo, portanto, é necessariamente ser social, é o resultado por si da socialização.

Outro conceito muito importante para compreender as análises sobre o corpo deixadas por Bourdieu é o de *hexis corporal*. Resgatando o legado de Marcel Mauss a respeito das técnicas corporais, aquele sociólogo procurou revelar em seus escritos como os corpos, comportando-se de maneira mimética e/ou improvisada, dentro de um certo esquema corporal, atuam de forma correspondente ao habitus, especificamente entendido enquanto *hexis corporal* e revelado nas formas das posturas, trejeitos, modos. Esse movimento de interiorização das “técnicas corporais” - da *hexis corporal* – acontece de forma basilar na família e grupo social no qual o indivíduo cresce e posteriormente é exercido pelas pedagogias institucionalizadas nos sistemas de ensino. Assim, o ponto em que Mauss e Bourdieu convergem é precisamente em considerar o corpo como instância prática e conciliadora do simbólico e do social (MONTAGNER, 2006). Em outras palavras, podemos entender essa perspectiva enquanto um “duplo movimento de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade” orientado pelo habitus; assim, o corpo é implacavelmente possuído pelo social e pela história (FERREIRA, 2013. BOURDIEU, 1997: 2001).

Um exemplo clássico trazido por Bourdieu para debater o estatuto do corpo na sua relação com o social é a dinâmica estabelecida entre homens e mulheres. Os comportamentos socialmente atribuídos aos sexos são fatalmente revelados pelos esquemas corporais: através do vestuário, da maneira de andar, falar, de olhar, sentar-se etc, é possível compreender a gramática da diferença entre masculinidade e feminilidade. Essas maneiras de ser são naturalizadas especialmente na *hexis corporal*, na inculcação do social no corpo e do reflexo do corpo no social (BOURDIEU, 1997:2001).

Bourdieu vai mostrar de maneira mais sistemática esse debate na sua obra “A dominação masculina” (1998:2002), realizada a partir de uma série de análises da sociedade

cabila, na Argélia. O autor busca demonstrar como se constitui a relação de dominação dos homens para com as mulheres é tornada visível e eficaz principalmente sobre os corpos dos sujeitos. Segundo o autor, os homens valorizam e desejam para si mesmos os aspectos que sejam associados à virilidade, à força e à potência, revelados sobretudo nos seus corpos. Músculos e membros fortes e grandes, que devem ser, segundo a estrutura da dominação, opostos aos aspectos considerados “femininos”: delicadeza, sujeição, discricção. O ponto central da obra é elucidar como uma série de elementos revelados pelo habitus, pelas disposições incorporadas – *hexis corporal* - acabam por produzir toda uma situação de violência não só física, mas também simbólica: desde a maneira de se relacionar sexualmente até o tipo de divisão sexual do trabalho é pautado sobre as condições favoráveis à dominação masculina. Esse tipo de dinâmica, afirma Bourdieu, estabelece uma relação de poder sustentada especialmente na objetificação simbólica das mulheres diante da primazia da visão androcêntrica. Entretanto, apesar de se revelar de maneira mais problemática sobre as mulheres, essa estrutura coage também os homens. Ambos acabam, portanto, submetidos aos modelos predeterminados do que é desejável e aceitável para corpos femininos e masculinos.

Sendo dois grandes expoentes para entendermos as questões sociológicas envolvendo a dimensão do corpo, tanto Foucault quanto Bourdieu parecem argumentar a favor de uma instância de poder ou dominação que atua de forma infalível sobre o corpo. Ainda que não desconsiderem a agência deste diante do social, Ferreira (2013) demonstra que é preciso também que possamos, diante de outras perspectivas que nos são apresentadas, buscar outros caminhos de compreensão, como por exemplo aqueles que alcançam de forma mais concreta a dimensão da *excorporação* do corpo, isto é, das ações orientadas de forma mais ou menos planejadas e projetadas nos investimentos sobre o próprio corpo. O autor nos chama a atenção inicial para o fato de que essa visão não é necessariamente oposta a da incorporação, pelo contrário, complementa algumas lacunas de explicação que não consideram as formas de intencionalidade e reflexividade dos sujeitos sobre os próprios corpos, que são, sim, resultado do social, mas também mobilizam recursos a fim de reinventar a si mesmos.

Figurando como um dos principais representantes do enquadramento que debate o corpo em relação direta com a reflexividade, Giddens estabelece um diálogo com Foucault, especialmente ao criticar este último no que tange a uma brecha de análise entre *corpo* e *agência*. Enquanto Foucault se dedicou a demonstrar como os processos de docilização dos corpos - principais alvos do poder disciplinar – eram exercidos dentro de uma lógica hegemônica e, portanto, dificilmente passível de um tipo de contestação realmente eficaz,

Giddens²⁵ enxerga o corpo como um sistema-ação, um modo de praxis, construindo e desafiando a si mesmo junto às interações cotidianas (ALMEIDA, 2004).

Para Giddens, a perspectiva foucaultiana é problemática pois enxerga os indivíduos com pouca ou nenhuma potência para agir sobre suas próprias vidas, desconsiderando, portanto, a reflexividade dos agentes em si perante a história. Além disso, a crítica dirigida a Foucault afirma que sua teoria não leva em conta que tal reflexividade alcança o próprio corpo do sujeito, que, mesmo sendo um foco do poder disciplinar, figura como “o portador visível da auto-identidade, estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida” (GIDDENS, 1993, p.42). Ainda:

A questão do corpo na teoria social recente está particularmente associada ao nome de Foucault. Ele analisou o corpo em relação a mecanismos de poder, concentrando-se particularmente no surgimento do "poder disciplinar" nas circunstâncias da modernidade. O corpo se torna o foco do poder e esse poder, em vez de tentar "marcá-lo" externamente, como em tempos pré-modernos, o submete à disciplina interna do autocontrole. Como retratado por Foucault, os mecanismos disciplinares produzem "corpos dóceis". Mas por mais importante que seja a interpretação que faz da disciplina, sua visão do corpo deixa muito a desejar. Ele não consegue analisar a relação entre o corpo e a agência pois para todos os propósitos e intenções ele os torna equivalentes. Essencialmente, corpo mais poder é igual a agência. (...) A disciplina corporal é intrínseca ao agente social competente; é transcultural mais do que especificamente ligada à modernidade; e é uma característica contínua da conduta na durée da vida diária. E o mais importante, o controle rotineiro do corpo é parte integrante da natureza mesma tanto da agência quanto de ser aceito pelos outros como competente. (GIDDENS, 2002:1999, p. 58);

A crítica dirigida a Foucault tem sua validade sobretudo no sentido de nos instigar a revisitar a sua obra, buscando ir mais a fundo nas suas contribuições, exercício este que nos leva a perceber, sob um olhar mais atento, que a obra foucaultiana é bastante dinâmica, sofrendo algumas atualizações ao longo de sua concepção. Especialmente nos seus últimos escritos, Foucault aponta o lugar primordial da vontade individual, do enfrentamento do sujeito perante o poder – este, agora, não é mais entendido como inescapavelmente triunfante, de modo que as relações que dele derivam são também o reflexo da liberdade. Portanto, é possível afirmarmos que, no fim das contas, tanto o ponto de vista de Giddens quanto o de Foucault estão voltados para a compreensão do eu como um projeto reflexivo (GOMES et al. 2009)

O paralelo entre Giddens e Foucault sobre a tema da *agência* também pode ser feito com Bourdieu: para este último, o corpo é estruturado, socializado e encontra-se localizado

25 Giddens (2002) remonta sua linha de pensamento atrelada à contribuição de Wittgenstein sobre a relação entre o corpo e o eu. O corpo, sob tal perspectiva, não é só uma entidade, mas é a forma prática mesma que se põe em confronto à realidade. É com o corpo se nos comunicamos frente a gramática do cotidiano.

dentro de um campo ou de uma série de campos que permitem e/ou limitam as ações dos indivíduos, incorporando, portanto, as estruturas de tais campos, reveladas, sobretudo, no *habitus* e na *hexis* corporal. Giddens, ao delinear sua teoria da ação, apesar de admitir os cerceamentos do social sobre o indivíduo, insiste por advogar a favor de um agente apto não somente à escolha, como ao acesso dos dispositivos mobilizadores de poder (CARNEIRO, 2006). A reflexividade, para Giddens, é precisamente a possibilidade da agência humana em decidir, planejar e mudar não somente suas práticas, mas também a estrutura no qual está inserido.

Nesse sentido, para além de instância limitada pela dinâmica social na qual se insere ou sendo passível de reflexividade, é necessário, também, entender a importância de olhar o corpo sob o prisma da carnalidade, das práticas que o mesmo elabora e mobiliza em um *continuum*: trata-se, pois, de uma base viva, vivida e em devir (FERREIRA, 2013). Ainda que marcado pela socialidade e cultura, o corpo é carne, reverberada em imagem, emoção, necessidades, possibilidades e limitações de movimento etc. Isso não significa em hipótese alguma relegar a importância das análises estruturais e de poder, mas sim, trazer para junto do debate uma dimensão que por tempos foi tratada de forma secundária nas Ciências Sociais.

Mesmo diante dos inúmeros e valorosos esforços em analisar o corpo fora de uma ótica essencialmente naturalista, ao articulá-lo à história, ao social, às formas de poder, dominação, submissão, resistência etc, há ainda uma tendência, segundo Ferreira (2013), daquele esvaziar o seu sentido enquanto carne. Se o paradigma naturalista não nos serve, ao menos em sua totalidade, e a abordagem construtivista nos instiga a analisar o corpo não como um objeto flutuante, alheio à realidade social, mas como um conjunto de elementos em diálogo com a cultura na qual se insere, é também necessário pontuar que os radicalismos das duas abordagens, não parecem oferecer possibilidades profícuas para as análises atuais. Pois, como afirma Almeida (2004)

algum determinismo social dogmático tem sido a pedra de toque das nossas análises e o que nos tem impedido de incluir o corpo e a incorporação nas nossas agendas de investigação. Como se só houvesse duas possibilidades: ou a remissão (excludente) para o domínio do biológico, ou o mapeamento da ação das categorias sociais sobre os corpos enquanto argamassa e não-pessoas. (ALMEIDA, 2004. p.5)

Superado, uma vez, o paradigma naturalista, para dar lugar ao construtivista, é preciso resgatar, agora, questionando, inclusive, as limitações da nossa disciplina, a fim de propor possibilidades outras de se pensar categorias “dadas”, refinando, dessa forma, as

problematizações em torno do que chamamos “corpo”, “corporeidade”, entre outros termos desse espectro. Assim, o esforço de algumas abordagens sobre a compreensão dessa temática lança convite para que não nos fixemos apenas às análises habituais, mas que, especialmente, possamos repensar as próprias bases nas quais as ciências humanas, notadamente os paradigmas ocidentais da Modernidade, estão fundadas.

2.3.2 A carnalidade do corpo – diálogos com a Fenomenologia

O debate em torno de *sermos e termos um corpo* – aludido já de forma consagrada a Merleau-Ponty – isto é, do indivíduo sofrer as ações do social sobre o seu corpo e de, simultaneamente, ter capacidade de agir sobre o mesmo, como anteriormente mencionado, não exclui a perspectiva da incorporação, do poder, do corpo enquanto instância onde se inscreve e se reproduz o social, mas reforça, por outro lado, a necessidade de avaliarmos, também, o fato de o sujeito, inserido na dinâmica da reflexividade, lançar mão da sua intencionalidade para agir no seu próprio corpo-carne, quanto para gerar discursividade sobre si e sobre os outros. O corpo, assim, além de dimensão reflexiva, também se desdobra enquanto instância expressiva e comunicativa: ainda que seja o símbolo principal da individualidade, ele é interpretado dentro de uma conjuntura social (FERREIRA, 2013).

Nesse sentido, o trabalho realizado por Merleau-Ponty contribuiu de forma incontornável para o desenvolvimento de um novo enquadramento em torno do corpo. Apesar de seu arcabouço ser eminentemente centrado na filosofia - nomeadamente na fenomenologia - suas ideias possuem grande relevância para ampliarmos as questões socioantropológicas que se colocam na contemporaneidade. A partir das suas reflexões sobre a experiência corporalmente vivida do sujeito, é possível incrementar a interpretação de um corpo para além de objeto, sendo entendido, também, enquanto uma estrutura complexa, multifacetada, social e orgânico-sensorial.

Para desenvolver sua teoria, Merleau-Ponty resgata os ensinamentos da Física Moderna a respeito da relatividade do tempo e do espaço, trazendo essa noção para pensar que, assim como aqueles, os sujeitos e objetos não são absolutos, puros. Tempo, espaço e sensorialidade inscrevem-se em nosso corpo de maneira dinâmica, em constante atualização de nossa percepção, esta é, portanto, a própria potência criativa do ser humano (NÓBREGA, 2014). Além de avançar sua teoria apoiado na Física Moderna, Merleau-Ponty também toma

da Animalidade sua contribuição para desenvolver a noção de comportamento. Seu argumento a favor da animalidade é construído em oposição a um certo essencialismo conformado nas disposições dualistas, assim como procura fugir de uma filosofia da existência cujo foco encontra-se na união entre corpo e alma. A tese deste autor é centrada, pois, na crítica aos determinismos do vitalismo e do mecanicismo: o comportamento não acontece somente pautado em um suposto impulso vital, assim como não se conforma apenas nas suas estruturas físico-químicas; o comportamento está, na verdade, diretamente articulado à motricidade, à postura, às ações orgânicas (ibid.).

Assim como a linguagem, o comportamento está em plena atualização, não se reduzindo a sua estrutura anatômica, nem a sua fisiologia, estando, pois, na verdade, ligado às dimensões de ordem corporal, ambiental e cultural. O comportamento e a linguagem dão vazão aos sentidos, entretanto, é importante lembrar a característica primordial de fluxo, de inerência na qual aqueles estão em plena simbiose, e que buscam, portanto, afastar a hipótese da existência de uma constituição da Natureza ou de primazia do ambiente sobre o sujeito (ibid). A dinâmica fluida e passageira do tempo é um dos principais pontos para pensar o corpo sob essa interpretação do devir

Assim como está necessariamente "aqui", o corpo existe necessariamente "agora"; ele nunca pode tornar-se "passado", e se no estado de saúde não podemos conservar a recordação viva da doença, ou na idade adulta a recordação de nosso corpo quando éramos crianças, essas "lacunas da memória" apenas exprimem a estrutura temporal de nosso corpo. A cada instante de um movimento, o instante precedente não é ignorado, mas está como que encaixado no presente, e a percepção presente consiste em suma em reaprender, apoiando-se na posição atual, a série das posições anteriores que se envolvem umas às outras (MERLEAU-PONTY, 1999. p.194)

E Ainda:

Enquanto tenho um corpo e através dele ajo no mundo, para mim o espaço e o tempo não são uma soma de pontos justapostos, nem tampouco uma infinidade de relações das quais minha consciência operaria a síntese e em que ela implicaria O CORPO 195 meu corpo; não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca (MERLEAU-PONTY. 1999, P.194-195)

Do exposto, temos a ideia de que o corpo não se reduz a um objeto, ele é o meio primordial de experienciar a realidade, sendo a percepção atrelada aquele; em outras palavras, não é preciso, pois, que “o corpo seja submetido a uma função simbólica ou objetivante” (id. p.195). Muito além de termos um corpo, para a perspectiva de Merleau-Ponty, nós somos um

corpo e sê-lo implica uma série de mobilizações de caráter fluente em relação direta com a experiência. Esta acontece pelo corpo, por meio do corpo, marcando-o e sendo ressignificada por causa deste em contato com uma elaboração ininterrupta do mundo; a percepção, dessa forma, ocorre por causa do corpo e não é algo que existe fora dele. Assim, compreender o ponto fundamental do movimento do corpo “é reconhecê-lo como fenômeno que não se reduz à causalidade linear; é considerar ainda que o ser humano não seja um ser determinado, mas uma criação contínua” (NÓBREGA, 2008. p.145).

Enquanto Bourdieu, centrado no domínio da prática, recorre à ideia de corporeidade para suplantar a dualidade entre estrutura e prática, Merleau-Ponty, no domínio da percepção, concebe uma ontologia que traz para o centro da discussão a corporeidade, na busca de superar a dualidade sujeito/objeto. Tanto Bourdieu quanto Merleau-Ponty, apesar de partirem de locais distintos, convergem para a compreensão do corpo enquanto elemento metodológico, parâmetro que vai servir de aporte para a crítica construída por Thomas Csordas (ALMEIDA, 2004; CINTRA et al, 2010; MALUF, 2001;). Este autor, sob tais influências, elabora um escopo alternativo para as teorias referentes ao corpo, argumentando a favor deste enquanto “carne” e, preferindo, assim, a noção de *embodiment* – traduzida por Ferreira (2013) como *encarnação*. Csordas, nesse contexto, considera o corpo como a base mesma da cultura, isto é, não se trata mais de encarar o corpo enquanto objeto da cultura, mas de elaborar uma interpretação na qual o corpo é sujeito da cultura (CINTRA et al, 2010). Pensar pelo prisma de *embodiment* – *encarnação* – permite enxergar a vida do corpo desdobrada na sua capacidade de “sentir e fazer sentir, de ser visível e de se dar a ver, de ser tangível e tocar, de audível e de ouvir, de se emocionar e de estimular emoções” (FERREIRA, 2013, p. 519).

Nesse sentido, as emoções exercem um papel fundamental no enquadramento de Csordas (2008), pois, para ao autor, ainda que a Antropologia tenha voltado sua atenção para o tema, acabou tornando-a secundária à cognição. Influenciado por Wilhelm Dilthey, Csordas elabora um debate que pode ser localizado na Antropologia da Experiência, a qual compreende a experiência para além do seu fundamento cognitivo, situando-se, especialmente, na esfera da emoção e do afeto, dos sentimentos e expectativas, manifestados em variados domínios, desde a linguagem até a intersubjetividade (CINTRA et al, 2010).

Para Csordas (2008), tanto Merleau-Ponty quanto Bourdieu, enxergam na percepção e na prática, respectivamente, o princípio essencial da indeterminação da vida humana. Assim, na mesma linha, o autor busca transcender a ideia mesma do corpo como objeto da

antropologia, concentrando-se em construir uma teoria voltada para a experiência cultural corporificada. Esse paradigma privilegia sobretudo a importância da etnografia para a apreensão da complexidade em torno do corpo, o qual não é desconsiderado enquanto dimensão biológica, mas que também não é tomado como dado determinado para a antropologia, sendo necessário, portanto, alargar a interpretação do corpo enquanto sujeito da cultura por meio, principalmente, do estatuto da experiência (MALUF, 2001).

A importância da encarnação está sobretudo no fato de que a corporeidade mesma é encarnada, isto é, existe uma matéria com propriedades, funcionalidades e capacidades que participam da construção da dinâmica sociocultural de ser e estar no mundo. É desta encarnação que despontam as emoções, os desejos e as sensações, e essa perspectiva alude a um tipo de interpretação na qual a experiência vivenciada pelo corpo implica também no desenrolar dos processos de identidade, seja a nível pessoal ou social. Não se trata de reduzir a uma análise exclusiva da dimensão motora ou orgânico-sensorial do corpo, mas sim, de investigar como, na implicação desta, o corpo humano elabora potencialidades e constrangimentos no exercício da sua agência ou na reprodução das estruturas (FERREIRA, 2013). Assim, a encarnação nos permite elaborar uma compreensão do corpo para além dos extremismos tanto do construcionismo, quanto do naturalismo biológico, encarando-o, portanto, na sua dinamicidade, complexidade e diversidade de relações durante todo o fluxo da sua existência social.

O olhar sobre o corpo enquanto carnalidade contribuiu para o delineamento do paradigma animista, isto é, uma visão que busca dar vida – alma – à carne. Podemos também considerar esse paradigma como neovitalista, de forma que o mesmo retoma em certa medida a discussão posta por autores como Bergson e Deleuze (SCRIBANO, 2013). Hoje deparamo-nos com uma série de abordagens que continuam a buscar transpor as fronteiras dos dualismos outrora estabelecidos e ainda presentes enquanto desafios epistemológicos e ontológicos para as Ciências Humanas, mas que, agora, mais do que nunca, são mesclados tanto às perspectivas de outras disciplinas, quanto direcionam maior atenção para questões por muito tempo secundarizadas na teoria social e antropológica, como os afetos, as emoções, as sensações, os movimentos, os fluxos e atravessamentos que perpassam essa questão em tensionamento.

Mais importante que dar continuidade ao insistente - mas valoroso - esforço por construir uma Sociologia ou Antropologia do Corpo, talvez seja o momento de voltarmos nossa atenção para o que algumas relevantes investigações e teorias têm tentado nos mostrar a

respeito do lugar - mais que emergente - urgente, que o corpo, em toda a sua complexidade, inescapabilidade do social e enquanto desafio teórico, precisa ocupar em nossos trabalhos socioantropológicos. Ora, sendo o corpo a base mesma da cultura, como relegá-lo à margem da nossa análise social? Como produzir uma ciência que perpassa, necessariamente, pela carne? Pela minha carne, pela carne daqueles com quem estabeleço vínculos ao longo da pesquisa, todos envoltos pela dinâmica das afetações? Fazendo menção ao clássico Richard Sennet sobre A Carne e a Pedra, como enxergar o corpo vivo, vivido e em devir, não só da carne, mas da “pedra”? Tem vida aquilo que comumente não percebemos como vida?

Pensar em corpo, carne, vida, remete-nos à já antiga, mas nunca ultrapassada, posto que nunca resolvida, questão do *self*, do ser, ou da *pessoa*. A própria história da Sociologia e Antropologia do Corpo talvez tenha sua relação com a busca de retomar tal debate, pretendida, ai, ser apaziguada com a construção de uma disciplina onde o corpo ocupa um lugar central. Essa tentativa pode ser sintomática de um estado ainda pulsante, premente por um olhar mais ponderado sobre uma demanda que, agora, se coloca de forma categórica. Muitas abordagens que vão desde as citadas, até o pós-humanismo, não fechando-se em si mesmas, incitam-nos a desorganizar as ideias até agora postas, provocam-nos a percorrer outros acessos do pensar, do ser e do fazer ciência com o corpo, até porque este nunca esteve fora daquela. Mas o corpo tábua de inscrição da cultura, insípido, determinado, invólucro, cápsula, objeto consumado da cognição, repulsa do eros, do sangue, suor, afeto, emoção, da carne - esse corpo nunca mais será o mesmo.

2.4 Uma proposta de movimento

Apesar de ter feito um certo balanço a respeito do corpo nas Ciências Sociais, a fim de pontuar algumas questões para situar o debate, meu objetivo não é traçar uma história da temática, pois compartilho da ideia de Almeida (1996), ao considerar que esse esforço pode resultar em mais uma (má) história da disciplina e do pensamento ocidental. A Sociologia e a Antropologia mesmo apresentando um considerável arcabouço na produção referente ao corpo, sua discussão não apresenta indícios de exaustão, pelo contrário, nos convida a enfrentar outros desafios. Sendo assim, proponho-me à tentativa de construir um itinerário direcionado à compreensão da prática do Parkour um pouco fora dos limites definidos de uma Sociologia ou Antropologia do corpo, mas, sim, de trazer a dimensão corporal daquela

modalidade como uma forma de exercitar o esforço de pôr o que entendemos por “corpo” em perspectiva – pensá-lo enquanto elemento constituído pela cultura, mas também, em toda sua complexidade, definidor da mesma.

Urge um momento na disciplina no qual não podemos ignorar a necessidade de compreender que uma grande parte das práticas sociais estão entre o reflexivo e o inconsciente, momento este que retoma a discussão tanto a discussão feita por Weber a respeito da intencionalidade da ação orientada para os outros e, como também o debate reverberado nas teorias da fenomenologia social, etnometodologia e interacionismo simbólico (LOPES, 1998). Como apresentado anteriormente, a discussão sobre o corpo nas Ciências Sociais tem uma das suas bases nos tensionamentos a respeito das formas de apreensão do mundo e dos direcionamentos das intencionalidades a níveis de “interior”, “exterior”, elaborados ou não por representações mentais.

O que foi apresentado pode nos fornecer um breve exemplo do arcabouço até então construído de um movimento na Antropologia Contemporânea orientada a explorar a interdependência entre Cultura e Natureza, abordagens que buscam, em maior ou menor medida, um diálogo com estudos desenvolvidos nas áreas da Biologia, Psicologia Cognitivista, História, Filosofia etc. Discutir o corpo, é discutir, portanto, a própria trajetória da Antropologia e suas bases epistemológicas, trata-se, precisamente, de uma discussão sobre os processos de conhecimento.

2.4.1 Um foco que emerge do campo

Inicialmente minha pretensão estava centrada em desenvolver uma pesquisa cuja reflexão era mais voltada para a Antropologia Urbana. Estava muito preocupada em compreender sentidos, significados, arquitetura e sociabilidades relativos ao mundo do Parkour. Ainda estou, de certa forma. Mas, diante dos caminhos imprevistos do campo de pesquisa, fui confrontada em todos os níveis com o que eu até então havia estabelecido previamente. Tal qual a prática de um *traceur*, fui analisando outras possibilidades, enxergando potencialidades variadas sobre outros aspectos, ouvindo e vendo as pessoas, mas também as paredes, a grama, as pedras, árvores, os tênis, pés, mãos, braços, pernas e a miscelância de um amontoado de coisas metodicamente organizadas na prática do parkour. Foi preciso exercitar um refinamento dos outros sentidos, especialmente do tato e da visão, na minha condição de pesquisadora.

Assim, passei muito tempo observando e conversando com os traceurs, até que resolvi atender alguns convites dos interlocutores e experimentei movimentos, me machuquei, me senti desconfortável, me senti animada, quis desistir, quis tentar novamente, mas, especialmente – quase com uma sensação de “de repente!” – percebi com mais clareza o que é o “flow”, o que é o “simples”, o “natural”, o “peso” e a “leveza” das movimentações, entre outros aspectos. Quando falo em ouvir paredes e outros elementos citados acima, trato justamente do resultado da intimidade que é cultivada com o ambiente material de forma geral, e em forte relação com diversas outras dimensões do mundo social dos indivíduos que praticam parkour.

Diante da proposta de privilegiar a análise do corpo enquanto elemento constitutivo e constituinte da cultura, e não necessariamente construir um tópico dentro da Sociologia e Antropologia do Corpo, pretendo, sem deixar de lado as contribuições dadas por estas, tatear as potencialidades dos debates que trazem à tona o corpo em movimento sob a ótica das dinâmicas de aprendizado do parkour e das suas formas de inserção e relação com o mundo. Para realizar esse caminho, optei por explorar a dimensão sensorial e corporal da minha proposta de estudo e do meu campo de pesquisa com a ajuda de alguns aspectos relacionados a uma agenda de uma antropologia sensorial, bem como ideias tais quais: educação da atenção e engajamento no mundo (INGOLD, 2015), corpografias urbanas (BRITTO; JACQUES); cartografia (DELEUZE; GUATTARI). Todas essas contribuições servem como meios para a experimentação de formas outras de compreender processos e movimentos que constituem o emaranhado de linhas que é o parkour.

Para tentar responder a questão, parto da ideia de que o corpo não só é objeto, mas também constitui a cultura. Além disso, busco desenvolver minha reflexão orientada por uma agenda que visa romper a dicotomia natureza x cultura, dicotomia esta que nos coloca diretamente em contato com um questionamento acerca de como está sendo elaborado o lugar do corpo nas ciências humanas. O corpo não é algo apartado, distinto do mundo, ele é, sim, constitutivo no sentido de estar em comunhão com o mundo, atravessando e sendo atravessado, emaranhado, em outros elementos, ao longo de caminhos e em fluxo contínuo. O corpo, assim, não é um tipo de “casca” que possui um conteúdo ou uma superfície onde a cultura é inscrita, tampouco guarda uma alma ou uma substância. Corpo é movimento. E é o corpo aberto ao mundo, é o movimento que enseja os processos de conhecimento. Pensar, portanto, nesses corpos-movimento constituídos processualmente – não uma coisa em relação,

mas a própria relação – pode nos ajudar a reeducar nossa percepção e enxergar as possibilidades do ser.

2.4.2 Tim Ingold e um projeto vitalista para o parkour

“(…) também eu sou um habitante do mundo e não de um espaço dentro da minha cabeça. E, pelo mesmo motivo, sempre posso consultar o mundo para orientar meus movimentos, em vez de uma representação cognitiva interna”. (INGOLD, 2008, p.23)

Enquanto a Modernidade tem por uma de suas características as máximas das dicotomias mente/corpo, natureza/cultura, especialmente legada por Descartes, a proposta do antropólogo britânico Tim Ingold encontra na continuidade e na simetria do espaço para explorar uma perspectiva diferente. Embora sua linha de raciocínio, junto a outros autores da antropologia contemporânea que exploram a dinâmica social sob uma ótica vitalista, seja passível de críticas²⁶, ela, no mínimo, nos instiga a deslocar olhares científicos muito aficionados.

Se o tom de muitos estudiosos da Sociologia e da Antropologia tem voltado seus esforços para construir uma abordagem e uma linha argumentativa a favor da superação das dualidades - eminentemente ocidentais²⁷ - cada qual com suas especificidades, Tim Ingold (1991) também o faz ao lançar mão da noção de que a pessoa é o self, mas não de uma maneira isolada ou “privada” e confrontado com um espectro externo, mas, sim, é um focus de agenciamento, em pleno relacionamento, é um ser engajado no mundo.

A chave de análise de Tim Ingold está na compreensão de que nenhum organismo, seja humano ou não humano, não se encontra fechado, cerceado por um tipo de “casca”, um invólucro corporal ou uma identidade específica. Desse entendimento, o autor aproxima-se da abordagem fenomenológica ao centrar o interesse da antropologia na noção de vida,

²⁶Para um debate crítico sob o ponto de vista da Sociologia, ver a discussão a respeito da agência e cultura feita por Vandenberghe (2016) in *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, no 41, jan/abr 2016, p. 130-163.

²⁷Anna Tsing (2015) propõe perspectivar a natureza humana como uma relação entre espécies, possibilitando alargar o alcance de pesquisas tanto biológicas quanto culturais. Esse entendimento permite enxergar também as transformações que outras espécies geram nos seres humanos. A autora afirma que a dicotomia “humano-selvagem” tem comprometimento com um tipo de ideologia antropocêntrica, propõe uma metodologia multiespécies para explorar melhor essas questões.

buscando, assim, desviar-se das classificações adjetivadas da antropologia como “cultural”, “estrutural”, “interpretativa” etc (STEIL. CARVALHO. 2012).

Nesse sentido, a preocupação de Ingold não encara o corpo enquanto instância individual, distanciada do elemento “paisagem”, que supostamente lhe é externo. Tanto o conceito de corpo, quanto de carne e paisagem, para esse autor, denotam uma ideia de cerceamento, distinção e existência isolada, quando, na verdade, existem fluxos vitais que não só estão nas coisas, como são as próprias coisas (*ibid*). Para Ingold, quando falamos em corpos e objetos, seguimos uma linha de raciocínio que reitera a lógica de inversão: um pensamento que fecha os seres, protegendo-os de interações com os arredores (AZEVEDO, 2020).

É nesse sentido que a crítica à abordagem cognitivista que Ingold está na recusa de entender que a cognição é um momento que ocorre em separado da prática, afirmando que ela está imbrincada na própria experiência. Na sua perspectiva, não há um conjunto simbólico que se encontra acima de um mundo “natural”, biológico; o mundo não é somente uma teia de significados – ideia propagada principalmente pelos interpretativistas. Sendo assim, a transmissão do conhecimento não se dá meramente pela passagem de uma série de informações independentes da experiência e do contexto ambiental. Não se trata de um conhecimento que existe na forma de “conteúdo mental, “que, com vazamentos, preenchimentos e difusão pelas margens, é passado de geração em geração, como a herança de uma população portadora de cultura” (INGOLD, 2010, p.6).

O argumento de Ingold contra essa compreensão cognitivista defende uma antropologia “como estudo sobre as possibilidades da vida e a educação como mobilização da atenção” (*op.cit*, p.46). Nesse contexto, Ingold opõe-se a um tipo de enquadramento representacionista da cultura, afirmando que a transmissão do conhecimento não é passado na forma de um amontoado de representações, mas de um processo de *educação da atenção*. Essa afirmação ocorre em oposição à máxima da antropologia cultural mais relativista de que “o homem é uma tábula rasa que se escreve”, proposta por Alfred Kroeber, e propõe, por outro lado, que os seres estão sempre em devir.

Assim, Ingold analisa a obra de Sperber, um antropólogo da linha cognitivista que reúne bem as teorias sobre cultura e cognição, e tece críticas a esse tipo de abordagem, propondo uma outra maneira de encarmos as questões de transmissão de conhecimento. Ao criticar a ciência cognitiva clássica, Ingold também confronta preceitos do neodarwinismo, pois não acredita que os seres humanos são meios de processamento da informação que é o

conhecimento. Para o autor, o ser humano é o centro de percepções e agência em um campo de prática, sendo o conhecimento, assim, primordialmente compreendido como *habilidade*. A visão de Ingold fundamenta-se na tentativa de transpor a clássica distinção entre capacidades inatas e competências adquiridas, voltando seu foco para as propriedades emergentes de sistemas dinâmicos (INGOLD, 2010, p.7)

Ingold destaca que não objetiva privilegiar a cultura sobre a natureza, tampouco substituir uma concepção inatista por um tipo de determinismo ambiental, mas, sim, argumentar que as capacidades não são pré-fabricadas, localizadas numa dimensão interior de um invólucro “aguardando para serem preenchidos com informação cultural na forma de representações mentais” (*ibid*, p.17) e nem impelida pela exterioridade. Assim, as capacidades emergem “de processos de desenvolvimento, como propriedades de auto-organização dinâmica do campo total de relacionamentos no qual a vida de uma pessoa desabrocha” (*ibid*, p. 15).

Nesse sentido, ao tratar os organismos, de forma geral, e o ambiente como elementos indissociáveis e cuja relação resulta no próprio *continuum* da vida, Ingold busca apontar um debate que sirva tanto à antropologia, quanto à biologia. Para demonstrar esta questão, o autor lança mão de uma importante chave de análise: a habilidade prática, notória especialmente em alguns estudos referentes à ação, percepção, arte, tecnologia, entre outros. (SILVA, 2011).

Para desenvolver suas ideias sobre habilidade, engajamento e educação da atenção, Ingold retoma as noções já discutidas por estudiosos como Gibson, para o qual a percepção está relacionada ao corpo-organismo como um todo, sendo equivalente ao próprio movimento exploratório do organismo no mundo. Além deste autor, Ingold busca referências na perspectiva vitalista de Gregory Bateson, argumentando a favor de uma mente que não está limitada à pele, bem como encontra apoio também na obra de Marx e Engels no tocante à relação de transformação do indivíduo em plena relação com a natureza, a história, as técnicas e as ferramentas de trabalho (INGOLD, 2018).

Ingold lança mão de uma série de exemplos para ilustrar suas explicações a respeito do conhecimento, competência e habilidade. Ele defende que o processo de habilitação ultrapassa uma tarefa intelectual, localizando-se, muito mais, no nível cotidiano da prática. Ao contrário de Sperber, Ingold afirma que não é somente a partir de um movimento de acesso a uma informação e posterior conversão a um comportamento corporal que a habilidade emerge (e por consequência o conhecimento). Ele fornece um simples exemplo como uma receita culinária presente num livro: é possível que eu siga todas as orientações ali fornecidas, mais

ou menos familiares com minha experiência prévia em manusear aparelhos culinários ou manejar determinados tipos de alimento, mas tal livro de receitas, por si só, não é conhecimento, sendo, muito mais, uma abertura para o conhecimento que eu mesma posso ir desenvolvendo ao longo de um processo de saber-fazer. (INGOLD, 2010)

Dessa forma, “olhar, ouvir e tocar, portanto, não são atividades separadas; elas são apenas facetas diferentes da mesma atividade: a do organismo todo em seu ambiente” (INGOLD, 2008, p.20). Sob esse prisma, portanto, não podemos compreender que um órgão, a exemplo dos olhos e sua atividade de olhar, existam por si mesmo, como isolado de todo o resto do corpo. Ele funciona porque atravessado pelo fluxo vital de todo o corpo, e com este, por sua vez, ocorre o mesmo em relação com o ambiente).

2.4.3 Pistas para agenciamentos no parkour a partir das contribuições ingoldianas

É necessário ressaltar a existência de vários estudiosos brasileiros de outras áreas do conhecimento que trabalham no sentido de agregar as contribuições das Ciências Sociais para a análise de determinadas práticas, principalmente teorias e conceitos advindos do arcabouço da Sociologia e Antropologia Urbana, do Lazer, do Corpo, da Técnica, do Movimento, entre outros. Esse movimento pode ser um indicativo de que os debates em torno destas temáticas têm cada vez mais procurado estabelecer pontos de encontro entre diferentes disciplinas, sendo especialmente frutíferas, ao meu ver, investigações na área das Ciências Sociais que explorem a relação social e histórica da Educação Física com os processos de institucionalização da mesma²⁸. Não se trata do meu foco, entretanto, neste trabalho. Eventualmente pretendo citar alguns diálogos feitos entre as disciplinas a fim de visibilizar algumas questões que ultrapassam, desafiam ou mesmo agreguem algum dado interessante a esta investigação.

Os estudos feitos pelos pesquisadores na área da Educação Física nos aponta um importante caminho que parece estar, em alguma medida, consoante a um esforço também presente em um determinado espaço das Ciências Sociais: a tentativa de não sobrepujar a natureza à cultura e vice-versa, preocupando-se, especialmente com a dimensão relacional da vida.

28 Ver Debortoli e Sautchuk (2014): os autores fornecem importantes referências sobre o debate em torno da vinculação da Educação Física às ciências da natureza, sua gradativa associação aos estudos sobre Cultura e os desafios advindos desses processos sob diversos níveis.

Debortoli e Sautchuk (2014) ao analisarem os desdobramentos da Educação Física brasileira e seus processos de institucionalização, demonstram as tensões entre o estabelecimento do objeto de estudo e a intervenção pedagógica da disciplina. Os autores afirmam que esta problemática reforça a ideia de uma distinção entre uma “etapa geneticamente determinada e outra culturalmente aprendida” (*ibid*, p. 343) e posicionam-se a favor de uma compreensão de desenvolvimento, movimento (ou mesmo motricidade) e aprendizagem enquanto noções que vão além da mera “aquisição de capacidades motoras básicas para a realização posterior de outras formas consideradas mais complexas” (*ibid*).

A consulta aos trabalhos brasileiros de Educação Física mostrou-se de grande relevância no sentido de apontar caminhos pelos quais os pesquisadores da área já vinham explorando. Por se tratar de uma prática social corporal, pude ter acesso a algumas discussões sobre o parkour, especificamente, e, de modo geral, a debates sobre o estatuto da dualidade corpo/mente, bem como das noções de prática, movimento, aprendizado, entre outros. Como já citei anteriormente, o diálogo proposto por Debortoli e Sautchuk a respeito das contribuições da Antropologia para a Educação Física tem sua importância para a constituição da minha problematização, especialmente ao revelar articulações com o pensamento de Tim Ingold. Este autor também tem sido amplamente mobilizado nos trabalhos de pós-graduação em Antropologia Social, sobretudo em investigações sobre técnicas, processos de aprendizado, relações humano-animal, entre outros.²⁹

Debortoli et al, mobilizam a perspectiva antropológica de Tim Ingold para compreender um contexto de artistas-dançarinos, abordando questões relativas à técnica, arte e movimento. Tal discussão mostra o alcance da noção de técnica para além da mecanização, sendo o contrário, parte da história social em plena articulação e transformação das práticas. Toda essa dinâmica relacional, de engajamento com o mundo, pode ser aludida na passagem da brilhante etnografia de Wacquant (2002) com pugilistas, ao qual me remete, em grande medida, à prática do parkour e a qual também poderíamos analisar junto às categorias ingoldianas de habilidade, técnica e o tornar-se pessoa a partir do engajamento no mundo

O conhecimento que os pugilistas têm do funcionamento de seu corpo, a percepção prática de que há limites que não devem ser ultrapassados, os trunfos e os pontos fracos de sua anatomia (uma base baixa ou uma grande velocidade de braço, um pescoço muito fino ou mãos frágeis), o comportamento e a tática que adotam no ringue, seu programa de preparação, as regras da vida que seguem, tudo isso vem, de fato, não da observação sistemática e do cálculo refletido da linha ótima a ser seguida, mas de uma espécie de "ciência concreta"llll de seu próprio corpo, de suas

potencialidades e de suas insuficiências, retirada do treinamento cotidiano, assim como da "terrível experiência de apanhar e bater repetidamente" (WACQUANT, 2002, p.148)

Cada praticante de parkour tem um mínimo detalhe que o diferencia na realização de um dado movimento. mesmo aparentemente sendo executado da mesma forma que os demais praticantes, cada um possui uma particularidade que pode revelar uma potencialidade ou uma dificuldade em relacionar-se com algum obstáculo ou movimentação. Os processos de identificação, reflexão e execução dessas potencialidades ou dificuldades constituem o exercício de autoconhecimento - ideia tão defendida e visualizada nos discursos e nos treinos de parkour. Autoconhecimento pode ser entendido como uma relação de intimidade consigo mesmo e com o meio ao seu redor: a partir da compreensão do meu corpo-mente, dos objetos que me cercam e das técnicas, é possível elaborar formas de articulá-los, de estabelecer um diálogo entre tais elementos através das mais diversas movimentações.

Geralmente, nos treinos coletivos, os praticantes com mais tempo de experiência, podem sugerir alguns "jogos" ou "brincadeiras" a fim de treinar determinados aspectos, os quais podem focar atenção à resistência, improvisação, condicionamento físico e psicológico. A dimensão do "psicológico" é constantemente acionada nos discursos dos interlocutores e pude perceber, de fato, alguns exercícios nos treinos de parkour que visavam o aprimoramento desse nível. Frequentemente se tratavam de exercícios relacionados ao foco, à atenção, à reflexão sobre os alcances e limitações do próprio corpo, sobre formas de superá-los ou de adaptar-se aos mesmos. (por exemplo, altura, peso, facilidade/dificuldade com determinados membros; agressividade, impulsividade, timidez, fácil distração, etc).

Por mais que nos treinos possamos ouvir claramente e frequentemente falas como "hoje vamos treinar membros superiores, mas amanhã vamos exercitar o psicológico", na prática, os dois objetivos se confundem no Parkour. Em praticamente todos os treinos é possível identificar elementos que apontam para um tipo de prática holística, de forma que, sob a perspectiva de Ingold, não existe um apartado das duas dimensões. Poderíamos falar, então, que os discursos dos traceurs, mesmo que construídos em cima da noção dual de corpo-mente, existam, o parkour é um exemplo vivo, na sua prática, de um processo de aprendizado relacional, mobilizado dentro de um contexto de pessoas, sensibilidades, afetos, objetos, ambiente e técnicas corporais. Fazer parkour, é saber que nasce do envolvimento prático com o cotidiano do praticante.

A técnica de um movimento, no contexto do parkour, não se constroi estritamente sob uma perspectiva mecânica, ela é parte, na verdade, de uma dinâmica mais complexa. Apesar de existirem movimentos mais “clássicos” do parkour, como monkey, cat leap e precisão, por exemplo, é possível observar outras movimentações que nem sempre possuem uma nomenclatura, uma definição ou mesmo uma prática continuada. Às vezes ela acontece, ali, no momento da improvisação. Todos os praticantes possuem experiências sociais, seja no âmbito dos esportes/atividades físicas ou não, que são mobilizadas no processo de aprendizagem do parkour.

Alguns praticantes de parkour, com experiência prévia na Ginástica, por exemplo, relataram vir de um contexto cuja dinâmica treinos e mesmo de sociabilidades entre professores, colegas e instituições era muito mais rígida que a do parkour. Além dessa “rigidez” nas relações, o fato dos treinos serem realizados em ambientes controlados, com colchonetes e outros equipamentos pensados para reduzir os riscos, contribuía para um tipo de expressão corporal mais “mecânica” ou “robótica”, como citado pelos interlocutores, diante de uma fase mais inicial de adaptação aos treinos de parkour. Esses praticantes possuíam uma certa dificuldade especialmente na execução do flow e nos exercícios de improvisação e criatividade em obstáculos mais inusitados. Por outro lado, possuíam extrema facilidade com movimentos de equilíbrio, saltos e precisão. A rigidez proveniente daquele outro campo de atividade física também podia ser observada no comportamento desses praticantes: vindos de um contexto onde a disciplina, a competição, e a perfeição da técnica são extremamente valorizadas, alguns dos indivíduos relataram problemas com autoestima e autocobrança, afirmando que encontraram no parkour uma maior liberdade tanto para o processo criativo das movimentações, quanto das sociabilidades ali vivenciadas.

Outros tipos de experiência corporal paralela também foram vistas em campo, como dança (especialmente break dance), capoeira, calistenia, musculação, treinos militares e “método natural” (não exatamente como o cunhado por Georg Hébert – mais a frente discutirei um pouco sobre esse ponto). Os indivíduos que também faziam dança e capoeira, possuíam uma tendência a se dedicarem mais às experimentações de flow, desenvolvendo de forma muito criativa e improvisada inúmeros movimentos por entre os objetos variados, relatando também levar o que era aprendido no parkour para os momentos daquelas práticas. Já os praticantes de calistenia e musculação apresentavam uma intimidade particular com movimentos de escalada – que requer muita força nos braços. Estes, entretanto, são exemplos rápidos apenas para fins de ilustração, pois tudo isso, especialmente nos treinos coletivos,

mistura-se de forma a estabelecer uma verdadeira panaceia de experiências e trocas diversas, regadas a suor, cicatrizes, calos, quedas, arranhões (e eventualmente um pouco de sangue), diálogos, “brincas”, incentivos, fotos, vídeos, piadas e muita arriação³⁰.

Não é somente o corpo, assim, que está em movimento, mas todo o mundo. O aprendizado vai se delineando a partir dos encontros, seja com as pessoas, com os artefatos, com o ambiente. E as formas de dialogar com os aspectos materiais e subjetivos, com o mundo, permite construirmos interpretações sobre eles, sobre nós, sobre eles e nós em plena articulação. Sob essa perspectiva, a técnica não é “um produto objetivável, mas formas novas de acoplamento em situações específicas” (DEBORTOLI et al, 2014, p.10).

Termo também muito utilizado no parkour, a “consciência corporal”, não deve ser reduzida à percepção do movimento como um desdobramento da mecânica do corpo em dada situação, mas sim, a um processo de compreensão que entrelaça memórias, vontades, desejos, alegria, inseguranças, medos, enfim, os afetos mobilizadores de cada indivíduo. As árvores, paredes, batentes, escadas, barras, pedras, terra e passantes também estão em plena relação com a prática do parkour, estes e vários outros elementos podem “limitar”, por um lado, determinados movimentos, mas também convida à criatividade, à inventividade, abrindo novas possibilidades de conhecimento de si mesmo e do mundo. A técnica, assim, é também, capacidade adaptativa, e esta, por sua vez, implica estar em relacionamento com o mundo:

Ganha força assim uma compreensão de que técnica enquanto relação; aquilo que, com quem ou com o que você está propondo se relacionar; seja uma pessoa, uma parede, uma cadeira, um platô móvel ou uma corda. Como ação relacional, o movimento efetiva-se como possibilidade de narrativa, cujo sentido é produzido como processo de envolvimento. (ibid, p.14)

A técnica, portanto, “se revela como um processo que envolve a pessoa inteira interagindo em e com o ambiente, indissociavelmente, social e natural” (Sautchuk et al, 2014 p.10). No caso do parkour, a maior parte do desenvolvimento das habilidades, das técnicas, dos movimentos em geral, dá-se em um processo de emulação, seja de vídeos ou dos próprios companheiros de treino. Vale destacar que existe uma elaboração coletiva, mas também individual e que a “destreza” do movimento não está somente em realizá-lo de uma determinada forma, mas saber adequar-se a novas possibilidades. Podemos dizer, dessa forma, que no parkour não há meramente uma reprodução de padrões, de técnicas fechadas em si,

30 Arriação é um termo também observado no meu campo de pesquisa durante o mestrado sobre lazer na periferia de Campina Grande, constituindo um tipo de sociabilidade fundada na jocosidade entre os indivíduos, podendo desenvolver relação de aproximação ou afastamento dentro do contexto observado. Termos como “frescar” e “tirar onda” possuem sentidos próximos. (PEREIRA, 2016)

mas que todo movimento é único por si só, uma vez que mobiliza técnica-percepção enquanto uma unidade, elaborando e participando, assim, de processos criativos.

Estes são alguns dos primeiros passos pelos quais busco adentrar na discussão do parkour sob uma perspectiva da antropologia processualmente desenhada por Ingold. Ao longo do trabalho, pretendo traçar paralelos com outras abordagens, a fim de analisar questões outras supostamente negligenciadas por Ingold, como, por exemplo, a noção de “poder”, tão trabalhada por Foucault. Ambos os autores têm suas influências no vitalismo de Nietzsche, mas elaboram de maneira distinta seus projetos teóricos (PINHO, 2017).

Além disso, podemos citar de antemão uma crítica já delineada a respeito do projeto ingoldiano: Silva afirma que a pretensão de Ingold em romper com os cânones das abordagens cognitivistas por meio de explicações não sociológicas não ocasiona uma subversão nas bases epistemológicas da antropologia clássica. Ainda que a proposta de Ingold queira ultrapassar a ideologia moderna ocidental mobilizada por Mauss e Durkheim, ele não escapa dela.

Dessa forma, não busco abandonar completamente os debates trazidos por outros autores, mas procuro explorar um pouco mais as potencialidades das sugestões abertas por Ingold, a nível teórico e metodológico, especialmente naquilo relacionado à experiência, materialidade e movimento, categorias que me parecem conferir uma riqueza interessante na análise do parkour.

CAPÍTULO 3 – PENSANDO E APRENDENDO COM O CORPO

Este capítulo objetiva apresentar alguns aspectos das vivências com o parkour relacionadas com a experiência corporal dos praticantes. Busco trazer algumas reflexões que nos ajudem a compreender formas de agenciamento, percepção e modos de aprendizagem do /com o corpo enxergadas na dinâmica do parkour. Começo a explorar essas questões com um breve ensaio sobre como podemos exercitar a compreensão da prática a partir de uma reflexão pelos pés, como uma maneira de deslocar o centro perceptivo do corpo da cabeça/mente para o corpo como um todo.

Assim, o exercício de pensar a partir dos pés trata-se de um recorte voltado para a atenção de um detalhe importante que elabora a aproximação da pesquisadora com o fenômeno estudado, assim como constitui uma dimensão indispensável à reflexão do praticante diante da experiência do parkour. Além disso, prologamos o debate para outras questões da aprendizagem, a fim de revelar a criatividade como um processo de conhecimento contínuo e engajado no mundo.

3.1 Refletir a partir dos pés

À medida que fui participando dos treinos de parkour como pesquisadora, despertei meu interesse por entender melhor, a partir do meu próprio corpo, os movimentos que eu observava, como também fui sendo eventualmente convidada para experimentar alguns movimentos. Ainda em um momento anterior, alguns dos entrevistados fizeram relatos onde mencionavam alguma consideração sobre suas roupas e calçados utilizados nos treinos e, durante estes, esse tema retornou, especialmente a questão dos tênis.

Existem diversos tipos de calçados disponíveis para a prática de esportes e atividades em geral, e os praticantes de parkour podem utilizar uma variedade destes, entretanto, em geral, parece haver uma certa preferência por tênis leves e flexíveis, cuja estrutura fique rente aos pés e sem espessuras muito grossas. Esses tênis passam a ficar ainda mais confortáveis quando um pouco antigos, pois memorizam o formato do pé do usuário, segundo os traceurs.

Em uma dos treinos na AMP, acompanhei o traceur Pedro para um passeio/treino por diversos lugares de Póvoa do Varzim, passando por bancos, escadas e muros, até chegar à areia da praia da cidade, onde havia uma estrutura de cordas construída sobre a mesma. Depois fomos até uma área de concreto e pedras, bem próximo ao mar e enquanto Pedro

subia, descia e se deslocava com agilidade por todos esses materiais, eu sentia um certo desconforto em simplesmente andar e acompanhar o seu ritmo de deslocamento.

Em geral, eu tentava ir à campo sempre com roupas confortáveis, como uma calça do tipo legging, moletom e/ou blusa mais leve, de acordo com a temperatura, além de algum par de tênis. Nesse dia que acompanhei Pedro em Póvoa do Varzim, por exemplo, eu usava um tênis do modelo Fila Disruptor, um calçado extremamente robusto, com um solado tratorado de 4cm, o qual não me causa desconforto mesmo em caminhadas longas por superfícies mais lisas, mas que, em lugares mais acidentados e com caminhos mais sinuosos, tende a apresentar uma dificuldade de adaptação ao espaço. A sensação que eu tinha com esse tênis é de estar com os pés muito longes do chão, além de sua espessura muito rígida não oferecer nenhuma flexibilidade. Meus pés eram como duas pedras de tijolo. E senti isso quando precisei fazer uma pequena escalada em um muro baixo de concreto, no qual eu bastava apoiar os pés e Pedro, que já estava no nível mais alto da estrutura que estávamos subindo, iria me ajudar, ao me puxar pelas mãos. Apesar de não ser uma traceuse, eu sabia que até mesmo descalços eu conseguiria subir aquela parede mais facilmente, mas definitivamente não com aqueles tênis.

Em outras oportunidades, comecei a observar melhor os pés dos traceurs e vi que alguns deles usavam modelos mais próximos daqueles utilizados para academia e caminhada e resolvi usar um modelo parecido que eu tinha, adquirido justamente para fazer longas caminhadas. Passei a usar o tênis New Balance 373, que apresentava um conforto muito maior em relação ao anterior, sendo bastante leve e tendo boa flexibilidade. Eu gostava desse tênis para realizar especialmente movimentos de precisão, pois ele é macio e oferece um leve amortecimento e aderência. Entretanto, ainda sentia dificuldade com ele para movimentos de equilíbrio em barras ou estruturas similares, nos quais eu sentia uma certa necessidade de preensão com os pés para me manter com a coluna ereta por mais tempo.

Apesar desse tênis de caminhada/academia, de modelo mais “esportivo”, ser bem tolerado entre os traceurs, o modelo que parece ter mais aceitabilidade é aquele cujo cano é baixo e seu material, geralmente confeccionado com lona e borracha, além de ter espessura fina, flexível e possuir contato bem rente aos pés. São modelos parecidos com o Converse All Star ou com o modelo VI 2500 da marca brasileira Rainha, sendo este último um dos mais mencionados e utilizados pelos traceurs de Campina Grande, tendo em vista seu ótimo custo-benefício e uma melhora de adaptabilidade aos pés, com o passar do tempo. Segundo os traceurs, esse tipo de tênis fornece uma boa flexibilidade, além de ser um dos modelos

disponíveis que mais se molda ao pé do seu usuário. Assim, resolvi testar um terceiro tênis que eu tinha, similar ao modelo escolhido pelos traceurs, que se encontrava já bem utilizado e, por isso, bem adaptado ao meu pé.

Podemos nos questionar, ainda: e porque a necessidade de utilizar calçados, então? É evidente que há experiências de movimentos do parkour feitos descalços, entretanto, o uso do tênis ainda parece ser necessário devido a um processo de adaptação às texturas e formas do ambiente. Servem como uma barreira de proteção contra texturas espinhosas, eventuais cacos de vidros e absorvem, ainda que pouco (especialmente no caso do tênis do tipo “Rainha”), o impacto, só para sinalizar alguns exemplos. Os tênis mais utilizados no parkour são os que se comportam como um tipo de “intermediário” entre os tênis mais robustos, espessos ou rígidos e a forma do pé do praticante, funcionam, assim, como uma opção interessante para movimentar-se com certa liberdade e flexibilidade.

Ouvindo, assim, os relatos e observando os pés dos traceurs, busquei também notar as nuances sentidas por mim da utilização de cada um desses calçados que utilizei para a realização de alguns movimentos. Resolvi olhar bem de perto os calçados e os meus próprios pés, observando os detalhes no design dos calçados e a forma que tomava meus pés em cada um deles, tentando exercitar um pouco a atenção sobre a relação desses tênis com os pés, com o movimento e com as texturas com as quais eles se relacionam nas atividades do parkour.

Figura 6: Dimensões aproximadas de tênis Fila



Fonte 6: fotografia da autora

Figura 7: Dimensões aproximadas de Tênis Fila



Fonte 7: fotografia da autora

Figura 8: Dimensões aproximadas de tênis New Balance



Fonte 8: fotografia da autora

Figura 9: Dimensões aproximadas de tênis New Balance



Fonte 9: fotografia da Autora



Fonte 10: Fotografia da autora

Figura 11: Dimensões aproximadas de tênis Primark



Fonte 11: Fotografia da autora

Tirei as medidas aproximadas dos tênis, especialmente as relativas à altura entre a entressola e o solado (de onde senta o pé à superfície do tênis em contato com o chão), à largura na área dos dedos dos pés (ante-pé), ao comprimento e à altura do calçado (da língua do tênis à sola), pois notei que são as que mais apresentam variações quando comparamos os três modelos que mencionei. Cabe destacar, ainda, que outras variáveis precisam ser levadas

em conta, como a espessura do material dos tênis: apesar das medidas entre os três não ser extremamente significativa, a espessura, por exemplo, do Fila Disruptor é bem grossa em relação aos outros dois. Entre o New Balance e o Primark, também há uma diferença de espessura. Tanto a altura entre entressola e sola, além da espessura do material do tênis, vão proporcionar uma maior flexibilidade e contato com as superfícies pelas quais o usuário se desloca.

A escolha dos traceurs pelo terceiro modelo parece permitir uma maior liberdade aos pés na realização dos movimentos, sendo o que mais se aproxima da própria forma do pé, proporcionando um maior contato, aderência e leveza. Evidentemente não se trata de uma análise técnica e seria necessário um estudo especializado para trazer melhores detalhes e explicações mais aprofundadas sobre o design e a ergonomia desses calçados. Tentei fazer essa observação como um experimento de aproximação metodológica com o que estudei, a fim de realizar mesmo um exercício sensorial para buscar compreender melhor o parkour pelos pés.

Observar o parkour a partir da cintura para baixo, e compreender o processo de vivência e aprendizado da prática a começar pelos membros inferiores é também um exercício de considerar pernas e pés como imprescindíveis no processo de conhecimento e desenvolvimento das habilidades humanas. Trata-se de um olhar que busca trazer a análise da experiência pedestre proporcionada pelo parkour, em meio a um processo histórico de redução progressiva das atividades andantes, impulsionada especialmente na era do carro com a mecanização do pé com a utilização de botas e outros calçados, o aumento do uso das cadeiras e a viagem orientada para um destino certo (INGOLD, 2018). Nesse sentido, busco debater nos próximos tópicos como podemos estabelecer um diálogo entre o parkour e a compreensão de uma certa supremacia da cabeça sobre os pés, buscando entender como analisar uma prática habilidosa a partir da locomoção pode fortalecer a hipótese de que atividade perceptiva também depende dos nossos sentidos em conjunto. O conhecimento também é feito com os pés.

3.2 Aprender com todo o corpo

A razão, localizada no corpo da cintura pra cima, onde cabeça, braços e mãos funcionam como operadores da transformação sobre o mundo, libertos devido a possibilidade

da postura ereta do ser humano, relega pernas e pés a um papel secundário unicamente responsável pela locomoção, não como participantes de uma dinâmica de conhecimento (INGOLD, 2018). E outras palavras, pensamos da cintura para cima – os projetos inteligentes são criados e entregues pela cabeça e mãos, enquanto pernas e pés não participariam diretamente dos processos cognitivos. Estes, estariam em oposição à locomoção, sinalizando o reforço da clássica dicotomia mente x corpo.

Mover-se, assim, não é visto como fator que desencadeia o processo perceptivo. A ideia de percepção está ligada - muito em parte em função da própria história ciência - à mente como elemento dissociado do corpo, este sendo, assim, relegado a um conhecimento menor. É especialmente com a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) que podemos compreender um olhar alternativo à dicotomia cartesiana, propondo uma perspectiva na qual a percepção está diretamente vinculada ao corpo em todos os seus sentidos. Conhecemos não só com os olhos, mas com mãos, pés, olfato, audição.

A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como o concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir. A visão, diz-se, só pode apresentar-nos cores ou luzes, e com elas formas, que são os contornos das cores, e movimentos, que são as mudanças de posição das manchas de cor. Mas como situar na escala das cores a transparência ou as cores "turbas"? (...) Da mesma maneira, no ruído de um automóvel ouço a dureza e a desigualdade dos paralelepípedos, e com razão fala-se em um ruído "frouxo", "embaçado" ou "seco". Se se pode duvidar de que a audição nos dê verdadeiras "coisas", pelo menos é certo que ela nos oferece, para além dos sons no espaço, algo que "rumoreja" e, através disso, ela se comunica com os outros sentidos. (ibid, 309-310)

Em outras palavras, evoca-se um alargamento da compreensão sobre a percepção a partir de uma perspectiva em que todos os sentidos, e não só a visão e o tato, participem do processo de conhecimento do ser humano. Esse exercício pode ser feito com o auxílio de uma análise detida sobre processos simples, como o uso de uma bengala por um indivíduo cego: com seu uso contínuo, esse instrumento passa, também, a tatear o mundo, pois “não é mais um objeto que o cego perceberia, mas um instrumento com o qual ele percebe (...) uma extensão da síntese corporal” (ibid, p.211). Nesse sentido, quando utilizo o exemplo dos pés não quero sugerir uma soberania destes sobre as próprias mãos ou outras partes do corpo, mas sim, como um exercício de compreender a percepção pelos sentidos difusos no corpo. Essa ideia pode se aplicar, portanto, a outros sentido, inclusive na análise do próprio parkour. Para

fins deste trabalho, escolhi “pensar a partir dos pés” - meus e dos praticantes que participaram desta pesquisa.

Apesar do parkour ser uma atividade que aumenta a experiência pedestre, há alguns elementos que nos apontam uma certa permanência do que Ingold (2018) chama de “supremacia da visão” - relacionada, ainda, com o ponto que falamos sobre a razão localizar-se na parte superior do corpo. Ao mesmo tempo que, no parkour, são feitas dinâmicas muito interessantes para treinar a noção do espaço sem recorrer necessariamente à visão como, por exemplo, exercícios com os olhos vendados, trata-se, ainda, de uma prática com um considerável apelo visual. Podemos observar isso, em certa medida, tanto na escolha de certos lugares e movimentos considerados mais “perigosos”, quanto no papel que as imagens e vídeos desempenham em boa parte da experiência dos seus praticantes, especialmente quando da realização de saltos mortais ou saltos feitos em lugares muito altos. É evidente que os registros³¹ produzidos durante essas experiências nem sempre se destinam exclusivamente a sua reprodução em sites ou redes sociais, muito utilizados por diversos traceurs como nicho de produção de conteúdo e propagação de sua prática.

Dizer, entretanto, do apelo visual que o parkour possui, em maior ou menor instância, tem mais a ver com um tipo de produção de conteúdo e de uma vivência voltados para uma certa espetacularização da prática, do que para a afirmação da superioridade da visão sobre o processo de desenvolvimento da habilidade prática. Por outro lado, também há, durante a própria experiência com o parkour, um treinamento gradual da atenção que não se limita à atitude da visão. Quando um praticante relata, por exemplo, que é necessário sentir se hoje ele “está bem” para realizar um determinado movimento, ou que é necessário sentir se é possível “saltar mais que seis ou oito pés de distância hoje”, no ponto em que se encontra “física e mentalmente” falando, ele sugere um processo de percepção que ocorre na atenção da própria disposição corporal. Relatar, portanto, que não se está com “cabeça” para fazer algum movimento, aponta, na verdade, um processo de percepção vivenciado pelo corpo como um todo:

Se tiver bem, normalmente consegues fazer as coisas, não cai, o corpo às vezes tem mais entusiasmo do que a nossa mente, mas nem sempre dá certo. Se tiveres num dia ruim, é claro que podes fazer movimentos, mas é melhor fazer movimentos mais leves, mais simples, brincando... e depois se calhar, até transformas essa energia negativa em algo melhor. É tipo uma dança, mas nesse caso com movimentos de parkour. É tipo dançar...É também como uma arte, a arte do que tu podes fazer com

31 Importante lembrar a reflexão feita por Caldeira (2012) de como esses registros feitos por praticantes de parkour (de graffiti, de pixo etc) funcionam de maneira a estender uma experiência efêmera.

o corpo e com o ambiente. Tu sentes aos poucos e inventas a dança, entendes quais os passos que encaixam ou não naquele ritmo, entendes o ritmo que te apetece naquele momento...ao teu corpo, a tua mente. É mesmo tipo dançar. (Vasco)

O relato feito por esse traceur faz um interessante paralelo do parkour com a “arte do que tu podes fazer com o corpo e com o ambiente”, ao mesmo tempo nos mostra que entender os passos e os ritmos pertinentes ao momento, ao ambiente, ao corpo, à mente é um único processo de que abrange todos os sentidos. Ainda que um as figuras de mente e corpo como coisas diferentes sejam apresentadas a nível narrativo nos relatos dos traceurs, a construção explicativa, aliada à observação da prática, são capazes de nos mostrar a unicidade do processo perceptivo, uma vez que os sentidos não estão vinculados casualmente, e, sim, confusamente implicados em um drama único (MERLEAU-PONTY, p.269). Esse aprendizado do movimento implica um conhecimento que se desenvolve no ato de explorar, de mapear (INGOLD, 2005), de uma atitude fundamental de abertura ao novo, ao imprevisível do mundo. Aprender, portanto, um movimento corporal não pode ser pensado enquanto uma experiência que se emerge e fica limitado às fronteiras do corpo que o pratica. Trata-se de um processo que emerge em conjunto e se estende às várias dimensões da vida daquele que o experiencia

Porque parkour se trata de fazer algo diferente ou novo sempre. Que é diferente de fazer basquete ou futebol porque eu não desenvolvo essas habilidades, eu só recebo e repito as regras...não se mudam os padrões corporais... mesmo na ginástica é sempre aquilo, é mais rígida, mais monofuncional, não existem outras alternativas, sempre indoor, e a pessoa acaba não vivenciado a experiência do que é ser uma pessoa no mundo físico. Parkour tem isso...tem essa parte, pois... abre mais, como a primavera. É altamente subjetivo, sei que depende de cada pessoa. Mas acho que no geral toda gente sente isso, quem faz parkour há muito tempo (...) Eu pensei numa coisa que faz mais sentido pra mim: dizem que as pessoas do parkour são malucos ou inconscientes, mas já conheci mais pessoas responsáveis e conscientes no parkour do que em qualquer outro grupo de amigos que participei. Tomando consciência do teu corpo e do teu corpo com o ambiente, e a tua relação com os outros e com o ambientes, ficas mais consciente das coisas, e ajudas mais os outros e a ti próprio. E é um bocado disso. (Vasco)

O desenvolvimento de uma habilidade decorre justamente da sinergia entre o corpo do tracer e de todo o seu entorno, essa “consciência” é a percepção que é, por sua vez, relacionada ao alinhamento ocorrido entre “os próprios movimentos em contraponto às modulações do dia e da noite, do sol e da sombra, do vento e do clima. É sentir as correntes de ar enquanto infundem o corpo, e as texturas da terra sob os pés (INGOLD, 2018, p.142). Dessa forma, a tomada de consciência corporal, expressão corrente não só no parkour, como no mundo das atividades físicas em geral, supõe, segundo a análise aqui feita, um movimento

de atenção a partir do engajamento corpóreo no mundo orientado por uma educação da atenção.

Nesse sentido, Bruno destaca a importância dos treinos em conjunto, com diferentes pessoas e suas experiências distintas: quando mais diverso, melhor. Pois isso ajuda, segundo ele, a diluir essa visão “bizarra” de que o parkour se limita a coisas extremas e muitas vezes desestimulantes para todos os tipos de perfil. Além disso, o estereótipo de parkour como esporte “radical pode ser um caminho perigoso, servindo para criar ilusões acerca da prática e incentivando-a de maneira um tanto irresponsável. Treinar em conjunto é interessante para Bruno porque mostra as várias possibilidades de experimentação com o corpo a partir de diferentes movimentos, tendo em vista que cada praticante tem seus “fortes” e seus “fracos” e tudo isso pode ser enriquecido e desenvolvido de forma criativa e coletiva.

A molecada que tá junto com a gente, que é mais nova, vê o estilo dele, vê o meu estilo, aprende com os dois, vão descobrindo o que eles gostam, vão achando o caminho deles... E todos eles também tem suas vivências, né? Então eu acho é preciso entender que parkour é estar transitando por tudo isso. É praticar depois um pouco de capoeira, ver qual movimentação é boa, e praticar depois um pouco de kung fu, ver qual conceito é bom pro treino, sabe? Não precisa ficar também só “parkour parkour parkour”. Esse negócio de ficar brigando pelo o que é parkour e free running... acaba gerando um...sendo sectário, essa é palavra mesmo. (Bruno)

A abertura para a aprendizagem coletiva, para a troca de experiências e disposição de orientar os iniciantes na prática é extremamente valorizada na comunidade do parkour, sendo citadas sempre como um dos “pilares” no qual o parkour se sustenta: o altruísmo. Treinar parkour e, sobretudo, treinar na coletividade potencializa o aperfeiçoamento mútuo das habilidades, bem como fortalece a sensação de que “não se está sozinho”, como cita Ygor ao conversarmos sobre a importância dos encontros de parkour em sua trajetória com a prática.

Os encontros de parkour, a exemplo dos Encontros Nordestinos, no Brasil, e das Jams, no Porto, são constantemente mencionadas como uma das principais oportunidades de expansão do aprendizado e, com as trocas, aconselhamentos de outros praticantes e observações de outros tipos de movimentações, há uma maior possibilidade de “destravamentos” de alguns movimentos que até então não conseguiam ser feitos por determinados praticantes. Além disso, as falas sobre esses eventos carregam uma bagagem de memórias afetivas sobre os encontros, as amizades, as lições de coragem, ajuda, conselhos dados e recebidos, brincadeiras, etc. Também são citadas algumas situações de conflito decorrente de divergências de opiniões e, principalmente, falta de humildade ou

exibicionismo por parte de alguns praticantes que, segundo os entrevistados, estavam lá “só para se mostrar e não para, de fato, trocar a experiência com os colegas”.

Figura 12: Praticantes de parkour durante treino coletivo, no Parque da Criança



Fonte 12: fotografia da autora

Figura 13: Praticantes de parkour durante treino coletivo, no Parque da Criança



Fonte 13: Fotografia da autora

Figura 14: Praticantes de parkour no skate park da Maia, durante uma Jam



Fonte 14: Fotografia da autora

Figura 15: Praticantes de parkour no Skate Park da Maia, durante uma Jam



Fonte 15: Fotografia da autora

A troca de experiências, o deslocamento geográfico, mas também cultural e social, proporciona novas formas de viver o parkour. Diferentes afetos e vivências com o mundo fazem parte do processo de engajamento que se dá por meio de habilitações. O mundo do parkour é uma demonstração de como uma prática revela um enorme leque, ou melhor, uma malha de linhas de vida. Para Bruno, o parkour atua como um “caminhão” que o ajuda a carregar várias experiências de práticas corporais

É tipo eu ter encontrado o caminhão pra levar a carreta toda carregada já, então pk é isso, é um caminhão que já tinha uma carga atrás. Que faltava essa carga ser conectada ao caminhão pra sair levando adiante. Deve ter o objetivo final...mas o objetivo final eu não posso falar o que é, porque eu também não sei o que é... Onde tudo isso vai me levar eu não sei, por enquanto é isso... tô curtindo essa coisa de pensar um parkour com isso da capoeira angola como eu falei, um novo estilo focado na lentidão... mas aí eu trago coisa da dança, um pouco das artes marciais...um pouco da vida toda, né... o parkour me ajuda a carregar tudo isso e a fazer coisas diferentes com tudo (Bruno)

Nos treinos coletivos é possível ver as dinâmicas de aprendizado a partir da relação entre praticantes mais experientes e os mais novos, ou entre praticantes com habilidades voltadas para movimentos distintos. Um termo muito comum é “destravar” ou “desbloquear” um determinado movimento, aludindo, em alguma medida, à passagem de fase nos jogos de videogame. Há uma diferença entre desbloquear e aprender o movimento: desbloquear é conseguir realizar o movimento, mas aprender implica uma certa consolidação da movimentação, fazendo-a de maneira mais fluída, menos rígida, conscientizando-se melhor sobre o próprio corpo.

Durante um treino no Açude Velho, em Campina Grande, Heitor dá um exemplo com um mortal que ele já sabia fazer, mas sentia que não saía “leve”. À medida que foi treinando mais, e obtendo conselhos dos colegas, começou a mudar pequenos detalhes como uma leve articulação no joelho e o impulso do tronco a fim de que pudesse tornar o salto mais confortável. Esse conforto pode ser interpretado como o processo de habilidade que é desenvolvido a partir da educação da atenção.

Em outra oportunidade, no Porto, alguns meninos mais novos treinavam saltos de um banco para outro, distando algo entre 1,5m e 2m. A maioria, ao meu ver, parecia realizar com uma certa eficácia (pois para mim, saltar de um banco para o outro já era sinônimo de sucesso), entretanto, percebi que entre eles, que já estão habituados e compreendem muito mais que eu a respeito das técnicas, havia uns aconselhamentos do tipo “estica mais as costas”, “estica mais as pernas”, “flexiona o joelho” etc. Percebi, sobretudo no início do treino

que, quando os meninos saíam correndo, tomando impulso para pular no primeiro banco e, do primeiro, pular para o segundo, muitas vezes vacilavam ao chegarem perto do primeiro banco, não subindo e voltando ao ponto de partida para tomar impulso novamente.

Passei exatamente por essa hesitação em um treino com Bruno, no qual ele me ensinava a fazer um *speed* em uma pequena parede: trata-se de um movimento que consiste em “transportar o obstáculo apoiando-se com apenas uma das mãos e lateralizando o corpo no momento da ultrapassagem com relação ao objeto” (SENA; LEMOS, 2020). Vacilei várias vezes para iniciar o primeiro salto. Corria e, quando chegava muito próximo ao banco, parava. Depois de algumas tentativas, Bruno constatou que minha dificuldade estava em esticar a perna direita, que deveria ficar do lado externo, dando mais espaço para a perna esquerda “passar por dentro”. Ao me falar isso, passei a me esforçar para pôr em prática o seu conselho e, depois de algum tempo, consegui “desbloquear” o movimento. Aprender até me sentir confortável, só com bastante treino.

Essa atenção ocorre a partir de uma atitude “vigilante do caminho, à medida que ele vai se desdobrando” (INGOLD, 2015, p.27), trata-se, dessa forma, vigiar com todos os sentidos de maneira mais atencional do que intencional. Portanto, quando falamos de romper a dicotomia cartesiana e o modo representacional de encarar o processo de percepção, não queremos dizer que não existem processos psicológicos e intencionais. Mas sim, afirmar que a mente é “imaneante ao próprio movimento, e não uma fonte originadora à qual esse movimento pode ser atribuído enquanto efeito” (ibid).

3.3 Parkour como um resgate do natural?

Na introdução, trazemos alguns aspectos iniciais sobre a relação do parkour com o método natural de George Hébert e, neste tópico, busco explorar melhor esse diálogo a fim de apresentar elementos que nos revelem a elaboração de uma ótica sobre o corpo, originalmente no âmbito científico da educação física, onde Hébert se situa, e como esse olhar produz ressonâncias, ainda, nas narrativas e vivências atuais em relação ao parkour.

O Método Natural de George Hébert, como o próprio nome já diz, mobiliza o discurso de um certo resgate dos movimentos naturais dos seres humanos - endossado ainda hoje seja pelos próprios praticantes de parkour, seja por estudiosos³² - uma vez que foram suprimidos e

32 Ver, por exemplo, Vieira et al (2011), Nagata e Carmo (2011), Carneiro (2016), Silva (2012). Além disso, figuras imponentes do parkour como Sébastien Foucan (2008) também se reporta à prática referenciando certos movimentos a tipo de “desejo natural” ou “movimento natural”

perdidos ao longo do tempo, capturados pela forma de vida moderna, constricta em calçados, cadeiras, ruas pavimentadas e automóveis. Tendo sua inspiração a partir da observação dos povos pertencentes a tribos das Américas e África em suas viagens de missões da Marinha, Hébert (1909) propôs uma série de exercícios a serem incluídos nos treinos militares, exercícios estes que visavam uma melhor performance do ser humano na realização das atividades da corporação a partir de um certo tipo de intimidade tátil com o ambiente que seria conquistada com o aprendizado de oito grupos de movimentos básicos do corpo humano: caminhar, correr, saltar, escalar, equilibrar-se, lançar, levantar, nadar (ibid, p.5).

É compreensível o uso da ideia de um “resgate do natural” não só por Hébert, mas outros estudiosos da educação física da época, se olharmos para o contexto no qual estava inserido: um mundo que experimentava grandes mudanças nas tecnologias, especialmente as de locomoção, um ritmo frenético de expansão industrial, novos movimentos colonizadores em torno do continente africano e asiático e a implosão da primeira guerra mundial. Todos esses elementos contribuíram para alimentar o projeto de Hébert de desenvolver um tipo de treinamento utilitário, acessível e inspirado nos modos de vida e nas técnicas de deslocamento dos povos que ainda habitavam o imaginário exótico do sonho colonial dos europeus.

A ideia de Hébert ainda perdura, em maior ou menor medida, nas narrativas e na prática do parkour, tendo em vista que o parâmetro que hoje temos dos movimentos corporais é basicamente o conjunto muito restrito daqueles que mobilizamos no cotidiano de uma vida onde a locomoção é facilitada por diversas tecnologias que não são as próprias pernas ou braços daqueles que em tese poderiam acioná-los de forma mais ampliada. A referência a um ethos animalesco de certos tipos de movimento como o acocorar-se ou o andar quadrupedal também contribuem para uma cristalização da ideia de um movimento natural que foi perdido ao longo do tempo, influenciado pelos aparatos modernos da civilização humana.

Mas é importante termos em mente que, apesar da razoabilidade desse discurso, é preciso entender os significados da característica de “natural” que Georges Hébert visava conferir ao método que ele buscava desenvolver. Assim, perceber como a locomoção e as técnicas do movimento devem ser observadas em vinculação às formas de viver dos indivíduos, às circunstâncias culturais e ambientais dos mesmos talvez tenha sido o que impulsionou Hébert a enquadrar o seu método como “natural”. Concordo com Ingold (2018) e Mauss quando estes afirmam, entretanto, que nenhuma dessas maneiras de se locomover, seja com os pés descalços sobre terra e pedra, ou com os pés calçados em botas por sobre ruas pavimentadas, são naturais. Evidentemente que processos tecnológicos podem ampliar ou

restringir, imediatamente ou a longo prazo, as formas da movimentação corporal, mas esse fato não tem a ver com uma suposta naturalidade do ato em si. O “natural” aqui, nada mais é do que os aprendizados dos indivíduos em sinergia com o ambiente e com a cultura que estão inseridos.

Dessa forma, Hébert (1912), no seu *Guide Pratique d'Education Physique*, faz a seguinte afirmação: atividade é uma lei da natureza. Então, desenvolve seu argumento de que o ser humano, em seu “estado natural”, assim como os outros seres vivos, obedecendo às necessidades naturais, desenvolvem-se fisicamente somente em realizar os seus exercícios e trabalhos úteis a sua sobrevivência. Ele afirma, ainda, que tal desenvolvimento vai depender das habilidades originais do indivíduo, do seu temperamento, das condições climáticas onde vive e dos desafios postos a esse ser humano.

Nesse sentido, Hébert tece uma crítica à forma de vida que os “países civilizados” impuseram ao indivíduo, afastando-o dos ambientes naturais e desencorajando cada vez mais os exercícios físicos desde a infância. Além da crítica a um modo de vida sedentário que o mundo moderno suscitou nos seres humanos, Hébert afirma que as escolas de educação física deveriam não só orientar exercícios e cuidados corporais, como incentivar uma moralidade voltada para o desenvolvimento da coragem e do altruísmo em prol de si mesmo, da sua família e da humanidade (HÉBERT, 1909). Dessa maneira, portanto, é que ele busca elaborar um método capaz de agregar essas orientações, centrado especialmente no papel da utilidade, cuja inspiração é o indivíduo “não civilizado”, que age por “imitação” e por “instinto”, participantes de culturas outras que não a europeia, sobretudo as pertencentes aos povos das colônias francesas nas Américas e na África

Le sujet non civilisé se perfectionne de lui-même, par imitation d'abord, en usant ensuite de son expérience personnelle ; c'est une action tout instinctive.

La méthode, au contraire, aide dès le début le sujet civilisé en lui indiquant les meilleurs principes à suivre. Elle lui évite un grand nombre d'essais infructueux et d'expériences personnelles inutiles ou dangereuses. Elle lui permet ainsi de gagner du temps. En outre, il faut remarquer que les effets de certains exercices naturels ou de certains travaux impossibles à pratiquer dans certains cas, peuvent être obtenus artificiellement par des mouvements particuliers bien déterminés. (...) Ces exercices forment huit groupes distincts, qui sont : la marche, la course, le saut, la natation, le grimper, le lever, le lancer, enfin la défense naturelle (par la boxe et par la lutte). (...) En dehors d'eux il reste seulement des exercices tels que l'escrime, l'équitation, l'aviron,... qui sont d'une utilité secondaire ou limitée à certaines catégories de personnes ; ou bien des jeux, des sports, des exercices de fantaisie ou acrobatiques ; mais aucun parmi ces derniers n'est indispensable à tous les individus, sans distinction de profession ou de classe. (ibid, p. 4-5)

Nesse sentido, Hébert propõe a constituição de um “método racional”, visando o máximo rendimento da “máquina humana”, baseado no ideal de “ser forte” e “ser útil”. Assim, elabora um método de aprendizagem e o aprimoramento de exercícios básicos e úteis que a maioria dos seres humanos poderia conseguir realizar a partir de uma série progressiva de treinos, aperfeiçoando o sistema muscular, respiratório e corrigindo problemas decorrentes de maus hábitos físicos (ibid) Tal elaboração privilegia o aperfeiçoamento de exercícios específicos, considerando secundárias práticas como as acrobacias, por exemplo. Segundo ele, aqueles exercícios básicos seriam não só mais úteis, quanto também mais acessíveis à maioria dos indivíduos, enquanto essas práticas acessórias ofereceriam uma maior restrição. Além disso, o oficial da marinha francesa também leva em consideração o tempo limitado que o indivíduo moderno possui, fator este que exige um método racional, otimizado de treino e, por essa mesma razão, a necessidade de realizar um exercício útil para si e para os outros.

Hébert é constantemente lembrado tanto nas narrativas dos praticantes, quanto na literatura relacionada ao parkour, como uma peça essencial na emergência da prática, especialmente pela influência causada nos treinos de Raymond Belle e, reverberando, posteriormente, no desenvolvimento do parkour com o grupo Yamakasi e David Belle, filho de Raymond. Para entender como Hébert elabora o seu método, é importante destacar o contexto e as referências que o influenciaram na estruturação e inserção do Método Natural no treinamento militar da sua época.

Na última década do século XIX, Hébert fazia parte da Marinha Francesa e desenvolvia à época, um método de treinamento cujas bases remontavam uma linha de outros pensadores das ciências e da educação física que formulavam teorias e sistemas de atividades físicas orientadas ao retorno racional à natureza (JUBÉ, 2020). O militar francês acaba popularizando-se entre seus colegas, assim como se constitui enquanto um importante nome na historiografia da educação física francesa, chegando, inclusive, a integrar o rol de referências de autores para estudos e projetos que visavam a inserção do esporte e da ginástica no cotidiano brasileiro, nas primeiras décadas do século XX (JUBÉ, QUITZAU, 2019).

Antes de Hébert, um outro importante nome que também disseminou os ensinamentos da ginástica voltada para o treino militar foi o coronel espanhol, naturalizado francês, Francisco Amoros (1770-1848), especificamente na École de Joinville. Amoros, por sua vez, foi bastante influenciado pelo educador suíço Johann Pestalozzi, cujo pensamento remete aos ideais de altruísmo e utilidade comum do filósofo Jean-Jacques Rousseau. Seguindo essa linha, Amoros afirma que a principal razão de ser do seu método é a utilidade.

Figura 16: Foto de um homem senegalês como exemplo de desenvolvimento corporal perfeito e adquirido sem método



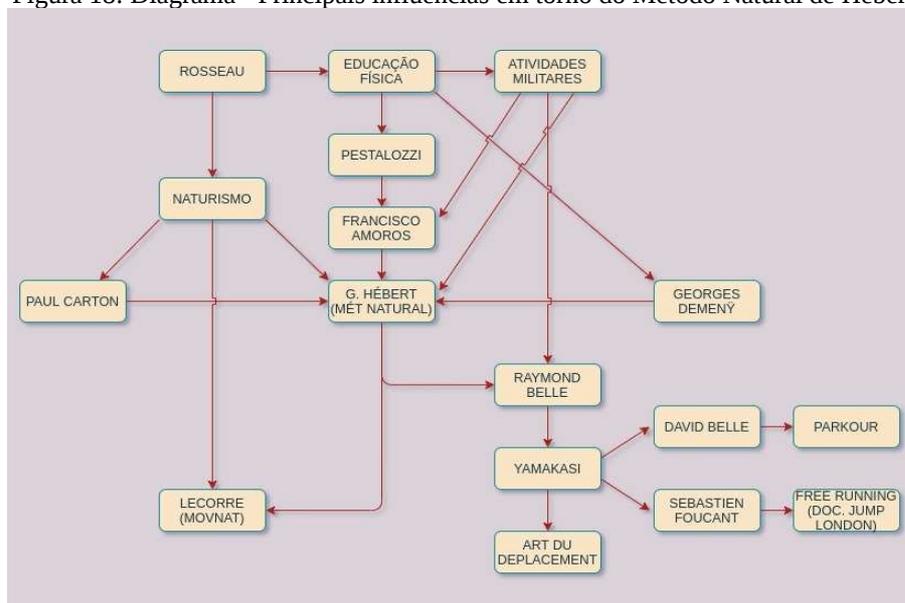
Figura 17: Fonte: extraído de Hébert (1909)

Inicialmente como estudante da Escola Naval no fim do século XIX Hébert começa a estruturar o seu *Méthode Naturelle*, especialmente influenciado por dois grandes estudiosos: Demenÿ (1850-1917) e Carton (1875-1947) (COCHET, 2012). A aproximação de Hébert com Demenÿ deu-se em virtude dos estudos deste último em torno da ginástica científica e sua proposta de sistematização do método para as atividades físicas (SOARES, 2003). Já em com o movimento naturista, representado pelo contato com o médico Paul Carton, Hébert buscou integrar concepções da terapêutica defendida por Carton que consistia em

tornar a dar o equilíbrio da saúde, corrigindo primeiramente os erros vitais e prescrevendo a seguir o regresso à lei natural sobre todos os planos (...) restabelecer o poder das imunidades naturais que constituem agentes de preservação (...) mais eficazes, lógicos e duráveis do que as imunidades artificiais (CARTON, 1923, p.6)

A historiografia do naturismo francês percebe, assim, que este movimento uma importante referência na constituição do método estruturado por Hébert, que defendeu, ao longo de suas obras, a necessidade de uma educação física instituída sob os princípios naturais, notadamente na compreensão da sinergia existente entre ser humano e a natureza: o corpo é feito dos mesmos elementos desta. A influência recíproca entre Hébert e Carton, isto é, entre a educação física e o naturismo, contribuiu sobremaneira para a idealização de uma nova pedagogia voltada ao corpo, a qual Hébert dedicou sua vida.

Figura 18: Diagrama - Principais influências em torno do Método Natural de Hébert



Fonte: criado pela autora com referência nos textos consultados

Podemos constatar como o movimento naturista e o método natural de Hébert reverberam nos dias de hoje, particularmente com a existência de alguns movimentos em países do Ocidente que promovem um estilo de vida diferente a partir do ensino e fomento de sistemas de métodos de exercício que seguem uma narrativa de um “resgate” ou aprendizado das habilidades naturais do corpo humano. Participam desses movimentos, por exemplo, profissionais da educação física, médicos, fisioterapeutas, atletas e simpatizantes dessas ideias, entre outros perfis.

Tratam-se de coletivos de pessoas que estudam e compartilham informações acerca de atividades físicas, dietas e estilos de vida, de um modo geral, que buscam se aproximar de uma experiência corporal considerada mais natural, seja a partir do aumento de vivências em

ambientes de “natureza”, como também na reeducação alimentar com a retirada de alimentos processados e inserção dos orgânicos, além da própria mudança de forma e posturas corporais “impostos” pelo modo de vida citadino ocidental. A título de ilustração, gostaria de citar alguns que nos ajudam a estabelecer uma visão dos desdobramentos de um mesmo gênero, mais remoto, do qual o parkour participa de alguma forma.

Em um vídeo produzido e divulgado cujo título é “The workout the world forgot”³³, são exibidas cenas de um homem em meio a pedras, rios e árvores, realizando movimentos de corrida, nado, escalada, carregamento de pesos, entre outros. O intuito desse vídeo é resumir o objetivo pretendido pelo MovNat (abreviação para *Mouvement Naturelle*): fazer com que os indivíduos se reconectem com as habilidades naturais do corpo. Os movimentos ensinados pelo MovNat podem promover “a clarity and restful state of mind. This feeling of competence, peace and grace is the feeling of being your true self” e, segundo os princípios norteadores, um movimento aprendido dentro desse método precisa ser: prático, adaptável, eficiente, atenção, vital, instintivo, cooperativo, ambiental, evolucionário, não especializado, universal e progressivo.³⁴ Seu idealizador, o francês Erwan LeCorre, possui uma trajetória de experiências com atividades ao ar livre, parkour, bem como foi iniciado, ainda na adolescência, nos esportes de combate. Aos 33 anos, ele buscava desenvolver seu próprio método de treino, o que o levou a conhecer a história da educação física na Europa e o Método Natural de Georges Hébert, citando o mesmo como uma das inspirações para o desenvolvimento do MovNat. Esse sistema desenvolvido por LeCorre hoje se consolidou em uma empresa que oferece cursos de capacitação para treinadores físicos de todo o mundo, que são certificados para orientar treinos dentro dos parâmetros do MovNat.

Um outro movimento que podemos citar, a título de ilustração, diz respeito a uma série de coletivos que defendem a restauração e o desenvolvimento saudável do corpo a começar pelos pés. Nos conteúdos divulgados por tais coletivos, são apresentados diversos tipos de produções que trazem imagens e dados sobre os problemas causados pela supressão de grande parte do design dos sapatos modernos. É notório, ainda, um nicho de mercado que vem crescendo em torno desses movimentos, com a venda de produtos que prometem contribuir para esse estilo de vida mais natural.

33 Em tradução livre: “o exercício que o mundo esqueceu”.

34 Ver com mais detalhes em <https://www.movnat.com/principles/>

Figura 19: Comparação entre dois tipos de calçado e o impacto na morfologia do pé



Fonte: Instagram do @thefootcollective

Figura 20: Comparação entre dois tipos de calçado



Fonte: Instagram da marca Vivo Barefoot. Disponível em @vivobarefoot

Evidentemente o MovNat ou os coletivos citados são apenas um exemplo que trago devido à ligação com o naturismo e o Método Natural de Hébert, além de ser um exemplo que se enquadra bem no modelo contemporâneo de “coach” e “lifestyle”. Durante minha pesquisa, vários praticantes fizeram menção ao método natural de Hébert como treino complementar ao parkour, ou, simplesmente, como “movimentos naturais”, “treino livre” para se referir aos treinos cujo objetivo é o fortalecimento do corpo para a realização dos movimentos de parkour.

Assim, podemos afirmar que o parkour, de certa forma, ainda mantém um diálogo com a lógica naturista da educação física. É um contexto antecedente ao parkour e que, de alguma maneira, ainda reverbera em algumas experiências da prática, como a construção de um corpo e de uma vivência que resgatam supostas habilidades naturais, perdidas ou sequer desenvolvidas, devido ao estilo de vida imposto, sobretudo a partir da Modernidade, e do crescente aparato tecnológico sobre os pés e sobre a locomoção dos indivíduos, o qual exige, cada vez menos, dos recursos corporais como caminhar, correr, nadar para as nossas relações com o trabalho e com os deslocamentos³⁵ (LE BRETON, p. 16, 2011). Nesse sentido, percebemos algumas linhas da longa história cujo um dos desdobramentos é o que hoje conhecemos por parkour. Além desta, outras várias atividades vão se emergem de uma referência, apropriando-se de algumas características, modificando um ou outro aspecto, renomeando-as, aplicando-as em outros contextos.

3.4 Parkour contra o tédio

Há na literatura sobre o parkour diferentes entendimentos sobre qual seria o local ocupado pela prática dentro de um modo de vida capitalista. Levando-se em consideração alguns princípios que nortearam o parkour, especialmente aquele da década de 1980, na França, é possível entender sua filosofia como um posicionamento antagônico às regras impostas sobre o corpo, seja a nível mais geral, em um contexto de aprendizado automatizado que seguimos há séculos em relação às técnicas ocidentais sobre o modo de ficar em pé, de

35 Minha análise, neste trabalho, está mais voltada às formas de deslocamento e caminhada e a influência de tecnologias e planejamentos arquitetônicos na disposição corporal do indivíduo, o qual busco estudar com auxílio da prática do parkour. É necessário, porém, ter em mente, o vasto debate existente que tenciona esse aspecto sob o ponto de vista de um direito à cidade (e ao deslocamento, de um modo geral) a partir da perspectiva de acessibilidade das pessoas com deficiência, de mulheres, de pessoas LGBTQs, de pessoas pretas e de populações periféricas. Há todo um conjunto de tecnologias, arquitetura e design pensados sob uma ótica hegemônica do capital que reduz, também, a experiência da locomoção de diversos grupos sociais

andar e, há algumas décadas, em especial, com nossos modos de locomoção, dada a notória redução da experiência pedestre que vivenciamos com o surgimento dos carros. Podemos entender, ainda, com este tipo de parkour, um certo ponto fora da curva com os regimentos sobre os corpos, aplicados principalmente nos esportes e treinos de atletas olímpicos, com destaque para o papel da Ginástica.

Por outro lado, também contamos com um parkour que é apropriado por certos aspectos da indústria capitalista, como, por exemplo, nas forma que grandes marcas do comércio esportivo vão, pouco a pouco, explorando o público do parkour como um nicho específico de mercado. Também vemos o processo de esportivização que a prática vem sofrendo há alguns anos, diluindo princípios importantes para a história da prática, ao menos em algum momento dela, como o da “não competitividade”, ou, ainda, na sua faceta de estilo de vida saudável ou fitness, como produto da biopolítica que encara o corpo como objeto de rendimento (ESPINAL-CORREA; ESTRADA-MESA, 2020). Muitos praticantes acabam enxergando nesse contexto uma possibilidade de inserção profissional no mercado, uma forma de poder “viver de parkour”, posicionando-se a favor desses processos pois acreditam que, uma vez que o parkour se torne um esporte olímpico, mais oportunidades e incentivos, seja pelo setor público ou privado, serão abertos para os praticantes.

Recapitulo esses pontos para chegar na seguinte questão: existem diversas maneiras de experienciar o parkour, ressignificar e criar princípios sobre a prática, explorar possibilidades de adaptação e inserção socioprofissional. Entre tantas maneiras de existir, são possíveis leituras que o compreendam enquanto uma prática conformista ao modo de vida ocidental e capitalista, ou uma prática subversiva ou de resistência ao mesmo. Particularmente, nesta pesquisa, não é meu objetivo explorar sobremaneira esse ponto, que apesar de considerá-lo extremamente rico para uma análise do parkour, não constitui, ainda, meu principal interesse, de forma que aponto alguns aspectos no capítulo anterior que podem auxiliar futuras investigações acerca dessa questão. Meu argumento se sustenta no elemento da multiplicidade de experiências proporcionada pelo parkour, com um foco especial na experiência andante, a qual, em maior ou menor intensidade, configura, sim, um forma de viver que se insurge contra a redução do caminhar e do deslocamento a partir dos próprios pés, a partir da vivência voluntária em habitar os ambientes mobilizando de formas outras os seus usos hegemônicos, assim como o próprio corpo nas mais diferentes atitudes tateantes.

O modo de vida moderno com todo seu projeto tecnológico finda, portanto, os processos de habilidade? Ingold (2018) detendo-se especialmente na análise das mudanças da

mecanização industrial, vai dizer que não, que “a essência da habilidade (...) vem a residir na capacidade de improvisação com que os profissionais são capazes de desmontar as construções da tecnologia e criativamente reincorporar as peças em suas próprias esferas de vida” (ibid, p.110). É isso que os praticantes de parkour também fazem com o próprio corpo e com o mundo no qual se encontram.

Ao explorar os distintos ambientes e encontrar oportunidades de movimento em lugares que comumente não existem para o trânsito podal de seres humanos, os traceurs não só transformam esses espaços ou descobrem novas formas de movimentação, mas participam, sim, de uma reelaboração mútua entre seus corpos e todo o seu entorno. Ocorre uma contaminação, uma afecção mútua (DELEUZE, 1997) entre as bagagens da vida dos indivíduos e dos ambientes que são habitados por eles. Essas bagagens que são trazidas em seus corpos, expressas pelas formas de se movimentar, de se vestir, da escolha dos lugares por onde transitam afetam suas experiências com a prática do parkour e estas, por sua vez, intervêm naquelas. Essas experiências, em todas as suas multiplicidades, são atravessadas por um ponto em comum: o exercício de conhecimento e de atenção desenvolvido pelo deslocamento com os pés.

LeBreton, autor francês conhecido especialmente por suas obras sobre a sociologia e antropologia do corpo e das emoções, faz uma reflexão muito pertinente em seu livro “Elogio ao Caminhar” sobre como o ato de caminhar, em nosso mundo contemporâneo e ocidental, pode ser uma forma de nostalgia ou de resistência, uma vez que pode proporcionar ao caminhante uma oportunidade de atenção sobre si mesmo e sobre sua relação com seu entorno, constituindo uma forma de driblar a lógica moderna assentada na locomoção mediada sobre quatro rodas. Essa consideração acerca do impacto que o modo de vida moderno teve na no cotidiano e no trabalho dos indivíduos também é feita por Vasco, praticante e professor de parkour, citando um exemplo de um aluno:

Que a visão deles do que é a vida já tá completamente cristalizada, fechada. Se eles conseguissem ver... um instrutor bancário de 48 anos tava a dizer isso lá na academia. De como o parkour o ajudou a abrir a mente para outras coisas e desenvolver o corpo. Depois começa a fazer parkour e começa a ver o mundo de maneira diferente, tu podes usar qualquer coisa, qualquer coisa é uma oportunidade. É bué diferente...é tipo mais positivo, porque tudo que tá a ver tem movimento. As ondas do mar, os animais, o sol, a lua...só o ser humano é que tipo criou tipo conflitos e problemas, criou tipo enclausuramento...acordar, escovar os dentes e ir numa caixa que é o carro pra outra caixa que é o escritório depois voltar pra outra caixa que é a casa. Dormir na caixa, na cama e no dia seguinte fazer tudo isso de novo. E o parkour pode te proporcionar uma experiência contrária a isso. (Vasco)

Reflexão parecida faz a arquiteta e urbanista Paola Jacques (2012) ao afirmar que os errantes modernos “recusam o controle disciplinar total dos planos modernos” e “denunciam direta ou indiretamente os métodos de intervenção dos urbanistas e defendem que as ações na cidade não podem se tornar um monopólio de especialistas sedentários” (ibid, p.25-26). Andar, especialmente a partir da modernidade, passa a constituir uma espécie de conhecimento menor, ligado ao tédio, à banalidade, à vagabundagem, à perambulação. O status do sujeito é medido justamente de acordo com sua forma de se locomover, constituindo uma prova dos seus recursos e de sua ocupação, de forma que a caminhar, errar, vagar, flunar e atividades, na sociedade contemporânea, pode ser visto como uma oposição se “a las poderosas exigencias del rendimiento, de la urgencia y de la disponibilidad absoluta en el trabajo o para los demás (convertida, con la aparición del teléfono móvil, en una caricatura)” (LeBRETON, p. 19).

Jacques (2012) explica que a experiência da errância, tema no qual a autora se debruça nessa obra, constitui um tipo de prática desviatória, que abre, descobre e cria caminhos dentro de um sistema urbanístico estratégico que suprime e controla experiências de deslocamento nômade. E em diálogo com Deleuze e Guattari, ela afirma que esse processo se dá em uma oposição não dicotômica entre o espaço liso e o estriado, entre o espaço nômade, nomos - externo à cidade, e o espaço sedentário da cidade - polis. Assim, a errância urbana congrega, infiltra, o liso – espaço vetorial, caracterizados por traços – no estriado – espaço marcado por muros, cercas e caminhos entre estes – e vice-versa. Esse processo permite a coexistência de nomos e polis: alisa-se o estriado e estria-se o liso. Os indivíduos voluntariamente errantes ao alisar os espaços estriados, estão buscando a mesma lógica ambulatória nesses espaços, e não promovendo uma espécie de homogeneização espacial. O corpo errante é uma vivência que resiste à lógica sedentária da métrica citadina, pois ele flana, perde-se, busca, e abre-se às experiências do percurso em um espaço majoritariamente planejado para o estacionamento, a inércia, a previsibilidade e a fixidez. Nesse sentido, errar pela cidade já é, por si só, uma resistência ao urbanismo predominante, pois

A cidade é apreendida pela experiência corporal, pelo tato, pelo contato, pelos pés. Essa experiência da cidade vivida, da própria vida urbana, revela ou denuncia o que o projeto urbano estratégico exclui, pois mostra tudo o que escapa ao projeto, as táticas e micropráticas cotidianas do espaço vivido, ou seja, as apropriações diversas do espaço urbano que escapam às disciplinas urbanísticas hegemônicas, mas que não estão, ou melhor, não deveriam estar, fora do seu campo de ação. (ibid, 272)

Nesse sentido, podemos aproximar a reflexão sobre a errância de Jacques com a experiência do deslocamento proporcionado pelo parkour, uma vez que este opera como uma espécie de alisamento do estriado, isto é, de tornar transitável um espaço que é, por excelência, sedentário ou não convidativo à errância, à exploração, à criatividade, à experimentação. Além disso, os praticantes de parkour também revelam uma infiltração nos planejamentos urbanos desenvolvidos em uma sociedade de enclaves fortificados (CALDEIRA, 1997), com mobilidades que nem sempre beneficiam, em especial, os moradores das regiões periféricas da cidade. Circular simplesmente por lazer em um mundo hostil à deambulação constitui, em maior ou menor escala, um tipo insurgência.

3.4 Devir animal e linhas de vida

Tal qual um animal segue os rastros de sua presa, o praticante de parkour também segue linhas que o orientam à realização de determinados movimentos, à descoberta e à construção de caminhos. No meio dessas linhas, encontram texturas outras e descobrem novas possibilidades até então não experimentadas, provam dos entrelaçamentos possíveis entre seu corpo e o seu entorno. Tecem a dança do parkour a partir dos atravessamentos entre pele, terra, concreto, mato, enquanto rastreiam e farejam caminhos vários com pés e mãos, no chão, nos muros, nos tetos, nas árvores e nas pedras. Nas superfícies secas ou úmidas, debaixo de sol escaldante ou sob a chuva suave. Percebem-se do mundo. No mundo. As corporalidades mobilizadas vão além das experienciadas pela maioria dos sujeitos, onde o andar bipedal e ereto pode rapidamente dar lugar ao andar quadrupedal, por exemplo. As vivências entre humanos e não humanos aproximam-se cada vez mais à experiência atenta, e cada vez mais se torna comum a comparação com as atitudes corporais dos animais não humanos, evocando, inclusive características destes às formas de fazer do praticante de parkour.

Essas comparações não acontecem somente a nível visual ou narrativo, elas realmente constituem um dado possível de ser analisado cientificamente, devido à proximidade de capacidades motoras, especialmente entre seres humanos e primatas. Em um estudo na área das Ciências Biológicas, realizado na Universidade de Birmighan, Halsey et al (2016) desenvolveram um experimento com praticantes de parkour para entender como ocorre o gasto energético da locomoção de orangotangos em ambientes estrategicamente complexos como as copas das árvores. Dado a dificuldade de obter esses dados diretamente com esses animais, os pesquisadores enxergaram na locomoção empregada pelos atletas de parkour em

determinados ambientes uma possibilidade de realizar essa experiência cujo potencial de fornecimento de pistas para a compreensão do problema foi observado, a partir de adaptações específicas para uma maior aproximação à habilidade dos orangotangos.

Mais uma vez habitando não só os discursos, mas também a prática dos traceur, podemos ver, por exemplo, como o famoso grupo inglês de parkour Storrer possui uma série de vídeos³⁶ produzidos durante uma viagem na Índia, onde eles dividem os ambientes, especialmente os terraços no alto de construções e prédios (*rooftops*), com macacos que habitam as cidades. A edição dos vídeos busca mostrar a semelhança dos movimentos realizados pelos praticantes do Storrer com os dos macacos ao saltarem entre os prédios, apoiarem-se em diferentes estruturas ou ao darem cambalhotas e saltos mortais. Apesar de ser um grupo cujo um dos traços é viajar pelo mundo e fazer parkour nos mais diferentes cenários, a escolha e a oportunidade de treinar e gravar na Índia sem dúvidas foi incrementada pela possibilidade de registrar os momentos compartilhados com os animais, enfatizando os paralelos entre os movimentos dos macacos e dos praticantes.

O macaco acabou batizando um dos principais movimentos do parkour: “macaco” ou “monkey” é um dos movimentos mais conhecidos, consistindo em um tipo de locomoção quadrupedal cujo objetivo é deslocar-se por sobre um objeto apoiando-se com ajuda dos braços e mãos e passando pernas e pés por entre os braços, finalizando, geralmente, com os pés ou seguido, ainda, de um rolamento. A figura do macaco é constantemente utilizada para caracterizar performances e símbolos relacionados à prática do parkour: é possível encontrar nomes de grupos de parkour que fazem referência ao animal, bem como os próprios praticantes se comparam aos macacos em analogias cotidianas. Essa designação não acontece de forma aleatória, tendo uma relação muito próxima, de fato, com a maneira como esse animal se desloca, como nos afirma Bruno:

Essa concentração de você olhar, mirar onde você quer chegar, pensar no caminho até aquele determinado ponto...você vai pensando ao mesmo tempo que vai preparando seu corpo, sabe? Vai posicionando as pernas, os pés, o tronco no lugar certo, ajeita a postura, respira... já viu esses vídeos que tem um tigre ou um leão olhando para a presa, como a pupila dilata, como a postura do corpo vai se modificando, vai se preparando pra tomar impulso... Você tem gato em casa né? Pronto, pois presta atenção neles quando vão pegar um inseto ou sei lá, quando eles brincam, sobem nas coisas... os animais são inteligentes, eles sabem se as patas traseiras vão antes das dianteiras ou vice-versa, presta atenção e vê mesmo se não tem umas coisas parecidas com o parkour.³⁷ (Bruno)

36 Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PL8KV1nWcRiJSqyE4fSnHW0Tb3cZt8IFP1>

37 Podemos também aproximar esse relato da visão de Merleau-Ponty (1999) quando o autor nos evidencia que a experiência tátil de uma certa parte do corpo implica a experiência tátil do seu restante, isto é, ocorre uma ação conjunta dos sentidos.

A analogia dos movimentos realizados por traceurs com as formas de locomoção de animais como macacos e gatos não traduz somente a similaridade das maneiras de deslocamento, mas sinalizam um tipo de experiência micropolítica, especialmente nos contextos urbanos, de desfazimento das amarras que buscam prender não só animais, mas vários outros modos de vida minoritários - em jaulas: muros, cercas, cubículos e caminhos projetados para uma ou poucas formas de deslocamento, de preferência, eretas sobre as duas pernas ou, em sua maioria, sentadas em poltronas sobre duas rodas. Podemos entender com isso que esse tipo de experiência possui uma potência do sujeito em diferir de si mesmo em direção a algo que é contínuo e o escapa. É dessa forma, pois, entre tantas possibilidades³⁸ de existência, que o devir-animal pode ser observado como uma potência presente na vida do praticante de parkour

É normal demais as pessoas falarem “ah, parkour...já sei, aquela coisa que você fica pulando nos cantos feito doido, feito macaco, né?”, ou falam que é coisa meio de vagabundo, sabe...essa parada de ficar subindo, pulando... Eu e os meninos já passamos muito por isso. E ainda mais tendo tatuagem, piercing assim como eu... Imagina? Sinceramente pra mim isso nem soa como ofensa... me chamar de doido, me chamar de macaco... é uma coisa que eu tenho orgulho de fazer, eu quero mesmo poder pular como um macaco (risos). Esses nomes que a gente bota no parkour de monkey, cat e tal não são a toa, né? Nós temos muito mais coisa parecida com os bichos do que nós pensamos, nós também somos animais só que vivemos parados, acomodados... e com o parkour nós podemos voltar um pouco pra essa natureza, pra essa forma de se movimentar mais natural que nós fomos perdendo com o tempo. O desafio do parkour é com você mesmo, é se movimentar. É muito mais do que “só sair pulando por aí feito macaco”, nós aprendemos muito juntos... fazemos amigos, inimigos, nos machucamos, quando saramos, voltamos a treinar, conhecemos muitas pessoas de todos os tipos, muitas histórias...Eu mesmo, na primeira vez que ouvi sobre o parkour pensei que era besteira, como te falei antes, mas depois que resolvi experimentar...estou aqui até hoje, o parkour me ajudou a formar minha personalidade (Diego)

Devir é um tornar-se contínuo, sem fim. Não significa, evidentemente, que o praticante do parkour queira se tornar um macaco, um gato, ou qualquer outro animal, como se modificasse sua forma molar, e, sim, que o traceur habita um processo de multiplicidades, no qual está presente a variação das relações que constituem um animal. Trata-se de “relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, entre partículas emitidas (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.67). Assim, o praticante de parkour não imita o macaco, nem confunde-se com ele: trata-se de um processo de tornar-se mais próximo de si, isto é, do próprio praticante de parkour, e não tornar-se mais macaco, pois “o devir não produz outra coisa

38 Marques (2010) analisa o parkour a partir da experiência lúdica da cidade, apontando a produção de um devir-criança pelo traceur, também em diálogo com o conceito de Deleuze e Guattari.

senão ele próprio” (ibid, p.18). Além disso, o devir não tem um objetivo e constitui o imprevisível porque dança uma música que não está terminada, que o próprio sujeito constroi contínua e indefinidamente em direção a si mesmo, e assim o faz, em abertura ao mundo, com o mundo.

As analogias constantemente empregadas pelos praticantes do parkour com movimentos e formas de vida animais ou mesmo “naturais”, como aspectos a serem resgatados, aprendidos ou identificados na experiência traceur, foram apresentadas no sentido de povoar o debate acerca da potência de uma das linhas de vida que constituem a vivência no parkour. Ressalte-se que ao expor essas analogias, o argumento não se encontra na afirmação de uma experiência que busca transforma-se em outra, de um traceur que busca ser ou confundir com um animal. O ponto aqui é enfatizar como as maneiras de experienciar, de permitir-se reinventar formas habituais de se deslocar e de viver são potencializadas, nesse caso, por um devir-animal, uma das linhas de fuga possíveis no processo de desterritorialização e reterritorialização contínuas de si na vivência do parkour. Processo que é experiência e desejo em múltiplas variações, em múltiplas combinações – são linhas que compõem uma vida.

Não dá pra explicar o que é o parkour, sabe? Você vai achar mil explicações por aí... mas só vivendo mesmo, a vida que o parkour me mostrou... não outra vida, mas a minha vida mesmo que eu não tinha ideia, o que minha cabeça pode pensar, o que meu corpo pode fazer... ah, isso tudo é diferente pra cada pessoa. Não tem mesmo como explicar, só vivendo (Vasco)

Em que a experiência de pesquisadora me proporcionou viver com o parkour, busco tecer explicações socioantropológicas para essa prática, analisando processos de atenção, as multiplicidades de potência que o corpo-tracer pode vivenciar. Essa última fala, ao meu ver, diz que não é possível explicar o parkour no sentido de defini-lo: a história do parkour é tecida de forma complexa a nível macro e micro, possuindo atravessamento subjetivos, simbólicos, narrativos e práticos. Busco explicar, portanto, o parkour da forma que me foi possível com os aportes teóricos, metodológicos, e também os afetos que atravessaram meu corpo quando da minha vivência enquanto pesquisadora em tempo integral e, muito eventualmente, como praticante.

CAPÍTULO 4 – ENTRELAÇAMENTOS DO PARKOUR

Neste capítulo, busco apresentar o parkour a partir de uma perspectiva de malha (INGOLD, 2018). Para isso, considero as várias dimensões que constituem a prática a partir da ideia de linhas entrelaçadas. As linhas do parkour revelam-se, nesse contexto, enquanto diferentes experiências, e, entre elas, tento explorar alguns aspectos especialmente marcados pelos afectos (DELEUZE; SPINOZA), como também os relatos que tecem narrativas sobre trajetórias, além das observações de campo que nos auxiliam a vislumbrar um panorama mais geral acerca dos contextos estudados. Objetiva-se, por fim, revelar como o parkour é atravessado por vivências múltiplas que o tornam uma prática viva, em constante atualização e movimento.

Buscar uma definição para o parkour, hoje, pode abrir um caminho extremamente vasto, de modo que há uma diversidade de leituras que concebem, cada qual a sua maneira, do que a prática se trata. Não procuro, entretanto, fechar um entendimento nesse trabalho sobre nenhuma dessas definições e tampouco as nego. Meu objetivo não é me ater a alguma concepção em especial, mas mostrar as várias nuances das experiências dos praticantes do parkour em dois contextos distintos: na cidade de Campina Grande – PB e na Área Metropolitana do Porto (AMP).

Parto especialmente de duas ideias orientadoras para a apresentação de uma textura³⁹ do parkour nesse capítulo: afecção (DELEUZE, 2002) e malha (INGOLD, 2015). Em “Ética”, Spinoza (1677/2009) descreve um dos seus principais postulados: “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (p. 99). O corpo, para este filósofo, é diretamente resultante do movimento, e não o contrário, sendo constituído, portanto, pelas relações entre outros corpos e a natureza. Desse contato, o corpo sofre afecções, que são as transformações e transições dos afetos, constringendo ou expandindo as potências do corpo: “Afecção remete a um estado do corpo afetado e implica a

39 A textura remete à ideia de tecer, sendo uma proposição que considera o mundo como um entrelaçamento de fios, sendo cada um destes vital para sua constituição. De La Fuente (2019) identifica a perspectiva textural presente em abordagens vitalistas, fenomenológicas e nas ontologias de processo, a exemplo de autores como

presença do corpo afetante, ao passo que o afeto remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variação correlativa dos corpos afetantes” (DELEUZE, 2002, p.56). Existir, nessa perspectiva, portanto, é afetar e ser afetado.

Para Spinoza, existem os afetos ativos e os afetos passivos. Os afetos ativos, ou ações, provocam uma expansão da potência do corpo, sendo, na sua visão, sempre afetos alegres, não existindo, assim, pulsão de morte. Já os afetos passivos, ou paixões, são resultado dos encontros e estes podem nos afetar positiva ou negativamente, de modo que afetos não são imutáveis e possuem um caráter dinâmico. Segundo este autor, os encontros que potencializam nossa mente e corpo são aqueles que devem ser buscados, como afirma Deleuze (1968)

L'homme qui devient raisonnable, fort et libre, commence par faire tout ce qui est en son pouvoir pour éprouver des passions joyeuses. C'est donc lui qui s'efforce de s'arracher au hasard des rencontres et à l'enchaînement de passions tristes, d'organiser les bonnes rencontres, de composer son rapport avec les rapports qui se combinent directement avec le sien, de s'unir avec ce qui convient en nature avec lui, de former l'association raisonnable entre les hommes; tout cela, de manière à être affecté de joie. Dans l'Ethique la description du livre IV, concernant l'homme libre et raisonnable, identifie l'effort de la raison avec cet art niser les rencontres, ou de former une totalité sous des rapports qui se composent (p. 241)

Deleuze e Guattari foram responsáveis por reler a obra de Spinoza e atualizá-la mediante um diálogo especial com o papel da arte no mundo dos afetos, enxergando o artista como um “inventor de afectos”, criando estes não somente na sua obra, mas nos fornecendo os mesmos e nos fazendo participar, e transformarmo-nos com ele nesse processo (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Nesse sentido, os autores afirmam a perspectiva dos afectos como um norte para fugir da lógica representativa, isto é, da dicotomia da relação exterior-interior como fator de apreensão da realidade. Em alternativa, privilegia-se o papel do plano sensível no processo de conhecimento de si e do mundo.

Compreendendo, dessa maneira, o parkour como uma forma de encontro de corpos e afecções - atravessado por uma outra pluralidade de encontros e afetos – podemos dialogar, ainda, com a ideia de itinações (INGOLD, 2012) para pensar o praticante de parkour, assim como o artista ou artesão, tal qual um itinerante que segue os fluxos, comungando a sua prática com a sua trajetória de vida. Interpretar dessa forma nos permite enxergar o processo criativo e inventivo que caracteriza o parkour como uma prática fluida e sem limites muito bem estabelecidos. A diversidade de vivências estão, assim, emaranhadas, compondo uma intensa movimentação que ultrapassa a lógica da reprodução e, assim, da interação – daí, a

proposta de itinação como prática de seguir linhas que percorrem fluxos e não linhas que conectam.

A partir da compreensão de que essas experiências são tecidas dentro de uma lógica de coexistência e afecções (DELEUZE) mútuas de narrativas, de vivências, trajetórias e perspectivas variadas que formam a malha (INGOLD) do parkour, procuro dar especial ênfase à demonstração do desenvolvimento dessa prática habilidosa sob a função que as relações estabelecidas nesse universo constituem o conhecimento traceur. O parkour é carne e concreto, terra e água. É a coimplicação dos materiais e de corpos. É, assim, um processo de crescer e habitar no mundo em que

las personas experimentan historias de desarrollo y maduración dentro de los campos de relaciones establecidos a través de la presencia de otros y de sus actividades. Y lo que es más importante, este crecimiento no se produce únicamente en términos de fuerza y estatura, sino también en términos de conocimiento, en el empleo de la imaginación y en la formación de ideas. Después de todo, estos últimos son procesos corpóreos de entretrejo de materiales y experiencias tanto como lo es el propio desarrollo físico del individuo. (INGOLD, 2016, p.3)

A experiência do parkour é intensamente marcada pela multiplicidade de vivências, de trocas, de processos e fluxos que se emaranham constituindo uma verdadeira malha (INGOLD, 2016) ou rizoma (DELEUZE, GUATTARI, 1995/2011). Compreender tal prática a partir destas chaves de análise nos convida a adentrar em um plano complexo de linhas que são entrelaçadas na coletividade, na variedade de relações com outros atores, outras experiências, e também com diferentes materiais e ambientes. Pensar no parkour como uma malha ou rizoma é buscar uma alternativa ao entendimento do fenômeno como conexões e lugares, optando, de outra forma, por um ponto de vista não dicotômico, não polarizado; é levar em consideração as pistas que nos auxiliam a mapear os múltiplos agenciamentos existentes no experienciar parkour.

Assim, analisar o parkour como uma malha, como uma textura, como um ninho de fios variados, nos impulsiona a identificar algumas das linhas que fazem parte desse emaranhado. Essas linhas são práticas, relações e experiências que bordam a trama do parkour e compõem o processo de constituição do seu praticante. Além disso, tentar puxar essas linhas do parkour nos possibilita enxergar como a prática atravessa e é atravessada por experiências outras que revelam, por exemplo, relações de gênero, raça, classe, mobilidade urbana, entre outras. Esse exercício privilegia os fluxos e o movimento por entender que estes oferecem potencialidade na análise da mútua permeabilidade das experiências. Esta visão advém do

entendimento do mundo constituído por coisas e não por objetos: enquanto as coisas vazam, transbordam, penetram-se, os objetos são encerrados em suas formas finais. O ambiente assim considerado, é um ambiente sem objetos (ASO), onde o habitamos, juntamo-nos ao seu processo de formação (INGOLD, 2012).

É nesse sentido que o parkour compõe-se por linhas diversas, por histórias, trajetórias, narrativas e experiências que, desenhando e redesenhando, de forma contínua essa forma de ser-no-mundo, rompem com binarismos estabelecidos na compreensão do social, evidenciando, ao contrário, a multiplicidade. Esta ideia de multiplicidade é aqui apoiada no que Deleuze (1995/2011) considera como um substantivo, fugindo, assim, do binômio uno-múltiplo

Não há nem um nem múltiplo, o que seria remeter-nos, em qualquer caso, a uma consciência que seria retomada num se desenvolveria no outro. Há apenas multiplicidades raras, com pontos singulares, lugares vagos para aqueles que vem, por um instante, ocupar a função de sujeitos, regularidades acumuláveis, repetíveis e que se conservam em si. A multiplicidade não é axiomática nem tipológica, é topológica (Deleuze, 2005, p. 25).

Sendo, portanto, topológica, o entendimento de multiplicidade empregado nessa pesquisa nos auxilia no acompanhamento dos processos, nos mapeamentos, nas forças e linhas que não se encontram na unidade, uma vez que estão entrelaçados no rizoma ou na malha. Na vivência dessa pesquisa, nos dois campos estudados, foi possível encontrar uma multiplicidade de atores e ambientes, atravessados por diferentes experiências e processos, desvelando uma pluralidade de relações que são vivenciadas entre a prática do parkour, casa, família, amigos, trabalho, estudo e práticas outras de lazer e/ou esporte. Cada um desses campos possui particularidades que dizem respeito ao território e aos processos históricos, culturais, políticos e econômicos do lugar e tais aspectos não deixam de atravessar as vivências dos praticantes de parkour e das formas que o parkour se constitui em cada um desses campos.

É nesse sentido, portanto, que estudar o parkour é um exercício de rastreamento ou mapeamento. A chamada “fase exploratória” de pesquisa nunca fez tanto jus ao nome, para mim, como essa tarefa de vasculhar, remexer, fuçar um campo, uma atividade e uma experiência. Pensar com o parkour não exigiria nada menos que isso. Dar os primeiros passos nesse emaranhado do parkour pode ser quase sinônimo de perder-se. Isso talvez aconteça, principalmente, se se entra muito preso a um script de pesquisa, muito devoto a tradições e hábitos acadêmicos que compuseram o estudioso até então. As clausuras não combinam com

o parkour. Não falo, com isso, que não existam processos de controle, poder, hierarquia e outros mais que segurem, em alguma medida, o indivíduo a dinâmicas que oferecem certas limitações. O que gostaria de destacar é uma disposição de ordem móvel e criativa que pulsa na vida do parkour.

O exercício de mapear os fluxos, as intensidades envolvidas nos processos de aprendizagem, nas escolhas, nos interesses e nos conflitos que constituem a experiência do parkour convida-nos a perceber os itinerários, ou ainda, como sugere Bonet (2014) em diálogo com Ingold, as itinações – movimentos que envolvem criatividade e improvisação, uma malha que permite enxergarmos as várias linhas e multiplicidades, privilegiando um olhar sobre as relações e processos e não sobre as entidades. Trata-se, assim, de perceber essa malha como um processo que envolve criatividade e improviso, mobilizados e aprendidos no seguir da caminhada, e não colados a um momento preestabelecido. Logo, é pertinente destacar que a criatividade não admite clausuras, ou melhor: cria-se mesmo a partir e com as possíveis limitações. Criar necessita de rastrear, de tatear, de sentir, errar, tentar. Mover-se. Fazer parkour é um exercício de rastreamento, de mapeamento, estudar parkour também o é.

A exploração é feita na vasculha que passa desde matérias e reportagens locais, narrativas, trajetórias, composição e organização dos grupos de parkour, dados relativos aos “marcadores da diferença”, vivências com os ambientes (em especial o urbano), além de atravessamentos com outras práticas e atividades, entre outros detalhes. Em outras palavras, buscamos olhar o parkour sob a perspectiva relacional para compreender como os processos de constituição da prática e do praticante de parkour se dão no entrelaçamento a processos que são corpóreos e relacionais com o ambiente.

Nesse sentido, esse capítulo pretende compor uma textura do parkour nos campos de Campina Grande e da Área Metropolitana do Porto. Puxando linhas dessa complexa malha, vamos buscar apresentar algumas dessas forças que compõem a multiplicidade da experiência-traceur nestes contextos. Sendo uma vivência marcada pela pluralidade, então, busco mapear algumas itinações – e não itinerários – pois, uma vez que não há caminhos únicos e estabelecidos nos atravessamentos do parkour. Existem, sim, caminhos que são tecidos ao caminhar, uma vida em intenso movimento que caracteriza as trajetórias, os processos, enfim, a inventiva dinâmica *parkoutiana*.

1 Emaranhados em Campina Grande – PB

No ano de 2005, um ano após o lançamento do filme *Banlieue 13* (“B13 - 13º Distrito”, título no Brasil), o jornal impresso *Folha de São Paulo*, no quadro “Equilíbrio”, lança uma matéria intitulada “Urbano e Radical”, trazendo uma reportagem sobre a prática de parkour no estado. Nessa matéria, os traceurs entrevistados relatam como conheceram o parkour, o impacto da prática nos seus corpos e na relação com o espaço. Nesse mesmo ano, o programa dominical da Rede Globo de Televisão, “Faustão”, convida membros do grupo paulista *Le Parkour Brasil* para participar do seu programa, oportunidade esta em que são entrevistados acerca de sua constituição e história com o parkour, além de comentarem algumas filmagens de suas práticas em alguns pontos da cidade de São Paulo. Já em dezembro, o programa “Fantástico” também apresenta uma reportagem com os grupos “*Tobu Le Parkour*” (RJ) e *Parkour Brazil* (SP). Como é possível encontrar relatos em arquivos de sites mais antigos, estes não foram os primeiros programas no país a reportarem sobre a prática, mas, devido ao alcance da televisão aberta, bem como a popularidade da emissora, são frequentemente resgatados pela memória dos praticantes entrevistados ou em comentários e blogs na internet.

A cidade de São Paulo era o centro de irradiação dessas matérias e reportagens sobre o parkour, mas a atividade já era conhecida em outros lugares do país, muito em decorrência de vídeos baixados da internet que percorriam, principalmente, os circuitos dos jogos digitais e filmes estrangeiros. Segundo relatos, as informações e vídeos eram trocadas em fóruns, blogs e comunidades no Orkut que já não estão mais disponíveis na internet, o que acaba dificultando o acesso aos conteúdos e comentários partilhados nessas plataformas durante essa época, a exceção de alguns poucos blogs⁴⁰.

A ferramenta “Google trends” disponibiliza os índices relativos ao interesse de pesquisa em um determinado assunto, dentro de um período que o usuário pode personalizar de acordo com sua busca. A ferramenta só traz os dados relativos a partir do ano de 2006, com certa limitação nos detalhes (como as cidades onde as pesquisas foram realizadas, em específico). Contudo, é possível notar que o estado da Paraíba figura em 1º lugar no ranking dos estados com interesse no assunto “le parkour”, seguidos pelos estados do Piauí e Espírito

40 Por exemplo, nesse blog, há um post do ano de 2005, no qual é possível ver comentários de pessoas que relatam já estarem praticando ou registram sua curiosidade acerca do parkour. Também é possível notar comentário a respeito da matéria veiculada no programa *Fantástico*.: <https://marcogomes.com/blog/2005/o-que-e-le-parkour/>

Santo. Na Paraíba, o pico das pesquisas sobre parkour foi especialmente no primeiro semestre de 2006. Apesar de não podermos traçar mais informações correspondentes a ponto de afirmar com certeza alguns indícios, esse dado coincide com os relatos do início das atividades de praticantes como Diego⁴¹ e Alexandre, que mais tarde viriam a fundar o grupo “Alliance Parkour”.

Figura 21: Registro da data de início na prática do parkour (Março de 2006), marcado na parede da casa do traceur Odair Santos, feita pelo mesmo, na época.



Fonte: Odair Santos. Foto gentilmente cedida pelo autor do registro

Rememorando sua trajetória com o parkour em Campina Grande, Diego relata que jogava futebol e andava às vezes de skate na altura em que conheceu a modalidade. Por meio da televisão, viu matérias sobre a prática e achou “bobagem” ou “coisa de gente sem ter o que fazer”. O assunto parecia “persegui-lo” em vários programas de TV, até que viu alguns vídeos na internet e resolveu arriscar algumas movimentações. Desde então, não parou. Segundo ele, se apaixonou pelo parkour, e sentiu diversas mudanças a nível físico e mental. Antes, era uma pessoa muito explosiva, e com o parkour passou a “treinar a mente”, a ser perseverante, a conhecer várias pessoas e compreender a diversidade das vivências de cada uma delas. Disse que, após tomar conhecimento do parkour, sua mente se abriu de maneira única, enquanto me contava isso, fez um gesto com as mãos próxima à cabeça sugerindo a expansão do pensamento.

41 Todos os nomes utilizados ao longo do trabalho são fictícios. Quando correspondente ao nome real, será sinalizado.

1.1 De bobagem à paixão alegre – afecções do parkour nos praticantes campinenses

Rememorando sua trajetória com o parkour em Campina Grande, Diego relata que jogava futebol e andava às vezes de skate na altura em que conheceu o parkour. Por meio da televisão, viu matérias sobre a prática e achou “bobagem” ou “coisa de gente sem ter o que fazer”. O assunto parecia “persegui-lo” em vários programas de TV, até que viu alguns vídeos na internet e resolveu arriscar algumas movimentações. Desde então, não parou. Segundo ele, se apaixonou pelo parkour, e sentiu diversas mudanças a nível físico e mental. Antes, era uma pessoa muito explosiva, e com o parkour passou a “treinar a mente”, a ser perseverante, a conhecer várias pessoas e compreender a diversidade das vivências de cada uma delas. Disse que depois do parkour, sua mente se abriu de maneira única, enquanto me contava isso, fez um gesto com as mãos próxima à cabeça sugerindo a expansão do pensamento.

Além da sua experiência pessoal, Diego rememora com detalhes sobre dois outros praticantes que marcaram sua trajetória enquanto traceur: Júnior e Roberto. Diego relata que Júnior é um rapaz negro, pobre e muito tímido que chegou falando muito pouco junto aos treinos e tinha muita vergonha da sua aparência. Diego disse que deu vários “sermões” nele e o incentivou na prática, de modo que com a constância dos diálogos e trocas de experiências, Júnior conseguiu melhorar diversas das suas inseguranças tanto a nível psicológico quanto físico. Posteriormente, Júnior viria a se tornar uma outra pessoa muito importante para o Parkour em Campina Grande, tendo participado também do Alliance Parkour. Já um outro colega, Roberto, é descrito como um jovem que treinou parkour com Diego há um tempo atrás, e tem um problema de saúde que dificultava sua constância nos treinos. Apesar de gostar muito da prática, teve que parar de se dedicar por um período a fim de realizar seu tratamento. Nos momentos em que estava melhor, sempre voltava para treinar. Segundo Diego, o treino tinha um papel perceptível na autoestima de Roberto. À época desse relato, Roberto entrou em contato com Diego para marcar um encontro, pois vai se mudar de Campina, mas não queria deixar de rever o antigo companheiro e “mentor” de treinos.

Tive a oportunidade de entrar em contato com Roberto antes do mesmo deixar a cidade e ele me confirma a narrativa de Diego. Vindo de uma família com boas condições sociais, mas com valores que divergiam dos seus, Roberto não possuía uma boa relação com seus familiares, além de ter uma doença de difícil diagnóstico e tratamento, fatores estes que acabaram afetando sobremaneira sua autoestima. Como uma forma de “estar fora de casa” e evitar conflitos familiares, bem como se exercitar para melhorar sua condição física, Roberto

relata que passou a praticar artes marciais e, em uma das suas idas ao local dessa atividade, viu alguns rapazes treinando parkour no Açude Novo (ou Parque Evaldo Cruz). Ele se reporta a essa época como um período de bons aprendizados e destaca a importância do papel de Diego no incentivo e paciência com suas limitações.

Diego é uma figura central no parkour de Campina Grande, sendo apontado constantemente como “mestre” ou “mentor” de praticantes mais novos. Nos seus relatos sobre sua trajetória com a prática, ele carrega uma imensa bagagem de memórias detalhadas sobre diversas pessoas que treinaram junto a ele. O aspecto da mudança de autoestima e confiança nos praticantes após iniciarem o parkour é sempre lembrado por Diego nas suas falas. Dessa vez, ele cita Levi como um rapaz que possuía uma autoestima muito baixa e também era um pouco agressivo no seu comportamento. Durante os treinos, era normal que Levi não ouvisse os mais experientes, fizesse “cara feia” para os conselhos de colegas ou ficasse muito chateado por não conseguir realizar algum movimento. Entretanto, após os diálogos com outros praticantes. Segundo Diego, o desafio que o parkour lhe proporcionou agir com perseverança, com repetição e ter humildade em ouvir os mais experientes, o ajudou a melhorar também suas inseguranças. Hoje, Levi é formado em Educação Física, e já publicou trabalhos na área sobre o parkour.

Após alguns anos sem se reunir com muitas pessoas para treinar, Diego fez uma chamada por meio de suas redes sociais, para um treino coletivo no Açude Novo. Nesse encontro, havia cerca de 20 meninos, entre 10 e 35 anos, dispostos em círculo ouvindo algumas coisas que Diego falava. Me pus junto ao círculo por convite de Diego, fui apresentada e expliquei um pouco sobre a pesquisa, o que eu já tinha feito e disse que havia passado um tempo em Portugal também pesquisando junto aos praticantes de lá. Alguns meninos acharam interessante e citaram nomes de traceurs portugueses que eles conheciam por vídeos do youtube e perfis do instagram, e perguntaram se eu os havia conhecido. Em seguida, ouvimos algumas recomendações e regras, como a necessidade de pagar flexões caso fizesse algo “errado”: pisar muito forte, fazer uma aterrissagem pesada, ou mesmo não conseguir realizar o movimento.

Essas regras, durante o treino, nem sempre são apontadas por Diego ou pelos colegas, de forma que os próprios praticantes já fazem sem ninguém chamar atenção. Essas regras segundo Diego, são para incentivar o preparo físico, dada a necessidade de estar bem condicionado para a prática, como o exemplo das flexões. Em seguida, Diego nos falou que iríamos explorar vários pontos do Açude, e não deixou de fazer relatos sobre os treinos “das

antigas”, oportunidade esta em que outros meninos também relatavam suas memórias afetivas desse período, contando sobre piadas, “tiração de onda”, amizades e experiências outras.

Pagar flexão, apesar de proibido pelas regras militares, é uma forma de punição comum nas unidades do Exército, geralmente ordenadas de superiores para seus subordinados hierárquicos. Diego serviu ao Exército quando mais jovem e, assim como ele, também Heitor e Alexandre.

Conheci Heitor em uma ida ao parque da criança para caminhar, o vi sozinho treinando e fui conversar com ele, apresentando-me como estudante e fazendo referência a Diego. À época da pesquisa, Heitor tinha 19 anos e cursava Engenharia de Materiais na UFCG, mas encontrava-se com o curso trancado devido ao seu serviço junto ao Exército, pretendendo voltar no semestre de 2020.1. Ele afirma que “O Exército é legal, mas gosto mais da UFCG, inclusive é um dos lugares que mais gosto de treinar”. Combinamos, assim, de nos encontrarmos na UFCG, em um domingo, que seria sua folga do Exército e ele também aproveitaria para treinar pois na UFCG tem muitos “picos brabos”, e falou que sua namorada também gostava de ir para praticar slackline.

No domingo fui até a UFCG, por volta das 15h. Havia quase nenhum movimento, apenas os guardas e uns meninos que iam jogar futsal na quadra. Heitor chega com Natália, sua namorada, e prontamente começamos a conversar e ir em direção à pracinha do Centro de Humanidades, onde existem bancos, escadas e batentes. O chão, com vários retângulos de concreto, também é útil para marcar “traços” de alcance nos saltos de precisão. Começamos a conversar sobre como eu decidi pesquisar parkour e falo também um pouco da minha experiência no campo de Porto, Portugal, pois Heitor acompanha alguns traceurs de lá e mostra interesse nos relatos.

Heitor treinava há 5 anos e também teve seus primeiros contatos com o parkour a partir da divulgação do filme B13 e outros vídeos da internet. Via com uma certa frequência algumas pessoas treinando no Açude Novo e no Parque da Criança, até que um amigo o chamou para treinar junto à sua turma, da qual Diego fazia parte. Assim, Heitor começou a frequentar os treinos que aconteciam principalmente nos domingos.

Assim como outros praticantes que tive contato, Heitor considera o parkour um marco em sua vida. A prática é um vetor de autoconhecimento muito importante para ele, que carrega uma tatuagem no peito com um dos símbolos do Parkour: quatro grafias baseadas nos antigos hieróglifos que significam igualdade, equilíbrio, controle e simplicidade. Com o parkour, Heitor conta que aprendeu a não se importar tanto com os julgamentos dos outros,

pois a medida que passou a se conhecer melhor, entendeu que não precisa estar agradando ou provando nada a ninguém, desde que tenha sua consciência tranquila.

Quando passou a se dedicar mais ao parkour, Heitor relata que se sentia “fraco” ao tentar os movimentos, os quais demandam um bom preparo físico, então ele começou a fazer calistenia junto a amigos do bairro, que treinam nas barras de exercício, disponíveis em algumas praças. Passou, assim, um tempo afastado dos treinos mais frequentes do parkour para se dedicar a um treino de força e, conseqüentemente, conseguir realizar de forma mais satisfatória os seus treinos. Cita, ainda, que quando entrou no Exército, sua experiência com o parkour e com a calistenia o ajudaram na realização dos treinos.

Fomos, em outra oportunidade, para um treino no Parque da Criança, pois Heitor havia combinado com alguns amigos do quartel para treinar alguns movimentos de parkour e realizar atividades físicas nas barras que existem neste espaço. Heitor e todos os seus amigos do quartel são negros e residem nas periferias de Campina Grande, além de realizarem algum outro tipo de atividade física a fim de complementar os treinos realizados no quartel. O treino em comum entre todos eles é a calistenia. Todos têm músculos bem definidos e bastante familiaridade com exercícios de fortalecimento onde se utiliza apenas o peso do próprio corpo. Além da calistenia, alguns deles tem experiência com a capoeira, fato que fica evidenciado na realização dos movimentos como giros e mortais.

Já em outro treino, também realizado no Açude Novo, conheço Eduardo, um rapaz tímido que relata gostar de estudar qualquer coisa relacionada ao corpo e à educação física, chegando a me indicar um livro sobre proxêmica de E. T. Hall, afirmando se tratar de um material interessante para eventualmente pensar algumas questões do parkour. Estudante do curso de física na Universidade Estadual da Paraíba, Eduardo é interessado também por break dance e às vezes pratica parkour, especialmente quando Heitor, seu amigo, o convida.

Tanto Diego quanto Heitor falam com paixão sobre o parkour, mas confessam que sentem falta de um grupo para treinar em companhia, pois acha bom compartilhar as experiências do treino. Para Heitor, por exemplo, o fato de se estar em número mais alto de praticantes, também afasta uma sensação de insegurança nos espaços públicos. Motivo pelo qual ele gosta de treinar na UFCG, pois se sente mais seguro, além do que na universidade pode-se contar com uma estrutura com banheiro e bebedouro, anexos à quadra de esportes. Também na Universidade, ele pode levar o celular, tirar fotos e fazer vídeos com mais tranquilidade. Diego não para treinar, dedicando sempre alguns intervalos entre suas atividades como pai e seu trabalho como tatuador, durante a semana para ir, mesmo sozinho,

até o Açude Novo treinar, pois é uma maneira de se manter em forma e de “botar as energias pra fora”.

Essas experiências relatadas entre os praticantes da transição de comportamentos descritos como medroso, agressivo, defensivo, tímido ou sentimentos como solidão, para uma atitude mais leve, humilde, alegre, brincalhona e momentos em comunidade, em encontros, podem ser vista como um processo de afecção que potencializa o existir do praticante. Assim, o parkour pode realizar bons encontros em ambientes que, a partir de outras experiências, poderiam agenciar maus encontros, paixões tristes, como medo, solidão, insegurança. Enquanto determinados espaços ou relações podem constituir formas hostis às experiências de deslocamento ou de lazer, o repertório criativo possibilitado pelo parkour oferece oportunidades de vivências positivas.

A mudança que ocorre nos corpos como efeito das afecções é denominado por Spinoza (2016) e Deleuze (2002), por “modo”. Assim, podemos dizer que as afecções vivenciadas do encontro no parkour constituem modos outros de agir do corpo: ocorrendo, assim, uma alteração do estado do corpo, podemos ver em que direção, em qual intensidade, foi provocada essa mudança, em outras palavras, se a potência desse corpo foi aumentada ou diminuída. É nesse sentido que podemos dizer que os encontros proporcionados pelo parkour, o conjunto de afetos trocados entre os praticantes, desdobram-se nas afecções que são marcadas e reverberadas no e pelo corpo.

4.2 Itinerâncias na Área Metropolitana do Porto

Antes mesmo de ir morar no Porto para realizar o doutorado-sanduíche, eu sabia da existência da Academia Eu+, em Vila Nova de Gaia, área metropolitana do Porto. Por não conhecer ninguém nesse país que pudesse intermediar o meu contato com algum praticante, comecei a seguir o perfil dessa academia e fui observando os comentários e alguns outros perfis relacionados à página. Todos os traceurs que tive contato no Porto fizeram menção a ela, sejam os mesmos alunos ou não dessa academia.

Quando fui morar no Porto, eu havia entrado em contato com vários praticantes que encontrei em perfis do Instagram, tendo sido meu primeiro contato em pessoa com Gustavo. Expliquei o meu intuito e ele convidou-me para assistir aos treinos dele e de uns amigos, próximo ao Hospital São João. Gustavo enviou-me a localização na qual estava e fui da minha

casa até lá com ajuda do Google Maps, e, após atravessar uma larga rua em direção à localização enviada, rapidamente avistei um grupo de jovens meninos, ao lado da GO Gym, uma academia de musculação. Chegando lá, Gustavo me apresentou a Miguel e ao resto dos rapazes, a maioria mais jovem que estes últimos. Miguel é professor da Academia Eu+ e é conhecido entre alguns membros da comunidade internacional de parkour. Nesse dia, Gustavo não treinou pois havia se machucado há uns dias, de forma que conversamos bastante enquanto observávamos o treino dos outros meninos mais novos, que estavam sendo supervisionados por Miguel.

Gustavo tinha 19 anos e treinava parkour há 8 anos, enquanto Miguel tinha 23 e treinava há 11. Gustavo havia terminado a Escola Secundária no ano anterior e expressa o desejo de cursar Ciências do Desporto. Miguel é professor de parkour há 2 anos na Academia Eu+ e não possui formação superior. Ambos residem em São Mamede de Infesta, freguesia pertencente ao concelho de Matosinhos, área Metropolitana do Porto, sendo habituados a treinar por diversos spots dessa região, especialmente quando se reúnem com outros praticantes que também residem ali. Mencionam, ainda, a importância de pensarem lugares estratégicos, isto é, lugares em que o acesso à maioria das pessoas é facilitado, bem como de acordo com o objetivo de treino deles, como exercitar um determinado movimento que requer um ambiente mais específico. Também são citados sítios mais ao Centro do Porto como as proximidades da estação São Bento, Esquadrão da Polícia e Jardim do Morro em Gaia.

Conversando ainda sobre as experiências com o parkour, Gustavo e Miguel falam também que gostam muito de viajar e conhecer novos lugares e praticantes, de forma que, muitas vezes, entram em contato com estes por meio das redes sociais ou os conhecem em eventos como as jams realizadas em alguma cidade próxima ou mesmo no Porto. Miguel, por exemplo, tem uma vasta experiência com viagens pela Europa e coleciona uma série de ambientes diferentes nas suas experiências de treino, desde as rooftops quanto quando às colinas do Gerês, um parque nacional que abriga uma reserva natural, perto da fronteira com a Espanha.

Conversando sobre as “jams”, encontros de pessoas para praticar parkour, os rapazes comentam que vai acontecer uma que a Academia Eu+ está promovendo e me convidam para assistir, pois poderia ser uma oportunidade de ver vários perfis de praticantes e conhecer alguns spots diferentes. Essa jam aconteceu na Maia, na AMP e participaram alunos e não alunos da Academia. O evento teve início junto ao Fórum da Maia, de modo que praticantes não se concentravam todos num mesmo local, dividindo-se em pequenos grupos, de acordo

com seus interesses de movimentação no momento. Alguns descem as escadas de cabeça para baixo, outros exploram muros mais altos, outros treinam “mortais” na grama. Esse primeiro spot, a parte frontal do Fórum da Maia, é composto por diversos muros, de diferentes tamanhos e escadas, bem como por um grande espaço com grama. As conversas, na sua grande maioria, são sobre os movimentos, sempre com incentivos e aconselhamentos em relação às técnicas corporais.

Alguns traceurs sobem no topo do Fórum e todos vibram e apontam para eles a fim de que os colegas vejam a cena. Outros andam sobre o teto de outra parte da estrutura do prédio. Um segurança chega e repreende os traceurs, que por sua vez não o questionam, apenas saem e prontamente buscam outros espaços para treinar. Após um tempo, os traceurs resolvem ir a outro spot. Dessa vez, o Skate Park, ainda na cidade da Maia. Rapidamente se espalham no espaço, a exceção do lado esquerdo já ocupado pelos skatistas. São vários os movimentos realizados em diferentes equipamentos do parque: saltos de precisão, mortais, *monkeys*⁴² etc. O exercício de explorar a arquitetura passa pela observação, tentativa, improvisado e diálogo entre os pares. Os movimentos vão sendo “desenhados”, adequados, reparados e, também, adaptados às potencialidades de cada traceur.

Já quase ao anoitecer, mudamos para outro spot. Dessa vez, uma pracinha com muitas árvores, mesas e bancos de concreto entre dois conjuntos de prédios residenciais. Alguns moradores olhavam pelas janelas e, cada vez mais, eu escutava o barulho das mesmas sendo fechadas. A cena, de início, para quem avistava pela janela ou de longe, poderia parecer curiosa ou ameaçadora. Quase 40 rapazes e duas meninas (eu e jovem praticante de 15 anos) a saltar por sobre os muros, bancos e árvores em uma área residencial.

Os traceurs por vezes treinam em praças, parques e lugares centrais ou situados dentro de um contexto mais turístico (como é o exemplo do Jardim do Morro, Quinta do Covelo ou na Ribeira), ou em spots que, mesmo não sendo centrais, possuem uma complexidade arquitetônica e não passam tão facilmente desinteressados aos olhares que se deparam com eles. Mas os treinos podem ocorrer em lugares que para alguém de fora da prática seriam completamente despercebidos. Uma pequena escada em uma rua, dois bancos de uma calçada ou uma parede com uma leve saliência que possa ser agarrada com as mãos.

Apesar de usarem espaços de amplitude maior para desenvolver algum movimento, as possibilidades suscitadas pelos pequenos detalhes são também exploradas com vigor. Os traceurs frequentemente concentram-se em microespaços e passam um longo tempo

42 Movimento em que o traceur apoiando os braços sobre um obstáculo, passa suas pernas entre aqueles e finaliza o movimento de pé ou seguido de um rolamento.

dialogando sobre as diferentes perspectivas de aproveitamento de determinados obstáculos e técnicas utilizadas para realizar melhor os movimentos. Também, procuram perceber os ambientes a partir de diferentes alturas, tateiam as superfícies, limpam constantemente as pontas dos tênis para que não haja interferência de pequenos objetos ou materiais porventura atrelados aos mesmos.

A gravação de vídeos também ocorre de forma intensa, uma vez que dada a efemeridade do movimento, o registro pode ser uma forma de perpetuação no tempo e espaço (CALDEIRA, 2012). Como em vários treinos que pude acompanhar, tanto na Academia, quanto na rua, percebi nos olhares fixos, testas franzidas ou movimentos dos braços a tomar impulso, expressões corporais que denotam cálculos necessários para a realização dos movimentos, medição da distância pela escada de pés e sempre muitas conversas sobre as possibilidades de aproveitamento do espaço e do corpo, ou mesmo da análise de ângulos mais interessantes para o registro de fotos e vídeos.

Dias após essa jam, visitei a Academia Eu+, um empreendimento nascido da reunião de 6 sócios, todos praticantes de parkour. Essa academia constitui uma importante referência na prática do parkour no Norte de Portugal, tendo emergido da articulação de alguns membros do Team Braga, um grupo situado na cidade de Braga, próxima ao Porto e outros praticantes residentes desta última. O Team Braga possui um papel central no fortalecimento do parkour no Norte de Portugal, agregando integrantes com experiências, técnicas e movimentações diversas, como street workout, parkour, artes circenses e teatro, de forma que seus integrantes trabalham em conjunto com apresentações em diversos eventos, especialmente os voltados para recreação e esportes, tendo ganhado especial notoriedade com sua participação na edição de 2015 do “Got Talent”, um programa-franquia de talentos exibido no canal RTP, em Portugal.

Em Portugal, a repercussão do parkour também acompanhou sua difusão a nível internacional, especialmente com a divulgação de vídeos de praticantes e do filme Banlieue 13 (B13 - 13º Distrito, em tradução no Brasil). A novela “Morangos com Açúcar”, transmitido pela emissora portuguesa TVI, também retratou o parkour em alguns dos seus episódios, contribuindo para uma maior procura pela prática, especialmente pelo público mais jovem. Em 2020, um grupo de 7 jovens rapazes, alunos da Academia Eu+, participaram do Got Talent sob o nome “Team Eu+”, apresentando suas habilidades no palco.

A Academia Eu+ é composta de diversos obstáculos feitos em madeira, desenhados por um dos sócios-praticantes, com vários tamanhos e pensados para o treino de movimentos

específicos, mas que não impede o desenvolvimento de outros mais, de acordo com a criatividade de cada um. O espaço também tem diversas barras, camas e uma piscina de espumas para o treino de saltos mortais. Há um espaço separado, mais alto, onde os pais podem ficar sentados observando seus filhos. Não é permitido aos pais acessarem o espaço de treino, pois, segundo os professores, alguns deles querem intervir nos exercícios.

As pessoas conversavam sobre uma determinada parte dos obstáculos da academia e tentavam desenvolver uma sequência de movimentos. Noto uma atmosfera leve, descontraída, sempre com muitas palavras e gestos de incentivo entre alunos e alunos, e alunos e professores. Alguns outros meninos vão chegando e, antes de se entrosarem ao grupo que treina, vão “aquecer” um pouco, seja pulando alguns murinhos ou andando sobre barras.

As formas de se movimentar são diversificadas entre os alunos que estão ali na academia, e em uma conversa rápida com alguns, vou descobrindo outras vivências que atravessam a experiência do parkour. Há alguns adolescentes que iniciaram na ginástica olímpica e, após conhecerem o parkour, resolveram se dedicar mais a este do que àquele, em virtude de uma maior margem de liberdade nos treinos. Entre os professores, os perfis são bem diferentes também. Iuri, por exemplo, é de nacionalidade russa e vive em Portugal há mais de 15 anos, treinava parkour, à altura da pesquisa, há 4 anos, mas já possuía uma vasta experiência prévia com a prática de street workout e calistenia⁴³. Ele me relata que conheceu alguns praticantes de parkour na cidade de Braga, começando a participar dos seus treinos e convidando os rapazes a participar também dos eventos de street workout. Desse encontro, surge a Associação Portuguesa de Street Workout e Parkour e também o projeto da Academia Eu+.

Na Academia Eu+, há uma confluência de aspectos metodológicos relacionados ao ensino do parkour, desde traços pedagógicos da ginástica, das artes circenses, entre outros. Existem alunos que ainda são crianças e, por isso, os professores buscam explorar bastante o lado lúdico da prática, criando brincadeiras e atividades que emulam histórias ou situações divertidas. Mas essa abordagem não é restrita às interações com crianças, mesmo os jovens e adultos, em diversas situações, lidam com a prática a partir da sua dimensão lúdica. Este aspecto é inegável quando falamos de parkour, e foi muito bem demonstrado na pesquisa de Marques (2010) sobre a prática na cidade de São Paulo.

43 Street workout e calistenia são práticas muito semelhantes, mas a grande diferença está no fato de que a primeira geralmente é praticada em praças e parques que contêm equipamentos, a exemplo das barras. A calistenia não requer necessariamente esses equipamentos, sendo uma prática que necessita essencialmente do peso do próprio corpo.

4.2.1 Da rigidez à maleabilidade – parkour como potencializador do corpo

Enquanto acompanho uma das aulas na Academia Eu+, comento com Iuri e Miguel sobre a “atmosfera leve” que eu percebia nos treinos, bem como as palavras de incentivo e pequenos toques com as mãos, entre professores e alunos, e entre os alunos. Miguel me fala que essas pequenas atitudes fazem toda a diferença, especialmente quando comparado à dinâmica presente na Ginástica. Uma palavra de incentivo ou uma crítica feita com delicadeza contribuem para que o atleta de parkour tenha motivação para estar ali, para perseverar e, sobretudo, para acreditar em si mesmo.

Esse ato de tocar as mãos entre os praticantes, aplaudir quando um colega realiza um movimento desejado, estimular os amigos com palavras e frases de incentivo como “você consegue!”, “vamos, mais uma vez”, “você está melhorando!”, entre outras, contribuem para a produção de uma “atmosfera potencializadora”. A importância do encontro, do estar junto, é sempre descrita como um momento crucial para o desenvolvimento dos laços de comunidade – esta comumente reportada como “família” - e para o incentivo no processo de aprendizagem dos praticantes de parkour.

Conversando com Iuri e Miguel sobre as diferenças entre o parkour e a ginástica, eles afirmam que a ginástica faz corpos mais “rígidos”, dizendo que é possível notar isso nos corpos mais “viciados” por essa atividade física. Existe um “corpo de ginástica”, um corpo com definição distribuída por todos os músculos. É inegável, segundo eles, perceber a facilidade que alunos que têm experiência com ginástica possuem ao chegar na Academia, com a realização de certos movimentos em virtude da técnica adquirida no tempo da atividade anterior, mas isso não significa que serão capazes de realizar qualquer movimento. Ao contrário do parkour, o corpo de um ginasta, segundo Miguel, tende a ser mais “robótico”, pois a Ginástica condiciona o atleta dentro de uma dinâmica extremamente linear, tanto de movimentos, quanto de espaço físico. Os propósitos da Ginástica e do Parkour são completamente diferentes, apesar de convergirem esteticamente, em alguma medida, na realização de alguns movimentos. A estética do Parkour, inclusive, não é tão “bonita”, segundo Iuri, quanto a da Ginástica porque esta tem parâmetros de postura ao cair, ao pular etc, enquanto no Parkour, o que se busca é a fluidez, é a maleabilidade, adaptabilidade entre os aparatos concretos. “É quase como água, que quando tu jogas ela toma se espalha ou toma a forma do lugar onde é jogada”, comenta Iuri.

Além disso, Miguel e Iuri também destacam que um dos grandes pontos que diferencia as duas a ginástica e o parkour é o potencial de desenvolvimento da autoestima. Eles me fazem relatos de constrangimentos de jovens ginastas, de situações em que estes até mesmo choravam devido à pressão e desvalorização por parte dos instrutores, além da hostilidade oferecida pela constante pressão da competitividade. Em uma conversa com dois praticantes, uma menina de 15 anos e um menino de 14, ambos com anterior experiência em ginástica, eles corroboram o que foi apontado por Iuri e Miguel, afirmando que, no parkour, encontraram uma oportunidade de agir com mais liberdade, sem as amarras reguladoras que a ginástica os oferecia.

Um outro praticante que frequentava a Academia às vezes como professor, é Vasco, de 25 anos, morador da cidade de Esposende, distrito de Braga, a 50 km do Porto. Vasco pratica artes marciais e segue uma dieta vegana e natural. Em virtude de um problema de saúde de um familiar, seu estilo de vida passou a ser mais saudável, de forma que seu familiar também o acompanhou em alguns passos dessa transição. O parkour, segundo ele, assim como outras atividades também o podem ser, auxilia nesse processo de expressão de energias reprimidas através do corpo. Pedro é um rapaz que se interessa muito por assuntos mais que ele chama de “holísticos”. Disse-me que em sua adolescência, passou por uma crise existencial, não sabia o que era ou o que queria da vida, tendo encontrado sua resposta no contato junto à natureza. Dos traceurs que entrei em contato na AMP, ele é o rapaz que mais realiza treinos em ambientes com menor intervenção artificial, buscando sempre estar próximo de árvores, terra, água, etc. Além disso, Pedro é formado em Ciências do Desporto, com mestrado na área, atuando como professor em escola primária. Nas suas aulas, Pedro cita que busca sempre passar algumas técnicas e movimentos do parkour, mas em virtude do espaço e da proposta da disciplina, varia por outras atividades. O que ele gosta mesmo, entretanto, é ensinar parkour porque é uma oportunidade de estar em encontro com as pessoas

Gosto muito de ensinar e de treinar junto porque cocê sozinho o dia todo vagueando, treinando...cria mais sentimento de solidão. Se tiver em grupo, você sente mais paz, alegria, tem mais movimento. Quando você vai treinar sozinho, geralmente você tá procurando ficar em paz consigo mesmo, e depois que você consegue essa paz, você quer sentir alegria. Então sozinho você sente alegria, mas no coletivo é mais intenso isso. O sentimento de bem-estar aumenta porque você está trocando energia com outras pessoas e tá intensificando o seu sentimento. (Vasco)

O fato de conseguir realizar movimentos com o próprio corpo que até um certo momento anterior não se era possível imaginar promove um sentimento de autoconfiança e autoestima que são transportados para outras vivências além do parkour. Um exemplo disso foi um caso relatado pelos pais de um adolescente residente no Porto: segundo eles, seu filho de 13 anos, antes de entrar no parkour, era muito tímido, medroso e “travado” e não tinha uma grande autoestima, especialmente pelo fato de ser magro e ter uma estatura menor que a média dos meninos da sua idade. Após o início na prática do parkour, o menino passou a ser mais aberto e corajoso, a conversar com mais frequência e demonstrar uma atitude mais leve e descontraída. Essa mudança é vista pelos pais como uma clara consequência da entrada do filho no parkour, fato este que os motiva a desejar que o filho permaneça treinando e em vínculo com os colegas da prática, pois sentem que é uma atividade saudável e divertida para o adolescente, tanto a nível físico, quanto psicológico. No mesmo sentido, temos o depoimento de Gustavo

Quando eu era mais novo tinha menos confiança, tinha a autoestima mais baixa. Então sinto que o parkour ajudou-me a crescer nesse ponto também, comecei a ver as coisas de forma diferente, a sentir-me melhor comigo mesmo(...) Sempre gosto de ir pra casa com aquela sensação de pensar “ok, tinha uma coisa que eu tinha medo, acabo de fazer, sinto-me muito bem, muito feliz” se calhar não me achava capaz e essa é sempre uma dimensão interessante porque acabamos por descobrir que somos mais capazes do que o que achamos que somos. (...) E acho que essa é a parte mais cativante do parkour. (Gustavo)

As intensidades dos fluxos que atravessavam um treino de parkour também produziam afecções em meu corpo: senti alegria quando um praticante conseguia realizar um movimento, ou, então, uma apreensão com uma mistura de entusiasmo ao ver saltos considerados mais arriscados e perigosos. No começo da minha pesquisa, eu chegava a cobrir meus olhos em alguns momentos. À medida que fui me familiarizando, passei a ficar mais tranquila e confiava na atuação dos meninos, pois acompanhava a rotina de treinos e sabia que eles estavam habilitados para tal.

Corpos afetam outros corpos, e essa afetação pode gerar tanto um aumento como uma diminuição na potência de agir. As paixões tristes são aquelas que provocam uma diminuição da potência de agir de um corpo, enquanto as paixões alegres provocam o efeito contrário. Nota-se, portanto, um encontro potente de paixões alegres na dinâmica do parkour. As memórias resgatadas na construção de uma narrativa sobre a trajetória de cada praticante com o parkour mobilizam marcadores que são identificados pelos efeitos das afecções

proporcionadas pela experiência com a prática. Sentimentos narrados como adrenalina, felicidade, instiga, vontade de se superar são percebidos como afecções sentidas no corpo que se desenvolvem a partir do aumento profundo da potência de vida desses praticantes.

4.3 Entrelaçamentos entre parkour, gênero e virilidade

Em um dos treinos que participei, resolvi treinar com Heitor. Sua namorada, Natália, que já tentou algumas coisas do parkour, mas não insistiu, também treinou conosco. Ela montou o slackline entre as árvores da UFCG e também testei ficar em pé e andar sobre a fita, com a ajuda dos dois, que apoiavam meus braços, cada um de um lado. Perguntei à Natália o porquê dela não treinar parkour. Ela me disse que tinha muita vergonha, mas não entendia exatamente essa vergonha, suspeitava que tinha receio das pessoas ficarem “olhando demais” ou “olhando torto”. Perguntei se ela não sentia isso também com o slackline, pois ao meu ver, também é uma prática que chama certa atenção. Ela disse que preferia o slack porque era ela e a fita, ali, num canto. Achei interessante ela falar sobre essa sensação de vergonha, porque eu também experienciei isso, especialmente durante minha estadia no Porto. Uma vez que fui chamada para treinar junto ao pessoal, neguei porque estava com essa sensação de vergonha. Fiquei tensa, com medo de julgamentos e coisas do tipo, e não sabia também explicar exatamente o que eu sentia, mas a princípio era uma negação de que aquilo fosse “algo para mim”.

Durante os treinos que eu acompanhava, comecei a ficar com vontade de tentar algumas coisas, mas a vergonha ainda falava mais alto, me impedindo de ter coragem de treinar. Acredito que isso me atrapalhou um pouco em me aprofundar na compreensão de outros aspectos da prática, sobretudo para as sensações de dores, de frustração ou de alegria ao conseguir realizar algum movimento, e também em relação à experiência do compartilhamento de ideias acerca das movimentações entre os pares durante o treino. É diferente ouvir essas ideias, sugestões, conselhos de “fora”, mesmo com todo a vontade e esforço de entender a fundo aquelas falas. Quando me propus a treinar também, a forma como ouvia as sugestões e como via as movimentações para tentar imitar, era bem diferente, pois havia a necessidade de incorporar aquele entendimento para desdobrá-lo na prática do movimento proposto.

Acredito, assim, que treinar em grupo no Porto, também poderia ter me ajudado a entender melhor as possíveis dinâmicas sociais em torno do gênero. Isso pesou um pouco

durante um tempo nas minhas inseguranças após esse período de pesquisa, mas, por outro lado, foi importante para vivenciar a prática etnográfica (MAGNANI, 2009), compreendendo as nuances do campo e traçando novas estratégias de pesquisa. Uma delas foi a decisão, evidentemente dentro das minhas limitações e respeitando o meu processo de entender e me destituir, ainda que em menor escala, dessa vergonha em questão, de treinar, mesmo que pequenas possibilidades.

Em janeiro do ano de 2020 foi veiculada uma matéria em um jornal local sobre um encontro de parkour feminino na cidade de Taubaté-SP, sendo rapidamente viralizada em todo o Brasil com um tom pejorativo, tornando-se, inclusive, em meme⁴⁴. A edição de vídeo transmitida pelo jornal mostra cenas de meninas realizando movimentos básicos do parkour, pois se tratava de um evento que reunia garotas com e sem experiência, visando justamente a inclusão feminina em uma atividade majoritariamente praticada por homens. É notável que a própria edição da matéria não foi cuidadosa em constar informações adequadas, reforçando os estereótipos relacionados tanto à prática em si, como ao aspecto de gênero. A jornalista, ao anunciar a matéria, diz “Pode parecer brincadeira, mas é um esporte”, o que demonstra uma hierarquia de práticas a serem “levadas a sério”: brincar é algo menor que realizar um esporte. Em outro momento, é mostrado um professor de educação física emitindo sua opinião sobre a prática com tais palavras: “(...) Arrisco dizer que as mulheres são mais belas que os homens praticando, são muito mais delicadas, são muito mais sensíveis...coisa que nós homens geralmente não temos”.

A quantidade de comentários no vídeo da matéria postado no YouTube é imensa e o padrão segue mais ou menos discursos que ridicularizam a prática e reforçam a ideia do parkour como algo extraordinário e “perigoso”. O teor desses comentários demonstra muito do desconhecimento em relação ao parkour como um todo, como reproduzem discursos sexistas, misóginos e gordofóbicos. O vídeo em questão obteve uma forte repercussão, gerando muitos conteúdos de cunho depreciativo, mas também inflamou alguns debates em torno da prática e do aspecto de gênero relacionado ao mesmo. O Programa “Encontro com Fátima Bernardes”, na Rede Globo de Televisão, por exemplo, convidou duas meninas, praticantes de parkour para conversarem sobre a ressonância dessa matéria e o preconceito sofrido pelas mulheres nesse meio.

44 Os memes são reproduções em larga escala de imagens, vídeo ou gif, difundidas na internet com cunho paródico (TREVISAN et al, 2016).

“masculinizada” e a conseqüente resistência à entrada dessas mulheres em esportes ou atividades chamadas de “aventura”, “radicais”, ou “extremas”, como o fisiculturismo, boxe, escalada, entre outros. Essa questão também é desdobrada para as atividades realizadas principalmente nos espaços públicos, sejam elas de lazer e/ou esporte, uma vez que o espaço público está mais suscetível à interpelação de atributos viris, necessários à vivência e ocupação deste local.

No parkour, uma praticante mulher tende a se destacar mais se possui uma movimentação mais vigorosa, e o vigor, característica considerada masculina, quando não visualizada no treino, parece deslegitimar ou invalidar a prática de quem a realiza de maneira mais “suave” ou “sutil”. Isso, inclusive, às vezes é reproduzido entre os próprios homens praticantes de parkour. Tal questão está relacionada com os estereótipos atribuídos às dicotomias e hierarquias de gênero que desconsideram a pluralidade de vivências, subjetividades e corporalidades (ADELMAN, 2006)

Pensar nessas questões nos remete ao papel que o contexto militar tem sobre a emergência do parkour, na França: a prática nasce e vai carregando, ao longo do tempo, adaptado aos novos contextos nos quais se desdobra, aspectos de uma disciplina viril, masculina e heroica. E, apesar daqueles princípios de cunho altruísta adquirirem novos significados ou novas roupagens diante dos desdobramentos da atividade, a identificação de aspectos que reiteram e remontam a um certo ethos masculino heroico é um ponto que merece ser explorado para compreender como essa performatividade viril é disposta com a prática do parkour.

Um importante trabalho que nos ajuda a entender a relação da virilidade com o parkour é o do antropólogo norte-americano Jeffrey Kidder (2013), desenvolvido em Chicago. Este autor enxerga o parkour enquanto um vetor de realização de masculinidade, argumentando que o desempenho de gênero dessa atividade está plenamente vinculado à espacialização deste. Ele aponta, ainda, que esse tipo de modalidade apresenta uma predominância de praticantes do sexo masculino, além de endossar uma identidade voltada a uma resistência à dor e admissão dos riscos. Para Kidder, masculinidade e espaço são mutuamente constitutivos. As afetações relativas a medo, conquista, superação, bem como a redefinição dos espaços proporcionadas pelo parkour não podem ser analisadas sem considerar a performance masculina:

Through parkour, men co-construct an embodied masculinity characterized by risk-taking and controlling physical space. To this end, I analyze parkour as a particular way in which young men transform the urban environment into a structural resource for asserting masculine gender identities. (...) That is, traceurs—as they climb, run, and vault through places like Grant Park—are transforming the city (albeit only temporarily) into masculinized spaces—environments for taking physical risks as proof of their manhood. (KIDDER, 2013. p.6)

Nesse sentido, Kidder (id, ib) afirma que o apelo a cenários e situações hipotéticas (como por exemplo: “se houver um assalto”, “se houver um incêndio”, “se um prédio estiver desmoronando” etc) não devem ser entendidos de forma literal, pois essas falas são mobilizadas de acordo com uma narrativa guerreira, evocando a imagem de um homem poderoso e capaz de controlar determinados eventos. Além disso, observar as formas que o corpo masculino toma quando colocado em ação é necessário para compreender o parkour como um ato de masculinidade, como o exemplo do treino sem camisa. Já verbalmente, esse corpo é colocado em narrativas heroicas envolvendo cenários hipotéticos. Dessa forma, o autor argumenta que o corpo do traceur não se realiza em um vazio espacial: ao praticar ações consideradas arriscadas, o traceur comunica sua forma de compreender o ambiente, ao mesmo tempo que reafirma e constroi sua identidade viril.

A pesquisa realizada por Kidder (2013) evidencia como o parkour pode ser lido sob uma perspectiva de agência transgressora do ambiente, na medida em que os traceurs vivenciam os espaços de forma criativa e não convencional. Paralelo a isso, há de se notar que essas formas de experienciar o ambiente constituem atos de exclusão daqueles corpos que não carregam física ou simbolicamente, elementos relacionados à virilidade masculina. Assim, concebe-se uma dinâmica social de reforço e recepção dos aspectos ligados à masculinidade no parkour: a juventude, o corpo magro ou sarado, aptidão e desejo a “correr riscos”, o poder e controle sobre espaço.

O que apresentamos até aqui parece corroborar a ideia da masculinidade atrelada à conquista do espaço público. Este constroi e é construído a partir de performatividades masculinas que expressam a admissão de ações arriscadas e do corpo apto a praticar essas ações. Para fazer parkour é preciso aprender a lidar com o medo e buscar a superação dos

obstáculos (corporais e ambientais). Assim, o espaço que se desenha a partir dessas experiências é uma “paisagem urbana definida em termos de quem tem o poder de controlar e quem não tem. O ambiente urbano, portanto, é tratado como um campo de prova para as identidades de gênero masculina (em que outras identidades são subordinadas” (KIDDER, 2013. p. 13)

É relevante, ainda, pontuar que existe uma variedade nos modos de experienciar o parkour e alguns deles não são devotados a um tipo de exercício significativamente “radical”. A virilidade e o heroísmo, entretanto, são expressões presentes nas mais variadas formas de experiência do parkour e o ponto importante de compreensão para o debate que se constroi aqui é esse: a performance da masculinidade heroica é catalisada pelo parkour de modo mais ou menos variável, manifestando-se, por exemplo, na superação de obstáculos concretos considerados “arriscados”; na conquista desses obstáculos ou de espaços materiais e/ou territoriais em determinados ambientes; na reprodução e/ou identificação de performances masculinas e heroicas nas narrativas relacionadas à prática do parkour, entre outros.

A aceitação de desafios, assim como a competitividade, são medidas da masculinidade (GASTALDO; BRAGA, 2011). Apesar da competitividade entre praticantes ser um aspecto recorrentemente afastado no parkour, ele é deslocado para uma ideia de competitividade “com si mesmo”, isto é, uma busca pela autossuperação. Mas, ao entendermos que “uma das formas de ‘mostrar-se homem’ em nossa sociedade é correr riscos, aceitar desafios, em suma: ‘entrar no jogo’” (GASTALDO; BRAGA, 2011. p. 884), percebemos que o parkour permite a performance e a manutenção de gênero.

Diego, ao relatar suas memórias com o parkour, cita que, além desta paixão, também possui outra: os personagens de super heróis, e brinca com a coincidência de, um dia, estar vestindo uma camisa do super homem e ajudar uma pessoa desconhecida que estava sendo assaltada. Na ocasião, Diego recorreu às habilidades aprendidas com o parkour para correr e saltar alguns obstáculos. Ele aponta que é impossível deixar de fazer essa analogia, dizendo que, naquele dia, sentiu-se tal qual um super-herói.

Já Bruno, praticante brasileiro residente no Porto, ao narrar suas experiências com o parkour, refere-se constantemente à relação que ele estabelece com as construções urbanas,

compara um prédio grande a um “monstro” com o qual ele precisa lutar. Este enfrentamento é travado justamente a partir dos movimentos realizados sobre a estrutura da qual ele fala. Trata-se de uma luta entre um monstro “imóvel”, que avança sobre o indivíduo na sua imponência, concretude, altura, texturas variadas e a criatividade do traceur em saltar, agarrar-se, rolar e escalar as mais variadas partes desse prédio.

Mais uma vez o elemento guerreiro ou heroico é evocado, por exemplo, no “Desafio Hércules”, uma série de 12 exercícios pensada pelo traceur pernambucano Adilson Veron. Esse desafio é uma evidente referência ao mito grego do semideus Hércules que precisa enfrentar 12 árduas tarefas para livrar-se de sua penitência dada pela deusa Hera. O Desafio de Hércules geralmente acontece de forma esporádica: na cidade de João Pessoa, capital paraibana, a comunidade local de parkour escolheu o dia 30 de dezembro para sua realização.

Outro desafio conhecido pela comunidade do parkour no Nordeste é a do “Caba Macho”⁴⁵, desenvolvida pelo traceur sergipano Duddu Rocha. Em um vídeo divulgado por este, esse treino é definido como uma

“Rotina física voltada para o parkour com o único objetivo de ver até onde você é idiota (...) Saiba que não possui nenhuma lógica científica e a intenção é mesmo esgotar sua energia física e mental. É um complemento, e não substituto aos treinos de parkour. Você vai cansar, sangrar, gritar, tremer e, no caso do Edi, vomitar. Nos vemos no hospital.”

Já em São Paulo, podemos tomar nota, também, do método “Lepartano” desenvolvido pelo traceur e professor de parkour Leonard Akira. Segundo informações do site sobre seu curso de parkour, o praticante que se propõe a participar desse ambiente deve saber que o curso é mais que isso, constitui, também, uma “segunda família”, um grupo de “amigos”, “colegas”, “espartanos” e “guerreiros”. Assim, é perceptível a recorrências das simbologias atreladas a um ethos heroico ou guerreiro na vivência do parkour, apontando para a virilidade ainda presente em diversos desdobramentos da prática.

Nesse sentido, a ausência de meninas no parkour não é uma exceção quando olhamos, principalmente, para as atividades físicas ou esportes considerados mais “radicais”, que exigem um alto desenvolvimento físico ou que envolvem práticas em dinâmicas de rua. A

45 Disponível em <http://ibyanga.blogspot.com/2009/07/que-comecem-as-dores.html>

virilidade é um fator crucial para entendermos a divisão de “práticas de homem” e “práticas de mulher”, excluindo estas, até o início do século XX de espaços como as forças policiais e as forças armadas, por exemplo e posteriormente as incluindo sob a justificativa de humanizar e modernizar esses contextos (MOREIRA, 2011.)

4.4 Emaranhados entre parkour, mídia, imaginário social e vivências na cidade

Ao perguntar sobre a forma de contato com o parkour, traceurs brasileiros mais antigos constante citam o papel de vídeos e filmes estrangeiros lançados a partir da primeira década do ano 2000. São conteúdos desenvolvidos de forma profissional ou amadora, mas um filme em especial sempre é lembrado: *Banlieue 13* (na versão brasileira, *B13 – 13º Distrito*). Em grande parte, difundidos a partir de plataformas como a extinta rede social Orkut, muitas pessoas, praticantes ou não, compartilhavam ideias e vídeos nos fóruns das comunidades dessa rede. Além disso, alguns programas de TV aos poucos lançavam matérias abordando o parkour, especialmente no estado de São Paulo, fazendo com que mais pessoas soubessem da existência da prática e levando-as a procurar mais a respeito da mesma, como foi o caso de Diego, praticante campinense desde 2004.

Juntamente com Sébastien Foucan, David Belle, filho de Raymond, é constantemente referenciado como o precursor do parkour, uma espécie de releitura urbana do Método Natural (ATKINSON, 2013) desenvolvido inicialmente em Évry, Lisses e Sarcelles, cidades satélites de Paris. David Belle elevou seu reconhecimento como traceur a nível internacional sobretudo em virtude de sua participação no filme francês *Banlieue 13*.

É interessante pararmos um pouco e analisar a importância desse filme na projeção de David Belle e na divulgação da prática de parkour para um grande público. *Banlieue 13* fala de um bairro socialmente vulnerável na França, com diversos problemas relacionados ao tráfico de drogas e à violência. Os movimentos de parkour realizados por Belle, no personagem de Leïto, e de outros atores, constroem a estética da miséria e da estreiteza das ruas e construções do *banlieue* (PRUBHA, 2014). Começamos pela compreensão do espaço geográfico e social que é a *banlieue* francesa e posteriormente passamos para a discussão de alguns de seus desdobramentos no cinema e no imaginário social a respeito do parkour.

O termo francês *banlieue* refere-se a espaços residenciais que se encontram nas redondezas da cidade, um equivalente ao conceito de subúrbio. As *banlieues* eram os espaços

para onde a força de trabalho dos projetos de reurbanização após a Segunda Guerra Mundial foi enviada, especialmente indivíduos provenientes de colônias francesas. A partir da década de 1960, o Estado francês preocupado em erradicar os bairros considerados insalubres, a partir de uma lógica higienista, dá início às construções de habitações coletivas, as Habitações de Aluguel Moderado (HLM).

Construídos tão somente para responder ao problema de moradia com o um custo baixo e destinados a cumprir o sentido de habitação em sentido estrito (LEFEBVRE, 2013), esses conjuntos localizavam-se distantes dos eixos de comunicação e fora do circuito ou com acesso limitado a rede de transporte público, associados a uma oferta limitada de equipamentos coletivos (BRANCO, 2008).

Já a partir de 1980, com o crescente aumento da diversidade étnica e racial na França e refletida em grande parte na constituição da *banlieue*, esse termo passa a ter uma conotação específica, indicando um espaço geográfico e social comumente ligado à pobreza, criminalidade, imigração e problemas com a sua juventude. Por exemplo, a família de David Belle é de origem franco-vietnamita e Sebastien Foucan tem suas raízes em Guadeloupe, departamento ultramarino da França, localizado no Caribe. Tanto Sarcelles, quanto Lisses e Évry estavam inseridas no imaginário daqueles elementos que apresentam uma certa ameaça à ordem dominante e, apesar de não figurarem nos motins ocorridos entre 1980 e 1990, muitos dos seus residentes eram não-brancos ou de origem não europeia, fatores estes que reforçaram os estigmas sobre os jovens provenientes das *banlieues* (KIDDER, 2017).

Nesse contexto, o cinema francês do século XX, especialmente a partir da década de 1950, contribui para delinear e difundir o imaginário em torno da *banlieue*, interpelando narrativas tanto sobre o deslocamento desse tipo de subúrbio até a Paris mais central, quanto relacionadas à criminalidade e juventude. Nesse período, há uma grande produção que busca retratar a *banlieue* a partir do resgate da história de um certo urbanismo como estratégia de segregação socioespacial das classes populares (ZIMERMAN, 2015). Já a partir de 1990, ganha força a temática da violência e da criminalidade constantemente inscritas no universo juvenil, que por sua vez estava associado a uma problemática urbana e de imigração. Assim, se, por um lado, a *banlieue* é interessante para observamos as questões de ordem socioarquitetônica, para o cinema, ela serviu como uma forma de leitura sobre as tensões da cultura francesa tradicional e um novo contexto de multiculturalismo e diversidade étnica (BRANCO, 2008).

A *banlieue*, portanto, congrega uma carga de estereótipos e estigmas relacionados ao local geográfico, mas sobretudo ao lugar social que ocupa na conformação urbana e capitalista da cidade. É nela que os marcadores sociais da diferença como classe e etnia definem os personagens da narrativa sobre a constituição e dinâmica do local. Apesar dessas concepções sobre espaços socialmente segregados e diante dessas urbanizações gigantescas e descaracterizadas que de início não se revelam como as maiores promotoras de sociabilidade, é com as parcelas mais jovens que vemos iniciativas criativas sobre o espaço público, precisamente a rua, como local de socialização por excelência (idem, ibidem).

Não obstante a complexidade desses espaços seja maior do que a retratada pela mídia, resta plausível iniciarmos a discussão sobre o parkour a partir da compreensão das implicações sociais do seu lugar de origem.

Com efeito, a mediatização das violências urbanas das banlieues e a frequente difusão sensacionalista de imagens espectaculares de carros incendiados, lojas saqueadas, prédios e ruas vandalizados, concorrem em muito para a imagem negativa dos jovens destes bairros. Comumente associados a grupos hierarquicamente organizados e a gangs criminosos, estes jovens são vistos como uma ameaça de marginalidade, não só para a periferia, como para o centro da cidade. A amplificação de actos espectaculares e de distúrbios e conflitos ignora uma série de aspectos que, vistos fora do seu contexto sociocultural, são tomados como incivilidade, provocação, desordem e violência. (BRANCO, 2008. p.71)

Já em relação à representação do parkour na mídia, basta uma rápida pesquisa em uma plataforma de filmes como o Netflix com o nome “parkour” para depararmos-nos com uma série de filmes de gênero policial/ação. Um dos filmes mais citados e um dos principais responsáveis pela divulgação da parkour a nível internacional é B13 – 13º Distrito, lançado em 2004 e com atuação do traceur francês David Belle no personagem de Leïto, um civil que luta contra um governo repressor e violento. Cyril Rafealli, outro traceur francês, praticante de artes marciais, ator e dublê, também participa do filme em questão.

A filosofia do parkour, derivada do ideal delineado pelo Método Natural que consiste em ser útil, não advoga inicialmente pela finalidade da autodefesa ou agressão, tratando-se muito mais da eficiência e utilidade do praticante em seu ambiente cotidiano (PRUBHA, 2014). Apesar de nascer nesse contexto, é muito comum que o cinema represente o parkour enquanto atividade catalisadora de práticas que permeiam o espectro da violência ou criminalidade, geralmente localizados em bairros pobres, como as *banlieues* francesas ou os guetos norteamericanos.

Essas representações são uma via de mão dupla, no sentido em que auxiliam no reforço de estereótipos, em especial provenientes dos bairros pobres, além de reafirmarem a rua como sendo o lugar do perigo, do risco, da violência e, por excelência, o habitat dos sujeitos desviantes. Esse imaginário construído sobre as ruas e suas práticas, sobretudo as realizadas nas localidades socialmente segregadas, reverbera, portanto nas falas e nas práticas dos traceurs entrevistados. De um lado, há uma vertente do parkour, outrora mais forte, que interpela um estilo de vida através da prática onde a resistência a um sistema excludente e massificante do urbano é marcada; de outro, há também um movimento em direção a uma gradual aceitação social e em vias de ser institucionalizada. Mas é importante frisar a complexidade e a heterogeneidade que evidenciam a existência de outros híbridos em meio a essas dinâmicas mais marcantes, pontuados por experiências individuais, mas também coletivas, lúdicas, profissionais, filosóficas, espirituais, entre outros.

Ainda sobre o papel fundamental dos filmes e produções audiovisuais que colocam os movimentos do parkour no cerne da trama estética, não devemos esquecer que são esses mesmos filmes para os quais é tecida a crítica aqui que atuam, em parte, no sentido de projetar o parkour internacionalmente, criando também oportunidade profissional para David Belle e outros traceurs. A prática é recepcionada em diversos lugares do mundo das mais diferentes maneiras, e nesta pesquisa, temos duas realidades ao mesmo tempo semelhantes e distintas em muitos aspectos e que serão exploradas ao longo do texto.

Nas entrevistas realizadas no Porto, vários traceurs afirmaram que a carreira de ator ou dublê eram visadas. A projeção desses traceurs com filmes como *Banlieue 13* pode ser um dos fatos inspiradores no qual esses praticantes atualmente se apoiam ao planejar seu futuro profissional enquanto participantes de filmes e clipes de ação. A explosão de programas como *Ninja Warrior*, no qual atletas advindos das mais diversas modalidades físicas encaram uma série de desafios de ultrapassagem de obstáculos, têm também chamado a atenção de alguns traceurs como oportunidade de crescimento dentro de sua área de atuação. Essa dimensão foi melhor visualizada no Porto do que em Campina Grande, o que pode apontar para o lugar estratégico que Portugal ocupa por estar na Europa e, em consequência, mais próximo dos centros de produção audiovisual, mas também aponta para oportunidades que estão relacionadas à classe e etnia dos praticantes, uma vez que foi verificada uma maior incidência de traceurs de classe média e brancos.

Durante minha pesquisa no Porto, em uma conversa com um pai de um praticante de parkour, de 12 anos, aluno da Academia Eu+, ele me confessou que não se sentia muito à

vontade de deixar o filho treinar na rua porque, apesar de buscar compreender o propósito da atividade, ainda tinha uma certa ideia que a prática podia sugerir, em suas palavras, algum comportamento de “gangue”, “proibido” ou “vândalo” para outras pessoas que porventura vissem ou soubessem do exercício praticado pelo filho. Já Roberto, em Campina Grande, também rememora alguns discursos ouvidos sobre o parkour, fazendo comentários sobre o imaginário no qual a prática está envolta, a qual vai de acordo justamente com a fala do pai do jovem traceur portuense.

Essas falas podem nos revelar alguns aspectos sociais alimentados tanto por meio da própria narrativa de origem do parkour, como também em virtude da representação da prática pela indústria cinematográfica - vetor de extrema importância na difusão do parkour a nível internacional - as quais convergem para um tema em comum que é a rua como lugar de perigo.

Em conversa com os rapazes praticantes de parkour em Campina Grande, eles mencionam que antes os treinos focavam muito na parte teórica porque Diego, em especial, tinha a preocupação de que todo mundo entendesse de fato o que é o parkour, até mesmo para poder explicar para a família e quem porventura interviesse sobre o assunto, ou em algum momento dos treinos. Isso se dava tanto para o aprendizado da parte “filosófica” ou “moral” do parkour, mas também para evitar preconceitos de família, amigos, passantes ou autoridades. Citaram, inclusive, o fato de Diego possuir muitas tatuagens e piercings e como isso poderia agravar o estereótipo em torno do praticante de parkour.

Heitor cita, por exemplo, que como o parkour é uma prática não muito conhecida, principalmente em Campina Grande, sua mãe de início, tinha um pouco de receio por não saber bem com quem o filho estava andando. Após um tempo, ficou mais tranquila, sobretudo depois dele entrar no Exército. Em virtude também do serviço militar, Heitor dizia buscar não “arrumar confusão” com ninguém ou não treinar em lugares inapropriados para “não ir pro barro”, isto é, ser retaliado de alguma forma no quartel, pois seu comportamento fora deste espaço também estava, de alguma forma, sendo vigiado e avaliado.

Heitor me fala de algumas vezes que treinou em João Pessoa, a exemplo de um Encontro Nordestino de Parkour. E comenta que se lá não é tão bom para aproveitar os espaços e também se locomover “aqui em Campina é muito pior. Aqui está mesmo muito ruim”. Comenta sobre os espaços abandonados na cidade, que se fossem revitalizados e oferecessem um mínimo de estrutura e segurança, já ajudaria bastante, fazendo com que mais pessoas frequentassem os locais. Ele ainda conta que às vezes quer ir até outros espaços para

treinar, mas o acesso ao transporte público, além de caro, é muito defasado. Nesse mesmo dia que tivemos esse encontro, Heitor e Natália, já cansados de esperar pelo ônibus para nos encontrarmos, resolveram ir a pé do bairro das Malvinas até a UFCG.

Quanto treinavam mais antigamente, os traceurs em Campina costumavam fazer uma caminhada no domingo que ia do Açude Novo até o Viaduto, treinando em diversos picos ao longo do caminho. A escolha do dia para esse treino específico, se dava em virtude da pouca movimentação de carros e comércio. “Nesses treinos, a gente tinha a cidade toda só pra gente”, diz Heitor ao lembrar desses momentos. De forma semelhante, ocorre o Treino Natalino, em João pessoa, no qual vários praticantes saem da Lagoa, no centro da cidade, até o Busto de Tamandaré, na orla.

O último treino (natalino) durou 8 horas... assim, é coisa de você esquecer da vida e aproveitar a cidade totalmente. No dia 25 de dezembro não tem uma alma penada na cidade, não passa um carro. A cidade é nossa. E logo de manhã, 5 da manhã... não tem ninguém. Eu não quero incomodar, às vezes a gente pode estar numa praça treinando e um casal está lá e se sente incomodado com nossa presença. Ou sei lá, a gente estar treinando ao lado de um banco... você pessoas não tão bem vestidas... porque nós não vamos arrumados e tá ali treinando com movimentos bruscos, com barulho que a gente comemora, aplaude... não sei, eu acho que quando a cidade é “nossa”, nossa entre aspas, quero dizer, que a gente pode aproveitar mais, é mais confortável. Não que isso seja motivo de impedir um treino, a gente não vai deixar de treinar, mas eu acho que é diferente. (Ygor)

Pergunto a Heitor sobre eventuais conflitos com outros atores, como guardas e afins e ele disse que nunca houve de fato um confronto direto, apenas algumas vezes em que guardas chegam para entender do que se trata aquela movimentação, mas sempre alguma das pessoas que está treinando, procura explicar o que é. As advertências sempre são mais no sentido de não danificar os espaços, ponto que Heitor concorda pois os guardas estão cumprindo sua função. “Principalmente agora que eu tou tendo essa experiência do lado de “lá”, na guarda do Exército, eu também entendo o lado de quem precisa chamar atenção para possíveis danos e tal, lógico que tem os abusos e tudo mais, mas chamar a atenção eu entendo”. Ele também fala que procura não incomodar outras pessoas e não danificar os espaços para não manchar o nome da prática e contribuir para o reforço da sua estigmatização. Além disso, não quer correr o risco de ser abordado por estar fazendo algo errado e comprometer também seu trabalho no Exército.

Ainda nessa conversa, Heitor pontua que procura não julgar as diferentes visões acerca do parkour, pois sabe que é uma prática que possui desdobramentos vários. Atenta, entretanto, para o fato de preservar a essência de “ser e durar”. Não adianta, segundo ele, abusar do

próprio corpo e, por pressão ou por modismo e exibicionismo, arriscar movimentações e utilizar espaços de forma irresponsável. Cita o caso de alguns canais de parkour que divulgam vídeos em lugares muito inapropriados, chegando a colocar a própria vida em risco. O problema, segundo ele, não diz respeito às pessoas fazerem isso por conta própria, mas sim, divulgar essas ações, pois projeta o parkour de maneira inadequada, principalmente para aqueles que não o conhecem ou estão começando agora na prática. Para Heitor, o propósito do parkour de “ser e durar” é incoerente com os riscos não calculados, bem como com treinos mal feitos. É preciso estudar as movimentações e desenvolver consciência corporal, a fim de compreender os impactos que atitudes mal pensadas podem ter no corpo e na mente. “Você pode até conseguir fazer tal salto que exige muito do seu corpo, mas fazendo de forma errada, em pouco tempo você não vai conseguir fazer nem de vez em quando porque seu corpo vai estar lesionado. Quando isso sobe à cabeça, sua cabeça vai pro barro”.

Heitor entende que essa compreensão é tomada de forma gradativa e também com compartilhamento e estudo sobre a prática. No início, ele queria fazer mais saltos mortais, treinar coisas mais arriscadas, mas depois foi entendendo que “talvez eu não precise disso”, que podia ir aprendendo outras coisas e que o momento para outras, aos poucos, ia chegando.

Heitor disse que com o parkour, seu olhar sobre a cidade mudou completamente. Ele enxerga várias possibilidades em diversos lugares. Ele relata que às vezes está andando de ônibus, vê um pico interessante e tem vontade de descer e treinar naquele momento mesmo. Ele acha muito interessante a ideia das Academias, mas acredita que elas teriam de ser pensadas no contexto social de cada local. Nem todo mundo pode pagar para frequentar esses espaços. Seria mais viável pensar em espaços destinados à prática, mas que fossem acessíveis para o público em geral.

Gustavo, no Porto, me fala que é positivo em relação às academias de parkour, pois é um ambiente interessante e seguro para treinar e depois passar para o meio urbano, sobretudo para quem está iniciando na prática e para crianças e adolescentes. Mas reforça que nada vai ser igual à vivência das ruas. Cita que transitar pela cidade e entre outras cidades fornece uma bagagem de visões e aguça a criatividade em relação aos movimentos. Segundo ele, a arquitetura do Porto permite movimentos mais rentes ao chão, os muros são mais baixos e mais afastados uns dos outros. Diferentemente, por exemplo, de algumas cidades da Espanha, onde há muros mais altos e mais próximos uns dos outros. O mapeamento dos spots, segundo Gustavo, ocorre através dos passeios, quando saem a andar em grupos em busca de lugares interessantes. O olhar desenvolvido que a vivência do caminhar nas cidades proporciona é

algo que não se desfaz, segundo ele, mencionando que passou um pouco mais de um ano sem treinar e esse “olhar” não o abandonou. A visão apresentada por Gustavo é comungada por Ygor, praticante de parkour, residente em João Pessoa:

As academias no Brasil todo, elas trazem isso e trazem mais possibilidades para praticantes de outras idades. Essa segurança da academia pode dar mais confiança pro praticante a treinar coisas que ele não treinaria na rua. Uma coisa mais difícil, uma sequência mais complicada... acho que a academia fechada traz muitos benefícios, mas eu acho que o parkour como origem não pode se perder. Pode construir várias academias, vai ser bom, mas não vai tirar a importância que o parkour tem e trouxe. Isso tá batido de martelo já. A gente sabe que o parkour é rua e sempre vai ser. O praticante que sai da rua pra academia é diferente do que sai da academia pra rua. O que sai da academia pra rua ele tá conhecendo o meio, conhecendo as possibilidades, as incertezas, outros materiais... e tem muita diferença porque ele tá mais acostumado com um espaço que fornece mais certezas. E na rua é diferente, tá cheio de incerteza. Eu acho que nada vai superar a rua não. (Ygor)

Nesse sentido, as academias aparecem como uma alternativa ao treino realizado na rua, mas também como uma forma de capitalizar o parkour, sendo vista como um meio de inserção profissional dos praticantes. Além disso, percebe-se que as vivências na rua com o parkour, em alguma medida são controladas pelo receio de parecer “coisa de doido” ou “coisa de ladrão”, como cita Diego. Entretanto, ainda que sejam prática realizadas na rua e possuam um certo caráter transgressivo, Caldeira (2012) afirma que o parkour, assim como o skate e o grafite, têm um relacionamento amistoso com o poder público, tendo sido, em alguma medida, aceitas pela administração municipal. Esse fato pode ser constatado nas iniciativas e parcerias do poder público na promoção de eventos e construção de centros de esporte e lazer que possuem estruturas direcionadas a estas atividades.

Essa relação com o poder público muitas vezes pode ter um custo, mais notadamente em Campina Grande, de uma manutenção da “imagem” do praticante. Nos relatos, vários tracers afirmaram “maus olhos” de pessoas que eventualmente passavam próximos aos seus treinos, além de algumas pequenas confusões com guardas e seguranças de prédios, pelo fato destes inicialmente perceberem a prática como um ato de vandalismo. Alguns praticantes que eram integrantes do Exército, também buscavam vigiar seus treinos de modo a evitar, por exemplo, treinar em lugares de acesso restrito ou privado, a fim de não sofrerem advertências ou algum tipo de retaliação no âmbito militar, devendo, portanto, manter o “civismo” também durante a prática do parkour. Essa vigilância sobre a prática na rua se mostrou mais forte no contexto estudado na Paraíba, apontando que os marcadores sociais da diferença como cor da

pele e classe social também interfere na construção do estigma do praticante que escolhe a rua como meio de lazer.

4.5 Emaranhados entre parkour, caminhos de inserção profissional e processo de esportivização da prática

Realizar a pesquisa de campo na cidade de Campina Grande, entre os anos de 2016 e 2020, foi um desafio no sentido de encontrar praticantes ativos, seja em treinos coletivos ou individuais. Já no Porto e área metropolitana, pude encontrar uma comunidade mais organizada, bem articulada com praticantes de toda a Europa e engajados em projetos como academia, comércio de marcas esportivas (roupas e acessórios), ensino de parkour em escolas ou outras instituições, além de participação em eventos recreativos, nos quais os traceurs utilizavam suas habilidades para encenar personagens. Os interlocutores que encontrei no Porto praticavam parkour há, em média, 10 anos, tendo interrompido os treinos por um período, ocasionalmente, devido a alguma lesão ou outro motivo que exigiu o afastamento temporário. Mas o número de praticantes que conseguem viver profissionalmente de parkour, senão como renda principal, mas como renda complementar, é absurdamente maior em comparação com a realidade de Campina Grande, quiçá de toda a Paraíba. Enquanto na Área Metropolitana do Porto, os praticantes eram, em sua maioria, de classe média e brancos, na Paraíba, encontrei traceurs, majoritariamente, moradores das periferias da cidade, bem como, pretos e pardos.

Especialmente no ano de 2019, alguns rapazes em Campina Grande, encabeçados por praticantes mais antigos, resolveram retomar os encontros coletivos naquele que é um dos espaços mais simbólicos para o parkour na cidade: o Parque Evaldo Cruz, mais conhecido como “Açude Novo”. Durante esse ano, a pesquisa aconteceu de forma mais intensa que nos anos anteriores, dada a própria dinâmica que começava a se delinear de forma diferente. Nesses treinos, havia uma variância entre 5 e 10 pessoas (a exceção do primeiro encontro que continha aproximadamente 20), e então pude vivenciar com maior frequência a experiência do treino coletivo. De acordo com os praticantes entrevistados, o hiato ocorrido entre 2013 – ano no qual, segundo os relatos, os treinos começaram a ficar esvaziados – e 2019, deu-se por diversas razões, mas o fator de peso aponta para uma maior dedicação de tempo a ocupações como trabalho e família.

Diante desses breves dados, podemos começar a discutir algumas questões relativas aos possíveis óbices à continuidade da prática. Podemos traçar, de início, duas hipóteses principais: a primeira, é de que há uma desistência massiva com o decorrer do tempo porque o parkour é uma atividade chamativa apenas para o público jovem, outra hipótese é a dificuldade encontrada diante das possibilidades de inserção socioprofissional dos praticantes no mercado de trabalho, é nesse último ponto que pretendo debruçar uma reflexão mais aprofundada.

A primeira hipótese cujo aspecto da juventude se sobressai para justificar a interrupção da prática em função da faixa etária do traceur tem sua validade, mas não justificada no aspecto fisiológico do praticante jovem. As realidades dos dois campos analisados, colocando em paralelo praticantes de idades extremamente próximas, corrobora que a juventude é uma realidade vivida contextualmente, em diálogo com as dimensões sociais e econômicas de um lugar.

Na segunda hipótese, podem haver uma série de críticas em decorrência de um certo pensamento calcado numa suposta “raiz” do parkour de que a prática se trata de uma modalidade livre, não devendo ser passível de qualquer tipo de exploração comercial. Há praticantes são contra, por exemplo, a cobrança financeira para dar uma aula de parkour. Outros manifestam o desejo de ter um espaço e um negócio para viver do ensino da prática porque é “o que mais gosta de fazer”, como cita Miguel, no Porto, e Ygor, em João Pessoa.

O ensino superior no contexto observado em Campina Grande e João Pessoa parece ser, atualmente, a possibilidade mais próxima de “viver de parkour”. Dois praticantes de parkour em João Pessoa, hoje, são profissionais de educação física e, eventualmente, utilizam os métodos do parkour em suas aulas. Nas entrevistas, eles relatam o desejo de desenvolver algum projeto como uma academia, por exemplo, destinada à prática de parkour. Em Campina Grande, dos entrevistados, apenas um deles possui formação no curso de Educação Física e um eventual atravessamento com o parkour durante sua atuação profissional. Estes praticantes e profissionais de educação física, em geral, atuam como instrutores e procuram desenvolver seus treinamentos pautados na sua experiência como traceur ao longo dos anos.

Atuar como professor ou instrutor de parkour, no Brasil sem uma habilitação concedida por um curso superior ainda não é uma questão bem resolvida, ponto este que pode estar relacionado à indefinição do status da prática. Práticas como dança e artes marciais, por exemplo, não exigem formação em ensino superior. Sobre este aspecto, Diego afirma que não concorda que o parkour seja reconhecido como um esporte por várias razões. Uma delas é

que “se uma pessoa que quisesse trabalhar com parkour teria que se graduar, ter uma formação técnico-científica que o habilitasse para tal... eu, que treino há mais de 10 anos não poderia ensinar parkour?”. O segundo fator apontado por ele diz respeito à possibilidade de dissolução do propósito do parkour em ser atividade livre, não normativa, apontando que não concorda com competições, porque simplesmente não fazem sentido “se o objetivo principal do parkour é você compreender a dimensão do autoconhecimento e da autossuperação, você vai estabelecer normas de como tem quer ser assim ou assado?”.

Os conflitos em torno do parkour não envolvem somente a possibilidade de esportivização da prática, sendo já clássica a disputa entre as definições entre parkour e free running. Alguns praticantes de Campina Grande, ao conversarem sobre esse aspecto, lembram de um encontro na cidade de Recife, em Pernambuco, onde havia uma “galera mais chatinha que ficava a todo momento ditando regra sobre o que devia ser feito ou não em cada uma das atividades. Isso aqui é parkour, isso aqui é free running”, como relata Alexandre.

Em relação ao aspecto da esportivização, houve uma série de inclusões e mudanças nos jogos olímpicos previstos para o ano de 2024, como a reformulação de provas de alguns esportes já veteranos e a entrada de novas modalidades como breakdance e o parkour. Todas essas alterações foram propostas pelas Federações ou Associações dos respectivos esportes, a exceção do parkour, cuja intervenção é proposta pela Federação Internacional de Ginástica. E este parece ser o principal ponto de conflito na grande comunidade de traceurs ao redor do mundo: o fato de ginástica apropriar-se do parkour como submodalidade daquela. Apesar de divergências de várias ordens, como por exemplo, a oposição à esportivização do parkour como processo capaz de minar a não-competitividade, um aspecto por muito tempo caro aos praticantes, o ponto principal de crítica da comunidade como um todo é o fato da inclusão do parkour nas Olimpíadas ser gerida por atletas de outro esporte. Há uma certo paralelismo entre as duas práticas devido à semelhança de alguns movimentos, bem como um atravessamento consideravelmente recorrente entre o parkour e a ginástica devido a seus praticantes transitarem pelas duas atividades, em especial, ginastas que acabam migrando para o parkour em busca de uma modalidade mais livre (FERRO, 2016).

As experiências de treino com o parkour apontam para uma diferença substancial da ginástica, desde o tipo das relações estabelecidas entre praticantes e professores, quando é o caso de Academias ou escolas direcionadas ao ensino da prática, passando pela interação e olhar com e sobre os materiais e os espaços, até a forma propriamente dita de mobilização habilidosa do corpo. Como citei em tópico anterior, alguns praticantes portuenses de parkour

que tiveram uma experiência prévia com a ginástica relataram ter abandonado esta para se dedicar àquela em razão do rígido disciplinamento vivenciado anteriormente, na maioria das suas vezes, voltado para uma prática de alto rendimento.

A relação que há entre os praticantes do parkour em comparação à prática de Ginástica, segundo Iuri e Miguel, passa por um crivo mais sensível do que outros ambientes de treino esportivo institucionalizado. Esse aspecto do constante incentivo, das críticas colocadas de forma mais polida – demonstrando não somente uma sensibilidade maior por parte do professor/instrutor, mas também uma atenção para cada caso específico – juntamente com os propósitos diferentes do parkour em relação às outras práticas, coloca-o em um patamar próprio, de uma modalidade onde há envolvimento comunitário, maior liberdade, individualidade e respeito às potencialidades de cada um.

Há um consenso em considerar que a vivência proporcionada pelo parkour é única e, por isso, não deve ser apropriada pela modalidade da Ginástica. Só os indivíduos diretamente envolvidos com o parkour são capazes de compreender as finas tessituras desta prática, fato este que os permite reivindicar o lugar de gestão, por exemplo, do processo de esportivização do parkour e sua atuação junto a um evento do naipe das Olimpíadas.

Iuri afirma que o Parkour está para a Ginástica, assim como a religião está para a ciência. Ressaltou que evidentemente é possível explicar cientificamente o parkour, principalmente depois do crescente envolvimento de profissionais da educação física com essa atividade, entretanto, há uma rigidez (pensar em outros termos também), uma linearidade e um “detachment” na Ginástica que não é vivenciada no Parkour.

Apesar dos discursos que diferenciam o parkour e a ginástica, até mesmo das opiniões mais críticas, eles deixam claro que existe respeito por todas as atividades, sendo apenas uma reivindicação de experiência direta com a modalidade que lhes dá propriedade para tratar da esportivização do parkour.

No Parkour é difícil, segundo Iuri e Miguel, avaliar, assim como faz a Ginástica, o “sucesso” do traceur, pois não há uma linearidade exigida naquela. A grosso modo, para ilustrar “se um traceur prefere pular com as pernas abertas e outro com as pernas fechadas”, mas ambos conseguem realizar o salto, como avaliar quem é melhor ou pior? É óbvio que existe uma certa competição entre os traceurs, sobretudo motivada em alguns por ego, vaidade, mas isso não constitui a regra. Os praticantes chegam a realizar pequenas competições, mas não há aquele peso existente nas academias de ginástica, por exemplo. A competição se dá em cima de uma ou mais habilidades específicas, realizadas por dois ou

mais traceurs, para testar o seu desempenho, como um sticker mais preciso. As pessoas não estão ali para tentarem ser melhor que os outros, mas para superar a si próprio. A competitividade no Parkour é, no fim das contas, consigo mesmo.

Ao pesquisar nos materiais disponíveis na Internet, consigo chegar a uma quantidade maior de posicionamentos contra a “apropriação” do parkour pela Ginástica, expresso especialmente no movimento chamado “We are not gymnastics”. Apesar de haver divisões no que tange à aceitação ou não do processo de esportivização do parkour e sua consequente inserção nos Jogos Olímpicos, em geral, a esportivização em si não é de todo mal vista pela comunidade, a ideia predominante diz respeito ao protagonismo de atletas de parkour na gestão da modalidade em eventos esportivos.

A esportivização do parkour tende a ser um processo inescapável na trajetória da prática, se olharmos para a história de outras atividades e esportes. Segundo Marchi-Júnior (2004), o voleibol, por exemplo, passou por um processo de espetacularização que implica uma virada progressiva do amadorismo à profissionalização, movimento este que, para o autor, não está relacionado necessariamente com o objetivo de aumentar o número de praticantes e, sim, com o fomento de um mercado consumidor de símbolos e signos sociais relacionados àquele esporte. Fernandes et al (2020), ao analisarem as condições sociohistóricas do parkour, endossam a tese defendida por Marchi-Júnior, afirmando que o parkour, assim como diversas outras práticas, passam por essas e disputas entre as correntes que defendem o amadorismo e as que acreditam nos processos de esportivização

Esse cenário restituído, por sua vez, sugere que essas tomadas de posição quanto aos eventos de competição de parkour/freerunning configuram uma luta pelo uso legítimo do corpo, mais precisamente, uma disputa entre aqueles que defendem um ideal amadorístico da prática versus aqueles que são afeitos ao ideal profissional. Enquanto o ideal amadorístico ou ortodoxo, marcado pela autonomia, defende o uso hedonista do corpo e considera que a espetacularização contribui para a vulgarização da modalidade, o ideal profissional ou heterodoxo, com ênfase na heteronomia, sustenta, por sua vez, um uso competitivo do corpo com recorrência à lógica espetacular. (FERNANDES et al, 2020, p. 514)

Vagheti et al (2019) demonstra em sua pesquisa o interesse tanto de praticantes quando dos profissionais de Educação Física na inserção da prática de parkour no ensino superior, pois enxergam-na como uma nova oportunidade de trabalho, bem como se mostraram entusiastas com as possibilidades que o parkour pode abrir em relação à construção de uma cultura corporal baseada em uma prática nova e que não depende de muitos aparatos além do próprio corpo.

Em relação ao ensino do parkour, seja por pessoas com ou sem formação superior, há, segundo Miguel, exceções, mas a maioria das pessoas que trabalha com parkour, o faz por “amor”, por gostar da prática. Ele mesmo diz “gosto de outras coisas, mas nada me cativa tanto quanto o parkour, é o que mais gosto de fazer na vida”. Ele é professor porque “gosta de parkour, gosta de ensinar e gosta de crianças”. Esse fazer por gostar no âmbito do ensino ou acompanhamento dos iniciantes também se constitui em um diferencial com a dinâmica vivida em outras atividades mais “oficiais”, pois existem propósitos diferentes nessas práticas. Enquanto os “esportes oficiais” procuram direcionar os atletas para competição e para a vitória, propriamente dita, o parkour não. Este procura além de desenvolver indivíduos capazes de serem fluidos por entre os equipamentos urbanos, também busca aprimorar “valores” intrínsecos ao parkour – autoconhecimento, disciplina etc. Para Miguel, o que fundamenta essa diferença é o objetivo final: dinheiro. Mesmo que o parkour possa eventualmente ganhar algo em termos financeiros com a realização da prática, o fato de não ser a finalidade principal, afasta-o, em mais um aspecto, das práticas “oficiais”, a exemplo da Ginástica.

Outro ponto a ser destacado é a articulação destas comunidades com a esfera midiática e publicitária: especialmente no Porto, foi possível notar uma forte integração de alguns traceurs com marcas esportivas não só de Portugal, como de outros países europeus. A maioria dos praticantes possuía câmeras do tipo *go pro* ou outros equipamentos de captação de imagem, como câmeras fotográficas semiprofissionais ou profissionais, demonstrando também forte interesse na aquisição de habilidades de edição de imagens e vídeos para a divulgação dos materiais de parkour. Dois grupos de parkour em Portugal, por exemplo, já participaram, nos anos de 2015 e 2020, do Got Talent Portugal, programa-franquia transmitido pela emissora portuguesa RTP, onde diversos artistas apresentam números e são escolhidos entre o público os melhores participantes. Além disso, a participação em espetáculos artísticos, ocorridos sazonalmente, também figuram como um dos caminhos de participação profissional desses praticantes, como cita Iuri:

Todos aqui na academia (Eu+), temos trabalhos paralelos. Dá pra viver de parkour, mas viver bem...não. É um salário mínimo. Os atletas que vão para espetáculos, sim... basicamente, se eu trabalhar meio ano em espetáculos, eu ganho 150 euros por dia. E há outros, por exemplo, uma empresa diz “quero um salto de um prédio pro outro pra publicidade”. São 5 mil euros. Mas esses trabalhos não são certos. Os mais certos são teatro, circo... isso dá pra trabalhar. Tem riscos, posso cair, posso me aleijar... mas são trabalhos bem pagos. O problema é quando eles não aparecem. Na academia, ganhamos pouco, mas é mais certinho, mais seguro. Quando nos espetáculos só aparecem em determinadas épocas de verão... no nosso

ramo não temos muita concorrência porque acrobatas há poucos, principalmente acrobatas que atuam em qualquer área. Aqui se eu estiver velho, talvez não consiga saltar mais, mas consigo dar aulas. É sempre uma alternativa melhor do que estar nos espetáculos...e a partir dos 30 isso se torna muito difícil. Enquanto se é jovem dá pra fazer mais trocos. Uma coisa é ir a rua e divertir-se, outra coisa é estar todos os dias a dar mortais, mortais, mortais... é mesmo desgastante.

As possibilidades de integração em Portugal, tanto a nível midiático, quanto profissional, ainda que não extremamente marcantes considerando outros contextos, são maiores que no Brasil. Constantemente mencionado pelos praticantes do Porto como um exemplo a ser seguido, o Storrer, grupo de traceurs britânicos cuja projeção internacional, na atualidade, é a maior do mundo em termos de projeção midiática. O grupo conta mais milhões de inscritos no YouTube e seguidores no Instagram. A grande maioria dos traceurs com quem pude conversar menciona o Storrer como uma das principais referências. O Storrer também é citado como um grupo de pessoas que congregam dessas duas perspectivas em suas vidas. O grupo possui uma dinâmica intensa de elaboração de material: desde a captura de vídeos, edição, mapeamento de spots pela cidade. Além disso, o grupo também é uma marca, comercializando diversos acessórios e roupas que levam o nome do Storrer.

Ainda que configurem como um espaço de cruzamento classista entre as classes médias e as classes populares, o parkour em Portugal, assim como o graffiti, aponta para uma associação maior à classe média. Provenientes de famílias com consideráveis recursos econômicos e capital cultural, os praticantes de parkour não são desestimulados a realizarem essa atividade e a ocuparem os espaços públicos. É certo que há uma via de resistência especialmente no que tange aos processos de requalificação dos centros urbanos que expulsam as classes médias destes espaços da cidade: os praticantes do Porto ocupam lugares para treinar parkour, por exemplo, como o Jardim do Morro, Ponte Dom Luís, arredores da Estação Trindade, entre outros, dividindo com turistas a dinâmica de ocupação e deslocamento por entre tais espaços.

Em várias paredes no centro do Porto, inclusive, é possível visualizar diversos graffiti assinados por *writers* de renome no país. Ferro (2016) aponta para o papel de mediação sociocultural que *writers*, em Portugal, e grafiteiros, no Brasil, têm na articulação de intervenções em espaços públicos de bairros social e economicamente desfavorecidos, operando enquanto vetores de iniciativa cívica, social e política. A classe média tem considerável representação na cultura do graffiti em Portugal e, tendo também o parkour, mas sendo este mais um fenômeno mais recente, talvez daqui uns anos será possível perceber o

envolvimento dessa comunidade com intervenções daquela ordem na qual o graffiti está já mais inserido.

O balanço no que tange ao atravessamentos entre parkour e as possibilidades de inserção profissional dos praticantes de parkour demonstra que o contexto estudado na AMP oferece um maior leque de caminhos para “viver de parkour”. As dinâmicas observadas apontam que há uma maior organização entre praticantes, com a composição de projetos esportivos e recreativos, além de estarem em maior contato com o mercado de consumo voltado para o esporte. Enquanto em Portugal há maiores chances de trabalhar a partir da experiência com o parkour, sem, necessariamente, estar graduado em um curso de Educação Física (Ciências do Desporto, em Portugal), em Campina Grande e João Pessoa o ensino superior ainda figura como a oportunidade mais próxima de estar em contato com o parkour ao longo da vida profissional.

Percebemos, assim, por meios dos relatos, das vivências resgatadas pelas memórias, pela observação de campo e pelos próprios atravessamentos da minha percepção enquanto presença nos encontros, que o parkour atuou e atua como uma fonte de afetos que são capazes de “animar” o corpo do seu praticante, de produzir uma transição de afetos negativos para afetos positivos. Além da dimensão dos afectos, notamos os entrelaçamentos de linhas que dialogam com processos relativos ao gênero, às vivências na cidades e às oportunidades de inserção socioprofissionais do mundo do parkour.

Buscamos mostrar como o parkour é moldado a partir de um movimento de emaranhados de experiências que revelam muitos outros processos e, por esta razão, descortinam, também, a complexidade que é a própria definição do parkour. Entendendo, assim, que essa mesma complexidade potencializa e proporciona o desenvolvimento contínuo de um repertório criativo ao praticante, passemos a compreender alguns aspectos do habitar o mundo, particularmente pensando nos ambientes onde esses praticantes se movimentam e treinam o parkour.

CAPÍTULO 5 – SER E HABITAR (N)O MUNDO COM O PARKOUR

Nesse capítulo, gostaria de apresentar a última das linhas dessa experiência que é viver o parkour: a relação de engajamento do mundo pela perspectiva do habitar. Dentro de uma teoria da vida e do habitar, parte-se da ideia de que vivemos em um ambiente sem objetos (ASO). Essa análise é apontada por Ingold (2012) visando um afastamento do “problema da agência”: entender que vivemos em um ambiente sem objetos nos convida a refletir sobre como nos engajamos nos processos de formação das coisas não humanas. Essas coisas, assim como os seres humanos, também estão vivas. Estar vivo, para o autor, tem a ver com um “vazamento” por e através das suas superfícies a partir do entrelaçamento das linhas que os constituem (MERENCIO, 2013).

A dimensão relacional existente no parkour entre o corpo do praticante e o ambiente pode ser lido a partir da perspectiva da agência, se olharmos para o caso a partir de duas principais perspectivas: uma agência restrita ao ser humano, se interpretada pela ótica da intencionalidade; a de uma agência distribuída tanto pelos humanos quanto pelos não humanos e ou objetos, representada pelas teorias da agência material. A proposta apresentada nesta tese objetiva realizar a análise do parkour por meio de uma reflexão que questiona a perspectiva da agência, por acreditar que esta oferece um limite: retira as coisas da vida, diminuindo o olhar sobre os entrelaçamentos que constituem a dinâmica do existir. Em vez de voltarmos nossos questionamentos para o alcance/existência da agência ou da intenção de humanos e não humanos, preferimos acompanhá-los nos processos de emaranhamento nos quais estão envolvidos.

Nesse sentido, viemos ao longo desse trabalho tentando traçar algumas linhas que constituem uma perspectiva que nos revela os movimentos existentes nas experiências do parkour, a fim de apresentar este enquanto uma prática viva em sentido amplo. Viva porque estamos diante de um mundo vivo, em crescimento. Assim também é a prática, como fenômeno que revela processos – e, justamente por serem processos, estão em movimento. E, para que haja um exercício desse tipo, a agência como atributo exclusivo do corpo, tampouco, somente do corpo humano. É preciso estender essa compreensão para os outros

corpos – todas as coisas – e analisar como estas abrem ou limitam as possibilidades de aproximação com os mesmos.

Tampouco essa relação entre corpos, nas oportunidades de um treino de parkour, são reduzidas àquele momento em específico. Imersos numa malha ampla que alcança corpos para além daquele evento, os praticantes de parkour e os materiais são entrelaçados em uma diversidade de relações outras que envolvem questões de ordem biológica, histórica, social, política, cultural etc. Não podemos falar seres humanos ou não humanos como se os mesmos fossem a-históricos, como se não estivessem, também, inseridos em dinâmicas de poder – inclusive, a partir da própria ideia do que pode ser considerado ou não como detentor de agência.

Ao mapear o ambiente - não exclusivamente, mas, principalmente, o espaço urbano - os praticantes de parkour evidenciam formas de habitar o mundo que extrapolam a compreensão de “ocupação” do espaço. Ocupar pressupõe as estruturas do ambiente como objetos cerrados em suas formas finais, contidos e trancados, enquanto habitar implica em reunir-se ao mundo que está aberto, juntando-se ao processo de formação do mesmo. Imersos, assim, na circulação de coisas, no fluxo da vida, o traceur mistura-se ao mundo, não ocupando-o, mas habitando-o. Pensar por essa perspectiva, pode nos ajudar a sair do problema da agência, trazendo não só corpo, mas também todas as coisas, de volta à vida. A vida, nesse sentido, é movimento, criatividade e improvisação. As coisas estão vivas porque não estão contidas: pelo contrário, transbordam, vazam. E vazando, contaminam em maior ou menor instância outras coisas a ponto de ser quase impossível detectar o alcance final do seu vazamento.

Em alternativa ao que Ingold chama de “problema de agência”, ele sugere que nos dediquemos em torno da reflexão dos processos vitais, “devolvendo” todas as coisas (humanos e não humanos) à vida, sendo esta, uma “capacidade geradora do campo englobante de relações dentro do qual as formas surgem e são mantidas no lugar” (ibid, p.27). Na busca de romper com o modelo hilemórfico sustentado por e desde Aristóteles, no qual um agente, a partir de uma ideia em sua mente, impõe forma a um material passivo e inerte, Ingold apresenta um movimento distinto: privilegiar os processos, fluxos e transformações ao invés da forma.

Assim, na perspectiva de Ingold, existe um ambiente sem objetos (ASO) onde as coisas se movem e crescem não em razão de uma agência, mas porque elas estão vivas. O parkour, sendo criação e improvisação, é uma prática viva, e isto implica dizer que ele é um

emaranhado de linhas pulsantes, moventes e contínuas. É nesse sentido que proponho experimentarmos uma análise do parkour a partir da compreensão dos movimentos de experimentação e habitação que são desenvolvidos e elaborados em comunhão com o ambiente. Essas elaborações não são destituídas das histórias, vivências e afecções carregadas pelos corpos dos praticantes, de modo que eventualmente, nas seguintes reflexões, esses elementos podem vir à tona a fim de continuar dando o tom do emaranhado que constitui a experiência do parkour.

5.1 “Eu já fazia isso!” - parkour antes do parkour

Em uma visita do Storrer ao Vidigal, periferia do Rio de Janeiro, documentada em vídeo no canal do grupo no Youtube, os praticantes chamam atenção das crianças do bairro, as quais logo se entrosam com os rapazes do grupo e começam a tentar imitar alguns dos seus movimentos, os quais lhes parecem familiares, diante da aparente facilidade vista nas imagens. É comum ouvir de alguns traceurs que, ao conhecerem o parkour, imediatamente identificaram esta modalidade com a prática que já tinham nas ruas do bairro ou nas brincadeiras de infância: “É isso que eu já faço! É isso que eu fazia lá na rua!”. É interessante notar, no histórico do parkour, como esta surge e continua a caminhar dentro de uma malha de muitas outras práticas e vivências, no que pese ao olharmos, principalmente, para sua trajetória pelas ruas e parques de Évry, na França, e a diversidade de práticas experimentadas pelos praticantes que, àquela época, elaboravam o que viria a ser conhecido por parkour. Estávamos diante de um agregado que envolvia desde experiências com o treinamento militar, artes marciais, escalada, até a vivência lúdica do ambiente francês.

Bruno mudou-se recentemente para o Porto, em busca de oportunidades de emprego como instrutor de parkour, mas é um praticante brasileiro que cresceu na periferia de São Paulo, sendo bastante conhecido no meio do parkour nacional. Ao conversarmos sobre suas trajetórias e vivências com o parkour, ele relata que tem o hábito de se movimentar desde os 9 anos de idade, além de gostar desde muito novo de filmes de ação, de forma que buscava copiar os movimentos vistos nesses filmes. Para isto, ele gravava em uma fita K7 os filmes e assistia as cenas por diversas vezes, tentando emular os vídeos repetidas vezes. Dependendo do movimento, ele colocava um colchão para amortecer a queda, especialmente nas tentativas de realizar saltos mortais. Assim como os filmes, a influência dos jogos de videogame também foi bastante forte no seu caminho de aprendizados desses movimentos, como, por

exemplo, as cenas de ultrapassagem de obstáculos e escaladas que o personagem de alguns jogos precisavam realizar para “passar de fase”.

Já aos 16 anos, Bruno começa a treinar ginástica olímpica, na qual não permaneceu muito tempo, pois não teve grande afinidade, buscando, assim, experimentar outras atividades, como a capoeira e o tae kon do. Ao terminar o ensino médio, Bruno se viu diante da responsabilidade de trabalhar para ajudar nas contas de casa, o que o levou a atuar como moto boy, não mostrando, segundo ele, muito interesse em continuar os estudos em nível superior. Aconselhado por uma tia que sugeriu ajudá-lo a pagar a faculdade, Bruno resolveu fazer Educação Física, curso este que o despertava certo interesse, devido a sua paixão por esportes e atividades físicas. Foi só na faculdade que ele conheceu, de fato, o “parkour”

Ai nessa eu conheci o parkour. Já era final de 2004. Eu vi um vídeo de parkour, os caras pulando, mas nem sabia o que era... ai pensei “Mano, olha só, já era o que eu fazia”, que era pular na rua. Mas ai eu vi que os moleques eram parecidos comigo, pulando na rua, fazendo mortal na rua. Ai falei “porra, essa porra tá virando esporte, vei?” “Mano, era o que eu fazia”.

A experiência de entrar em contato com o parkour só em 2004, na faculdade, foi muito “louca”, segundo Bruno, porque despertou a memória afetiva de suas brincadeiras e experimentos corporais nas ruas dos seus bairros, quando ainda tinha 9 anos. Bruno conta que tinha mania de entrar na casa dos amigos pulando o portão da casa deles e pregava sustos, o que resultou em um apelido de “ninja”, pois aparecia quando seus amigos menos esperavam. As maneiras de se movimentar foram, na vivência de Bruno, sendo atualizadas de acordo com suas mudanças na forma de entender seu corpo, os espaços, conhecer outras atividades e repensar o que é o *flow* do parkour.

Durante os últimos anos, Bruno tem se convencido cada vez mais que o flow do parkour é a movimentação suave, e não o impacto dramático causado pelos saltos em grandes alturas ou mortais. Dessa forma, ele me foi me mostrando durante os seus treinos, como ele tem pensado em amadurecer e refinar a suavidade do movimento com a ajuda do que aprendeu na capoeira, em especial com a capoeira angola. Assim como esta, Bruno trabalha em buscar conectar movimentações mais lentas, mais próximas ao chão e que evocam brincadeiras e coreografias dançantes. A barra que em outro momento serviu para treinar equilíbrio ou um salto em direção ao chão, e parecia um objeto mais fixo, enquanto o corpo de Bruno se movimentava, agora é um elemento que parece dançar junto com ele. Meus olhos acompanham essa dança de forma atenta e eram tomados de assalto pela surpresa dos

movimentos de Bruno. De alguma forma, parecia que eu também participava dessa movimentação porque, mesmo parada, observando-os, o parkour-dança que Bruno fazia com aquela simples barra brincavam com meus afetos daquele espaço e do seu corpo.

Bruno continua a demonstrar suas experimentações em fazer um parkour “angola” e, enquanto faz alguns movimentos, vai mencionando outras referências que o ajudam a pensar o que pode o seu corpo implicado com aquela mesma barra de ferro. Dessa vez, faz um movimento que, segundo ele, é para passar a ideia de que está havendo uma “transmissão de energia” da barra para seu corpo e vice-versa. Tal movimento, ele traz do que aprendeu com a dança, em especial com o break dance: ao tocar a barra, a “energia” faz seu corpo se movimentar gradualmente, começando pela mão, indo pelo braço, descendo pelo tronco, pernas, até chegar no outro braço e passar para a cabeça, até devolver aquela energia para a barra.

Dentro dessa dinâmica de trocas entre as experiências dos diferentes praticantes, mapeamentos e descobertas dos ambientes e suas texturas, bem como a abertura do processo de criatividade, Miguel também cita como o deslocamento entre distintos locais, contextos culturais e arquitetônicos, além da própria vivência com outros praticantes lhe proporciona novas visões e possibilidades com o parkour. Ele relata que sempre ao viajar para outras cidades e países, especialmente para aqueles cuja arquitetura é distinta da geralmente vivenciada por ele na AMP, volta para onde reside com um outro olhar e passa a ver coisas que antes ele não via. Acaba sendo, segundo ele, uma troca de estilos, pois muitas formas de treinar parkour e muitas vivências que são carregadas por cada pessoa que ele encontra por meio desta prática.

Vasco tem uma trajetória intensa de atividades físicas os quais ele considera “livres” experimentações com o corpo diante de um determinados ambientes, em especial, segundo ele, aqueles com menos elementos artificiais. Apesar de gostar muito de treinar nas ruas, tem uma afeição particular pelo contato com árvores, plantas, pedras pois busca, já há um bom tempo, desenvolver um estilo de vida mais saudável e acredita que buscar estreitar a relação com esse tipo de ambiente pode levá-lo a encontrar camadas de si mesmo que talvez não encontre nos ambientes e situações que um certo modo de vida “encaixotado” e frenético promovido pelo capitalismo. Formado em Ciências do Desporto, Vasco também fez mestrado na mesma área e hoje atua como professor em uma escola de ensino fundamental. Nas suas falas, reconhece que não existe um único modo de vivenciar o parkour e destaca a influência de outras práticas sobre esta atividade

Não há assim tanta diferença porque o parkour pode ser movimento livre, só que a pessoa que vem mais de ginástica, artes marciais ou capoeira são mais de girar e dar mortal, mais free style. Pode desenvolver esse estilo e encontrar seu estilo em parkour. E aí cada um tem seu estilo, e é a expressão de cada um. Não há o que é certo e o que é errado.(...) Agora a pessoa pode treinar assim ou pode tá a se divertir só a fazer mortais. A definição de parkour não é tanto lidar com mortais. Os mortais são tipo um bônus, tá a ver? (...) É como uma bicicleta. Com a bicicleta tu vais de um sítio pro outro. Tu podes fazer truques com a bicicleta, mas normalmente... É isso, parkour é mais utilitário. Dá pra desenvolver os mortais, mas não é tão necessário. Mas tipo, um bônus como falei. (...) Natural é correr, escalar, andar, nadar, pular... Se bem que... também há macacos que fazem mortais. Enfim, cada pessoa decide qual seu movimento.

O movimento que ocorre na fala de Vasco nos mostra como a própria narrativa sobre o parkour pode ir tateando as várias possibilidades de definição da prática e, apesar de, a uma primeira vista ser possível encontrar ideias aparentemente opostas ou um pouco contraditórias, elas representam justamente a complexidade da malha que é tecida ao habitar o mundo com o parkour. Ao mesmo tempo que ele pode ocupar uma faceta utilitária, ele também aflora em experiências sensoriais, afetivas e espaciais, dentro de um campo mais existencial.

O conhecimento do parkour não é baseado apenas no acúmulo de técnicas habilidosas dos movimentos, mas sim, do engajamento com a comunidade e com os ambientes. Ser experiente no parkour envolve saber conviver, saber quando começar e quando parar. A convivência diz respeito à adaptação às dinâmicas de sociabilidades com outros praticantes, com os atores que de alguma forma atravessam as experiências de parkour, a exemplo de policiais, guardas, praticantes de outras atividades que eventualmente compartilhem os locais onde se treina parkour.

A convivência que é viver junto também se estende às relações com o ambiente e seus elementos não humanos. Fazer parkour é uma forma de habitar o mundo que interpela modos criativos de mapear caminhos a partir do processo sensível, corpóreo, afetivo. Daí a dificuldade da análise centrada na agência, em especial, na agência dos objetos: não existe, segundo Ingold (2012) um movimento de atribuir ou não a vida aos objetos, sendo, no máximo, uma tentativa didática ou metafórica. Trata-se de considerar a vida como o processo norteador para nossa análise, entendendo o fenômeno como algo que constitui no movimento dos emaranhados de experiências que extrapolam as relações de intencionalidade ou a perspectiva de agência.

5.2 Texturas, espaços e movimento

Em uma tarde fria de treino, os praticantes aproveitavam a trégua da chuva que ocorria há algumas semanas no Porto para treinar um pouco. Primeiramente, vamos a um espaço entre prédios com algumas estruturas de estatura média, coberta de azulejos, nas quais os rapazes sobem e saltam entre elas. Com o passar dos minutos, a umidade aumenta um pouco, deixando os azulejos escorregadios e convidando os praticantes a buscarem outras possibilidades. Assim, à procura de estruturas cuja umidade não interviesse nos movimentos de modo a facilitar quedas e escorregos, os rapazes decidem treinar em uma praça com muitos bancos e paredes de concreto.

Miguel e outros rapazes treinavam em alguns spots por São Mamede de Infesta e, em um destes lugares, experimentavam treinos de precisão entre uma pequena parede e outra. Miguel possui uma habilidade muito desenvolvida com os movimentos de precisão, é comum escutarmos que “seus pés colam”, pois a sua aterrissagem costuma ser muito bem equilibrada e precisa. Um rapaz treinava essas precisões, sendo possível ver um certo nervosismo, ou uma certa desatenção, em seus gestos. Estava sempre a olhar para os colegas, ria e titubeava no salto. Miguel diz “concentra-te! Olha para onde queres saltar e mantém teu corpo equilibrado quando chegares lá e dobra um pouco os joelhos que isso ajuda a ter equilíbrio”. A orientação de Miguel, praticante experiente de parkour, é muito bem recebida entre seus colegas. Sua disposição em ajudar, além de sua atenção aos detalhes técnicos nos movimentos realizados por seus pares, permite-o oferecer conselhos bem direcionados. Depois de algumas tentativas, com uma postura claramente mais firme e concentrada, olhos mirando o próximo, seu colega consegue fazer um salto de precisão bastante assente, momento em que Miguel vibra com o feito e diz “tás a ver quando te concentras bem?”.

Em outro momento, em Campina Grande, fui treinar com Heitor na UFCG. Ele se deslocava por toda a pracinha do Centro de Humanidades e imediações da praça de alimentação, fazendo sequências de movimento com muita fluidez e conhecimento do espaço. Na pracinha do CH treinamos precisão, pulando de pequenos batentes para o chão, traçando a linha de chegada a partir dos desenhos dos blocos retangulares que compõem o piso desse lugar. A medida que conseguíamos chegar até um ponto, traçávamos um ponto um pouco mais distante para tentar o salto. Heitor também ia me mostrando outros movimentos e sempre falando sobre como posicionar e impulsionar braços, pernas e tronco. Comentava sobre as possíveis lesões que poderiam ocorrer caso não fizesse da forma correta os movimentos: lesão

nos joelhos, dores na lombar etc, e destacando sempre a importância de alongar antes e depois dos treinos.

Ao treinar um salto de precisão, na minha primeira tentativa, senti o choque entre o chão e meu corpo, iniciado pelo contato com os pés, que, aterrissados de forma muito reta, não amortecia o movimento, gerando um impacto muito forte e imediatamente irradiado para na minha lombar, que apresentou sinais de dores no dia do treino e no dia seguinte. Nas outras tentativas, procurando compreender e incorporar o ensinamento de Heitor de flexionar um pouco os joelhos e impulsionar o corpo com ajuda dos braços, projetando o tronco para frente e procurando pular com as pontas dos pés, já senti uma diferença gigantesca. O movimento tinha sido muito mais leve e sutil do que a primeira vez. Tentei outras vezes, algumas errei novamente e outras, ao focar mais no que me foi ensinado, procurando sentir as partes do meu corpo, colocando-as para atuar de forma mais precisa para realizar a precisão, consegui ter mais sucesso.

Quando pontuo que “errei” o salto de precisão, quero dizer que senti de forma mais brusca o impacto, não realizando de forma fluida o movimento. A fluidez está na sutileza da movimentação, desdobrada nos impactos amortecidos através do uso consciente do próprio corpo. Essa consciência está na atenção plena de como cada parte do seu corpo está sendo posicionado. Eu sentia que não adiantava, por exemplo, eu me posicionar exatamente como Luiz me ensinava se eu não entendia de fato como aquela flexão de joelhos ou impulso dos braços atuava na configuração do salto. É um exercício de mecânica que exige atenção e conhecimento do próprio corpo. Esse exercício, entretanto, é aprendido com muita repetição e foco. É preciso, conforme Heitor me fala e me orienta, conhecer suas fraquezas e suas potencialidades. Ao perceber, por exemplo, que não se consegue realizar bem movimentos de escalada por falta de condicionamento dos braços, faz-se necessário um treino prévio voltado para o fortalecimento desses membros.

Depois descemos até a praça de alimentação, no espaço mais próximo ao Bloco BG, onde há uma escada e um muro. Ele diz que gostam muito desse muro para escalar porque ele tem boa aderência para os apoiar os pés, em virtude da sua textura espinhada. O fato de ter uma pequena escadaria ao lado do muro é interessante pois possibilita treinar a escalada por níveis de altura. Do chão mesmo, o pulo precisa ser mais alto para apoiar os pés na parede e posteriormente as mãos por cima do muro. Tentei de um outro nível de altura a partir de um dos batentes da escada e também a partir do chão. Corri várias vezes e parava ao me aproximar do muro, devido à insegurança. Andreza também tentava, já com um pouco mais

de familiaridade pois havia tentado em outras ocasiões. A base para ultrapassar o muro era conseguir primeiramente se apoiar com as mãos no muro, que iam depois de apoiar o primeiro pé na parede. “Você precisa pensar a parede como uma escada, ela vai ser o apoio para você segurar em cima do muro”. Quando ouvi esse conselho de Heitor em pensar a parede como escada, consegui já incrementar um pouco mais o movimento. “Você quando vai pular um muro, considerando que ele seja alto, dificilmente vai alcançar o seu topo sem elevar seu corpo. E para elevar o seu corpo, você precisa da ajuda dos seus pés, que vão antes das mãos”.

Pensar a parede como a escada pode nos ajudar a entender processos de “deseducação” do corpo (LEITE, 2015) e dos contra-usos (LEITE, 2002) dos espaços. Ora, ao ver um muro, normalmente pode-se pensar, se quiser ultrapassá-lo, em carregar uma escada e, através dela, acessar a parte mais alta daquele e pulá-lo. A escada, desenvolvida especialmente para facilitar um acesso a um ponto mais alto, é utilizada primordialmente com as pernas e pés. O muro, a grosso modo, é pensado exatamente com a finalidade de separar espaços, pois dificulta o seu atravessamento justamente pela inabilidade que temos em subirmos esses equipamentos. Não pensamos, corriqueiramente, na parede do muro como uma escada, como um meio que podemos utilizar para alcançar o seu topo. Também não associamos pernas e pés à estrutura da parede, mas sim, a equipamentos como uma escada. Fazer parkour instiga processos outros de interpretação diante das vivências cotidianas com o espaço, como relata Ygor

Eu sempre fui uma pessoa de olhar as coisas simples, olhar os detalhes... qualquer coisa pequena pra mim é motivo de interpretação. O passar a tocar no concreto... passar a olhar detalhes, a olhar a paralelepípedos, a rua de outra forma...me fez mudar a movimentação que é hoje. Eu aproveito mais aquele obstáculo, eu tento tirar tudo dele pra mim. Meu objetivo não é passar por ele, meu objetivo é aproveitar ele ao máximo. Tem um muro na minha casa que tem meio metro de altura, um palmo de largura...um murinho. Eu treinei duas horas nele um dia desse. Existem milhões de movimentos que você pode fazer só com aquele murinho. Minha visão é assim: aproveitar o obstáculo em si, não só passar por ele rápido.

Esses delineamentos das percepções em torno do próprio corpo e dos espaços vão sendo construídos a partir do contato frequente entre esses dois elementos. A partir de diferentes vivências, referências que vão desde a familiaridade com outras práticas esportivas e lúdicas, até troca de experiências com outras pessoas nas mais diversas situações auxiliam no processo de aprendizagem da prática, a qual acontece de forma contínua, sendo mobilizada pela inventividade e relações diversas dos seus atores em seus mais diversos meios. Essas

experiências podem ser desdobradas, recriadas, improvisadas na intimidade do corpo com os espaços escolhidos para o parkour. Cada experiência também pode ser refletida de maneira peculiar por cada pessoa, mesmo que se trate do mesmo movimento. Essas “intimidades” entre corpo e espaço, na verdade, podem ser entendidas como processos de **habitar** o mundo.

5.3 Parkour como forma de habitar o mundo

Antes de passar para o debate mesmo sobre o habitar, lembremos de alguns exemplos trazidos aqui sobre as dinâmicas de aprendizado do parkour e destaquemos um argumento importante para a compreensão vitalista do mundo proposto por Ingold, que nos ajuda a nitidificar esse processo. O ponto é: para o autor, não existe transmissão de conhecimento e, sim, um redescobrimto guiado. Mostrar, orientar uma prática, uma habilidade, não é transmitir, é auxiliar no processo de educação da atenção, é apresentar as condições específicas de desenvolvimento, a partir do qual, o aprendiz, crescendo em um mundo social, desenvolve suas habilidades e disposições corporais (INGOLD, Isto quer dizer que as pessoas (ou as gerações, como põe o autor) não reproduzem simplesmente um conhecimento, pois existe uma criação que é contínua e aberta. Desse modo, implica dizer que os processos do ser humano estão emaranhados aos processos do entorno, daí a necessidade de uma análise que entenda a vida não como atributo seja de elementos humanos ou não humanos. O que importa para a perspectiva ingoldiana não é o debate da agência: esta, na verdade, constitui um problema para sua proposta vitalista que traz tudo – coisas, humanos, não humanos – de “volta” à vida. Tudo isso está vivo não no sentido que comumente atribuímos aos seres, amparado na explicação biológica.

Se o que temos é um mundo em intensa relação, composto de linhas que se confundem, se atravessam, se interpenetram, movimentando-se de forma processual, precisamos entender que ele não está pré-constituído para ser ocupado pela vida. Não é um palco esperando cenário e atores. O mundo é uma elaboração contínua, tecido ininterrupto por vários fios, linhas, caminhos de vida que traduzem o processo de habitação do mundo e não de ocupação. Habitar o mundo é tecer o mundo. A vida é um processo de impregnação que pode ocorrer em maior ou menor intensidade, compõe histórias e deslocamentos que vão dando o tom à cada malha, à cada emaranhado de linhas.

Voltemos, portanto, ao início do nosso debate neste trabalho, no seguinte ponto: o corpo. Como pensar, portanto, o corpo dentro da perspectiva de vida e não de agência, não a

partir das proposições desenhadas pelos autores e correntes teóricas citadas no capítulo referente ao aporte teórico sobre o corpo. Se seguirmos no compasso dos fluxos e linhas de vida que, se entrelaçando, vão constituindo uma malha, precisamos enfatizar, sobretudo, as experiências desses corpos, considerando que se tratam de lócus de crescimento e desenvolvimento concreto dentro de um campo contínuo de relações (INGOLD, 2000)

When we speak of man and space, it sounds as though man stood on one side, space on the other. Yet space is not something that faces man. It is neither an external object nor an inner experience. It is not that there are men, and over and above them space; for when I say "a man," and in saying this word think of a being who exists in a human manner-that is, who dwells-then by the name "man" I already name the stay within the fourfold among things. Even when we relate ourselves to those things that are not in our immediate reach, we are staying with the things themselves. We do not represent distant things merely in our mind-as the textbooks have it-so that only mental representations of distant things run through our minds and heads as substitutes for the things. If all of us now think, from where we are right here, of the old bridge in Heidelberg, this thinking toward that location is not a mere experience inside the persons present here; rather, it belongs to the nature of our thinking of that bridge that in itself thinking gets through, persists through, the distance to that location. From this spot right here, we are there at the bridge-we are by no means at some representational content in our consciousness. From right here we may even be much nearer to that bridge and to what it makes room for than someone who uses it daily as an indifferent river crossing. Spaces, and with them space as such-"space"-are always provided for already within the stay of mortals. Spaces open up by the fact that they are let into the dwelling of man. To say that mortals are is to say that in dwelling they persist through spaces by virtue of their stay among things and locations. And only because mortals pervade, persist through, spaces by their very nature are they able to go through spaces. But in going through spaces we do not give up our standing in them. Rather, we always go through spaces in such a way that we already experience them by staying constantly with near and remote locations and things. When I go toward the door of the lecture hall, I am already there, and I could not go to it at all if I were not such that I am there. I am never here only, as this encapsulated body; rather, I am there, that is, I already pervade the room, and only thus can I go through it. (HEIDEGGER, 1954/1971, p.358-359)

A partir dessa perspectiva, não falamos mais de enculturação, isto é, de um processo de internalização de representações coletivas, pois a teoria de Ingold se opõe ao viés representacionista. Em alternativa, propõe-se uma compreensão dos processos de conhecimento a partir da ideia de habilitação (*enskilment*), pois “learning is inseparable from doing, and in which both are embedded in the context of a practical engagement in the world – that is, in dwelling” (INGOLD, 2000, p.416). Conhecer, nesse sentido, está diretamente relacionado com o movimento engajado no mundo, e não com um esquema de representação mental. Esse engajamento envolve humanos e não humanos, de tal forma que não a discussão de agência acaba não fazendo sentido nesse caminho de reflexão.

Dessa maneira, as experiências corporais, mais do que a um esquema cognitivo, dizem respeito à a um processo de criatividade que envolve improvisação, atualização contínuas e em pleno diálogo com os ambientes habitados. É, pois, por esses caminhos, que esse trabalho busca trilhar uma compreensão do parkour, focando nas experiências do habitar o mundo que a prática em questão proporciona. As várias experiências vão tecendo caminhos e delineando histórias e narrativas, realizadas nos movimentos de habitar o mundo – as praças, as vielas, topos de prédios, areia da praia, construções abandonadas, campo, floresta, terra, plantas, água, terra... Nesses intensos movimentos, os praticantes tecem a malha de suas vivências com o parkour, criando e recriando os ambientes de acordo com suas experiências e, não necessariamente, com os projetos ou definições de uso que outros sistemas conceberam.

O sentido de habitar proposto por Tim Ingold dialoga com Heidegger e com o arquiteto Juhani Pallasmaa (2011). O filósofo alemão Heidegger desenvolve uma reflexão a nível ontológico sobre o ser enquanto habitar, posto que é ser-no-mundo, e o finlandês Pallasmaa traça caminho semelhante ao propor uma arquitetura pautada desde o habitar, entendido como um processo de unidade e sensibilidade do mundo e seus elementos, a partir de uma perspectiva de construir e cuidar. Heidegger mostra que a antiga palavra *buan*, em sua origem alemã, significa construir e também significa habitar. Aquela palavra, por sua vez, também significa “ser”. Ser, portanto, é habitar:

That is, bauen, buan. bhu, beo are our word bin in the versions: ich bin, I am, du bist, you are, the imperative form bis, be. What then does ich bin mean? The old word bauen, to which the bin belongs, answers: ich bin, du bist mean: I dwell, you dwell. The way in which you are and I am, the manner in which we humans are on the earth, is Buan, dwelling. To be a human being means to be on the earth as a mortal. it means to dwell. The old word bauen, which says that man is insofar as he dwells, this word barren however also means at the same time to cherish and protect, to preserve and care for, specifically to till the soil, to cultivate the vine. Such building only takes care-it tends the growth that ripens into its fruit of its own accord.⁴⁶ (HEIDEGGER, 1954/1971, p.349)

Para este filósofo, habitar trata de uma questão ontológica. A interpretação heideggeriana vai ao encontro do entendimento que habitar não se restringe ao significado de

46Bauen, buan, bhu, beo é, na verdade, a mesma palavra alemã "bin", “eu sou” nas conjugações ich bin, du bist, eu sou, tu és, nas formas imperativas bis, sei, sê, sede1 . O que diz então: eu sou? A antiga palavra bauen (construir) a que pertence "bin", "sou", responde: "ich bin", "du bist" (eu sou, tu és) significa: eu habito, tu habitas. A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o Buan, o habitar. Ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar. A antiga palavra bauen (construir) diz que o homem é à medida que habita. A palavra bauen (construir), porém, significa ao mesmo tempo: proteger e cultivar, a saber, cultivar o campo, cultivar a vinha. Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos. (tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, disponível em https://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf)

morar, dizendo respeito, também, ao permanecer com. Tal permanência está atrelada a um movimento de proximidade ao que o autor chama de “ser-no-mundo”. O processo de ser é ser-no-mundo, e, portanto, é habitar, que também é construir (SARAMAGO, 2011). O pensamento de Heidegger reverbera na construção de uma crítica à arquitetura hegemônica da atualidade, feita por Pallasmaa (2011). Para este, a arquitetura tem perdido sua finalidade que é criar as possibilidades de habitar o mundo de modo que este processo acontece quando o espaço perde seu sentido existencial, constituindo-se apenas como experiência física ou estética (AÍSA, 2012). Assim, para recuperar aquela finalidade, Pallasmaa propõe uma arquitetura que se construa com e para o tato, diminuindo a imensa experiência visual que se sobressai atualmente.

As perspectivas destes três autores encontram-se na forma de propor uma outra abordagem ao processo corpóreo, à experiência sensória dos seres no mundo a partir da ideia do habitar como ponto em comum, alternativo às dicotomias que reiteram a separação entre corpo e mente, natureza e cultura, bem como às teorias representacionistas acerca das dinâmicas de conhecimento. Habitar o mundo, assim, é juntar-se à formação pulsante e contínua das coisas, é vazar e participar do vazamento de vida de outros habitantes (INGOLD, 2012).

5.4 Interferindo e participando – construindo um mundo de parkour

A lida com os caminhos que se abrem nas vivências com o parkour demonstra a criatividade como processo de improviso em diálogo com o ambiente e com seus materiais. É possível encontrarmos uma intensa experimentação com as texturas, os elementos, as estruturas arquitetônicas quando vemos, por exemplo, como os praticantes se relacionam com o ambiente, construindo, intervindo e propondo mudanças a fim de criar novas possibilidades de movimentação e habitação. Em um dos encontros para treinar, encontrei Heitor no Parque da Criança, um espaço muito frequentado pelos praticantes, devido à variedade de texturas existentes ali: areia e grama, boas para treinar saltos mortais; escadas e muros, onde é possível treinar monkeys e escaladas, por exemplo; barras para treinos de força; corrimões para treinos de equilíbrio; entre outros.

Ao conversarmos sobre algumas intervenções feitas pelos próprios praticantes nos espaços do Parque da Criança, Heitor rememora alguns exemplos que ocorreram no passado, como a colocação de pneus justapostos, cheios de areia, próximos às paredes do Parque. Ele

diz que havia muito mais do que aqueles que vemos ali. Algumas, com o tempo, foram retiradas ou desgastadas. Nesse dia, Heitor queria treinar um salto do solo para um pneu que estava enterrado pela metade no chão, mas sentia que era necessário algum tipo de elevação no solo para lhe ajudar no impulso do salto. Dessa forma, ele vai olhando o chão, catando algumas pedras e dispondo-as de várias maneiras, até chegar em uma que lhe possibilitasse o movimento desejado. Assim, ele põe uma pedra maior, outra pequenina sob um lado específico da maior, a fim de nivelá-la.

Figura 23: Detalhe de pedras dispostas pelo praticante para realização de movimento



Fonte: fotografia da autora

Figura 24: Pneus colocados por praticantes de parkour no Parque da Criança



Fonte: Fotografia da autora

Já na AMP, na Academia Eu+, em Vila Nova de Gaia, o desenho das estruturas de madeira do espaço foi pensando por um praticante de parkour que também é um dos sócios da academia. Todo o espaço foi construído de acordo com a sua experiência de treinos na rua e em diálogo com outros colegas de parkour. As estruturas foram pensadas de modo a possibilitar o máximo de movimentações possíveis, explorando diferentes alturas e mistura entre blocos de madeira, barras de ferro e uma piscina de espuma para o treino de saltos mortais. Já na capital paraibana, Ygor me relata acerca de um projeto desenvolvido por ele e outros colegas de treino, proposto para a Secretaria de Juventude, Esporte e Recreação da Prefeitura Municipal de João Pessoa, no ano de 2016. A proposição foi feita em forma de um documento, solicitando a criação de um “Parkour Parque”, no qual a prática é explicada resumidamente, além de conter diversas fotos de treinos e algumas das principais praças frequentadas pelos praticantes de parkour.

O texto do projeto sugere duas ações por parte do poder público: em um primeiro momento, a manutenção do espaço da Praça da Paz, com limpeza regular e guarda do local, apontada como “um enorme passo” para a continuação dos treinos. A segunda sugestão traz uma proposta de revitalização de praças direcionada para a prática do parkour, sendo sugeridos os espaços como a própria Praça da Paz, a Praça do Coqueiral, no bairro de Mangabeira, a Praça Bela, no bairro de Funcionários II e a Praça do Caju, no bairro do Bessa. As recomendações apontadas no texto dessa proposta trazem exemplos de materiais de baixo custo a serem utilizados no caso de uma reforma: pneus, cones de esgoto, muros e muretas de concreto e barras de ferro. Para ilustrar o plano, os proponentes realizam a construção de uma pequena maquete, feita com papelão, isopor e palitos.

Figura 25: Estruturas para treino de parkour na Academia Eu+



Fonte: Fotografia da autora

Figura 26: Aulas de parkour na Academia Eu+



Fonte: Fotografia da autora

Figura 27: Maquete feita por praticantes para projeto sugerido à Prefeitura de João Pessoa



Fonte: Gentilmente cedido por Andrey Peixoto

Os exemplos trazidos, desde as pequenas intervenções com pedras, o desenho das estruturas da Academia Eu+, até a proposta do Parkour Parque com ajuda da construção improvisada de uma maquete, nos aproxima do que Ibarra (2014) chama de “design por não-designers” (DND). Trata-se de um processo de modificação e construção de artefatos nos espaços públicos a fim de satisfazer determinadas necessidades, realizado por pessoas que não

possuem conhecimentos formais na área do design. A reflexão da autora também dialoga com a ideia do habitar proposta por Ingold, a partir da compreensão de práticas criativas como processos de improvisação. Ibarra (ibid), ao analisar as práticas criativas realizadas por não-designers aponta para as possibilidades de participação de não-designers e profissionais da área, de modo a estimular uma prática permeada pelo diálogo e construção de oportunidades para um design aberto e não ameaçador.

5.5 Flertando com o ambiente

Um grupo chega a um novo “pico” ou “spot” para explorar os movimentos de parkour em meio a um determinado espaço: vão explorar as possibilidades e as limitações do próprio corpo, vão discutir entre os pares sobre as superfícies – que podem ser pedras, concreto, areia, cerâmica, água etc – vão tateando e experimentando, aos poucos, a combinação de corpos e “cena”. Tal qual como a descrição feita por Merleau-Ponty (1999) em que Cézanne, segurando o pincel, diante da tela e da paisagem que deseja pintar, encena um tipo de “dança” com o instrumento, antes de tocar, ou tocando levemente a tela. Os movimentos podem começar como uma espécie de ensaio, de forma até meio um pouco hesitante – para quem vê de fora e mesmo para quem está desenvolvendo a tentativa em questão.

Nesse sentido, é comum ver, especialmente nas experiências realizadas em um local nunca experimentado antes, ou mesmo com o treino de algum movimento inédito, uma maneira de aproximação, uma negociação entre o corpo do praticante de parkour e o material com o qual ele tenta estabelecer um diálogo por meio do movimento, começando, muitas vezes, de forma tímida, cautelosa. Um tipo de flerte. Essa aproximação envolve cálculo, adaptação de técnicas prévias, paulatina compreensão do vínculo que ali pode ou não ser estabelecido e, como todo processo de descoberta e conquista e também quebras de expectativas.

Observei essa dinâmica de descoberta de possibilidades, por exemplo, em uma tarde de treino coletivo em São Mamede de Infesta, AMP. Nesse dia, os praticantes foram treinar em frente a uma praça, em um espaço entre um dois prédios residenciais, onde havia algumas estruturas esféricas de concreto e, ao lado, um espelho d’água em frente a um dos prédios. Os mais praticantes mais novos, em especial, conversavam, juntos, com atenção no espaço d’água, pensando nas possibilidades de movimento naquele espaço. Outros experimentavam diferentes movimentos junto às esferas de concreto, enquanto alguns tentavam escalar um dos

prédios. A dinâmica das improvisações nesses treinos coletivos é especialmente intensa, dada a troca que ocorre entre os diferentes praticantes.

Figura 28: Praticantes explorando o ambiente



Fonte: fotografia da autora

Figura 29: Praticante experimentando movimentos



Fonte: fotografia da autora

Figura 30: Meninos explorando ambiente em São Mamede de Infesta, Porto



Fonte: Fotografia da autora

Em outro dia, fui conversar com Vasco em Póvoa do Varzim. O objetivo era entrevistá-lo e dar um passeio sem o compromisso específico de treinar. Encontramo-nos próximo à praia de Póvoa e fui sendo guiada por Vasco entre as ruas da cidade. Próximo dessa parte da praia, existe um antigo prédio onde havia eventos de touradas, hoje abandonado. Logo ao lado, há um pequeno espaço com alguns muros e era nítido observar os olhos rápidos de Vasco que andava e gesticulava, como quem conversasse sozinho, pensando e se posicionando para visualizar a distância entre as muretas. Perguntei se ele costumava treinar nesse lugar e ele disse “não, eu acabei de pensar que dá pra fazer uns movimentos”. Ele olhou, pensou, chegou a se posicionar, mas não prosseguiu com as tentativas. Assim, seguimos a caminhada.

Enquanto caminhávamos, Vasco me fala que gostaria de me mostrar uma casa abandonada, ao fundo de um prédio, que ele havia descoberto há pouco tempo e utilizava do espaço para treinar. Entramos pela garagem do prédio vizinho, ultrapassando a cancela do

estacionamento. Entretanto, vimos um movimento que levava a parecer haver gente pelo espaço dessa casa abandonada e desistimos de prosseguir. Desse modo, fomos a outro espaço, uma rua por trás dos prédios que possui um chão com blocos de cortiça, um material interessante, segundo Vasco, para treinar rolamentos e até alguns saltos, devido à maciez do material que permite absorver o impacto e causar menos lesões. Enquanto fazia alguns rolamentos nesse chão, Vasco senta-se um pouco para descansar e avista uma parede próxima, imediatamente levantou, escalou a parede, pôs-se em pé e ficou a visualizar a distância e possibilidade de um movimento, mas também não prosseguiu por perceber que o pequeno poste à frente da outra parede podia atrapalhar o salto.

Figura 31: Praticante visualizando possibilidade de salto, em Póvoa do Varzim



Fonte: Fotografia da autora

Perguntando a respeito da descoberta dos spots, Vasco me conta que ele e os colegas geralmente combinam o dia de treinar e depois decidem exatamente um local de encontro, que

pode ser um lugar mais central para a maioria dos praticantes ou um local mais distante, sendo este último um momento que requer maior planejamento para a locomoção dos meninos que moram em bairros mais distantes. A partir do momento em que se encontram, eles começam a passear e é o seguimento é, segundo Vasco, improvisado. Assim como foi o nosso passeio acima descrito.

Com os spots, os movimentos aparecem, não é algo muito pensado. Não é tipo um filme em que nós temos o roteiro e sabemos exatamente o que vamos fazer. É mais uma aventura em que nós não sabemos o que vai se passar, por isso improvisamos, tentando criar, descobrir coisas, descobrir sítios abandonados...ou sítios, ruas que nunca passamos antes. Andamos atrás de sítios diferentes, que sejam interessantes para criarmos movimentos... podemos começar numa praça ou ali na praia como encontramos-nos, e então saímos a andar, cada um está a olhar coisas diferentes e vamos conversando e meio que brincando ao longo do caminho. Às vezes começa com uma brincadeira de uma pessoa só em uma escada que ela vê no caminho e quando vês, estão todos ali a treinar também, e podemos voltar naquele mesmo sítio

Nesse sentido, percebemos que a forma como os praticantes de parkour tecem o mundo do parkour passa por um verdadeiro processo de mapeamento que dialoga com as linhas e fluxos entrelaçados nos movimentos e deslocamentos(INGOLD, 2007). Quando pensamos no mapeamento realizado por esses praticantes, no entrelaçamento de linhas que são as suas relações é necessário não perder de vista uma ideia importante nesse processo: o movimento. As linhas que compõem essas relações estão em um intenso movimento aberto e contínuo.

Fazer parkour também é mapear a cidade a partir do que pode o corpo do praticante, a partir das relações que esse corpo pode desenvolver – e descobrir que pode mais! - nos diferentes espaços e texturas encontrados no deslocamento pelos mais distintos lugares. As possibilidades sempre podem ser atualizadas, a medida que também são atualizadas as dinâmicas de movimentação e as relações corpóreas, sociais e afetivas do praticante. Tal qual o poeta espanhol Antônio Machado diz que o caminho é feito ao caminhar, ocorre um movimento semelhante no processo de mapear aduzido por Ingold (2005): mapear é conhecer, e o conhecimento, para este último, só acontece em movimento. É, portanto, movimentando-se, experimentando, que os praticantes de parkour vão tecendo os seus próprios mapas de uma “cidade parkoutiana”.

5.6 Seguindo fluxos, traçando caminhos – Fazer parkour é mapear

O Parque Evaldo Cruz, conhecido por “Açude Novo”, localizado no centro da Campina Grande, é um dos locais mais emblemáticos para os praticantes de parkour campinenses. Desde o começo da prática na cidade, os jovens rapazes elegeram esse local como um dos principais “picos” de treino. Trata-se de uma espécie de praça em formato circular, contendo várias escadas que dão acesso ao centro do espaço, além de corrimões de ferro, alguns quiosques, a sede da força florestal voluntária, um grande obelisco com bancos e uma estrutura de espelho d’água, que hoje se encontra vazia, além de diversas árvores. Todas essas características oferecem um rico leque de possibilidades para os praticantes, com muitas texturas de materiais e desenhos das estruturas arquitetônicas.

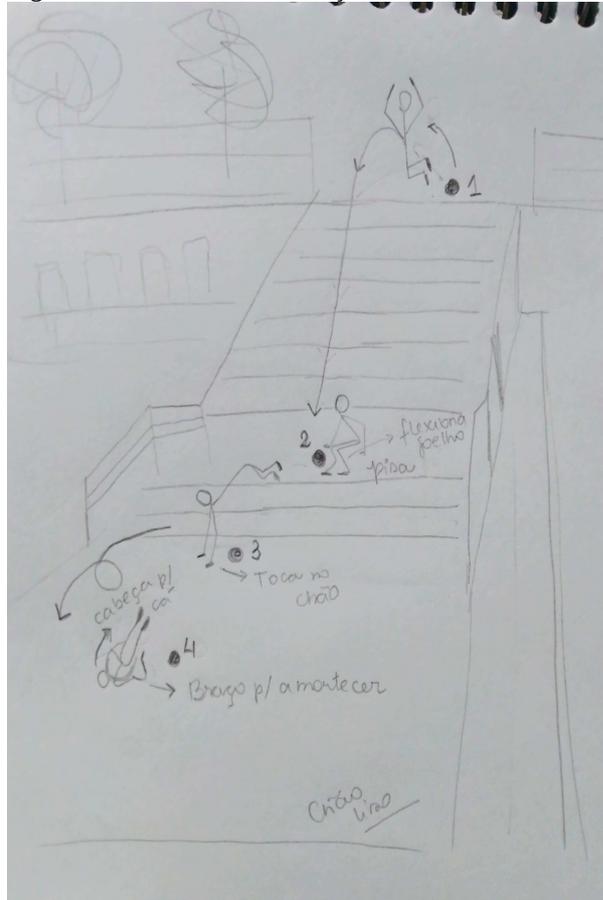
Em um dos encontros, chego ao Açude Novo e desço pela escada que fica ao lado da entrada do Terminal de Integração. Degrau por degrau, desço como “tem que ser”. Na mesma hora, um dos rapazes também chega para o treino, mas ao contrário de usar a escada, ele desce por um vão entre o corrimão da escada e o chão, num movimento só. O caminho que faço até o ponto específico onde o restante dos meninos estão, é aquele que os sinais do parque me direcionam por onde tenho que ir. O meio fio das calçadas delimita onde é lugar de andar e praticamente não tenho que desviar de nada. Traço o meu mapa de forma mais ou menos a seguir o fluxo com o qual me identifico: linear, respondendo à previsibilidade – da perspectiva do meu corpo - do desenho arquitetônico projeto para aquele espaço.

Ao anotar as experiências vividas com o parkour no diários de campo, passei a utilizar alguns rabiscos e pequenos desenhos para registrar os movimentos e deslocamentos dos praticantes. Passei a fazer isso durante alguns treinos de parkour, quando percebi que eu não iria conseguir gravar “de cabeça” as sequências dos saltos, ultrapassagens, precisões, escaladas etc, e também não podia gravar por meio de vídeo, por eventualmente ser um momento inoportuno para tal. Uma vez compreendido o meu objetivo com esses esboços, resolvi utilizá-los, em alguns momentos, como uma forma de conhecer o mundo do parkour, como mais uma ferramenta ao meu favor de registrar e refletir sobre o que vinha estudando (INGOLD, 2015. KUSCHNIR, 2016).

Nesse sentido, comecei a fazer alguns traços no pequeno caderno que indicavam direcionamentos dos movimentos realizados pelos praticantes. Eu buscava empreender, assim, um certo esforço em mapear algumas linhas de movimento. Tínhamos dois mapeadores, então: eu, de um lado, na tentativa de adaptar o olhar e mapear as linhas de movimentação do traceur que eu não conseguia registrar por meio das palavras, e, do outro lado, o traceur

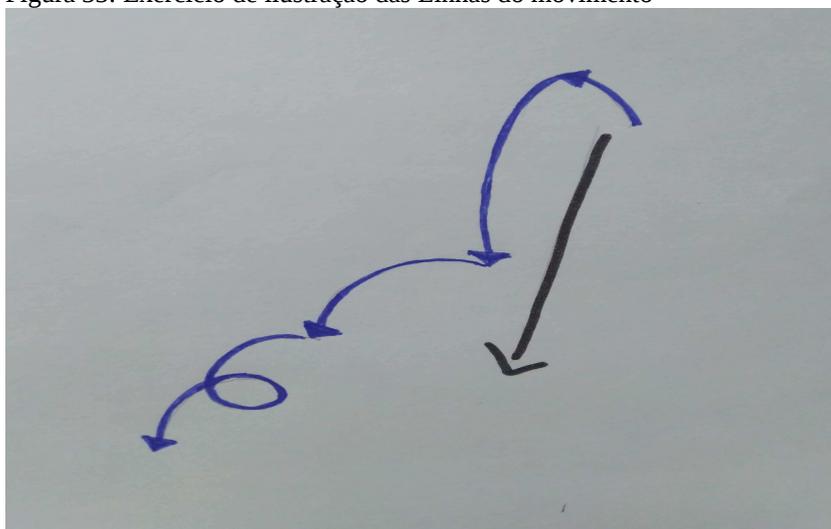
mapeando as diversas possibilidades de deslocamento, às vezes no mesmo pequeno espaço físico, como uma barra de ferro ou três degraus de escada.

Figura 32: Exercício de ilustração de um salto



Fonte: fotografia da autora

Figura 33: Exercício de ilustração das Linhas do movimento



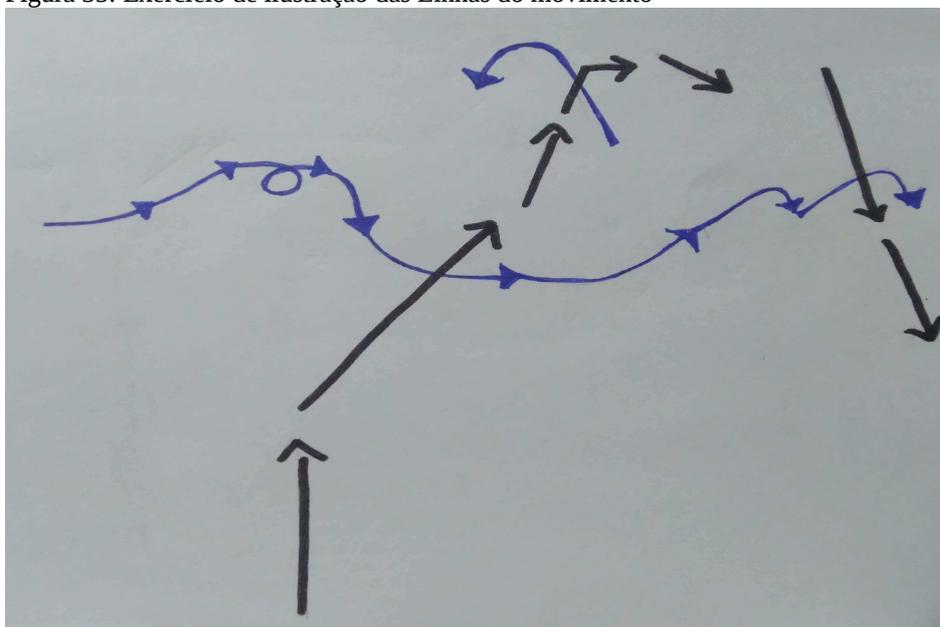
Fonte: fotografia da autora

Figura 34: Exercício de ilustração de uma sequência de saltos



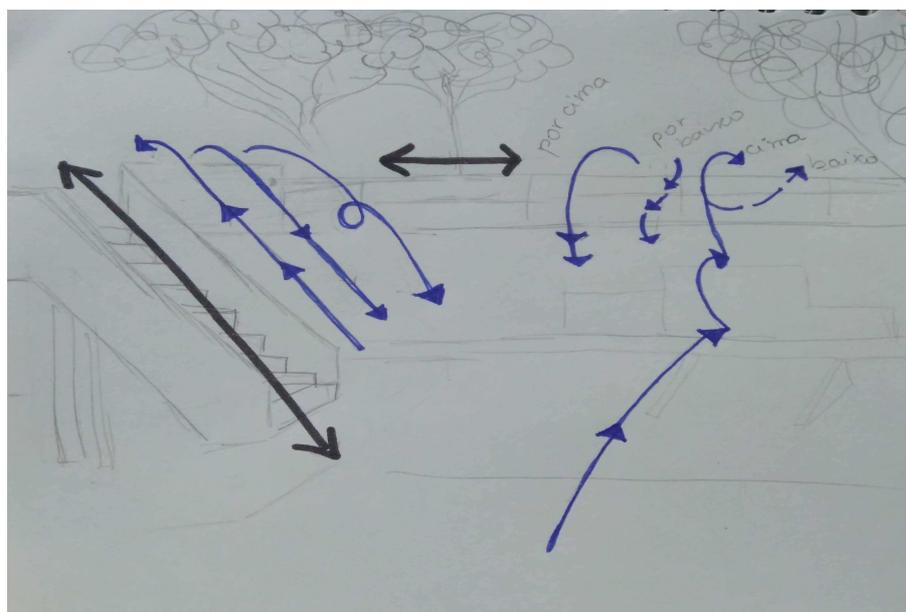
Fonte: Fotografia da autora

Figura 35: Exercício de ilustração das Linhas do movimento



Fonte: fotografia da autora

Figura 20: Exercício de ilustração das Linhas possíveis de movimento em um ambiente



Fonte 16: fotografia da autora

A diversidade de movimentos, como podemos ver na comparação entre as linhas pretas e azuis, nos comunicam sobre uma forma de conhecimento e de engajamento no mundo. O traceur atua como um “captador” de fluxos, tendo um repertório de movimentos e uma intensa habilitação para reinventar os caminhos, ele pode traçar uma infinidade de linhas em fluxo. É como se inúmeras linhas estivessem passando freneticamente no ambiente aberto e o praticante de parkour conseguisse identificar algumas e segui-las. Mas essa “identificação” não acontece como um processo de representação mental, e sim, como resultado de um processo de habilitação. É com muito treino que se ganha essa habilidade.

As assimetrias de vivências entre mim - não praticante de parkour - e os praticantes, podem ser vistas nesse exercício do desenho das linhas possíveis de movimento de um corpo habilitado para determinada prática. As linhas pretas são referentes aos meus possíveis movimentos, as linhas em azul, são referentes a algumas das linhas de movimento possíveis para um praticantes de parkour. Esses desenhos podem nos ajudar a pensar na dinamicidade do mundo, que foge aos usos e mapeamentos convencionados pela arquitetura. Vários são os movimentos e estes dizem respeito às formas de habitar o mundo.

Mas o que é esse mapear senão habitar? Seja meu mapeamento “previsível” e linear ao andar pelo parque, meu esforço em mapear os movimentos por meio de desenho, ou o mapear dos praticantes nas diferentes formas de olhar o lugar e, a partir desse olhar, enxergar as possibilidades – os caminhos - de deslocamento e movimento, todos esses exercícios indicam a própria atividade do mapear. Se faz caminho caminhando. Se faz mapa mapeando. Movimentando-se e – e também desenhando! São todas formas de ser e estar no mundo, estar com o mundo.

Essas maneiras de ser e estar vão sendo delineadas por aspectos distintos, implicados com as linhas de vida que atravessam as experiências de habitar do ser humano. O parkour enquanto linha intensa da vida do praticante, impacta a sua forma de ver e viver o mundo, de habitar conforme sua experiência, atravessada por esta e tantas outras linhas. Como nos diz Heitor: “Mesmo quando não estou treinando, estou indo na rua resolver alguma coisa, pagar alguma conta e tal... vou andando e olhando e pensando que ali dá pra fazer isso, ai emendo nisso, depois giro assim e por aí vai... Faço o parkour na minha cabeça”. A vivência do praticante de parkour é marcada, entre outras linhas, pela habilidade de mapear os ambientes. Esta habilidade é aprendida ao longo da experiência e está sempre em atualização.

Tal como Ingold reflete acerca da definição da árvore – se ela é um objeto ou uma coisa, em seus termos – poderíamos pensar a respeito da “móvel” dos ambientes que habitamos, no caso, do ambiente que os praticantes de parkour habitam. Algumas estruturas arquitetônicas da cidade, por exemplo, como muros, cercas, calçadas, escadas, corrimão, parede, chão etc são definidas enquanto tal de acordo com o fim a que se destinam. Uma parede, geralmente, serve para divisão e proteção de um ambiente. Evidentemente essa explicação não é suficiente quando pensamos na carga e efeito simbólico que, por exemplo, as paredes de um grande muro possui.

A parede é a enunciação de um impedimento: “não passe daqui” ou “aqui acaba o seu caminho”, além de constituir parte dos enclaves fortificados (CALDEIRA), cada vez mais comuns na nossa sociedade com os enormes condomínios. Essas mesmas paredes, entretanto, especialmente as dos muros cidade afora, também são telas para o grafite e para o pixo, apoio para cartazes e para a exposição de produtos de vendedores ambulantes, ou ainda como

imprevisíveis nascedouros de plantas, resultado especialmente do depósito de matéria orgânica feito por animais como pássaros e morcegos.

Assim, se pensamos rapidamente em uma estrutura de concreto, tijolos ou algum outro material do tipo, constituindo uma parede, dificilmente a relacionamos ao conceito de “coisa” proposto por Ingold (2012) que é um “agregado de fios vitais”. Parece realmente ser mais plausível este exercício imaginativo em torno de uma coisa como a árvore porque mesmo a um olhar mais veloz, ela parece algo cujas linhas de vida realmente a atravessam, se lembramos, por exemplo, do movimento de suas folhas ou da sua dinâmica com os animais. É mais plausível pensar em vida, dessa maneira, se levamos em conta a concepção de “vida” como atributo dos seres vivos ou “animados”. Entretanto, não é sobre esse conceito de vida que o autor se debruça.

O parkour é tecido a partir de uma malha de linhas que vão costurando os mapeamentos do mundo habitado. E este é um primeiro ponto: não se ocupa o mundo: habita-se porque as coisas não estão acabadas e à espera de agentes que se superponham a elas, como fossem superfícies. São, ainda, as linhas que falam sobre crescer e aprender com o parkour a partir de processos técnicos que se conjugam com experiências afetivas de amizades, conflitos, trocas e vivências nos ambientes.

As sinuosas formas de seguir e compreender materiais e texturas com os diferentes sentidos compõem a intimidade do praticante que está em um processo aberto e contínuo com terra, concreto, pedras, madeira, plantas, calor, frio, sangue, suor e lágrimas. Não *por trás*, mas *junto* ao salto, à escalada, à ultrapassagem de um obstáculo, à construção de uma sequência de vaults, entre tantos outros movimentos, um mundo inteiro também se movimenta. O movimento do parkour não é realizado por um objeto encapsulado, o qual entendemos geralmente por “corpo”, fazendo uma pirueta impulsionado pela própria força. O corpo se movimenta junto às coisas, pois não ocupa o mundo, e sim, habita-o. Essas linhas entrelaçam-se e formam, como uma malha dançante, o parkour.

Considerações Finais

Terminamos nosso percurso voltando para as primeiras linhas desse trabalho: na introdução, sugeri algumas definições do parkour e sinalizei a pluralidade das mesmas. Agora, trago-a de novo, questionando: afinal, o que é o parkour?

Bem, esse trabalho não dará ao leitor uma resposta. Pelo menos não só uma. A proposta que se traça aqui é percorrer caminhos possíveis que nos ofereçam algumas explicações sobre essa prática. Assim como a criatividade infinita na construção do diálogo entre corpo, movimento e ambiente estabelecida no mundo do parkour, no debate acadêmico esse tema pode tomar proporções enormes, cada uma permeada por visões e teorias variadas.

Busco, na construção desse trabalho, acompanhar e me mover tal qual o *flow*, no ritmo de um traceur que descobre os lugares, as paredes, as vielas, as calçadas, postes, pedras, terra, grama, água e vai enlaçando-os e desenlaçando-os ao seu corpo, em uma espécie de dança plúrima. Nesse fluxo, muitas relações e experiências dos praticantes coreografam os passos para além do mimetismo proporcionado a partir de vídeos tutoriais do YouTube, ou da busca pela imitação dos movimentos de outros praticantes. A pergunta pode ser reformulada: o parkour é um emaranhado – quais fios desse tecido foram possíveis acessar nessa pesquisa? Como eles se entrelaçam e para onde seguem seus movimentos? O que passa e o que não passa nesse emaranhado?

Para traçar algumas pistas durante nosso percurso, elegemos a dimensão corporal como ponto de partida da reflexão. O corpo aqui é mobilizado como elemento inescapável da análise social, tendo em vista que todos os processos de conhecimento são processos corpóreos. E estes, por sua vez, implicam na compreensão de um entrelaçamento de relações e fluxos, de movimento que o compõem. Em outras palavras, aprender uma habilidade, e mais especificamente, aprender o parkour, a despeito de expressões comuns no cotidiano do tracers tais quais “Meu corpo pode, mas minha cabeça ainda me limita” ou “Hoje minha cabeça não está boa para eu realizar esse movimento. Preciso estar com corpo e mente em harmonia”, não mobilizam corpo e mente em separados. Tais expressões nada mais são do que a cristalização do pensamento cartesiano no mundo moderno.

No geral, foi notado um grande potencial de geração de paixões alegres (DELEUZE, 2002; SPINOZA, 2009) no parkour. Isso não quer dizer, entretanto, que não existam processos conflitivos. As hierarquias e a competitividade, por exemplo, podem, em algum nível, ser notadas. Os próprios praticantes não negam a hierarquização e a competição

de forma substancial, afirmando que se trata mais de exemplos a serem seguidos, pessoas mais experientes a serem ouvidas, do que necessariamente uma competição em um sentido mais egoísta. São exemplos que podem servir de inspiração nos processos de aspiração do indivíduo.

Entretanto, essa narrativa, se não “seguida” à risca na prática, é ao menos intentada ao longo das vivências em grupo. Praticantes experientes que agem com arrogância e não compartilham de forma “humilde” suas experiência e habilidades nem sempre são bem vistos na comunidade. Por outro lado, praticantes novatos que também não se comportem com humildade, especialmente quando chamados atenção por alguma prática que a comunidade não aceite, também não são bem recepcionados. São comuns os relatos de pessoas que dizem ter mudado seu comportamento positivamente depois de estabelecer um relacionamento com o grupo, passando por experiências de aprendizado não só físico quanto moral.

Sobre o princípio de não competitividade do parkour, hoje já mais diluído nas diferentes vivências do parkour ao redor do mundo, é transposto especialmente para a ideia de “competição com si próprio”, objetivando a superação dos limites do próprio indivíduo. Superar a si mesmo é um exercício de criatividade e, esta, por sua vez, trata-se da “capacidade de crescer de maneira continuada para superar-se a si mesmo” (INGOLD, 2016, p.4).

Seja um parkour “puro” ou um parkour “misturado” - aquele cuja prática inclui movimentos “não naturais” ou mesmo considerados “inúteis” do ponto de vista da eficiência, como o faz o free running com seus saltos mortais – trata-se de uma grande malha cujas linhas de experiência são vastas e estão em movimentação intensa. O movimento desse entrelaçamento é percebido nas narrativas, trajetórias e memórias afetivas sobre o parkour, o que resulta, inclusive, em uma certa dificuldade de construir um texto bem sistematizado sobre os contextos observados. Por isso penso na ideia de “textura” como alternativa ao texto, por sinalizar com mais evidência um processo de emaranhado que vai desde o fenômeno em si estudado, até a construção, o ordenamento das palavras e ideias aqui postas.

A dificuldade de dizer o que é o parkour tem a ver com a a intenso emaranhado de movimentos que vão sendo agregados, construídos, inventados e reinventados na prática do parkour, de forma desdobrada a partir de outros eventos e também aberta para outros possíveis. Sendo assim, os vários atravessamentos das linhas de afetos e experiências também fazem parte do processo criativo de experimentos com a movimentação do parkour. Além disso, é importante notar que existe, sim, uma força de normatização, de regulação, no parkour. Essa força é capilarizada por diversos caminhos. Um deles vai em direção à

esportivização do parkour, um outro, à oposição ao parkour enquanto esporte (defendo-o como uma rotina física livre, por exemplo); a uma maior aceitação à mescla do parkour e do free running, considerando-os apenas lados da mesma moeda (que poderia ser facilmente denominada por esta ou aquela nomenclatura). Entre outros caminhos.

Percebemos, assim, que o parkour não é “criado” em uma forma final, ele é crescente e renasce enquanto vive. Isso não quer dizer que qualquer coisa pode ser parkour, e sim, que o parkour enquanto uma atividade ainda não sujeita às normas institucionais, notadamente do campo esportivo, flui e avança em cada interpretação, em cada experiência de cada praticante. A dificuldade observada de definir e até mesmo de organizar comunidades que perdurem ao longo do tempo pode ter a ver com o caráter extremamente fluido que a atividade possui, vazando para além da prática pontual. Ela pode ser um momento de atravessamento de outras experiências que o indivíduo percorre e, assim como outras, também sofre o impacto de relações sociais marcadas pelas diferenças como gênero, raça e classe.

Percebemos, ainda, que o parkour atua como um catalisador da criatividade, conforme vemos nos diversos relatos de experiências e experimentações dos praticantes com o corpo e com o ambiente. É nesse movimento de engajamento no mundo, portanto, que salta aos nossos olhos o processo de improvisação, isto é, de seguir os caminhos do mundo na medida em que se abrem (INGOLD, 2018). Esse engajamento se dá em um intenso processo relacional, note-se a importância mencionada, por exemplo, dos treinos coletivos para o incremento nas dinâmicas criativas.

Penso que buscar analisar processos pela ótica das linhas vitais, da malha e/ou emaranhado feito por essas linhas, bem como a partir da perspectiva do habitar, que se preocupa mais em olhar a comunhão entre seres humanos e não humanos, ou as coisas “animadas” e “inanimadas” oferece um caminho frutífero no sentido de acolher a multiplicidade das experiências, considerando-as, especialmente, dentro do seu aspecto sensorial e corpóreo como abertura e engajamento mesmos no mundo. Tais processos falam de dinâmicas de conhecimento e aprendizado que têm muito mais a ver com um movimento de habilitação do que com o de transmissão de conhecimento, reprodução e operação de acordo com esquemas mentais e, por fim, do que com o debate teórico em torno da questão da agência.

É nesse sentido, portanto, que habitar o mundo com o parkour envolve uma série de experiências e afetos que vão elaborando, de forma contínua os processos de aprendizado da prática e de constituição da subjetividade do praticante. Aprender parkour, como já falamos,

não se trata de um processo de transmissão de conhecimento e sua reprodução pura e simplesmente. O aprendizado do movimento é o próprio movimento sendo feito, dentro de uma malha de experiências várias, contextualizado com os ambientes habitados. As linhas dessas malhas são constituídas por vivências e habilidades desenvolvidas com outras práticas, como os esportes e as artes, e são também os afectos resultantes de processos socioculturais que perpassam desde as questões, por exemplo, de gênero, raça e classe, produzindo movimentos de afecções e subjetividades nos praticantes de parkour.

Parkour é fazer cat leap, é desenvolver um flow, é fazer brincadeiras e desafios entre os participantes em um dado ambiente, é escalar paredes e descer ou subir escadas de formas inimagináveis – são todos esses movimentos em um diálogo entre corpo, espaço e tempo. Esse diálogo é atravessado por processos de aprendizado, de técnica e de habilidade que não acontecem de forma isolada, solitária e unilateralmente intencional. O parkour nos mostra como a criatividade – o criar – assume o aspecto de “com e/ou diante e/ou apesar de”. Cria-se com o que se tem, diante do que se tem e apesar do que se tem. Mas o diálogo, o entrelaçamento que existe entre os elementos do mundo – no caso, do praticante de parkour e o ambiente no qual ele vive – constituir o ponto-chave do que estamos falando aqui.

Os traceurs não só inventam caminhos, como também as formas por sobre as quais exercerão seus movimentos. Podem atuar como escultores dos próprios materiais com que se deparam. Deslocam seus corpos, bem como as coisas no seu ambiente, a fim de interagirem com elas de maneiras outras. Mas também as coisas propõem, instigam, desafiam o traceur a inventar formas de interação com elas.

Por fim, será que mesmo buscando localizar-se em um lugar alternativo ao debate da agência de um modo geral, a teoria de Ingold também não cairia na “armadilha” sugerida por Van Dyke (2015) que Latour e outros teóricos da agência material caem que é a de não dar a devida atenção aos processos e relações de poder? A antropologia simétrica de Latour, ao considerar a ênfase sobre as redes e mutualidades exercidas entre seres humanos e seres não humanos poderia nos levar a um certo caminho estreito e aberto para uma perspectiva neoliberal (ibid), uma vez que o alcance das redes não tem fim e não saberíamos a hora exata de cessar o rastreamento destas e passar para um segundo momento que seria a análise das relações de poder. Nesse sentido, também não aconteceria o mesmo com as malhas e linhas de vida propostas por Ingold?

A perspectiva de malha e linhas de vida como alternativa ao “problema da agência” discutido por Ingold (2018) tem um grande potencial de nos revelar a multiplicidade existente

na dinâmica do parkour, auxiliando-nos a percorrer as diversas linhas que atravessam e são atravessadas nas e pelas experiências dos indivíduos em seus contextos sociais. Entretanto, parece que ao se afastar da teoria da agência, o vitalismo de Ingold pode sinalizar uma certa limitação em identificar aspectos sobretudo relacionado às dinâmicas de poder, inclusive na própria relação entre humanos e materiais, tendo em vista que estes estão imersos em estruturas hegemônicas que podem mobilizar interpretações outras sobre um certo alcance da agência. Nesta tese, busquei apresentar alguns elementos que apontam para problemáticas que elaboram marcados da diferença e acredito que sejam pontos com um grande potencial a ser explorado em outras pesquisas, a exemplo das questões sobre gênero e normatização dos corpos.

Por fim, parkour é uma experiência. É uma malha de experiências. É constituída de várias linhas. Essas linhas são experiências. São histórias, trajetórias vividas em relações sociais. Como prática corporal que envolve aprendizados intensos e dinâmicos, quero defender a compreensão do parkour do ponto de vista processional. Esse ponto de vista enxerga o aprendizado e a vida social como experiência, como um processo de criatividade que envolve uma dinâmica de orientação/guia, especialmente se notamos o caráter de coletividade existente no parkour, e se afasta da concepção de aprendizagem fixada na transmissão de conhecimento como reprodução.

É necessário entender o pk dentro da história e dos fluxos, trajetórias, linhas – pois a criatividade e a experiência habilidosa suscitada nessa prática é fruto do emaranhado de tudo isso. Entender a experiência do parkour por essa perspectiva implica no afastamento da dicotomia corpo x mente e suas variantes cultura x natureza, sujeito x objeto, frutos do pensamento cartesiano.

Pensar com o corpo em movimento e imerso no fluxo de coisas vivas pode nos ajudar a exercitar sua compreensão a partir da ideia de vida e não de agência. Trata-se de estudar a prática enquanto uma forma de habitar o mundo, habitar os ambientes e não uma forma de ocupá-los, pois eles também são coisas vivas, participantes do fluxo, em circulação, mais ou menos intensa, mas sempre contínua.

Portanto, aprender, desenvolver, criar, imaginar, improvisar são processos corpóreos. Não há uma preparação mental e uma execução corporal em separado. O processo é corpóreo como um todo porque a percepção, o conhecimento, se desdobra com e no movimento, não há “fase 1” e “fase 2”, ou um “treino da mente” e um “treino do corpo”. Tanto o processo de desenvolvimento propriamente físico quanto o relacionado à imaginação e à formação de

ideias compõem um processo que é corpóreo e entrelaçado aos materiais e experiências. Estas experiências estão imersas em uma malha de linhas de vida que envolve histórias, trajetórias, coisas (humanas e não humanas)/materiais e tudo isso está vivo porque está na vida, e não o contrário.

REFERÊNCIAS

A

ADELMAN, M. **Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades** in Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11-29, janeiro/abril, 2006.

AÍSA, I. **Arquitectura y sensibilidad – filosofía em la arquitectura de Juhani Pallasma** in Thémata. Revista de Filosofía. Número 45. 2012

AFONSO, A. **A preservação do patrimônio arquitetônico de Campina Grande no século XXI**. X Semana de História Política da UERJ. VII Seminário Nacional de História: Política, Cultura & Sociedade. Rio de Janeiro. 2015.

ALMEIDA, M. V. (org). **Corpo presente**. Treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Oeiras, 1996: Celta Editora.

ALVES, S. **Requalificação e gentrificação no centro histórico do Porto**. In Revista eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. Vol XXI, n. 557

AZEVEDO, N. **Políticas culturais à escala metropolitana: notas de uma pesquisa sobre a Área Metropolitana do Porto**. In Sociologia Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. v. 13, 2003.

AMARANTE, P. D. C. (Org.). (1995). **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

AMEEL, L. and TANI, S. (2012): **‘Parkour: creating loose spaces?’**, Geografiska Annaler: Series B, Human Geography 94 (1): 17–30.

ARRUDA, Thayroni Araújo. **O movimento hip hop e a criação de novas identidades**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

ATKINSON, M. **Deviance and social control in sport**, Human Kinetics, 2013.

B

BELTING, H. **Body and image in Iconic Power** – ALEXANDER, J. C. BARTMANŚKI, D. GIESEN, B. (ed). Materiality and meaning in social life. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

BJERÉN, G. **Comentários sobre “Estupro em campo. Reflexões de uma sobrevivente”**. In Cadernos de campo, São Paulo, n. 26, v.1, 2017

BONETTI, A. FLEISCHER, S. **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. 370 pgs.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.

BRANCO, J. M. M. **O estereótipo do jovem da banlieue de Paris – análise de suas representações cinematográficas na aula de FLE**. Dissertação de Mestrado em Estudos Francófonos. Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

BRITTO, F. D. **A ideia de corpografia urbana como pista de análise** in Revista Redobra, n.12, 2013.

BRITTO, Fabiana e JACQUES, Paola. **Corpo e cidade – coimplicações em processo**. Rev. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez. 2012.

C

CALDEIRA, T. P. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana**. Novos Estudos Cebrap, n. 47, 1997.

CALDEIRA, T. P. **Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações no espaço público em São Paulo**. In Novos Estudos. n.94, novembro 2012.

CARNEIRO, C. M. Q. **Estrutura e ação: aproximações entre Giddens e Bourdieu**. Tempo da Ciência (13) 26 : 39-47, 2º semestre 2006

CARTON, P. **O naturismo em Sêneca**. Trad. de Fernando de Sá. Porto: Carlos Ventura & cia Ltda, 1923.

CARVALHO, I. C. M. STEIL, C. A. **Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica**. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, V. especial, março, 2013.

CHAGAS, R. R. ROJO, J. R. GIRARDI, V. L. **O processo de esportivização de uma modalidade: o parkour enquanto prática espetacularizada** in Journal of the Latin American Socio-cultural studies of sport. Curitiba, v. 5, n. 1, p.21-33, 2015.

CHAHBENDERIAN, Florencia. **Disciplina: ¿estás ahí?** Algunas reflexiones del amor a las reglas en torno a Émile Durkheim. In: SCRIBANO, Adrián Oscar (compilador). Teoría social, cuerpos y emociones. 1a ed. - Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2013.

CHIESA, G. R. **À procura da vida: pensando com Gregory Bateson e Tim Ingold a respeito de uma percepção sagrada do ambiente**. In Rev. antropol. (São Paulo, Online) | v. 60 n. 2: 410-435 | USP, 2017

CINTRA, M. E. R. PEREIRA, P. P. G. **O corpo nas ciências sociais**. In: BIS, Bol. Inst. Saúde (Impr.) vol.12 no.1 São Paulo Apr. 2010

COCHET, F. **From physical-education activities to war-related activities** in Revue Inflexions, n.19, p. 191-205, 2012.

COSTA, L. B. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. In Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 – mai./ago.2014

CSORDAS, T. J. **Corpo, Significado, Cura**. Porto Alegre: UFRGS; 2008

D

DEBORTOLI, J. A. O. **Cultura e habilidade: um diálogo entre a educação física e a antropologia de Tim Ingold**. In Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S338-S352, abr./jun. 2014

DEBORTOLI, J. A. O. SAUTCHUCK, C. E. MARQUES, C. E. MANATA, P. MANATA, R. **Movimento, percepção e improvisação em um campo de relações pessoa-técnica-mundo em um contexto de prática social**. v. 1 n. 1 (2014): Trabalhos Completos Apresentados nos Seminários Temáticos da IV Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia

DE LA FUENTE, E. **Tanto...quanto: sobre a necessidade de uma sociologia textural da arte**. In Caderno CRH, vol.32, n.87, Salvador set/dez, 2019.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002

DELEUZE, G. **Spinoza et le problème de l'expression**. Paris: Les editions de minuit, 1968.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Suely Rolnik. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**: vol.1. Rio de Janeiro: 34. 1995.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992

DETTANO, Andrea. **Cuerpos y Emociones en la teoría social clásica: George Simmel**. In: SCRIBANO, Adrián Oscar (compilador). Teoría social, cuerpos y emociones. 1a ed. - Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2013.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DEWEY, John. **Art as experience**. Carbondale: Southern Illinois University Press. 1934

DITTRICH, M. G. LEOPARDI, M. T. **Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas**. In **Discursos fotográficos**. Londrina, v.11, n.18, p.97-117, jan./jun. 2015

DOUGLAS, M. **Modelo corpo/casa do mundo: o microcosmo como representação coletiva**. In Revista FAMECOS • Porto Alegre • no 25 • dezembro 2004

DOUGLAS, M. **Natural symbols**. Routledge Classics: London and New York. 1970: 2003.

DREYFUS, H. **What computers can't do: a critique of artificial reason**. 1. ed. New York/Canada: Harper & Row, 1972.

DREYFUS, H. **Why Heideggerian AI failed and how fixing it would require making it more Heideggerian** in *Philosophical Psychology*. Routledge, 2007.

DUARTE, A. M. L. T.. **A sociedade secreta de pichadores/as e grafiteiro/as em Campina Grande-PB**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

E

ESPINAL-CORREA, C. E. ESTRADA-MESA, D. A. **El fitness: estilo de vida saludable o biopolítica sobre el cuerpo desde la racionalidad neoliberal** in *Iatreia*, v. 33, abril-junio, 2020.

F

FERNANDES, A. V. OLIVEIRA, V. M. PIMENTEL, G. G. A. SOUZA, J. **Condições sociais de emergência de um subcampo esportivo: o caso do parkour** in *Retos*, n. 38, 2020.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Pela encarnação da sociologia da juventude**. In *Iara Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo – V.2 No.2 out./dez. 2009*.

FERRO, Lúgia. **Ao encontro da sociologia visual**. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 15: 373:398, 2005.

FERRO, Lúgia. **Da rua para o mundo – etnografia urbana comparada do graffiti e do parkour**. . Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

FERRO, Lúgia. **Jump Lisbon! Notes from an ethnography of urban flows**. *Portuguese Journal of Social Science*, 14 (2): 177:192, 2015.

FERRO, Lúgia. OLIVEIRA, Pedro. TRINDADE, Sara. PEIXOTO, S. **Vive o bairro! A intervenção comunitária como ferramenta da redução de riscos e minimização de danos na Matriz H do Bairro da Flamengo**. *Fórum Sociológico [Online]*, 25: 1:14, 2014.

FOUCAN, S. **Freerunning – Find your way**, London: Michael O'Mara, 2009

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Paz e Terra, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREITAS, V. **Usos da cidade: parkour e b.boying**. In *Revista Científica FAP, Curitiba*, v.11, p.79-95, jul./dez. 2014.

G

GASTALDO, E. L. BRAGA, A. A. **Corporeidade, esporte e identidade masculina** in Estudos Feministas, Florianópolis, 19(3): 392, setembro-dezembro/2011

KIDDER, J. **Parkour, masculinity, and the city** in Sociology of Sport Journal, 2013, 30, n. 1, 1-23.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. Zahar: Rio de Janeiro, 2002 (1999).

GOMES, I. M. ALMEIDA, F. Q. VAZ, A. F. **Sobre corpo, reflexividade e poder: um diálogo entre Anthony Giddens e Michel Foucault**. In Política e Sociedade. Vol. 8, n. 15, outubro de 2009.

H

HALSEY, L.G COWARD, S. R. L. THORPE, S. K. S. **Bridging the gap: parkour athletes provide new insights into locomotion energetics of arboreal apes** in Biology Letters, v.12, Royal Society Publishing, 2016.

HÉBERT, G. **Guide pratique d'éducation physique**. 2.ed. Paris: Vuibert et Nony; 1909.

HEIDEGGER, M. **Poetry, language, thought**. Albert Hofstadter (trad). New York: Harper and Row, 1971.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. ed. 15. Petrópolis: Vozes, 2005

I

IBARRA, M. C. **O Design Por Não-Designers (DND): As Ruas De Belo Horizonte como inspiração para o design**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Design), Universidade do Estado de Minas Gerais. 2014.

INGOLD, T. **Becoming Persons: Consciousness and Sociality in Human Evolution** in Cultural Dynamics 1991 4: 355

INGOLD, T. **Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da Antropologia**. In Educação, Porto Alegre, v. 39, n.3, p.404-411. 2016

INGOLD, T. **Da transmissão de representações à educação da atenção** in Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

INGOLD, T. **Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação** in *Religião & Sociedade*, v. 25, n.1, 2005.

INGOLD, T. **La creatividad que se experiencia in Innovación e Investigación en Arquitectura y Territorio**, n.5, Universidad de Alicante, diciembre 2016

INGOLD, T. **O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção**. In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015

INGOLD, T. **Pare, olhe, escute! Visão, Audição e Movimento Humano**. In *Ponto UrbePonto Urbe* [Online], 3 | 2008.

INGOLD, T. **The perception of the environment – essays of livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais** in *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

INGOLD, T. **Texturas de superfície: o solo e a página** in DIAS, S. WIEDEMANN, S. AMORIM, A. C. R. (orgs) **Conexões: Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e...** Campinas, SP: ALB/ClimaCom, 2019. pgs. 85-96

J

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JUBÉ, C. N. QUITZAU, E. A. **Georges Hébert e a legitimação do esporte no Brasil: notas a partir da imprensa (1920-1930)**. in *Motrivivência* v. 31, n. 57, jan/mar, Florianópolis, 2019.

JUBÉ, C. N. **Método natural de Georges Hébert: princípios e primeiras influências (1905-1914)** in *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, n. 42, 2020.

K

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p.32-51.

KIDDER, J. L. **Parkour: Adventure, Risk, and Safety in the Urban Environment**. IN Springer Science+Business Media New York 2013.

L

LAMB, M. D. **Self and the city: parkour, architecture, and the interstices os the ‘knowable’ city in Liminalities: A journal of performance studies**, vol.10, no. 2 (2014)

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1994.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Bauru: EDUSC, 2012.

LEANDRO, Aldo Gomes. **O turismo em João Pessoa e a construção da imagem da cidade**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

LE BRETON, D. **Elogio del Caminar**. Madrid: Siruela, 2011.

LeCORRE, E. **The practice of natural movement**.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEONE, M. **Saltos, pulos, cambalhotas: diversidade de percurso** in: Camara, Rogério. Santos, Fátima Aparecida. (Org.). **Urbanidades: mediações**. Brasília: Estereográfica Editorial, 2017

LEON, A. de. **No embalo da suingueira: o uso da etnografica na investigação das redes sociais**. In Política e Trabalho. Revista de Ciências Sociais, nº 42, Janeiro/Junho de 2015, p. 237-254

LIMA, M. **Desacordes de gênero em um movimento artístico-cultural: os lugares das mulheres no hip hop de Campina Grande-PB**. Dissertação em Ciências Sociais – UFCG, 2016.

LIMA, R. C. A. **On the rocks: corpo e gênero entre escaladores do Paraná**. In Cadernos Pagu (5) 1995: pp. 149-164.

LOPES, J. T. **A cidade e a cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas**. Dissertação de doutoramento em Sociologia. Universidade do Porto, 1998.

M

MACHADO, G. M. C.. **De “carrinho” pela cidade: a prática do street skate em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. **A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadinidade**. Doutorado em CIÊNCIA SOCIAL (ANTROPOLOGIA SOCIAL) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes/FFLCH/USP, 2017.

MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MALUF, S. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. In *Esboços: histórias em contextos globais* 9 (9), 87-101, 2001.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. Tese (doutorado) em Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2001. Disponível em https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_4044bc0471c1ea0df1c5571fbc790fc6 Acesso em 13 de julho de 2020.

MARQUES, S. C. S. CAMPOS, R. **Políticas de visualidade, práticas visuais e a construção de espaços de imaginação**. In *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 5, nº 2/2017, pag. 5-10.

MARQUES, R. A. **Cidade Lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de Parkour em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARQUES, R. A. **O que é que o Ibirapuera tem? Le parkour e “esportes radicais” no parque**. In *Ponto Urbe*. Vol 3, 2008.

MEDEIROS, C. C. **Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu**. In: *Movimento*, vol. 17, núm. 1, 2011, pp. 281-300.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTAGNER, M. A. **Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas**. In *Ciênc. saúde coletiva*. vol.11 no.2 Rio de Janeiro Apr./June 2006

MOREIRA, R. **Virilidade e o corpo militar**. *História: Debates e Tendências* – v. 10, n. 2, jul./dez. 2010, p. 321-335.

MORENO, E. **Rape in the Field - Reflections from a Survivor**”. In: KULICK, Don and WILLSON, Margaret (eds.). *Taboo. Sex, Identity and Erotic Subjectivity in Anthropological Fieldwork*. London and New York, Routledge, 1995.

N

NASCIMENTO, S. **O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima** in *Rev. antropol.* (São Paulo, Online) | v. 62 n. 2: 459-484 | USP, 2019.

NASCIMENTO, S. **A cidade no corpo in *Ponto Urbe*** [Online], 19, 2016

NÓBREGA, T. P. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. In *Estudos de Psicologia* 2008, 13(2), 141-148

NÓBREGA, T. P. **Corpo e natureza em Merleau-Ponty**. In Movimento. Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1175-1196, jul./set. de 2014.

O

OLIC, M. B.. **Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, G. N. S. **Ganha bonito, perde bonito: honra e corporalidade no kendo paulistano**. Mestrado em Antropologia Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná. Curitiba Biblioteca Depositária, 2013.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In Revista de Antropologia, Vol. 39, No. 1 (1996), pp. 13-37

P

PALLASMA, Juhani. **Os olhos da pele – a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PINHO, T. A. **Rumo a uma nova ontologia: o vitalismo e as ciências sociais**. In Prelúdios, Salvador, v.5, n.5, p.75-88, jan./jun. 2017.

PEREIRA, A. B. **De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

PEREIRA, A. B. **Práticas culturais juvenis na metrópole: a etnografia como acesso às múltiplas experiências do urbano in Antropologia em novos campos de atuação: debates e tensões**. Brasília, DF: ABA publicações, 2015.

POZZANA, Laura. **A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade**. In Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 323-338, Maio/Ago. 2013

PRUBHA, A. **Contemporary cinema of Africa and the Diaspora** New Jersey: Wiley-Blackwell, 2014.

R

RAMOS, O. **El cuerpo y la afectividad como objetos de estudio en América Latina: intereses temáticos y proceso de institucionalización reciente**. Sociológica, año 26, número 74, septiembre-diciembre de 2011, pp. 33-78

RAPOSO, O. **Coreografias de evasão: segregação e sociabilidade entre os jovens do break dance das favelas da Maré», Etnográfica**, vol. 16 (2). 2012, 315-338.

RAPOSO, O. **Coreografias da Amizade: estilos de vida e segregação entre os jovens do break dance da Maré** (Rio de Janeiro). Doutorado em Antropologia. Instituto Universitário de Lisboa, 2013.

RECUERO, R. C. **Redes sociais na internet: considerações iniciais**. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, 2004, em Porto Alegre/RS.

ROSALDO, Michelle Z. **Women, Culture and Society: A Theoretical Overview**. In: ROSALDO, Michelle, and LAMPHERE, Louise (eds.). *Women, Culture and Society*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1974. p. 17-42.

S

SANTADREU, F. NOVO, G. A. **Esportivização do parkour: o projeto de uma nova modalidade da Federação Internacional de Ginástica** in PEREYRA, B. M (coordenador) *Deport y Sociedad – encontrando el futuro de los estudios sociales y culturales sobre deporte*. Montevideo, Uruguay, 2019.

SARAMAGO, L. **Entre a terra e o céu: a questão do habitar em Heidegger** in *O que nos faz pensar –PUC RIO*, nº30, dezembro de 2011

SILVA, V. **Coletivos juvenis e parkour no Brasil: percursos interculturais e identidades** in *Revista Tomo*, n. 21, jul/dez, 2012.

SCRIBANO, A. **Una Sociología de los cuerpos y las emociones desde Carlos Marx**. In: SCRIBANO, A. O. (compilador). *Teoría social, cuerpos y emociones*. 1a ed. - Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2013.

SENA, D. C. S. LEMOS, M. H. S. **Parkour: proposta de aulas na educação física escolar** in *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 18, n.2, 2020.

SENNETT, R **The craftsman**. New Haven: Yale University Press. 2009.

SENNETT, R. **Building and dwelling: ethics for the city**. New York: Farrar, Straus and Giroux. 2018.

SIEBER, T. CORDEIRO, G. I.. FERRO, L. **The neighborhood strikes back: community murals by youth in Boston's communities of color**. *City and Society*, 24 (3): 263:280, 2012.

SILVA, L. M. T. **Características da urbanização na Paraíba**. *Revista Cadernos do Logepa – Série texto didático*. Ano 3, n.5 – Jul/Dez de 2004.

SILVA, R. C. M. **A teoria da pessoa de Tim Ingold: Mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?** In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 357-389, jan./jun. 2011.

SILVA, V. **Coletivos Juvenis e Parkour no Brasil: percursos interculturais e Identidades** in Tomo, n.21, 2012.

SILVA, V. **Centros, recantos e fronteiras. Reflexões sobre etnografia urbana in Antropologia em novos campos de atuação: debates e tensões.** João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015.

SIMÕES, J. A. CAMPOS, R. **Articulações entre a rua e o digital nas práticas culturais juvenis: os casos do rap de protesto e graffiti ilegal em Portugal.** In Sociologias, Porto Alegre, ano 18, no 43, set/dez 2016, p. 272-299

SKINNER, B. F. **Can psychology be a science of mind?** In American Psychologist, 45(11), 1206-1210, 1990.

SOARES, C. L. **Georges Hébert e o Método Natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo.** In Revista Brasileira de Ciência e Esporte. v. 25, n. 1, p. 21-39, set. 2003

SOUZA, S. R. L. FRANCISCOS, A. L. **Aproximações entre fenomenologia e o método da cartografia em pesquisa qualitativa** Anais do Congresso do 6º Congresso Íbero-Americano em Investigação Qualitativa em Saúde//Investigación Cualitativa en Salud//Volume 2 2017

SOUZA, J. **Condições sociais de emergência de um subcampo esportivo: o caso do parkour** in Retos, n. 38, 2020.

SOUZA, A. M. **"Evoluindo": mulheres surfistas na Praia Mole e Barra da Lagoa'** 01/05/2003 158 f. Mestrado em Antropologia Social Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Biblioteca Depositária: Biblioteca Central - UFSC

SPINOZA, B. **Ética.** Trad Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

STRAMANDIOLI, A. L. M. REMONTE, J. G. MARCHETTI, P. H. **Parkour: história e conceito da modalidade** in Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. v.2, n.2, 2012.

STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios.** São Paulo: Cosac Naif 2014.

V

VACCARI, A. P. PARENTE, D. **Materialidad e intencionalidad – algunas dificultades de la teoría de la agencia material y el enfoque ecológico** in Estud.filos, nº 56. Diciembre de 2017. Universidad de Antioquia pp. 152-178

VAGUETTI, C. A. O. BORGES, M. C. S. MERINO, E. PEREIRA, D. W. **De telhado em telhado: o parkour na educação física** in Revista Didática Sistêmica ISSN 1809-3108,v. 21, n. 2, p. 8-18, (2019).

VAN DYKE, R. M. **Intencionalidad importa: una crítica a la agencia de los objetos em arqueología** in

VIEIRA, S. L. S. **Capoeira Matriz Cultural para uma educação física brasileira**. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Pontífica Universidade Católica de São Paulo, Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUC/SP, 1997.

VIEIRA, M. PEREIRA, D. W. MARCO, M. **Primeiros obstáculos no parkour escolar**. Congresso Paulistano de Educação Física Escolar, 2011.

VILLARET, S. DELAPLACE, J-M. **La méthode naturelle de Georges Hébert ou “L'école naturiste” en éducation physique (1900-1939)** in Staps, n. 63, 2004.

W

WACQUANT, L. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Z

ZIMERMAN, G. A. **Rio de Janeiro e Paris: a juventude apache do cinema na periferia**. Tese de Doutorado em Literatura. UFSC, 2015.

ZONZON, C. N. **Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição**. 258 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária, 2014.